



TERESA MEDEIROS

BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

Um Beijo Inesquecível

Ela decide arranjar o marido perfeito...
mas encontra um homem marcado pelo passado



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título original: A Kiss to Remember

Título: Um Beijo Inesquecível

Tradução: Carmo Vasconcelos Romão (João Quina Edições)

Revisão: Rui Augusto

Capa: Neusa Dias/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789897260421

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Teresa Medeiros, 2001

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

À memória da minha adorada Pumpkin – a minha gatinha milagre, que me aqueceu o colo e o coração durante treze anos. Todas as noites deixo o teu cobertor lá fora para o caso de decidires aparecer para me fazeres uma visita.

Ao bom Deus: fui ter convosco todas as manhãs com o coração cheio e as mãos vazias e voltei com mais bênçãos do que merecia.

E ao meu Michael, de cujos beijos nunca me esquecerei.

Prólogo

Sterling Harlow teve de puxar uma otomana e pôr-se em bicos de pés para espreitar pela janela da sala. Poderia ter sido mais fácil se uma corpulenta gata amarela não lhe pendesse molemente do braço. O seu hálito quente desenhou um círculo perfeito sobre o vidro frio. Limpou-o com a manga, mesmo a tempo de ver uma elegante carruagem deter-se no sinuoso caminho da mansão pintada de branco. Quando um criado de peruca e libré saltou da traseira do coche e veio abrir a porta, Sterling inclinou-se para diante até tocar com o nariz no vidro.

– Nunca conheci um duque de verdade, *Nellie* – murmurou apertando com entusiasmo a gata pachorrenta, sua constante companheira.

Desde que a mãe e o pai o tinham informado de que o seu tio-avô os honraria com uma visita, Sterling passara todos os momentos possíveis inclinado sobre os livros de histórias em busca da imagem de um duque. Por fim, decidiu-se por uma figura, misto de Ulisses e rei Artur – bondoso, corajoso e nobre, com um manto de veludo vermelho a cobrir-lhe os ombros e, talvez, uma espada cintilante pendendo-lhe da cintura.

Sterling susteve a respiração quando a porta da carruagem se abriu e o sol cintilou sobre o brasão pintado na lona brilhante.

– Sterling! – A voz da mãe ecoou pelos seus nervos tensos, quase o fazendo cair da otomana. *Nellie* saltou-lhe do braço e refugiou-se atrás das cortinas.

– Desce daí imediatamente! Ia ser o bom e o bonito se o tio desse contigo a espia-lo como se fosses um dos criados.

Resolvendo que seria de mau gosto recordar à mãe que apenas podiam manter um criado, Sterling saltou da otomana.

– Chegou o duque, mãe! Já aqui está! E vem num carro puxado por quatro cavalos brancos, como se fosse Zeus ou Apolo!

– Ou o diabo – resmungou a mãe, lambendo os dedos para poder alisar o remoinho que despontava sempre do cabelo loiro do filho.

Enquanto ela lhe escovava o pelo de gato dos ombros e refazia o nó da minúscula gravata, apertando-o de tal maneira que mais parecia querer sufocá-lo, Sterling tentava não se debater. Queria estar o mais elegante possível para o duque, queria que a sua mãe e o seu pai se orgulhassem dele. Assim sendo, talvez o pai não passasse tantas noites em Londres e a mãe não adormecesse sempre a chorar. Os soluços dela, abafados, tinham-no acordado mais do que uma vez na última semana.

– Ora pronto! – Afastou-se e inclinou a cabeça para o observar. – Não há dúvida de que estás um homenzinho muito elegante.

Mas de repente franziu o rosto e voltou as costas, apertando o lenço de encontro aos lábios.

Admirado e assustado, Sterling avançou para a mãe.

– Mãe, está a chorar?

Ela afastou-o com um aceno.

– Não sejas tolo. Tenho uma coisa no olho. Uma fagulha do lume, creio, ou então um pelo da *Nellie*.

Pela primeira vez na sua jovem existência, Sterling suspeitou que a mãe estava a mentir. Antes de poder insistir, a porta da sala abriu-se num repente.

Sterling voltou-se e esqueceu a mãe; o seu coração começou a bater com toda a força.

O pai estava à entrada, com as faces tão vermelhas como o nariz. Geralmente, precisava de uma noite de sorte nas mesas de jogo ou pelo menos de três garrafas de vinho do Porto para conseguir no olhar aquele brilho febril.

– Ellie. Sterling. É uma grande honra apresentar-vos o meu tio Granville Harlow, sexto duque de Devonbrooke.

Empurrando com impaciência o pai de Sterling, o duque entrou no quarto, seguido de um criado enorme. Para grande desilusão do rapazinho, não usava sobre os ombros o flamejante manto vermelho, mas sim uma austera sobrecasaca negra e calções pelos joelhos sem qualquer enfeite. Não tinha ombros largos, mas sim estreitos e curvados como se estivessem em perigo iminente de darem de si. A testa saliente ensombrou-lhe os olhos claros e uma tonsura de finos cabelos brancos rodeava-lhe a calva reluzente.

Sterling ficou espantado quando o nariz longo e fino do tio começou a tremer para logo explodir num violento espirro, que a todos assustou.

– Há por aqui um gato, não é verdade? – Os seus olhos semicerrados percorreram a sala. – Retirem-no imediatamente. Não posso suportar esses desagradáveis animais.

– Peço mil desculpas a Vossa Graça. Se tivesse sabido, teria fechado a gata no celeiro com os outros animais. – Ainda a murmurar desculpas desajeitadas, a mãe de Sterling abriu a janela e, sem qualquer cerimónia, atirou *Nellie* para o jardim.

Sterling começou a protestar, mas o duque lançou-lhe um olhar gelado que lhe colou a língua ao céu da boca.

– Que felicidade Vossa Graça ter chegado à hora do chá. – Um trémulo sorriso surgiu nos lábios da mãe. – Mande a cozinheira preparar várias iguarias para Vossa...

– Não tenho tempo para trivialidades ou ninharias – disse o duque severamente, fazendo desaparecer o sorriso da senhora. – Tenho de voltar para Londres o mais depressa possível. Um homem da minha posição tem coisas mais importantes a tratar, sabe?

Quando o duque avançou para ele, o nariz de Sterling estremeceu. O cheiro do velho era ainda pior do que o seu aspeto: mais parecia uma peça de roupa interior comida pelas traças, esquecida no sótão durante séculos.

– É este o rapaz? – vociferou.

O pai de Sterling aproximou-se da mulher e passou-lhe o braço pela cintura.

– Sim. É o nosso jovem Sterling.

Sterling encolheu-se quando o duque se inclinou para lhe espreitar o rosto. O movimento do seu fino lábio superior mostrava claramente que não estava satisfeito com o que via.

– É pequeno para a idade, não é verdade?

A gargalhada do pai foi talvez demasiado alegre.

– Só tem sete anos, excelência. E também eu me desenvolvi tardiamente.

O duque deu um puxão de orelhas a Sterling, que agradeceu a Deus ter-se lembrado de as lavar. Antes de se sentir recuperado de tal indignidade, os dedos ossudos do homem puxaram-lhe o lábio inferior para lhe poder examinar os dentes.

Sterling afastou-se, olhando o duque com incredulidade. Podia ter mordido o velho, mas teve medo de que o sabor fosse ainda pior do que o cheiro.

Reagindo a uma cotovelada do marido, a mãe avançou.

– É um rapaz obediente, Excelência. E tem um coração bom e generoso. Sempre lhe chamei o meu anjinho.

O ruído de desprezo do duque avisou-os de que não dava grande valor a tais virtudes.

Ela torceu a saia.

– Mas é também extraordinariamente inteligente. Nunca vi um menino tão pequeno com uma cabeça tão boa para letras e números.

O duque começou a andar à volta dele, fazendo com que Sterling se sentisse uma suculenta carcaça, avistada por um abutre esfomeado. Por momentos, fez-se um silêncio desagradável na sala, antes que o velho se detivesse e começasse a balançar-se nos calcanhares.

– Já gastei muito do meu precioso tempo. O rapaz terá de servir.

A mãe levou a mão à boca. O alívio invadiu o rosto do pai.

O calor do desespero soltou por fim a língua de Sterling.

– Servir? Servir para quê? Não compreendo. De que está ele a falar? Pai? Mãe?

O pai sorriu-lhe.

– Temos uma surpresa maravilhosa para ti, meu filho. O tio Granville concordou generosamente em fazer de ti seu herdeiro. Agora vais ser o *seu* menino.

Sterling olhou furioso para o pai e para a mãe.

– Mas eu não quero ser o menino *dele*. Eu quero ser o *vosso* menino.

O sorriso de dentes amarelos do tio era de ameaça, e não de satisfação.

– Em breve vai deixar de ser o menino seja de quem for. Nunca estive de acordo em dar mimo às crianças. Em pouco tempo farei dele um homem.

O pai de Sterling abanou tristemente a cabeça.

– Sabes, Sterling, a mulher de Lorde Devonbrooke foi para o céu.

– Para se livrar dele? – Sterling lançou um olhar provocador ao velho tio.

O pai semicerrou os olhos em sinal de aviso.

– Foi para o céu porque estava doente. Infelizmente, morreu antes de lhe poder dar um filho varão. Não foi abençoado com um rapazinho, como nós.

– Aquela florzinha de estufa deixou-me com uma menina nas mãos – disse o duque irritado. – Uma filha. A miúda não me serve para nada, mas far-lhe-á companhia.

– Ouviste, Sterling? – A mãe agarrou a mão do pai; os nós dos dedos ficaram brancos. – Vais ter uma irmã. Não é maravilhoso? E vais viver numa enorme mansão em Londres com muitos brinquedos e um pônei. Receberás a melhor educação do mundo e, quando tiveres idade para isso, o teu tio vai mandar-te fazer uma grande viagem pela Europa. Nada te faltará, nunca. – As lágrimas corriam-lhe pelas faces. – E um dia... daqui a muitos anos, claro – acrescentou, lançando um olhar assustado ao atual duque – *serás* o duque de Devonbrooke.

– Não quero ser duque – disse Sterling tão irritado que os seus ombros tremiam. – E não vou ser. Ninguém me pode obrigar!

Pensando apenas em fugir, Sterling passou a correr pelo tio em direção à porta. Mas esqueceram-se do criado. O homem arrebatou-o no ar e meteu-o debaixo do braço gordo, como se o rapaz não pesasse mais do que um presunto.

Sterling, cego de pânico, desferiu pontapés e unhas, surdo a tudo que não os seus gritos enraivecidos.

Até ouvir o ruído de moedas.

Já em silêncio, pestanejou para afastar as lágrimas e descobriu que o pai guardava uma pesada bolsa que o duque acabara de lhe lançar.

Uma maliciosa expressão de triunfo brilhava nos olhos do velho.

– Conforme acordámos, meu sobrinho, está incluída a escritura de Arden Manor. Seja qual for a sua sorte nas mesas de jogo, a partir de hoje não terá de se preocupar em ser posto na rua pelos seus credores.

Sterling emudeceu quando começou a perceber.

Os pais estavam a vendê-lo. Os pais estavam a vendê-lo àquele velho maldoso de olhos frios e dentes amarelos.

– Ponha-me no chão.

As suas palavras ecoaram pela sala, imobilizando todos os movimentos. Foram ditas com tal autoridade que nem o enorme criado se atreveu a contrariá-lo. Sterling ergueu-se muito direito, já com os olhos secos mas lançando chispas.

Embora com alguma relutância, Granville Harlow sentiu que a boca lhe estremecia de admiração.

– Não sou contrário a que um rapaz exhiba a sua coragem. Se já acabou com as suas birras, pode despedir-se dos seus pais.

A mãe e o pai aproximaram-se timidamente como se fossem estranhos. A mãe ajoelhou junto à porta com a mão do marido sobre o ombro e abriu-lhe os braços.

Sterling sabia que esta seria a última oportunidade de lhe lançar os braços em redor da cintura e enterrar o rosto no seu colo macio. A sua última oportunidade de fechar os olhos e aspirar profundamente o perfume de flor de laranjeira que emanava das ondas acobreadas do cabelo da mãe. O seu grito abafado chegou-lhe à medula, mas passou por ela sem uma palavra, endireitando os ombros estreitos, como se já fosse o duque de Devonbrooke.

– Um dia entenderás, meu filho – exclamou o pai atrás dele. – Um dia entenderás que fizemos o que achámos ser melhor para ti.

O som dos soluços entrecortados da mãe esbateu-se enquanto Sterling se instalava num canto da carruagem. Quando o tio subiu e o coche se pôs em marcha, a última coisa que viu foi *Nellie* sentada no parapeito da janela da sala, seguindo-o tristemente com o olhar.

Primeira Parte

*Não dispõe o diabo,
entre todas as suas armas,
de uma flecha que tanto fira o coração
como uma doce voz.*

– George Noel Gordon, Lorde Byron

Capítulo 1

*Meu querido filho,
tremem-me as mãos ao escrever esta carta...*

O diabo chegara a Devonbrooke Hall.

Não viera puxado por quatro cavalos brancos, nem numa explosão de enxofre, mas na angélica figura de cabelos dourados de Sterling Harlow, sétimo duque de Devonbrooke. Atravessava os corredores de mármore da mansão palaciana a que havia chamado lar nos últimos vinte e um anos, seguido de dois mastins malhados, de porte leonino, só equiparado ao seu.

Imobilizou os cães com um gesto negligente da mão e, logo a seguir, empurrou a porta do escritório e encostou-se à ombreira, perguntando a si próprio quanto tempo a prima iria fingir não reparar que ele ali estava.

Durante alguns minutos, a caneta continuou a arranhar o livro das contas até que o traço de um «t» particularmente violento deixou na página um feio borrão de tinta. Desapontada, a jovem suspirou e olhou-o por cima da armação metálica dos óculos.

– Estou a ver que Napoleão não conseguiu ensinar-lhe boas maneiras.

– Pelo contrário – replicou Sterling com um sorriso indolente. – Fui eu quem lhe ensinou alguma coisa. Dizem até que ele abdicou depois de Waterloo só para se ver livre de mim.

– Agora que voltou para Londres, deveria pensar em juntar-se a ele no exílio.

Quando Sterling atravessou a sala, a prima tomou a rígida posição de um manequim de costureira. Era estranho que Diana fosse a única mulher em Londres que não parecia deslocada atrás do esplendor de cabedal e mogno de uma secretária. Como sempre, evitava usar as cores pastel e os brancos

virginais tão na moda, preferindo os imponentes tons de verde-floresta e cor de vinho. Penteava-se puxando o cabelo atrás e prendendo-o num carrapito simples que lhe acentuava a elegância da testa.

– Por favor, minha prima, não amue – murmurou, inclinando-se para lhe beijar a face. – Posso suportar a censura do mundo, mas a sua trespassa-me o coração.

– Talvez, se o tivesse. – Inclinou a face para receber o beijo, já com uma expressão mais doce. – Soube que tinha regressado há uma semana. Suponho que tenha ficado novamente com aquele patife do Thane.

Ignorando o cadeirão de couro diante da secretária, Sterling deu a volta e empoleirou-se no canto desta, mais próximo da prima.

– Sabe que ele nunca lhe perdoou por ter rompido o noivado? Afirmo que a prima lhe partiu o coração e lançou calúnias cruéis sobre o caráter dele.

Embora Diana tentasse manter a voz cuidadosamente neutra, um leve rubor invadiu-lhe as faces.

– O problema não foi o caráter do seu amigo, foi a falta dele.

– Contudo, já passaram anos e nenhum de vós se casou. Sempre achei bastante... curioso.

Diana retirou os óculos e lançou ao primo um olhar gélido.

– Prefiro viver sem um homem a casar com um rapazola.

Como se se apercebesse de que tinha revelado de mais, voltou a pôr os óculos e ocupou-se em limpar o excesso de tinta do bico da caneta.

– Tenho a certeza de que as leviandades de Thane nada são, quando comparadas com as suas. Soube que desde que voltou a Londres já travou quatro duelos, juntou aos seus ganhos as fortunas de família de três jovens desgraçados e despedaçou vários corações inocentes.

Sterling lançou-lhe um olhar repreensivo.

– Quando deixará de dar ouvidos às más-línguas? Depenei dois lorpas, ganhei a mansão ancestral a outro e magoei um único coração que afinal era muito menos inocente do que me tinha feito crer.

Diana abanou a cabeça.

– Qualquer mulher suficientemente tola para lhe confiar o coração tem aquilo que merece.

– Pode troçar de mim, se quiser, mas, agora que a guerra acabou, tenho sérias intenções de procurar noiva.

– Essa notícia vai aquecer os corações de todas as ambiciosas elegantes desta cidade e das suas respectivas e ansiosas mães. Diga-me, o que causou esse súbito desejo pelo conforto de um lar?

– Em breve precisarei de um herdeiro e, ao contrário do meu querido tio-avô Granville, que descanse em paz, não faço tenções de ir comprá-lo.

Uma rosnadela de arrepiar encheu o aposento, quase como se a menção do tio de Sterling tivesse invocado uma presença sobrenatural. Sterling espreitou por cima do tampo da secretária e viu os mastins espreitando por baixo, abanando as caudas.

Diana encostou-se lentamente na cadeira para revelar um belo gato branco enroscado no seu colo.

Sterling zangou-se.

– Esse animal não deveria estar no celeiro? Sabe que não suporto tais criaturas.

Lançando ela própria um olhar felino ao primo, Diana afagou o fofo pescoço do gato.

– Bem sei.

Sterling suspirou.

– Deita *Caliban!* Deita *Cerberus*. Não sei porque me incomodei a ir para a guerra combater os franceses quando podia ter ficado a combatê-la a si – disse enquanto os cães se estendiam ofendidos no tapete junto à lareira.

Na verdade, ambos sabiam o motivo da partida de Sterling.

O rapaz não levava muito tempo a descobrir por que razão o tio não era contrário a uma demonstração de coragem. O velho tinha um prazer brutal em espancá-lo para a conseguir. Até aos dezassete anos, Sterling suportou estoicamente as tentativas do tio para fazer dele o duque seu herdeiro, mas, tal como acontecera com o pai, o jovem crescera cerca de vinte centímetros em menos de um ano.

Sterling nunca esqueceria a fria noite de inverno em que se voltara e arrancara a bengala das mãos enclavinadas do tio. O velho recuara diante dele, aguardando as bengaladas.

Sterling nunca percebera se tinha sido o desprezo que sentia pelo velho ou por si próprio o que o levava a partir a bengala em duas, atirá-la para os pés do tio e a virar as costas. O velho nunca mais lhe pusera as mãos em cima. Alguns meses depois, Sterling partiu de Devonbrooke Hall rejeitando a grande viagem que o tio planeava para ele, preferindo percorrer durante

dez anos os campos de batalha de Napoleão. A sua excepcional carreira militar era interrompida por frequentes visitas a Londres onde jogava com o mesmo ímpeto que utilizava em combate.

– Devia pensar em voltar para casa de uma vez por todas – disse Diana. – O meu pai já morreu há mais de seis anos.

Sterling abanou a cabeça com um sorriso perpassado de amargura.

– Há fantasmas que não conseguem descansar.

– Bem sei – disse ela com um olhar distante.

O tio nunca lhe batera. Sendo mulher, não era digna de tanta atenção.

Sterling estendeu-lhe a mão, mas ela retirava já um envelope creme de debaixo do mata-borrão.

– Isto chegou no correio há cinco meses. Pensei enviá-lo para o seu regimento, mas... – O seu elegante encolher de ombros falava por si.

Confiando na opinião da prima, Sterling abriu uma gaveta e preparava-se para lançar a missiva para um monte de cartas idênticas – todas dirigidas a Sterling Harlow, Lorde Devonbrooke e todas elas por abrir. Mas qualquer coisa lhe imobilizou a mão. Embora o perfume de flor de laranjeira se mantivesse no papel, a caligrafia não era suavemente circular como esperava. Uma estranha sensação, tão subtil como o hálito de uma mulher, arrepiou-lhe os cabelos da nuca.

– Abra-a – ordenou, devolvendo a carta a Diana.

Diana engoliu em seco.

– Tem a certeza?

Sterling fez um curto aceno.

A mão dela tremia quando enfiou o abre-cartas de cabo de marfim por baixo do selo de lacre e desdobrou a missiva.

– «Caro Lorde Devonbrooke» – leu em voz baixa. – «Lamento informar-vos de que a senhora vossa mãe partiu deste mundo para outro melhor.» – Diana hesitou e depois continuou com óbvia relutância. – «Embora Vossa Graça sempre tenha preferido ignorar as repetidas súplicas de reconciliação dos últimos anos, ela faleceu com o vosso nome nos lábios. Espero que esta notícia não vos cause uma desagradável consternação. Uma sua criada, Miss Laura Fairleigh.»

Diana poisou lentamente a carta na secretária e retirou os óculos.

– Oh, Sterling! Lamento muito.

Um músculo do queixo dele estremeceu, mas logo se aquietou. Sem uma palavra, retirou a carta das mãos de Diana, meteu-a na gaveta e fechou-a, deixando no ar o perfume a flor de laranjeira.

Nos lábios surgiu-lhe um sorriso; este aprofundou-lhe a covinha da face direita que sempre assustava os seus opositores nas mesas de jogo e no campo de batalha.

– Essa Miss Fairleigh parece-me uma menina muito pouco humilde. Quem é a insolente que se atreve a repreender o todo-poderoso duque de Devonbrooke?

Aguardou enquanto Diana consultava uma agenda de capa de couro. Mantinha um meticuloso registo de todas as propriedades que outrora haviam pertencido ao pai, e que agora eram do primo.

– É filha de um reitor. Órfã, creio. A sua mãe acolheu-a a ela, à irmã e ao irmão mais novos, há sete anos, depois de os pais terem morrido num infeliz incêndio que destruiu a propriedade da reitoria.

– Que caridosa. – Sterling abanou a cabeça com ironia. – A filha de um reitor. Bem me parecia. Não há como a honrada indignação de uma pobre idiota iludida que pensa ter a força de Deus a combater do seu lado. – Retirou bruscamente uma folha de papel de uma bandeja de teca e colocou-a diante de Diana. – Escreva imediatamente uma missiva. Informe essa Miss Fairleigh que o duque de Devonbrooke chegará ao Hertfordshire dentro de um mês para tomar posse da sua propriedade.

Diana olhou-o de boca aberta, permitindo que a agenda se fechasse.

– Não está a falar a sério.

– E porque não? Os meus pais estão ambos mortos, por isso Arden Manor é minha, não é verdade?

– E o que pensa fazer com os órfãos? Pô-los na rua?

Ele afagou o queixo.

– Vou pedir ao meu advogado que lhes arranje colocações. Provavelmente até agradecerão a minha generosidade. Afinal, três crianças entregues a si próprias só poderão arranjar problemas.

– Miss Fairleigh já não é uma criança – recordou-lhe Diana. – É uma mulher feita.

Sterling encolheu os ombros.

– Então vou arranjar-lhe marido. Um soldado ou um funcionário de justiça que não se importe de casar com essa atrevida para me cair nas boas

graças.

Diana poisou a mão no peito e olhou para ele.

– Como o primo é romântico. Sinto o coração enternecido.

– E a prima é uma incorrigível rabugenta – retorquiou Sterling, torcendo o seu elegante nariz.

Levantou-se e esse movimento natural fez com que os dois mastins se pusessem em sentido. Diana esperou que ele chegasse à porta com os cães atrás, antes de dizer em voz baixa:

– Continuo sem perceber, Sterling. Arden não passa de uma humilde mansão rural, pouco mais é que uma casa de campo. Porque deseja reclamá-la quando tem uma dezena de enormes propriedades que nunca se preocupou em visitar?

Ele hesitou com uma expressão desolada no olhar.

– Os meus pais venderam a minha alma para obter a escritura dessa casa. Talvez eu queira decidir por mim próprio se o preço valeu a pena.

Depois de lhe fazer uma reverência impecável, fechou a porta atrás de si, deixando-a com a testa franzida, a refletir e a acariciar o gato que tinha no colo.

– Diabo desalmado! Sapo odioso! Porco nojento! Oh, mas que descaramento o dele!

George e Lottie, de boca aberta, viam Laura andar de um lado para o outro na sala. Nunca antes tinham visto a irmã, de temperamento tão cordato, com uma fúria tão impressionante. Até o belo cabelo castanho que apanhara no alto da cabeça estremecia de indignação.

Laura deu meia volta, agitando a carta que tinha na mão. O caro papel de carta estava lastimavelmente amarrotado por ela o ter amarfanhado vezes sem conta desde que chegara no correio da manhã.

– E nem sequer teve a decência de ser ele a escrever a carta. Mandou que a prima o fizesse! Agora vejo o ogre desapiedado que é. Está provavelmente a esfregar as suas gordas mãozinhas numa alegria gananciosa enquanto imagina arrancar o teto de cima das nossas cabeças. Não admira que lhe chamem o Diabo de Devonbrooke!

– Mas Lady Eleanor morreu há mais de cinco meses – disse George. – Porque esperou tanto tempo para nos contactar?

– Segundo esta carta, nos últimos meses esteve ausente no estrangeiro – replicou Laura. – Sem dúvida em alguma viagem pela Europa desfrutando dos licenciosos prazeres de um libertino demasiado complacente consigo próprio.

– Aposto que é anão! – sugeriu Lottie.

– Ou um duende corcunda com os dentes partidos e um apetite insaciável por crianças de dez anos. – George dobrou os dedos imitando garras e atacou Lottie, soltando um grito aflautado que fez com que os gatinhos fossem a correr pelo tapete puído e se escondessem debaixo do saio da menina. Lottie nunca ia a parte alguma sem uma ninhada de gatinhos atrás. Havia alturas em que Laura juraria que a própria irmã os fazia aparecer.

Laura viu-se obrigada a dar um salto para evitar tropeçar num deles. Em vez de se pôr em segurança, o gato amarelo acomodou-se nos quartos traseiros e começou a lamber uma pata com desdém, como se a colisão fosse inteiramente culpa de Laura.

– Não precisas de ser tão presunçoso – declarou ao pequeno animal. – Se formos despejados, vais ter de ir caçar ratos para o celeiro em vez de comeres os suculentos arenques de que tanto gostas.

Acalmando-se, George sentou-se ao lado de Lottie no sofá.

– É verdade que pode despejar-nos? E, se assim for, o que vai ser de nós?

Laura sorriu com tristeza.

– Oh, não temos com que nos preocupar. Escutem isto: «Lorde Devonbrooke apresenta as suas desculpas» – leu com desprezo. – «Lamenta sinceramente ter descurado durante tanto tempo os seus deveres. O novo senhor de Arden Manor assumirá com todo o prazer a responsabilidade de vos arranjar novas colocações.» – Amarfanhou de novo a carta. – Belas colocações! Provavelmente tenciona mandar-nos para uma casa de trabalho.

– O trabalho não me interessa muito. Creio que prefiro ficar nas ruas – disse Lottie pensativa. – Daria uma ótima pedinte, não acham? Não estão a ver-me sentada à esquina de uma rua cheia de neve com uma latinha nas mãos cobertas de frieiras? – Soltou um suspiro. – À medida que os dias passarem, ficarei cada vez mais pálida e magra, até ao dia em que exalar o último suspiro, tuberculosa, nos braços de um desconhecido muito belo mas indiferente. – Ilustrou aquelas palavras desfalecendo no sofá e encostando à testa as costas da mão gorducha.

– Se exalares o último suspiro, será por comeres demasiados bolinhos da Cookie.

Imediatamente recuperada, Lottie deitou-lhe a língua de fora.

Georgie pôs-se de pé num salto, afastando o cabelo claro dos olhos cor de avelã.

– Já sei! Vou desafiar o vilão para um duelo! Não se atreverá a recusar. Ora essa, vou fazer treze anos em dezembro... sou quase um homem.

– Creio que, sem um teto onde me abrigar e um irmão morto, não conseguirei sentir-me melhor – disse Laura empurrando-o com uma expressão triste no rosto.

– Podíamos assassiná-lo – sugeriu Lottie alegremente. Leitora precoce de romances góticos, morria por poder assassinar alguém, desde que terminara de ler *Os Mistérios de Udolfo*¹ de Mrs. Radcliffe.

Laura soltou um gemido de desprezo.

– Depois do modo insensível como ignorou as cartas da mãe durante todos estes anos, será provavelmente preciso matá-lo com uma bala de prata ou espetar-lhe uma estaca no coração.

– Não compreendo – declarou George. – Como pode ele dar-nos um pontapé no rabo... – aclarou a garganta ao ver o olhar que Laura lhe lançava – ... isto é, pôr-nos fora pelas orelhas, quando Lady Eleanor nos prometeu que Arden Manor seria sempre a nossa casa?

Laura dirigiu-se à janela e afastou a cortina de renda, evitando o olhar perspicaz do irmão.

– Nunca vos disse isto antes, porque não queria que se preocupassem, mas a promessa de Lady Eleanor tinha, digamos... *certas condições*.

George e Lottie trocaram um olhar apreensivo antes de exclamarem em unísono:

– Que condições?!

Laura voltou-se para eles para lhes contar apressadamente a verdade.

– Para herdar Arden Manor, terei de me casar antes de fazer vinte e um anos.

Lottie soltou um suspiro sufocado e George gemeu e enterrou o rosto nas mãos.

– Não precisas de ficar tão assustado – disse Laura fungando. – É insultuoso.

– Mas já recusaste uma dezena de propostas de todos os homens solteiros das redondezas – comentou George. – Sabias que Lady Eleanor não concordava que fosses tão esquisita. Provavelmente foi por isso que tentou obrigar-te a tomar uma decisão.

– Tooley Grantham é um glutão – disse Lottie enumerando com os dedos gordinhos as reservas de Lottie acerca dos seus potenciais pretendentes. – Wesley Trumble é muito peludo. Huey Kleef faz barulho quando come e Tom Dillmore tem sempre vincos de sujidade nas pregas do pescoço e atrás das orelhas.

Laura estremeceu.

– Suponho que queiram que eu passe o resto da vida com um homem parecido com um urso, que não tenha maneiras à mesa e que deteste tomar banho.

– Seria melhor do que passares o resto da tua vida à espera de um homem que não existe – disse George com ar sombrio.

– Mas sabes que sempre sonhei casar com um homem que pudesse continuar o trabalho do papá na paróquia. A maioria dos homens da aldeia nem sequer sabe ler. Nem quer aprender.

Lottie fez girar uma longa madeixa de cabelo por entre os dedos.

– É uma pena que não seja eu a irmã mais velha. Claro que seria um enorme sacrifício, mas estaria perfeitamente disposta a casar por dinheiro, e não por amor. Assim poderia cuidar de ti e do George para sempre. Não teria qualquer problema em arranjar um marido rico. Vou ser uma Beleza Incomparável, sabem? É o que todos dizem.

– Já és uma maçadora incomparável, isso sim – resmungou George. Voltou o olhar acusador para Laura. – Podias ter dito há mais tempo que precisavas de um marido, assim haveria tempo de procurarmos um que fosse de encontro aos teus padrões exigentes.

Laura deixou-se cair numa velha otomana e descansou o queixo na mão.

– Como haveria eu de saber que alguém mais queria esta casa em ruínas? Supus que poderíamos simplesmente continuar a viver aqui enquanto quiséssemos, sem que ninguém se intrometesse.

Sentia as lágrimas chegarem-lhe aos olhos. A luz do Sol coada por entre as janelas voltadas a oriente apenas servia para acentuar a pobreza da sala.

As rosas bordadas nas almofadas do sofá havia muito que tinham perdido a cor. Uma desagradável mancha de bolor desfeava o friso de estuque sobre a porta, enquanto um monte de livros bafientos, encadernados a couro, era usado para sustentar uma das pernas partidas do piano de pau-rosa. Arden Manor era uma humilde mansão rural, apenas uma sombra da sua antiga glória, mas era a casa deles. Era o único lar que tinham conhecido desde a morte dos pais, sete anos antes.

Tomando consciência de que os rostos desiludidos dos irmãos espelhavam a expressão do seu, Laura ergueu-se obrigando-se a sorrir.

– Não é preciso olharem-me assim. Temos um mês inteiro antes de o Lorde Diabo chegar.

– Mas faltam pouco mais de três semanas para o teu aniversário – recordou George.

Laura acenou com a cabeça.

– Apercebo-me agora de que a situação é desesperada, mas devemos lembrar-nos daquilo que o papá nos ensinou: através da oração e da persistência, o bom Deus há de auxiliar-nos.

– O que haveremos de Lhe pedir que nos envie? – perguntou Lottie ansiosa, pondo-se de pé.

Por um momento, Laura refletiu na resposta a dar e a sua atitude piedosa contrastou com o brilho dos seus olhos.

– Um homem.

1 Os *Mistérios de Udolfo* foi publicado em 1794 e é o quarto romance de Ann Radcliffe. Nele, a jovem francesa Emily St. Aubert sofre, entre outras calamidades, a morte do seu pai, terrores sobrenaturais num sombrio castelo e as maquinações de um bandido italiano. (*N. da T.*)

Capítulo 2

*Parece ter passado uma eternidade desde
que vi pela última vez o teu doce rosto...*

Sterling Harlow voltava a casa. Quando nessa manhã chamou o moço de estrebaria de Thane para lhe ordenar que preparasse a sua montada, teria jurado que iria apenas dar uma volta por Hyde Park. Acreditava não ter expetativas mais urgentes para aquele dia do que lançar um sorriso indolente e levar a mão ao chapéu perante qualquer jovem que por acaso lhe agradasse. Seguir-se-ia invariavelmente um belo almoço, uma sesta à tarde e uma noite de jogo com Thane nas mesas do White ou do Watier.

Por isso era inexplicável que, conduzindo o cavalo num trote agitado, deixasse para trás as ruas congestionadas de Londres em direção aos caminhos rurais.

Passaram por ele as sebes e os muros de pedra enquadrados no verde dos prados ondulantes. No céu ofuscante de verão, as nuvens brancas passeavam como carneirinhos pelo azul-anil, e o ar fresco inundava-lhe os pulmões, expulsando deles a fuligem da cidade, fazendo-o sentir-se embriagado e perigoso.

Cavalgou durante mais de uma hora antes de reconhecer que se sentia emocionado.

Zangado. Furioso, até.

Horrorizado com esta descoberta, abrandou o passo da égua. Tivera vinte e um anos para aperfeiçoar a gélida arrogância adequada a um homem da sua posição, mas uma hipócrita menina do campo destruíra-a em dois minutos.

Havia três dias que guardara a carta dela na gaveta da secretária de Diana, para não mais ter de a ler ou sequer ver. Mas a voz dela ecoava-lhe ainda no espírito – afetada e petulante, numa tentativa de lhe atormentar a consciência, deliberadamente entorpecida por anos de indiferença.

Embora Vossa Graça sempre tenha preferido ignorar as repetidas súplicas de reconciliação dos últimos anos, ela faleceu com o vosso nome nos lábios. Espero que esta notícia não vos cause uma desagradável consternação.

Sterling soltou um ruído de desprezo. Não seria difícil Miss Laura Fairleigh defender a causa da sua mãe. Afinal, a ela oferecera-lhe uma casa.

E expulsara-o de lá.

Não lhe custava imaginar a menina pretensiosa e arrogante instalada na confortável sala de Arden Manor. Sentara-se provavelmente à secretária de pau-rosa para escrever a missiva, tocando com a caneta nos lábios apertados, enquanto procurava a frase mordaz para o ofender.

Conseguia ver os irmãos, muito presumidos, a seu lado, implorando-lhe que lesse a carta em voz alta para poderem troçar dele.

Talvez, depois de selada a carta com o lacre, todos se tivessem reunido em redor do piano que a mãe adorava, à suave luz do candeeiro, cantando hinos e agradecendo ao Senhor tê-los feito tão moralmente superiores a um traste rancoroso como ele.

A imagem fê-lo compreender outra realidade.

Tinha ciúmes. Ridículos, patéticos, enraivecidos.

A emoção era-lhe completamente estranha. Quando desejava uma mulher ou um belo cavalo pertença de outro homem, nunca sofrera dificuldades nas raras ocasiões em que lhe fora negado o que tanto admirara.

Mas tinha ciúmes das crianças que viviam na casa que outrora fora o seu lar. Havia anos que não se permitira pensar em Arden Manor, mas, de repente, quase conseguia sentir a picada dos espinhos das rosas que subiam pelas pedras brancas. Sentia o cheiro forte do jardim de ervas aromática que a mãe plantara e via um anafado gato amarelo dormitando no alpendre ao sol do meio-dia.

Sentiu uma dor no peito, desagradavelmente perto do coração.

Sterling calçou os flancos do cavalo, obrigando-o a galopar. Viajou várias léguas naquele ritmo assustador antes de passar o animal para um trote mais

calmo. Não valia a pena matar um cavalo fiel por causa de uma mulher. Apertou os lábios.

Principalmente por causa de uma mulher como Laura Fairleigh.

Sterling fez uma pausa numa estalagem decrépita para descansar e dar de beber à montada antes de seguir o seu caminho. O Sol já estivera a pino no céu e começava a fazer a sua indolente descida no horizonte, antes de a paisagem lhe ser vagamente familiar. Parou o cavalo num cruzamento solitário. Se a memória não o atraía, a aldeia de Arden ficava depois da próxima colina, e o solar a menos de uma légua.

Preferia não ter de suportar os olhares curiosos dos habitantes se atravessasse aquela aldeia isolada numa sonolenta quinta-feira à tarde. Também não queria que um deles fosse a correr avisar Miss Fairleigh da sua chegada. Ela só o esperava daí a um mês, mas se os anos que passara a combater Napoleão e os seus sequazes lhe haviam ensinado alguma coisa, sabia que deveria aproveitar o elemento-surpresa.

Sterling afastou a égua da estrada e fê-la descer um carreiro cheio de sol. Para chegar ao solar sem ser visto, deveria simplesmente cortar caminho pelo carvalhal que ladeava o canto mais ocidental da propriedade.

Esboçou um sorriso ao aproximar-se do antigo bosque. Quando era pequeno, imaginava que este era assombrado, abrigando vários duendes e fadas que tentavam fazer-lhe mal. A mãe pouco fizera para afastar tal ideia, esperando certamente que o seu medo da floresta o impedisse de cair ao rio ou nalguma cova cheia de pedras. O sorriso desapareceu. Ela acabara por entregá-lo a um monstro pior do que se poderia imaginar.

O bosque era ainda mais escuro do que se recordava.

Por cima da sua cabeça entrelaçava-se um espesso caramanchão de ramos emaranhados que impediam a entrada do sol e, de boa vontade, recebiam as sombras. Sterling teve dificuldade em adaptar os olhos àquela primitiva escuridão. Por muito que tentasse concentrar-se no caminho em frente, apercebia-se de pequenos movimentos pelo canto do olho. Mas, quando voltava a cabeça, tudo se mantinha estranhamente quieto, como o ar antes de uma tempestade.

Sem qualquer aviso, um pássaro levantou voo de um silvado. A montada de Sterling recuou nervosamente, quase o desequilibrando.

– Calma, menina – murmurou ele, inclinando-se para diante, para acariciar o pescoço do animal.

Passara os últimos dez anos a olhar para a boca de canhões disparados por gente louca. Era ridículo que uma floresta deserta conseguisse inquietá-lo. Não deveria ter regressado àquele lugar maldito, pensou amargamente. Devia ter dado ordem a Diana para que, com a sua bênção, oferecesse o solar à hipócrita Miss Fairleigh.

Deteve a égua trémula, esforçando-se por controlar as suas emoções traiçoeiras. Estaria de volta à casa da sua infância, mas já não era um rapazinho. Era Sterling Harlow, sétimo duque de Devonbrooke e, em breve, o senhor de Arden Manor.

Sterling apertou as coxas e puxou rapidamente as rédeas. A égua correspondeu à ordem e prosseguiu a passo vigoroso enquanto Sterling a conduzia através do labirinto de árvores.

Inclinou-se sobre o pescoço do animal para evitar os ramos, decidido a, de uma vez por todas, abandonar a floresta e todos os seus receios. Logo a seguir, verificou que as árvores se tornavam menos frondosas. O sol entrava através do caramanchão rendado de folhas, dourando o ar com uma promessa de liberdade logo quebrada por um súbito precipício que ameaçou engoli-lo.

Sterling recusou-se a entrar em pânico. A égua já antes tinha feito saltos tão extensos e três vezes mais profundos durante a caça à raposa na casa de campo de Thane.

Tinha toda a confiança no animal, mas este fincou as patas da frente e soltou um relincho estridente, informando-o de que não o acompanharia naquele salto. As rédeas soltaram-se-lhe das mãos e Sterling precipitou-se por cima da cabeça da égua. Durante aproximadamente um quarto de segundo, sentiu-se agradecido ao ver que o chão estava almofadado por folhas caídas; mas logo avistou um carvalho no seu caminho. O último som que ouviu foi o golpe seco da sua cabeça de encontro ao tronco.

Laura sempre adorara o velho bosque de carvalhos

Adorava o seu estado selvagem, a sua penumbra, a sua ousada promessa de delícias pagãs. Embora, desde pequena, conhecesse todas as pedras e os recantos da floresta, fingir que poderia perder-se dentro do labirinto sombrio conferia à sua monótona vida a deliciosa emoção do perigo de que tanto necessitava.

Enquanto criança, acreditava verdadeiramente ser possível encontrar, um dia, ao subir um monte, um duende mirrado sentado em cima de um cogumelo venenoso ou uma fada esvoaçando por entre os fetos cintilantes. Enquanto jovencinha, imaginara ouvir o trovão fantasmagórico dos cascos dos cavalos e voltar-se para ver um corajoso cavaleiro num puro alazão branco a galopar por entre as árvores.

O bosque era um local mágico onde até a filha de um falecido reitor tinha permissão para sonhar.

Laura ajoelhou-se na terra macia, por baixo dos ramos da sua árvore favorita. Hoje não viera sonhar para o bosque, viera pedir um favor a um velho amigo.

Fechou os olhos, baixou a cabeça e apertou as mãos, tal como a mãe e o pai lhe haviam ensinado.

– Meu Deus, peço perdão por vos incomodar, principalmente depois de ter tido pensamentos tão pouco caridosos acerca do Lorde Diabo... – Fez uma careta. – Do Lorde Devonbrooke. Mas creio que eu e as crianças estamos em graves apuros.

Laura continuaria a pensar em George e Lottie como «crianças» mesmo quando eles andassem de bengala e tivessem dentes postiços. Não conseguia deixar de os proteger, impedindo-os de se aperceberem da gravidade da situação.

– Não gosto de Vos incomodar, principalmente por não ter sido atenta como devia – prosseguiu. – Só na semana passada esqueci-me dos salmos duas manhãs seguidas e adormeci antes de dizer todas as orações, engoli à pressa o último *scone*, sabendo que a Lottie desejava comê-lo e zanguiei-me com a Cookie por ela ter deixado queimar as papas de aveia. Depois, quando queimei a cara com o ferro do cabelo... – espreitou por entre os olhos semicerrados para ter a certeza de que ninguém poderia ouvir a sua espantosa confissão – ... disse uma palavra muito feia.

O vento agitava as folhas suspirando as suas desilusões. Talvez recitar as suas faltas não fosse a melhor maneira de começar, pensou Laura, mordendo o lábio inferior.

– Nunca vos teria incomodado, mas se tenho de enfrentar este Lorde Diabo... – fez uma nova careta – ... Lorde Devonbrooke... e para que os meus irmãos continuem a ter um teto, parece que tenho de me casar antes do meu aniversário. O que me deixa com falta de uma única coisa: um

cavalheiro para me servir de noivo. – Laura baixou ainda mais a cabeça e as palavras saíram-lhe rapidamente. – É isto que peço que me envieis, Senhor. Um homem bom e decente, um homem que me estime durante os anos que possamos viver como marido e mulher. Gostava que tivesse um coração afetuoso, uma alma fiel e que tomasse banho regularmente. Não precisa de ser incrivelmente belo, mas seria bom que não fosse abominavelmente peludo, que tivesse um nariz razoavelmente direito e os dentes todos. – Fez uma careta. – Ou pelo menos a maior parte. Preferia que não me batesse, mesmo que eu mereça, e que viesse também a gostar do George e da Lottie tanto quanto eu. Oh, e uma certa tolerância pelos gatos facilitaria em muito as coisas.

Partindo do princípio de que não faria mal também fazer algumas promessas, Laura acrescentou:

– E se me enviardes um homem que saiba ler, tratarei de que ele continue a obra do meu pai.

Fazia todo o sentido, se Deus fosse suficientemente generoso para a abençoar com um marido, que ela fosse de igual forma generosa partilhando-o com Deus. Temendo já ter pedido demasiado, continuou a toda a pressa:

– Agradeço todas as bênçãos. Enviai, por favor, as nossas saudades ao papá, à mãe e a Lady Eleanor. Ámen.

Abriu lentamente os olhos, com a sensação de que alguma coisa estava para acontecer. Não sabia bem o que esperar do Todo-Poderoso. O ribombar de um trovão? Um majestoso soar de trombetas? Uma gargalhada incrédula?

Examinou a extensão de azul brilhante visível através dos ramos do enorme carvalho, mas os céus pareceram-lhe tão distantes como os elegantes salões de baile de Londres.

Pôs-se de pé e sacudiu das saias os restos das folhas secas. Começava a arrepender-se da sua oração apressada. Talvez devesse ter sido mais específica. Afinal, Deus já lhe tinha enviado vários possíveis maridos. Rapazes bondosos, que sentiriam orgulho em casar com ela e viver em Arden Manor, homens fortes e de coração leal, desejando trabalhar do nascer ao pôr do Sol para terem um teto que lhes servisse de abrigo.

Até a terna Lady Eleanor, receando que o futuro fosse triste para uma mulher solteira com uma irmã e um irmão para sustentar, a censurara por

não aceitar aquelas desajeitadas mas honestas propostas de casamento.

E agora, se Deus a castigasse pelo seu orgulho? Que melhor maneira de ensinar a ser humilde do que ter de passar o resto dos seus dias a barbear as costas de Wesley Trumble ou a lavar as orelhas de Tom Dillmore? Laura estremeceu, a garganta invadida por uma onda de pânico. Se Deus não lhe enviasse um cavaleiro antes do seu aniversário, não teria outro remédio senão engolir o orgulho e casar com um dos homens da aldeia.

Quase receando que a resposta às suas preces pudesse estar escondida no prado que tinha diante de si, na forma desajeitada de Tooley Grantham, voltou as costas ao solar e internou-se ainda mais na floresta. Para além de ter estado ao lado de Lady Eleanor nos seus últimos dias e de ter gerido a mansão desde a morte dela, nos últimos meses pouco tempo tinha tido para sonhar acordada... ou a dormir.

As sombras alaranjadas pareciam impeli-la para diante. Embora Laura tivesse idade suficiente para saber que era pouco provável encontrar coisa mais perigosa do que um ouriço rabugento ou um conjunto de cogumelos venenosos, continuava a achar irresistível a ilusão de mistério da floresta. Aventurou-se ainda mais no bosque e a teia de ramos sobre a sua cabeça era cada vez mais emaranhada, filtrando a luz do Sol e temperando o ar com uma frescura deliciosa.

Enquanto caminhava, o seu dilema ocupava-lhe os pensamentos. Como suportar o casamento com um Huey, um Tom ou um Tooley, quando sempre sonhara desposar um Gabriel, um Etienne ou um Nicholas? Se se casasse com um Nicholas, podê-lo-ia tratar por Nick quando tivessem uma briga de apaixonados, e Nicky nos momentos de grande paixão. Claro que nunca tivera um momento de grande paixão, mas não perdia o otimismo. E ele dar-lhe-ia um qualquer nome carinhoso, por exemplo... Bichinho. Estava tão ocupada a ponderar os encantos do cavaleiro imaginário que iria desposar, que quase caiu na vala cheia de pedras que lhe cortava o caminho.

Voltou-se em busca de um tronco caído que lhe servisse de ponte, e foi nesse momento que o viu.

Ficou estática, a pestanejar rapidamente. Não era a primeira vez que tinha de pestanejar quando se encontrava naquele bosque para expulsar as suas fantasias. Em criança, detinha-se muitas vezes para pestanejar furiosamente, para transformar o rosto assustador no tronco nodoso de uma árvore, ou um duende grisalho na rocha atarracada que há muito lá se encontrava.

Mas, desta vez, o seu frenético pestanejar de nada serviu. Fechou os olhos, contou até dez, e depois abriu-os.

Ainda lá estava, a dormir numa cama de musgo, na beira da vala, por baixo dos grandes ramos do carvalho mais velho da floresta. Laura dirigiu-se a ele, hipnotizada. Poderia nem o ter visto, não fora um vadio raio de sol ter perfurado a escuridão, para o banhar numa luz dourada.

Ajoelhou-se ao lado dele, consternada ao ver como estava imóvel e pálido. Os dedos dela tremiam ao desabotoar-lhe os dois botões do colete para meter a mão lá dentro. O tecido engomado da camisa erguia-se sob a sua mão ao ritmo do elevar do peito do desconhecido.

Laura nem se apercebeu de que estava a conter a respiração senão quando caiu sobre ele, entontecida de alívio. O coração batia-lhe forte e regular. Estava vivo. Mas como viera ter àquele local? Laura examinou ansiosamente os arbustos. Não havia sinais do cavalo nem vestígios de escaramuças. Teria sido vítima de algum crime? De uma tentativa de rapto ou do ataque de salteadores de estrada? Esses crimes eram quase desconhecidos na calma aldeia de Arden e nos campos circundantes, mas também o eram os belos desconhecidos, elegantemente enfarpelados. Laura revistou-lhe os bolsos da casaca de montar. A bolsa estava tão intacta como o mistério do seu aparecimento.

Era como se tivesse caído do céu.

Laura sentou-se nos calcanhares, com os olhos muito abertos.

Não havia qualquer dúvida de que tinha um rosto de anjo. Não o dos anjos gorduchos e rosados que Lottie tanto gostava de desenhar no caderno, mas o de um alto serafim que guardava as portas do céu com a sua espada flamejante. Era de uma pura beleza masculina de feições fortes e queixo bem marcado. As elevadas maçãs do rosto e as faces davam-lhe ao rosto um ar ligeiramente eslavo, mas a sombra de uma covinha na face direita negava a ideia de que pudesse ser dado a amuos.

Laura inclinou a cabeça para o examinar com olhar crítico. Embora houvesse uma leve penugem dourada nas costas das suas mãos, a maior parte do cabelo loiro e ondulado parecia crescer-lhe exatamente na cabeça, sem que se espetasse para fora dos ouvidos ou das narinas. Inclinou-se e cheirou-o cuidadosamente. Sentiu o aroma de sabonete masculino – limpo e ao mesmo tempo perfumado – que lhe emanava da pele. Fechou os olhos e

aspirou ainda mais profundamente. Até o cheiro natural da sua transpiração era estranhamente agradável.

Abriu os olhos e viu que estava ao nível do nariz dele. Um alto quase imperceptível maculava a sua perfeição aquilina, dando-lhe ao rosto um encanto quase ingênuo.

Laura endireitou-se e sacudiu a cabeça para esquecer aquela loucura. Estava a ser tão tola como Lottie. Por momentos, tinha-se permitido aceitar a ridícula ideia de que ele pudesse ser a resposta às suas preces. Mas não poderia guardar para si o homem que encontrara na floresta. Isso não se fazia. Suspirou tristemente, observando o corte impecável das calças de fina camurça e o delicioso encaracolado do cabelo do homem adormecido em redor do seu colarinho engomado. Logo um homem como aquele. Um homem como aquele seria tristemente chorado por quem tivesse a infelicidade de o perder.

Poisou-lhe os olhos nas mãos. Não usava aliança que indicasse a existência de uma esposa ansiosa a aguardá-lo em casa. Nem sequer um anel de brasão que servisse de pista à sua identidade. Sem se aperceber, estendeu a mão para lhe tocar nos dedos finos, mas logo a retirou.

Mais do que dos seus devaneios, o jovem precisava de uma cama macia e de uma cataplasma quente na cabeça. Não seria muito agradável ter de explicar às autoridades locais como o deixara morrer, desperdiçando segundos preciosos a admirar a curva cinzelada dos seus lábios firmes e macios.

Laura começou a levantar-se, mas logo hesitou. Já se demorara bastante tempo, por isso, certamente não faria grande mal dar-lhe uma olhadela rápida aos dentes. Pelo menos era o que calculava fazer quando mais uma vez se inclinou sobre ele.

Iluminadas pelos raios de sol, as nobres feições do cavalheiro pareciam intemporais como as de um príncipe que tivesse esperado mil anos por alguém que o viesse acordar do seu sono encantado. Pequenas borboletas douradas vagueavam em redor de ambos como salpicos de um encantamento de fadas.

Mais tarde, ela juraria ter talvez sucumbido ao encanto do bosque, pois seria essa a única explicação para o incrível impulso que levara Laura Fairleigh, a piedosa filha de um clérigo, que nunca permitira sequer que os

seus pretendentes lhe pegassem na mão, a inclinar-se e a tocar com os seus os lábios dele.

Tinha os lábios ainda mais macios e firmes do que pareciam e neles pôde saborear força e suavidade. A respiração de Laura soltou-se a uma velocidade estonteante para se misturar com a dele. Como nunca antes tinha beijado um homem, apenas após perturbadores segundos se apercebeu de que ele correspondia ao seu beijo. Os lábios dele tinham-se entreaberto igualando a suave pressão dos dela, e quando a ponta da língua dele lhe tocou no lábio inferior, Laura sentiu-se invadida por um malicioso arrepio que a avisava de que, por fim, tinha encontrado o perigo que buscara toda a sua vida.

O gemido rouco do jovem perturbou-lhe os sentidos. Ergueu lentamente a cabeça, ainda mais inquieta ao aperceber-se de que ele não gemia de dor, mas de prazer.

– Quem?... – murmurou ele, olhando-a com os olhos ambarinos toldados pela confusão.

Laura não se sentiria mais mortificada se tivesse acordado de um desses sonhos em que se passeava pelas ruas de Arden sem nada vestido, exceto as meias e a touca que usava aos domingos.

Afastou-se imediatamente dele e as palavras saíram-lhe em catadupas.

– Saiba o senhor que me chamo Laura Fairleigh e posso garantir-lhe que, independentemente do que possa parecer, não tenho, de modo algum, o hábito de beijar desconhecidos. – Alisou o cabelo junto às faces em fogo. – Deve considerar-me a mais despudorada das mulheres. Não sei o que me sucedeu para me comportar desta maneira ofensiva, mas garanto-lhe que isto nunca se repetirá.

Antes de ela se pôr de pé num salto, ele agarrou-a por um braço.

– Quem... – repetiu, a voz saindo-lhe num gemido desesperado. Semicerrou os olhos, tentando mantê-los no rosto dela. – Quem?... Quem... sou eu?

Era inegável a expressão suplicante dos olhos dele. Apertava-lhe o braço com os dedos exigindo uma resposta que ela não lhe podia dar.

Embora soubesse que ia cometer o pecado mais negro da sua vida, Laura não pôde impedir que um terno sorriso lhe iluminasse o rosto.

– O senhor é meu.

Capítulo 3

Por vezes sinto que és um estranho para mim...

Em todos aqueles anos, Laura albergara mais do que uma fantasia acerca do modo como o seu prometido chegaria a Arden Manor para pedir a sua mão. Por vezes cavalgava um brilhante cavalo negro com uma estrela branca cravejada na testa; outras vezes sairia de uma bela carruagem decorada com o antigo brasão de uma família nobre muito conhecida. Mas nunca antes o tinha imaginado de bruços sobre o dorso de um burro conduzido por um irritado *cockney*, que lhe ofendia os ouvidos com imprecações desde que ela o afastara do seu rebanho. Felizmente, mesmo depois de quarenta anos no campo, vinte dos quais ao serviço de Lady Eleanor, o sotaque de Dower era tão cerrado que Laura não percebia a maior parte das coisas que ele dizia.

Quando o burro entrou no pátio, Cookie saiu a correr da cozinha para receber o marido, torcendo o avental com as mãos.

– Oh, meu Deus! Mas que raio aconteceu a esse pobre rapaz?

– Não está mal o pobre rapaz – resmungou Dower. – Provavelmente fugiu de uma cadeia de Londres. Verás que nos vai assassinar a todos esta noite. Queres apostar?

– Não é um fugitivo – tentou Laura explicar pela décima vez. – É um cavalheiro.

Dower abanou a cabeça.

– Uma vez, conheci um cavalheiro como ele. Chamava-se Harry e encantava todos com os seus bons modos e falinhas mansas... até que começaram a acordar com a garganta cortada e sem as bolsas do dinheiro.

Desconfiada, a cozinheira agarrou com força uma madeixa do cabelo aloirado do desconhecido e voltou-lhe o rosto para o lado.

– Bem, para um cavalheiro, parece-me que tem um rosto honesto.

O homem gemeu, protestando sem dúvida contra as indignidades que era obrigado a suportar. Laura retirou delicadamente a madeixa da mão da cozinheira e alisou-lhe o cabelo junto ao colarinho.

– Se não o metermos dentro de casa e lhe tratarmos desse alto na cabeça, duvido que viva o suficiente para cortar a garganta seja a quem for.

Também ela teve vontade de gemer quando Lottie e George vieram a correr do celeiro, seguidos de uma fila de cambaleantes gatinhos. Tivera esperança de conseguir prepará-los para a chegada antes que disparassem uma saraivada de perguntas.

– Quem é?

– Como se chama?

– Caiu do cavalo?

– Caiu de uma árvore?

– Foi assaltado?

– Desmaiou?

– Está morto? – perguntou Lottie, apalpando desajeitadamente a anca coberta de camurça do desconhecido.

– Daí não vais conseguir perceber – comentou George, apalpando a fina caxemira da casaca de montar do desconhecido.

– É um cavalheiro – anunciou a cozinheira com algum orgulho proprietário.

Dower abanou a cabeça.

– É um fugitivo da lei, é o que é. Vai matar-nos a todos nas nossas camas assim que esta noite fecharmos os olhos.

Os redondos olhos azuis de Lottie brilharam.

– Um assassino? Que delícia!

Laura rangeu os dentes, perguntando a si própria o que esperava o bom Deus ensinar-lhe ao amaldiçoá-la com uma família de alienados.

– Não se trata de um fugitivo nem de um assassino. Trata-se simplesmente de um infeliz viajante que precisa de caridade cristã. – Arrancou da mão de George a bainha do casaco do homem e levantou a voz. – E vou dizer-vos o que vamos fazer: vamos dar-lhe essa caridade e, por amor de Deus, vamos dar-lha depressa, antes que vá desta para melhor por não termos feito nada por ele!

Olharam todos para ela, boquiabertos. Até Dower, que soltava impropérios com maior fluência do que falava a sua língua, foi apanhado de

surpresa.

Recuperando o aprumo, Laura ajeitou o cabelo.

– Agora, Dower, agradecia infinitamente que, sem mais demoras, transportasses o nosso hóspede para dentro de casa.

Continuando a resmungar em surdina acerca de fugas de prisões e de lhe cortarem o pescoço enquanto dormia, Dower obedeceu e transportou o desconhecido ao ombro. Embora o velho tivesse as pernas arqueadas e o rosto curtido como um bocado de carne seca, os ombros, peito e braços eram fortes com músculos conseguidos pelos anos de luta com os carneiros do Hertfordshire, ainda mais rabugentos do que ele.

Quanto mais Dower se aproximava da porta, mais ousada se tornava a sua língua.

– Não diga que não a avisei, menina. Lembre-se do que lhe digo: este diabo vai ser a ruína de todos nós.

Laura limitou-se a seguir atrás do velho e a rezar para que ele estivesse enganado.

* * *

O luar banhava o rosto do desconhecido.

Laura sentou-se numa cadeira ao lado da cama, perguntando a si própria se ele acordaria alguma vez. Embora não parecesse estar em sofrimento, mal se tinha mexido desde que Dower o atirara para cima da colcha de chita, já há sete horas. Verificou a cataplasma quente que a cozinheira aplicara ao feio «galo» que tinha no alto da cabeça, depois tocou-lhe na testa em busca de sinais de febre. Começava a recear que a provação por que passara lhe tivesse danificado mais faculdades do que a memória.

Chocara todos ao insistir em que ele fosse levado para os aposentos de Lady Eleanor. Embora Cookie tivesse mantido o quarto limpo e as roupas da cama arejadas, nem Laura nem as crianças se haviam atrevido a violar aquele santuário desde a morte da senhora. No ar perfumado a flor de laranjeira havia muitas recordações, doces e amargas, dos últimos dias que passara com eles.

Mas a graciosa cama de dossel era a mais confortável da casa, e Laura estava decidida a deitar nela o hóspede.

Pelo menos devia-lhe isso.

A princípio, Cookie recusara-se a deixá-la sozinha com ele, declarando que não era apropriado uma menina solteira tratar de um cavalheiro no seu quarto de cama. Só quando Laura concordou em deixar Dower dormir numa cadeira à porta, com um velho mosquete no colo, é que Cookie cedeu, embora, ao voltar para a cozinha, fosse afirmando em surdina a sua contrariedade. O ressonar do velho já fazia estremecer a porta fechada.

O desconhecido estava deitado em cima da coberta, com o edredão de penas, que Laura fora buscar à sua própria cama, puxado até à cintura. Embora Dower lhe tivesse tirado o casaco por ordem de Laura, foi esta quem lhe alargou a gravata e abriu o colarinho. Com o seu cabelo loiro e as pestanas num tom mais escuro descansando-lhe nas faces, parecia mais um rapazinho do que um homem. Mas o tom dourado, que começava a apoderar-se do queixo dele, avisava-a de que aquela expressão inocente era apenas uma ilusão.

Laura buscou-lhe desesperadamente no rosto sinais de animação. Se a pele dele não estivesse tão quente sob a sua mão, teria jurado que era feito de mármore – uma efígie no túmulo de um herói que tivesse morrido demasiado cedo. Ainda não contara o seu plano aos irmãos e aos criados. Se ele nunca acordasse, nunca saberiam o sonho louco que se atrevera a guardar para si. Agora que já não podia atribuir culpas aos encantos do bosque pela sua loucura, começara a ponderar as considerações práticas. Como convencê-lo de que estava noivo dela? E como haveria de provar a si própria que ele não estava prometido a outra mulher?

Inclinou-se para diante. A sua respiração era profunda e regular, os lábios estavam levemente entreabertos.

O beijo tinha-o acordado uma vez. Atrever-se-ia?...

O jovem parecia vulnerável como apenas um homem forte pode parecer à mercê de uma mulher. Poderia perfeitamente ter morrido no bosque de carvalhos se ela não o tivesse encontrado, contudo, Laura sentia-se culpada como se tivesse sido ela a desferir o golpe terrível.

Puxando-lhe o edredão para o peito, inclinou-se e beijou-o na testa.

Devia estar a dormir.

Senão, como explicar o cheiro a flor de laranjeira, o suave toque dos lábios de uma mulher na sua testa? Uma estranha sensação agitou-o profundamente, um suave fantasma tecido de uma névoa de recordações e sonhos. Mas antes de o poder agarrar, fugiu do seu alcance, pronunciando o que poderia ser o seu nome numa voz demasiado leve e longínqua para ele reconhecer.

Desejou persegui-lo, mas sentia um peso terrível no coração. Abriu os olhos e viu um gordo gato amarelo sentado no seu peito, olhando-o atentamente com os seus sábios olhos dourados.

– *Nellie* – murmurou, achando estranho lembrar-se do nome do animal e ter esquecido o seu.

Estendeu a mão para lhe tocar, esperando que o gato se dissolvesse na bruma juntamente com a outra sombra fugidia. Mas sentiu o pelo suave e limpo sob a sua mão trémula. Enquanto lhe fazia festas, o ronronar do animal ecoava dentro dele produzindo uma onda de contentamento. Fechou os olhos.

Se estava a sonhar, não queria acordar.

Na manhã seguinte, Cookie entrou a toda a pressa nos aposentos de Lady Eleanor com uma bacia, panos debaixo do braço e um assobio alegre nos lábios. O assobio morreu quando os olhos viram o que se passava sobre a cama.

– Com mil... – murmurou abanando a cabeça.

Durante a noite, Laura descurara a sua vigília e caíra para diante, descansando a cabeça no peito do desconhecido. Dormia o sono dos justos com as costas numa posição incómoda e um braço caído ao lado da cama. O rapaz também dormia, mas segurando com a mão a cabeça de Laura, os dedos emaranhados no que restava do seu carrapito desmanchado.

Cookie zangou-se. Se o patife se tivesse atrevido a comprometer a sua jovem patroa, Cookie não hesitaria em atirar-lhe à cabeça a bacia e em pô-lo a dormir para sempre.

Mas, ao aproximar-se, os seus receios desvaneceram-se. Com os olhos fechados e as bocas entreabertas, pareciam dois bebés inocentes.

Cookie abanou ao de leve o ombro de Laura. A jovem endireitou-se, com uma madeixa rebelde de cabelo a tapar-lhe um olho.

– Valha-me Deus, não deveria ter adormecido. Está morto, não é verdade?

– Não seja tola. Claro que não está morto! Os seus cuidados deram até um pouco de cor às faces do rapaz.

Laura lançou uma olhadela ao seu paciente. Cookie dissera a verdade. A respiração dele era suave e regular e as faces tinham perdido a palidez fantasmagórica.

Cookie acenou com ar entendido.

– O que o rapaz precisa agora é de uma boa esfrega.

– Eu trato disso – disse Laura automaticamente, estendendo a mão para a bacia.

Cookie impediu-a com uma expressão escandalizada.

– Não me parece, menina. Já não foi muito bonito ter tratado dele durante a noite. Se eu deixasse que a menina lhe desse banho, Lady Eleanor daria uma volta no túmulo. – Apontou para a cama com um dedo. – Estou casada há quarenta anos com aquele bode velho e garanto-lhe que este rapaz não tem nada que eu não tenha visto pelo menos uma centena de vezes.

E para provar o que dissera, levantou o edredão para impedir a visão a Laura, e espreitou. Como o jovem vestia ainda as calças justas de pele, Laura não conseguiu imaginar o que fizera as faces enrugadas da criada ficarem vermelhas como um tomate.

Cookie deixou cair o edredão e engoliu em seco.

– A velha Cookie pode ter falado demasiado cedo, mas não importa, minha querida. – Pegando em Laura por um braço, levou-a até à porta, entornando água da bacia a cada passo. – Preparei-lhe um banho quente na cozinha. A menina vai arranjar-se enquanto eu trato aqui do cavalheiro.

Antes que o cérebro aturdido de Laura pudesse lembrar-se de um protesto, já Cookie lhe fechava suave e firmemente a porta na cara.

* * *

Devia estar morto.

De que outra maneira poderia explicar a sensação brusca e impessoal de mãos femininas sobre o seu corpo. Podia não se recordar do nome, mas lembrava-se de que as mãos de uma mulher eram destinadas a dar apenas prazer: a passarem pela sua pele com graça tentadora; a envolverem-lhe a

carne congestionada como deliciosas tenazes, a cravarem as suas unhas impecavelmente pintadas nas suas costas enquanto o ritmo conhecedor das suas ancas levava ao êxtase a mulher que tinha debaixo de si.

Durante o decorrer da sua vida tinha sido tocado de inúmeras maneiras inventivas por inúmeras mulheres, mas nunca com uma indiferença tão negligente. As mãos que o despiram e banharam não eram rudes nem suaves. Estavam simplesmente interessadas no trabalho que se tinham proposto fazer.

Restava-lhe chegar a uma conclusão. Deveriam estar a prepará-lo para o seu funeral.

Desejava gritar, mas a língua tinha-se transformado em pedra, tal como os seus membros. A última humilhação aconteceu quando essas mãos indiferentes lhe despiram as calças e a sua dona soltou um assobio de admiração mais apropriado a um negociante de gado.

– A minha mãe sempre me disse que os ricos eram muito dotados, mas eu pensava que ela estava a falar de dinheiro. – Inclinou-se e soltou uma gargalhada ao seu ouvido enquanto lhe dava uma palmadinha na cabeça, como se ele fosse um cãozinho obediente. – Pode ter fugido da força, rapaz, mas tem tudo bem pendurado.

Depois de alguns minutos que lhe pareceram intermináveis, o banho terminou e vestiram-lhe uma coisa macia e quente. Estremeceu interiormente pensando tratar-se de uma mortalha. A sua torturadora assobiava um cântico fúnebre desafinado enquanto andava à volta da cama arrumando as suas coisas. A porta fechou-se com um estalo. O assobio afastou-se.

Ficou sozinho durante aquilo que lhe pareceu uma eternidade.

Até que a porta se abriu de novo, muito lentamente, causando-lhe um arrepio gelado na espinha.

O diabo viera buscá-lo.

Embora este encontro já tardasse, sempre esperara encontrar-se com o diabo cara a cara, num campo de batalha cheio de fumo, e não jazendo numa cama desconhecida. E o diabo nem tivera a decência de vir sozinho. O velho patife fizera-se acompanhar de uma legião de diabos, que logo rodearam a cama e trataram de cobrir o seu corpo indefeso.

Um deles agarrou-lhe o dedo grande e começou a morder-lhe a articulação, enquanto outro lhe percorria as pernas num alegre frenesim.

Teria conseguido aguentar a tortura se um terceiro diabo não lhe tivesse saltado para as coxas, enterrando as unhas aguçadas na sua parte mais vulnerável.

Abriu repentinamente os olhos. Esforçou-se por erguer a cabeça que latejava, para tentar ver através de um nevoeiro esbranquiçado. Parecia que, afinal, a cama não estava cheia de diabos, mas sim de ratazanas. O sobressalto dos seus nervos em franja nada foi, comparado com o choque ao descobrir que o diabo não era um cavaleiro de cara vermelha com chifres e cauda pontiaguda, mas uma criança de olhos azuis pendurada de cabeça para baixo no dossel da cama, espreitando-lhe atentamente para o rosto.

Sem sequer pensar nos efeitos que a sua pobre cabeça mais tarde sofreria, sentou-se rapidamente e gritou com todas as suas forças.

Laura estava num canto da cozinha por detrás de uma cortina, de molho, numa banheira de água quente, quando começou a confusão.

Dormitava com a cabeça recostada na borda da banheira, mas logo a seguir viu-se de pé, completamente despida, a escorrer água, os músculos contraídos do choque.

Os berros masculinos que ecoavam pelo ar eram desconhecidos aos seus ouvidos, mas sabia quem soltara os gritos lancinantes.

– Lottie – murmurou com os olhos muito abertos.

Talvez Dower tivesse razão e o desconhecido os estivesse a assassinar a todos. Certamente ter-lhe-ia cortado o nariz empertigado, pois apenas isso justificaria o grito assustado de Lottie. Juntou-se outra voz à confusão. Laura pôs a cabeça de fora da cortina mesmo a tempo de ver Dower passar a correr com uma forquilha na mão e um chorrilho de imprecações saindo-lhe dos lábios.

O pânico de Laura aumentou. Se não fosse lá a cima, o hóspede poderia não ser o único assassino.

Não havia tempo para se limpar, nem para vestir o monte de roupa interior que colocara num banco ao lado da banheira. Saltou de dentro de água, estremeando de dor quando bateu com a testa na chaleira de cobre pendurada das traves, agarrou no vestido limpo e enfiou-o pela cabeça. A musselina cor-de-rosa colava-se-lhe à pele molhada. Demorando-se apenas o tempo necessário para se assegurar de que o vestido a cobria

decentemente, desenvencilhou-se da cortina e, descalça e pingando água, atravessou o corredor a toda a pressa e subiu as escadas.

Laura ia a meio caminho para o primeiro andar quando a terrível cacofonia cessou tão abruptamente como tinha começado. Ficou imóvel, agarrada ao corrimão.

«Deus do céu», pensou, «A Lottie deve ter morrido!» De outra forma, como justificar o terrível silêncio que tombara sobre toda a casa? O terror abrandou-lhe os passos, e ela aproximou-se muito devagar da porta aberta do quarto de Lady Eleanor. Espreitou esperando encontrar as madeixas douradas do cabelo da irmã e os seus membros ensanguentados espalhados pelo tapete debotado.

Porém, deparou-se-lhe um espetáculo completamente diferente.

Lottie encontrava-se no meio da cama apertando contra o peito a ninhada de gatinhos. Tremia-lhe o lábio inferior e tinha os olhos rasos de lágrimas, mas estas não assustaram Laura, pois a irmã era conhecida pelos seus ataques de histeria quando George comia a última torrada à hora do chá.

Mas ficou assustada com o esgar perigoso dos lábios de Dower, investindo este com a forquilha em direção ao homem que se encostara à parede entre as janelas.

Sentiu o coração saltar-lhe no peito. O belo adormecido tinha por fim despertado.

Embora se encontrasse encurralado e desarmado, conseguia parecer ainda mais perigoso do que Dower. Tinha o cabelo castanho despenteado, os olhos esgazeados. Excetuando o edredão enrolado à cintura e preso pelos dedos já brancos do esforço, estava nu, tal como Laura se encontrara uns minutos antes. Sem se aperceber, a jovem ficou a olhar, distraída pelo largo peito coberto de penugem dourada cuja mancha estreitava em direção aos músculos desenvolvidos do ventre do jovem.

Viu-se obrigado a encolher esse ventre quando Dower fez uma nova investida com a forquilha. Quando esta lhe passou muito perto da carne, mostrou os dentes e soltou um rugido surdo. Apesar desse primitivo aviso, a sua impotência emocionou o coração de Laura.

– Baixa a forquilha e afasta-te dele, Dower – ordenou.

– E deixo que este maldito diabo me corte o pescoço. Acho que não, menina.

Como parecia não ser possível acalmar Dower, Laura fixou as suas esperanças no desconhecido. Aproximou-se dele, rezando para que não interpretasse a sua mão estendida como uma ameaça.

– Não precisa de ter medo – disse em voz baixa, com os lábios esboçando um sorriso que esperava parecer encorajador. – Ninguém aqui lhe vai fazer mal.

As suas palavras teriam sido mais convincentes se Cookie não tivesse escolhido a ocasião para aparecer no aposento, com uma machadinha ensanguentada. George seguia-a de perto e poisou as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego.

– Ouvimos toda esta confusão no pátio! Parecia que estavam a matar um porco.

– Em nome de Deus e de todos os santos, o que se está a passar aqui? – perguntou Cookie, aflita, examinando o quarto.

– Talvez deva perguntar à minha irmã – sugeriu Laura, lançando a Lottie um olhar gélido.

– Não queria fazer mal nenhum – choramingou Lottie. – Só queria ver como ele era. Depois começou a rugir como um leão e assustou-me de morte. Então caí em cima da cama e comecei a gritar e...

– Essa miúda meteu ratazanas na minha cama.

Voltaram-se todos ao mesmo tempo quando ouviram a voz profunda e educada emitida pela boca do desconhecido. Dower baixou lentamente a forquilha enquanto o homem olhava para a irmã de Laura.

Lottie foi a primeira a recuperar a compostura. Roçou o nariz por um dos animais em questão, que se encontravam por debaixo do seu queixinho pontiagudo.

– Saiba que não eram ratazanas. Eram gatos.

Ele emitiu um gemido de desprezo.

– Na minha opinião, não há grande diferença.

Lottie parecia sufocada.

Cookie apressou-se a afastar Dower do alcance do desconhecido.

– Pronto, pronto. Coitado. Tenho a certeza de que a nossa pequena Lottie não queria assustá-lo. – Os seus modos maternais teriam sido mais tranquilizadores se não segurasse ainda a machadinha ensanguentada. Seguindo o olhar cauteloso do desconhecido, escondeu a arma atrás das

costas. – Não ligue aqui à Cookie. Estava a matar uma galinha gorda para o seu almoço.

– Talvez ele prefira um guisado de gatinhos – sugeriu Lottie num tom gelado, erguendo o narizinho impertinente.

– Preferia um caldo de criancinhas mal-educadas – ripostou o desconhecido.

Laura não sabia se havia de rir ou chorar.

– Por favor, não exagere. O senhor sofreu um choque terrível. Ainda não está em si.

Todos pareceram desaparecer quando ele se voltou para ela com ar feroz.

– Então por que diabo não me diz quem sou eu?

Capítulo 4

Mas, outras vezes, sinto que és o meu querido menino...

A emoção no olhar dourado do homem devia-se à fúria, mas era ao mesmo tempo um apelo feito pelo pânico que sentia, quase palpável. Se ela não agisse, e depressa, alguém naquele quarto faria alguma coisa que tornaria impossível o seu plano.

– Meu pobre querido. – Lançando-lhe o seu mais simpático sorriso, Laura avançou e pegou-lhe num braço. – Não posso censurá-lo por ter acordado de tão mau humor depois de tudo por que passou.

Ele fitou-a com os olhos semicerrados.

– Porque me chamou querido?

– Porque lhe chamou querido? – repetiu Cookie desconfiada, fazendo aparecer a machadinha ensanguentada que escondera atrás das costas.

Fingindo não os ter ouvido, Laura voltou-se para ficar entre o hóspede e todos os outros que se encontravam na sala.

– Mais do que andarmos para aqui a dar-lhe mimos, o que ele precisa é de paz e sossego.

O homem soltou um ruído de desprezo.

– É difícil considerar que me estão a dar mimos quando me atacam com um monte de gatos raivosos e uma mulher empunhando um machado.

Soltando-se da mão de Cookie, Dower avançou.

– Vou dar-lhe mimos com esta forquilha, isso é que vou, se falar outra vez assim da minha senhora.

Passando por baixo dos dentes da improvisada arma, Laura colocou uma mão tranquilizadora no peito de Dower.

– Ele não quis ser indelicado. Está exausto e confuso. É por isso que vou ter de pedir a todos que nos deixem a sós.

Dower recomeçou a praguejar.

– A menina não deve estar a bater bem da cabeça, se pensa que a vou deixar aqui sozinha com este selvagem.

– Um selvagem meio despido. – Cookie lançou um olhar nervoso ao edredão que tapava a parte inferior do corpo do rapaz.

– Não sejas ridícula. Sabes tão bem como eu que ele nunca me faria mal.

– Laura lançou um olhar por cima do ombro para o desconhecido alto e forte, na esperança de ter razão. Parecera-lhe muito mais baixo e menos ameaçador quando estava inconsciente.

– Menina, se ele lhe tocar com um dedo, basta-lhe gritar e viremos a correr – prometeu Dower brandindo a forquilha na direção do homem.

– Se ela gritar como a irmã, quem foge a correr sou eu – garantiu-lhe o rapaz, resoluto.

Ainda a resmungar, Dower e Cookie saíram dos aposentos com relutância, deixando Laura retirar Lottie e a ninhada de gatinhos de cima da cama. Lottie arrastou os pés, choramingando aflitivamente até que Laura se inclinou para ela e sussurrou:

– Minha menina, desaparece daqui ou não tarda vais chorar com razão.

Enquanto Laura enxotava a irmã para o corredor, George continuava encostado à porta, com um brilho pensativo no olhar. O irmão sempre a conhecera melhor que ninguém, e claro que suspeitava que ela tivesse um plano. Quando Laura se voltou para o olhar, George afastou-se da porta, mas o seu sorriso atrevido prometia-lhe que a sua cooperação teria um preço.

– Bons sonhos – disse ele ao hóspede, no momento em que Laura lhe fechou a porta na cara.

Laura levou algum tempo a dar a volta à chave na fechadura, e depois voltou-se lentamente para enfrentar o hóspede. Perguntava já a si própria se não teria cometido um terrível erro de cálculo. Embora vestido apenas com o edredão e com uma expressão zangada no rosto, parecia tão inofensivo como um leão esfomeado.

– Porque me chamou querido? – perguntou de novo, como se a resposta a essa pergunta fosse mais importante do que a razão pela qual tinha acabado nu na cama de Lady Eleanor.

– É um hábito, suponho – replicou Laura com numa expressão de estudada inocência. – Prefere que lhe chame outra coisa?

– Podia experimentar tratar-me pelo meu nome. – O seu tom cortante sugeria que ela estava a esgotar-lhe a paciência.

– O seu nome? – Soltou uma risada rouca e sufocada. – Bom, nunca tivemos de fazer tanta cerimónia, mas se insiste... – Laura sempre se orgulhara da sua honestidade. Apenas ao imaginar-se a limpar as unhas de Tom Dillmore na sua noite de núpcias é que foi capaz de acrescentar em voz baixa – ... Nicholas.

A sua expressão furiosa acentuou-se.

– Nicholas? O meu nome é Nicholas?

– Ora, claro que é! Mister Nicholas Radcliffe – acrescentou com firmeza, acrescentando ao nome o apelido elegante da autora preferida de Lottie.

– Nicholas Radcliffe. Nicholas Radcliffe – resmungou. – Raios me partam! Nada parece fazer sentido. – Encostando-se à parede, levou a mão à testa. – Se ao menos parasse este ruído infernal que tenho dentro da cabeça...

Laura aproximou-se dele com genuína compaixão.

– Não! – O jovem estendeu a mão, olhando-a por entre as madeixas de cabelo que lhe caíam para a testa. Parecia considerá-la uma ameaça ainda maior do que o homem que brandira a forquilha.

Olhando o seu reflexo no espelho sobre o toucador de Lady Eleanor, Laura apercebeu-se do seu aspeto. Estava descalça, com as faces coradas, o cabelo apanhado descuidadamente no alto da cabeça, com as madeixas escuras caindo-lhe em desalinho em redor do rosto. O corpete húmido do vestido de musselina vincava-lhe a suave elevação dos seios. Sem saber se haveria de alisar o cabelo ou puxar o vestido para que lhe cobrisse os calcanhares, resolveu-se, pouco à vontade, a cruzar os braços sobre o peito.

– Parece que já determinámos quem sou. Mas isso não explica quem a menina é. – Inclinou a cabeça para a examinar, tornando-a ainda mais consciente do facto de estar parcamente vestida. – Ou por que razão se sente disposta a usar para comigo termos tão amorosos.

Certamente não se recordava do primeiro encontro no bosque, ou do primeiro beijo.

Como os braços cruzados não pareciam proteção adequada contra o olhar penetrante do jovem, Laura tentou distrair-lhe a atenção retirando do armário um xaile de Lady Eleanor para cobrir os ombros.

– O ar está um pouco fresco, não acha?

– Pelo contrário. Acho que aqui está muito calor. De facto, julgo mesmo não precisar já deste edredão.

Quando os dedos dele ameaçaram largar o edredão, Laura abriu muito os olhos.

– Claro que vai precisar. Pelo menos enquanto a Cookie lava e passa a ferro as suas calças.

A covinha na face esquerda do rapaz fez uma breve aparição, informando-a de que ele estivera a brincar.

– Cookie? Será por acaso essa megera que bramia o machado ensanguentado?

– Oh, não precisa de ter medo da Cookie. Não faz mal a uma mosca. – Laura franziu a testa. – Talvez a uma galinha ou a qualquer outro animal que possa ser cozinhado... mas nunca a uma mosca.

– Penso que não dirá o mesmo acerca do homem que tentou atacar-me com uma forquilha.

Laura fez um gesto de desinteresse.

– Também não se deve preocupar com ele. É sempre assim.

– Não me diga.

– Chama-se Jeremiah Dower. É casado com a Cookie e faz todo o tipo de serviços aqui no solar. A Cookie sempre disse que ele tem tão mau humor porque a mãe o amamentou com sumo de limão. Tenho a certeza de que não lhe queria fazer mal. Pensava talvez que estivesse em risco de ter um ataque violento. Desde que voltou para nós que, de vez em quando, fica inconsciente.

– Voltei de onde?

– Não se lembra, não é verdade? – Suspirando tristemente, Laura puxava pelas rosetas de seda que lhe enfeitavam o corpete do vestido para evitar olhá-lo de frente. – O médico preveniu-nos de que poderia ser assim.

– E que médico é esse?

– Ora, o doutor... o doutor Drayton, de Londres. Sabe, Arden não tem médico próprio, embora o Tooley Grantham, o ferreiro, saiba lancetar um furúnculo ou arrancar um dente com abcesso se a ocasião o exigir. Foi então o doutor Drayton quem nos disse não ser invulgar um homem perder a memória depois de sofrer uma ferida tão traumática no bos... – deteve-se imediatamente, evitando dizer «bosque» – ... na *guerra*.

– Na guerra? – repetiu ele em voz baixa. – Eu lembro-me da guerra.

– Ah, sim? – Laura esqueceu-se de esconder a sua surpresa.

Encostara-se de novo à parede, com os olhos enevoados como que do fumo de um distante campo de batalha.

– Recordo-me do cheiro da pólvora, dos gritos... do troar dos canhões.

– Estava... estava na infantaria. E, segundo me disseram, foi um herói. Por isso é que correu colina acima em Waterloo e tentou capturar um dos canhões franceses que já tinha a mecha acesa.

Ele endireitou-se.

– Tem a certeza de que fui um herói? Essa ação parece-me mais própria de um perfeito idiota.

– Oh! Foi muito corajoso! Se o impacto tivesse ocorrido um pouco mais à esquerda, teria sido desfeito em bocadinhos, em vez de ter escapado ao pior. Claro que poderia ter ficado completamente ileso se não tivesse... se não tivesse aterrado de cabeça – terminou ela rapidamente, triste por descobrir que possuía um talento para mentir talvez superior ao de Lottie.

Ele massajou a testa com os dedos longos e elegantes.

– Suponho que isso explicaria esta maldita dor de cabeça.

Laura acenou alegremente.

– Certamente que sim. Estávamos a pensar que nunca mais recuperaria completamente a consciência.

– Mas agora recuperei. – Baixou a mão.

– Sim – concordou ela, nervosa ao aperceber-se do contraste entre a suavidade da voz dele e o brilho predatório do seu olhar.

– Consigo.

– Comigo – repetiu Laura, recuando e esbarrando numa mesa de três pés. Como conseguiria ele acozá-la sem dar um único passo na sua direção?

– Seja lá quem a menina for! – vociferou ele, fazendo-a estremecer.

A mesa vacilou perigosamente. Laura voltou-se para a equilibrar e para ganhar tempo. Não fizera qualquer esforço para inventar o nome *dele*. Porque lhe pareceria então quase impossível dizer a verdade acerca do seu? Brincou com os objetos que se encontravam sobre a mesa, passando os dedos sobre uma alfineteira de cetim e um dedal de estanho. Quando poisou distraidamente os dedos sobre a capa de pele da Bíblia de Lady Eleanor, quase a retirou, envergonhada. Mas sentiu dentro de si o desafio. Tinha pedido a Deus que lhe mandasse um homem, e Deus tinha-lho enviado. Como poderia ser pecado ficar com ele?

Engolindo a última das suas dúvidas, Laura voltou-se e enfrentou o olhar ardente do jovem com um calmo aprumo que a surpreendeu.

– Não se recorda de mim, meu querido? Sou Laura Fairleigh. A sua prometida.

A testa enrugada e as magníficas faces de Sterling mais pareciam esculpidas em granito. Nem sequer pestanejou.

– Estamos noivos?

Laura acenou afirmativamente.

– Vamos casar?

Ela assentiu de novo, desta vez com um sorriso encantador.

Ele fechou os olhos e começou a escorregar pela parede.

Laura mostrou-se um pouco preocupada. Não esperara que a sua mentira desferisse nele um golpe fatal. A sua pele dourada empalideceu, revelando o esforço de se manter tanto tempo de pé. Desta vez, ele nem protestou quando ela foi a correr em seu auxílio, embora mostrasse força suficiente para semicerrar os olhos e olhá-la com curiosidade por entre as pestanas.

Laura amparou-o antes de ele chegar ao chão, o que não foi fácil, tendo em conta que ele deveria ter mais cerca de trinta quilos que ela. Só passando-lhe o braço pela cintura e apoiando o ombro dele com o seu, ela conseguiu mantê-lo de pé. Apertado naquele abraço desajeitado, seguiram até à cama numa valsa pouco graciosa. Ela tentou deitá-lo no colchão, mas a chita escorregadia da colcha obrigou-a a cair na cama com ele.

E ali ficou, ofegante, ainda com um braço preso sob o peso dele. Não sabia dizer se a sua dificuldade em respirar se devia ao esforço ou à pressão morna daquela macia e nua carne masculina encostada à sua anca.

– Ainda bem que já estamos noivos – disse ele secamente, com o hálito morno a acariciar-lhe a orelha. – Se esse seu criado nos apanhasse nesta posição, suspeito que teria de casar consigo ameaçado por uma forquilha.

Soltando o braço, Laura tratou de se sentar na cama. Com as faces a arder, prendeu uma madeixa caprichosa no carrapito.

– Não seja tolo. O Dower sabe perfeitamente que o meu noivo não é daqueles homens que comprometem a virtude da noiva.

– Não sou? – franziu a testa. – Tem a certeza disso?

– Claro que tenho – garantiu ela. – Sempre se comportou com todo o decoro.

Gemendo, ele colocou o braço sobre a testa.

– Não admira que tentasse atirar-me para a frente desse canhão. Não tinha razão para viver.

Vendo escondidos aqueles olhos penetrantes, Laura sentiu-se livre para lhe observar a agradável curva dos lábios e recordar o excitante beijo que tinham partilhado no bosque.

– Tinha a maior razão de todas – disse ela baixinho. – Para poder voltar para mim.

Ele baixou o braço. Uma emoção ainda mais inquietante do que a suspeita cintilou nos seus olhos profundos.

– Quanto tempo estivemos separados?

– Quase um ano, creio. – Laura baixou a cabeça, perturbada pela timidez e pela vergonha. – Porém, pareceu-me uma vida.

– Mesmo assim, esperou por mim.

Ela olhou-o nos olhos.

– Teria esperado para sempre.

Um espasmo de espanto contraiu-lhe o rosto. Era quase como se aquela pequena semente de verdade fosse mais maldosa do que todas as outras mentiras. Quando ele ergueu a mão para lhe acariciar o rosto, Laura apercebeu-se de que tinha sido um erro não se ter afastado enquanto era tempo. Duvidava que agora o pudesse fazer, mesmo que as cobertas se incendiassem.

Os dedos de Sterling estavam a poucos centímetros da face dela quando soltou um grito.

Um gato amarelo, de orelhas e patas enormes, subia-lhe pela perna direita, enterrando as unhas no edredão a cada movimento exuberante. Aliviada pela distração, Laura ergueu o gatinho, aconchegando-lhe a barriga peluda na palma da mão.

– Este é tão pequeno que a minha irmã se deve ter esquecido dele.

– Tire-o daqui, por favor – disse ele por entre os dentes cerrados. – Não suporto esses animais.

Chegando o pelo suave do gatinho à face, Laura sorriu-lhe.

– Receio que a sua memória continue a falhar. O senhor meu noivo adora gatinhos.

Sterling abriu desmesuradamente os olhos.

– Ah, sim?

Laura acenou afirmativamente, e ele viu horrorizado que ela lhe depositava sobre o peito o irrequieto gatinho. Homem e gato olharam-se com igual desconfiança durante um delicado momento, antes que o animal bocejasse por fim, se espreguiçasse e se enroscasse, ronronando sobre o peito de Sterling.

Ele abanou a cabeça.

– Suponho que a seguir me vai dizer que eu adoro aquela miúda insuportável que pôs os gatos em cima de mim.

Laura escolheu cuidadosamente as palavras.

– Apesar de, de vez em quando, haver um choque de opiniões, o senhor meu noivo e a Lottie sempre gostaram muito um do outro.

Ele fechou os olhos e virou o rosto para se afastar dela, pois aquela revelação fora mais do que qualquer homem poderia suportar. Laura puxou-lhe o edredão para o peito, detendo-se a pouca distância do sítio onde o gatinho dormia.

– Já basta de emoção para um só dia. Precisa de recuperar as forças.

Laura voltava-se para sair quando ele lhe agarrou o pulso. O dedo tocou-lhe na pele sensível, num movimento perigosamente parecido com uma carícia.

– Laura?

Ela soltou um suspiro entrecortado.

– Sim?

– Eu também a adoro?

A única defesa de Laura, contra a melancolia que as palavras dele lhe causaram, foi não as levar a sério. Enrugando o nariz e esboçando um sorriso malicioso, disse:

– Claro que me adora. Como poderia resistir-me?

Laura soltou-se da mão dele e saiu, esperando que não fosse demasiado cedo para começar a felicitar-se pela sua própria esperteza.

– Ela está a mentir com quantos lindos dentes tem na boca.

Como não estava mais ninguém presente, viu-se obrigado a dirigir a sua cínica observação à bola de pelo dourado e macio que se aninhava junto ao seu peito. Tendo acordado da sesta, o gatinho espreguiçou-se.

Acariciou o triângulo aveludado que ficava entre as orelhas do animal. Apesar da relutância inicial, o movimento pareceu-lhe estranhamente familiar, como se no passado o tivesse feito centenas de vezes.

– Sei que está a mentir, mas como vou prová-lo se não me lembro da verdade?

Os olhos do gatinho começaram a fechar-se. A boca abriu-se num enorme bocejo cor-de-rosa.

– Não tens o mínimo interesse naquilo que estou a dizer, não é verdade? Estás só a fazer o favor de fingir que me ouves. – Ignorando o miado ofendido do gato, ergueu-o acima da sua cabeça e espreitou-lhe para debaixo da barriga. – Fêmea – declarou, abanando a cabeça, desagradado. – Já devia imaginar.

Mandou o gatinho para os pés da cama com uma palmadinha no traseiro, depois sentou-se e pôs as pernas para fora. Uma nova onda de vertigens invadiu-o, fazendo o quarto girar. Levou as mãos à cabeça latejante. Doer-lhe-ia menos se o maldito canhão lha tivesse arrancado.

Quando o latejar melhorou, espreitou cuidadosamente o quarto. Tinha no seu todo um ar de distinção quase apagado – pobre, mas sem deixar de ser acolhedor. As paredes não estavam cobertas de seda, mas de papel, com um padrão de rosas que ele suspeitou terem sido cor-de-rosa. Um tapete coçado cobria grande parte do chão de madeira. A mobília do quarto consistia numa cadeira, um lavatório com uma bacia e um jarro de porcelana e uma mesa de fantasia que provavelmente sobrara de uma sala mobilada de novo. Nem a cera amorosamente aplicada podia disfarçar o facto de o tempo ter apagado da madeira a maior parte da cor e os vestígios das camadas de verniz.

Aspirou profundamente o cheiro a flores de laranjeira que perfumavam o ar enquanto outra onda de tonturas o invadia. Fechou os olhos e esperou que passasse. Não podia acusar Laura de mentir acerca de uma coisa: conhecia aquele local. Conhecia as colunas brancas e douradas que suportavam o dossel da cama e a pedra lascada da lareira. Conhecia a sombra que se formava por baixo das empenas de canto e o raio de sol da manhã que entrava pelas janelas altas. Havia ali uma sensação de integridade que nem mesmo ele conseguia negar. Tudo no quarto lhe era familiar.

Tudo menos ele.

Ergueu-se lentamente, acautelando-se em segurar o edredão em redor da cintura. O toucador com o seu banquinho de brocado e espelho oval parecia a uma centena de léguas de distância, e ele não queria ser apanhado desprevenido por mais visitas inesperadas. Cada passo arrastado causava-lhe uma terrível dor na cabeça. Quando chegou à mesa e se sentou aliviado no banquinho, tinha a pele húmida de transpiração e as mãos a tremer.

Agarrou-se à borda da mesa, esperando ficar mais firme. Não estava preparado para enfrentar o espelho, de modo que observou o tampo do toucador. Havia sobre ele uma encantadora desordem que dava a sensação de uma senhora ter terminado naquele momento a sua *toilette* e poder voltar ao quarto a qualquer momento. Havia um pente de alfinetes aberto, com as cabecinhas de pérola espalhadas sobre uma fina camada de pó de arroz. Uma escova de prata continha ainda alguns fios de cabelo arruivado misturados com brancos. Levantou a tampa de um frasco de perfume. O aroma embriagador da flor de laranjeira encheu-o de uma inefável sensação de perda.

De uma caixa lacada entreaberta saía um medalhão de ouro com incrustações de madrepérola. Pegou-lhe e procurou abrir o fecho delicado. Um caracol loiro de macio cabelo de bebé fora ternamente guardado dentro da graciosa oval. Perguntou a si próprio se alguma vez alguém o teria amado o suficiente para guardar uma recordação da sua inocência. Fechou o medalhão com força e guardou-o de novo na caixa.

Não poderia ignorar de novo o homem no espelho. Inspirou e inclinou-se para diante, desesperado por conseguir reconhecer-se.

Foi um estranho que lhe devolveu o olhar.

Queria recuar, mas não podia. Ficara fascinado pelo sátiro despenteado e de olhos cautelosos que habitava o espelho. Possuía um rosto que a maior parte das pessoas consideraria bem-parecido, se não fosse a sugestão de arrogância das sobrancelhas ou as rugas sardónicas ao canto dos lábios. Era o rosto de um homem habituado a conseguir o que queria, o tipo de rosto de alguém capaz de dominar o mundo, não pela sua bondade ou o seu carácter, mas pela pura força física presente na dimensão angulosa da sua face. Tinha de admitir que era um rosto notavelmente irresistível.

Só não sabia se era o que mais lhe agradava.

Independentemente do que Laura afirmava, não parecia ser o rosto de um homem que se comportava com perfeito decoro para com a sua prometida.

– Muito prazer – disse para o homem que o olhava do espelho. – Chamo-me Nicholas. Nicholas... Radcliffe. – Franzuiu o sobrolho. O nome parecia-lhe estranho e difícil de pronunciar como uma língua estrangeira. – Sou Mister Nicholas Radcliffe – repetiu com esforço. – E esta é a minha noiva, Miss Laura Fairleigh.

Pronto. Assim parecia um pouco mais natural. O nome dela rolava-lhe na língua com a familiaridade de uma canção muito apreciada.

Passou a mão pela barba loira que lhe cobria o maxilar. Mas como teriam aqueles criados idiotas tido a coragem de deixar uma jovem inocente à mercê de um homem com o seu aspeto?

Se é que ela *era* uma jovem inocente.

Com aquele narizinho levemente impertinente que se enrugava quando sorria e as sardas que lhe polvilhavam as faces beijadas pelo sol, adaptava-se certamente a esse papel. A frondosa cabeleira que prendia no alto da cabeça era levemente ondulada, enquanto as suas sobrancelhas alouradas se arqueavam sobre olhos maravilhosos e doces como um tanque de chocolate derretido.

Não seria uma beldade, mas era a mulher mais bonita que ele já vira.

– Com mil diabos – resmungou, olhando para o seu reflexo. – Parece que nunca viste outra mulher. – A não ser que contasse com a harpia empunhando o machado e com uma leve sombra de bigode no lábio superior, coisa que certamente não estaria disposto a fazer.

O brilho no olhar do desconhecido no espelho era inegavelmente cínico. Mulher que mentisse àquele homem teria de o fazer unicamente por sua conta e risco.

Então, porque estaria Laura Fairleigh disposta a correr esse risco? Nem percebia porque se convencera de que ela lhe mentia. Um instinto mais profundo que a memória parecia querer avisá-lo. Talvez não fosse exatamente uma mentira. Talvez ela não lhe revelasse toda a verdade. O noivado de ambos teria sido arranjado, sem verdadeiro afeto? Ou teriam tido uma feia discussão antes de ele ter partido para o campo de batalha? O que pensou a seguir deixou-o estranhamente gelado.

E se ela lhe tivesse sido infiel na sua ausência? Talvez se cansara de esperar pelo seu regresso e procurasse consolo nos braços de outro homem.

A culpa explicaria a sua hesitação, a relutância em olhá-lo nos olhos, o modo como o seu pulso acelerara quando os dedos dele lhe acariciaram a

pele macia.

Ou talvez fosse timidez. Depois de uma separação tão longa, como ela sugerira, seria natural que a sua proximidade física a intimidasse. Talvez, como qualquer donzela, esperasse que ele a tomasse nos braços com palavras bonitas e beijos castos.

Recordando-se da musselina cor-de-rosa do vestido de Laura colado à sua pele rosada, foi forçado a admitir que talvez pudesse desfrutar dedicando-se a essa tarefa. A sua noiva podia ser esguia, com pernas longas como as de um potro, mas as suas curvas possuíam uma atraente graça feminina. Apercebera-se no momento em que caíram juntos na cama e os seios dela, altos e firmes, se tinham encostado à anca dele. Compôs o edredão descobrindo que não fora um alívio conforme esperara, pois, para além da cabeça, outra coisa nele latejava.

– Olha, Nicholas, meu amigo – disse para o seu deplorável reflexo. – Até que te regresse a memória, não terás outro remédio senão aguardar e tentares conhecer-te melhor, a ti e à tua jovem noiva.

A sua futura esposa poderia esperar apanhá-lo numa teia de mentiras, mas uma inegável verdade pendia dos fios brilhantes: não seria difícil adorar uma mulher como Laura Fairleigh.

Capítulo 5

As tuas saudades quase me enlouqueceram de desgosto...

– A menina perdeu o juízo? – gemeu Cookie, deixando-se cair sobre um fardo de palha. – Não pode casar-se com um desconhecido.

George bateu com o punho fechado no banco de madeira cheio de puas em que estava sentado.

– Claro que não! Porque eu sou o homem desta família, e raios me partam se o vou permitir.

– George, não blasfemes – disse Laura automaticamente.

Dower estendeu a mão e deu um leve puxão de orelhas a George.

– Oiça a sua irmã, menino. Não pragueje. Não é próprio de um cristão. Além do mais, se há alguém aqui que a pode impedir de casar com aquele canalha sou eu.

Laura suspirou. Levando em conta a tendência de George para ser protetor, a incapacidade de Lottie para falar baixo e o colorido vocabulário de Dower, decidira realizar uma reunião de família no celeiro, longe do alcance dos ouvidos do objeto da discussão. Depois de ter delineado o plano com o que acreditava ser uma mistura perfeita de brilhante ingenuidade e irrefutável lógica, tinham surgido vários graus de incredibilidade e afronta, provando que o instinto não a enganara. Até a velha vaca leiteira metera a cabeça pela divisória do estábulo a que Dower se encostara e piscava os seus líquidos olhos castanhos enquanto soltava um mugido em tom de censura.

Do ninho que fizera para si e para os gatinhos no palheiro, Lottie começou a fungar, sinal precursor de ruidosos soluços.

– Que será de nós se ele descobre que lhe mentimos? E se ele chama as autoridades para nos mandarem pendurar?

– Enforcar – corrigiu-a Laura em voz baixa.

Dower soltou um ruído de desdém.

– E como é que ele vai chamar as autoridades para nos prenderem, se é provavelmente um fugitivo da lei? Um cavalheiro esperto como ele não se vai arriscar a ser enforcado.

– Não vai acreditar em nós – declarou George em tom lúgubre.

– Claro que vai – insistiu Laura. – Só temos de entrar no espírito da coisa. Não vai ser diferente das representações teatrais que Lady Eleanor nos ajudava a encenar no Natal para as crianças da aldeia. Toda a gente disse que a representação que a Lottie fez do Menino Jesus foi terrivelmente trágica, a ponto de arrancar lágrimas até aos olhos do mais empedernido pagão.

– Até eu gastei algumas lágrimas – disse Dower. – Principalmente quando tive de levantar um bebé com mais de trinta quilos da manjedoura. – Esfregou a zona lombar. – Desde aí que o lumbago não me dá tréguas.

– Pelo menos não tiveste de convencer os garotos da aldeia de que eras a Virgem Maria – disse Cookie. – Quando eu disse aquele discurso todo elegante de nunca ter conhecido homem, o Abel Grantham riu tanto que caiu do burro para cima da manjedoura e quase esmagou o pobre Menino Jesus.

Laura recordava-se bem do incidente. Fora ela que se aproximara a correr para puxar Abel às gargalhadas de cima de uma Lottie aos gritos. E não havia incenso e mirra suficientes para disfarçar o fedor a uísque do hálito do Rei Mago.

Sem querer recordar os outros desastres ocorridos durante as peças de teatro amador, tal como quando o cachimbo aceso de Dower incendiara o turbante de George ou a noite em que as ovelhas fugiram aos pastores e passaram a balir pelas naves da igreja da aldeia, Laura esboçou um sorriso alegre.

– É assim mesmo que devemos considerar a nossa empresa. Apenas uma inofensiva representação teatral.

Cookie abanou a cabeça, desconsolada.

– O que a menina nos propõe não é uma representação teatral, é uma mentira. E de uma mentira nunca vem nada de bom. – Lançou à porta do celeiro um olhar inquieto. – Principalmente se mentirmos a um homem como este.

O alegre sorriso de Laura desvaneceu-se.

– Pode ser verdade, Cookie. Mas estou convencida de que será ainda menos bom se contarmos a verdade.

Todos olharam para ela, assombrados pelo tom cortante da sua voz.

Enquanto Laura caminhava pelo estábulo, o único som que a acompanhava era o bater das asas das andorinhas que haviam feito o ninho nas traves.

– Apercebo-me de que já não temos muitas alternativas. Como não façamos tenções de casar com qualquer dos homens da aldeia e ser infeliz o resto da vida, a opção que nos resta será confiar o nosso futuro às mãos de Mister Sterling Harlow. E duvido que lhe chamem o Diabo de Devonbrooke sem que haja uma razão. A última coisa que desejava era assustar-vos, mas já algum de vós parou para pensar que tipo de soluções um homem como ele nos vai arranjar?

Encostando a mão ao poste, Laura espreitou lá para cima, para o palheiro. Os olhos da irmã brilhavam nas sombras.

– Lottie, creio que é muito vulgar as meninas da tua idade serem mandadas para as casas de trabalho². Nesses lugares trabalha-se desde madrugada até à meia-noite para assim enfraquecer o espírito e as costas de quem lá tem de viver.

– Não me importava – declarou Lottie, furiosa – Desde que não tivesse de me casar com esse troglodita mal-humorado.

– Mas o que aconteceria às tuas belas mãos, tão brancas e macias? E ao teu cabelo?

Lottie tocou nos caracóis com a mão trémula. Todos sabiam que a única recordação que Lottie tinha do pai era o nome que ele lhe dava: «a minha caracolinhas dourados», como a menina da história dos três ursos.

– Podia fazer tranças, acho eu.

Laura abanou a cabeça, detestando-se quase tanto nesse momento como detestava Sterling Harlow.

– Creio bem que não seria possível. Assim que os piolhos tomassem conta dos teus caracóis, rapavam-te a cabeça.

George pôs-se de pé num salto.

– Não se atrevera a pôr-me num lugar desses! Já tenho idade para fugir e alistar-me na marinha!

Laura voltou-se para ele com uma expressão tão sentida, como era o seu tom de voz.

– Por muito que te queiras imaginar um homem, George, ainda não o és.

O irmão atirou-se para trás no banco e recusou-se a olhar para ela.

Laura foi ajoelhar-se junto de Cookie, olhando para o rosto zangado da mulher.

– E tu e o Dower? Quanto tempo pensas que o duque vos deixava ficar ao seu serviço com a vossa idade? Se Lady Eleanor não vos considerasse membros da sua própria família, ter-vos-ia mandado embora há muito tempo.

– Olhe que aqui este carneiro velho ainda tem muita energia guardada nos chifres, oh, se tem! – declarou Dower.

Laura estendeu o braço e prendeu nas suas as mãos nodosas do velho.

– Durante os meses de verão, talvez. Mas e nas noites frias de inverno, quando as tuas articulações incham, estalam e sangram até quase não as poderes dobrar? Sabes do que estou a falar, não sabes Cookie? Ouviste-o andar de um lado para o outro, a todas as horas da noite, porque as dores não o deixavam dormir.

Enquanto Cookie desviava os olhos, Dower ajudou Laura a levantar-se.

– Não importa se acabarmos na casa de trabalho com as costas doridas e as articulações a sangrar. Gostamos muito da menina e não queremos que se venda a um desconhecido por nossa causa.

Laura retirou as mãos das dele, cada vez mais desesperada.

– É precisamente isso que estou a pedir-vos que façam... que pensem em mim! Já algum de vós parou para pensar no que me vai acontecer se este duque reclamar Arden Manor para si?

Dower coçou a cabeça grisalha.

– A menina é uma pessoa educada, não é? Podia ser perceptor, como essas que ensinam os gaiatos ricos.

Laura suspirou.

– Sei que isto vai ser um choque para todos, especialmente para a Lottie, que sempre se imaginou a incomparável beleza da família, mas há uma razão para todos os homens da aldeia quererem casar comigo.

Todos a olharam sem perceber.

– Sou bonita! – Laura falava como se aquele fosse um dos seus defeitos.

– Demasiado bonita para ser perceptor. Mesmo que uma senhora me

recebesse em sua casa, o que duvido, em pouco tempo um dos homens da família, o irmão, o filho ou talvez até o marido, haveria de me apanhar a sós no vão da escada. Então não só perderia o emprego como a minha reputação. E, neste mundo, se uma mulher perde a reputação, torna-se presa de todos os canalhas e patifes. – Lançou-lhes um olhar sombrio. – E isso não é o pior. Temos de considerar outra possibilidade. Imaginem que o duque se apaixona e quer fazer de mim sua amante?

Dower resmungou uma blasfêmia e Cookie fez um sinal para afastar o diabo, como se Laura tivesse sugerido tornar-se concubina do próprio.

– O que poderá impedir que um homem com a sua riqueza, poder e conhecimentos se imponha a uma rapariga do campo sem vintém? E ainda haveria gente na aldeia a dizer que eu deveria ficar grata pela sua proteção. – Apesar do rubor que lhe aquecia as faces, Laura ergueu o queixo com ar de desafio. – Com este plano posso estar a vender-me a um desconhecido, mas, pelo menos, será um desconhecido escolhido por mim.

As suas palavras cheias de orgulho pairaram no ar envergonhando-os a todos.

Dower passou a mão pelo pescoço.

– Se é esse jovem carneiro que a menina quer, então não tenho outro remédio senão ajudá-la a levá-lo à tosquia.

Laura lançou os braços ao pescoço do velho e plantou um beijo na sua face áspera.

– Deus te abençoe, Dower! Não posso fazer isto sem ti. Amanhã, logo de manhã, tens de ir a Londres falar com os teus velhos amigos. Quero que tentes saber se há notícia do desaparecimento de algum cavalheiro nestes últimos dias.

– Ou de um preso que tenha fugido – resmungou Dower em surdina.

– Estou com esperança de que ele seja um segundo filho órfão de um segundo filho sem herança e com poucas perspectivas. – Laura recomeçou andar de um lado para o outro, mas com passos muito mais leves. – Se casarmos antes do meu aniversário, os proclamas devem ser publicados na igreja durante três domingos sucessivos a partir de depois de amanhã. Significa que tenho menos de três semanas para me certificar de que ele não tem uma mulher escondida algures. – Dada a breve duração e a natureza daquela relação, Laura estava surpreendida por quanto aquilo a incomodava.

– Estou aliviado por saber que os teus escrúpulos não te deixam cometer bigamia – disse George em voz arrastada. – Mas o que tencionas fazer se o Dower descobrir a família deste homem? Ou a mulher dele?

Laura suspirou.

– Então suponho que não terei outro remédio senão devolvê-lo aos seus legítimos donos.

– Como um carneiro extraviado – declarou Dower.

– Ou um porco – acrescentou Lottie com desprezo.

– E se casares com este homem – perguntou George –, e depois vier alguém de Londres a Arden, o reconhecer e o identificar? O que farás então?

– Quando foi a última vez que a nossa humilde aldeia recebeu um visitante de Londres? – A resposta de Laura silenciou o próprio George. Na verdade, nenhum deles se recordava.

Mas o irmão estava disposto a provar que podia ser tão insensível quanto ela.

– E se ele assinar o registo de casamento com um nome falso? Será que ficarás casada aos olhos da lei?

Laura fez uma pausa, pois não tinha ainda levado aquele facto em conta. Engolindo toda uma vida de instrução espiritual, enfrentou o irmão e ergueu a cabeça.

– Estaremos casados aos olhos de Deus e, quanto a mim, são os únicos olhos que importam.

Sem uma palavra, Cookie levantou-se do fardo de palha e dirigiu-se à porta.

Laura conseguiu manter a compostura durante os resmungos de Dower e a incredulidade de George, mas se a bondosa Cookie a condenasse uma vez mais, receava desatar a chorar.

– Onde vais?

Cookie voltou-se com um terno sorriso no rosto.

– Se tenho de lhe fazer um vestido de noiva antes do seu aniversário, não posso ficar o dia todo aqui pelo celeiro com as vacas e as galinhas. – A criada limpou os olhos chorosos à bainha do avental. – Quem me dera que a nossa querida senhora aqui estivesse para a ver no altar com aquele belo cavalheiro. Era um dos seus sonhos mais queridos, sabia?

Laura pestanejou para esconder as lágrimas. Lady Eleanor acarinhava ainda outro sonho – o sonho de que o seu filho aparecesse um dia a cavalo e lhe caísse nos braços.

Laura deu o braço a Cookie.

– Achas que ela se importaria se retirássemos um pouco da renda de Bruxelas das cortinas para enfeitar as mangas?

Enquanto ela e Cookie saíam do celeiro a conversar acerca de flores e bolos de noiva, Dower seguiu-as, abanando a cabeça aborrecido.

– Deviam ter ficado no celeiro. Aí é que estavam bem. Não há como um casamento para pôr mulheres de juízo com olhos de carneiro mal morto.

Fez-se um longo silêncio depois de terem saído. Mas logo George explodiu, pondo-se de pé num salto e dando um pontapé num balde de lata. O cereal saltou pelo ar num arco dourado. O balde aterrou com um ruído metálico que ecoou no silêncio tenso do celeiro.

– Ela diz que o vai fazer por ela, mas não vai! – gritou. – Vai fazê-lo por nós. Vai fazê-lo porque eu sou demasiado jovem para sustentar a minha própria família. – Encostou-se a um poste, com as mãos apertadas. – Deus do céu. Se ao menos eu já fosse quase um homem...

Lá em cima, Lottie estava sentada de pernas cruzadas sobre a palha, sem dar qualquer sinal dos efeitos dramáticos que ele esperava. Tinha o rosto pálido e sossegado, a voz estranhamente calma.

– Simplesmente, não podemos permitir que o faça. Não podemos permitir que sacrifique a sua virtude por nossa causa. Merece mais do que suportar um destino pior que a morte às mãos de um patife qualquer.

– Não reparaste no modo como ela olhava para ele – disse George, zangado. – Era como se lhe agradasse o tipo de morte que essas mãos pudessem trazer.

– Para ti é fácil dizer. Não és uma mulher.

– Nem tu – recordou-lhe ele.

Lottie descansou o queixo na mão.

– Se a Laura se casar antes do seu vigésimo primeiro aniversário, herda a mansão.

– Parece que é essa a questão no meio de toda esta loucura – concordou George, desconfiado da expressão calculista da irmã.

– Mas não há nada no testamento de Lady Eleanor que diga que ela tem de *ficar* casada.

– Sabes tão bem como eu que a Laura nunca sobreviveria à desgraça de um divórcio.

– Quem falou em divórcio? – Lottie acariciou a bola de pelo cinzento que tinha no colo. – Nos romances de Miss Radcliffe, o vilão que procura comprometer a virtude da heroína sofre sempre uma morte prematura antes de conseguir os seus intentos.

Levando as mãos às ancas, George olhou-a.

– Ora, Carlotta Anne Fairleigh, não pensas assassinar o pobre diabo, pois não? Apesar do que lês nesses teus livros tolos, não podes andar por aí a matar pessoas só porque elas não gostam de gatos. Ou de ti.

– E porque não? – retorquiu Lottie. – Imagina as vantagens. Como viúva, a Laura ficaria com todos os benefícios do casamento e não sofreria quaisquer constrangimentos. E se o noivo dela sofresse esse acidente prematuro *depois* do casamento, mas *antes* da noite de núpcias, então nem sequer teria de suportar a vergonha de o deixar pôr as mãos nojentas em cima dela.

George não pôde deixar de se sentir influenciado por aquelas palavras. Dirigiu-se à porta do celeiro, na esperança de que a brisa varresse do seu espírito a névoa da raiva. As ruínas queimadas da reitoria, onde outrora haviam vivido com os pais, estavam guardadas num local distante da propriedade, mas, em dias quentes e ventosos como aquele, juraria que conseguia ainda sentir o cheiro acre do fumo e o gosto amargo das cinzas na língua.

– Se o pai e a mãe aqui estivessem, saberiam o que é melhor para a Laura – disse, voltando o rosto para o sol da manhã. – Saberiam o que é melhor para todos.

– Mas não estão. Só estamos nós.

George suspirou.

– Arranjámo-nos os três tão bem durante tanto tempo. Pensava que poderia ser assim para toda a vida.

– E pode – disse Lottie em voz baixa. – Se concordares em ajudar-me.

George fechou os olhos, mas não conseguia apagar a visão da irmã nos braços de um desconhecido. Por um longo momento, até o vento pareceu sustentar a respiração à espera de uma resposta.

Quando por fim se voltou para as sombras do celeiro, os seus lábios esboçavam um sorriso triste.

– O preto sempre ficou muito bem à Laura.

Os dentes de Lottie brilharam lá de cima do palheiro.

– É exatamente essa a minha opinião.

[2](#) Casa de trabalho (*workhouse*): lugar onde as pessoas pobres, incluindo as crianças, que não tinham com que subsistir iam viver e trabalhar. Este sistema teve início no século XVII e era quase exclusivamente inglês. (*N. da T.*)

Capítulo 6

Sempre foste um perfeito anjo...

Nicholas Radcliffe tinha mau humor

Descobriu-o na tarde seguinte, à hora do chá, quando a porta do quarto se abriu pelo que lhe pareceu ser a centésima vez naquele dia infindável, para deixar ver mais uma pessoa que não era a sua noiva.

Parecia que a esquiva Miss Fairleigh decidira deixá-lo abandonado à atenção de quem por acaso passasse pela sua porta a uma determinada hora. Até Dower lhe tinha feito uma breve visita nessa manhã, cheirando a carneiros e luzidio como uma máscara mortuária. Fora ali informar Nicholas de que ia a Londres a uma feira de gado. Amarrotara o chapéu de aba larga nas mãos e resmungara um curto pedido de desculpas por quase o ter empalado com a forquilha. Olhou-o sempre fixamente com os seus olhos negros, dando a Nicholas a impressão de que lhe estava a tirar as medidas para o caixão.

O irmão de Laura aparecera a seguir, com má cara, levando um tabuleiro de arenques e ovos. Quando Nicholas lhe perguntou pelo paradeiro da irmã, George murmurou uma resposta evasiva e desapareceu do quarto.

Quando a porta voltou a abrir-se algum tempo depois, Nicholas estava sentado na cama, ansioso, ignorando as persistentes tonturas. Tinha mil perguntas a fazer, às quais apenas Laura saberia responder. Mas, para seu desapontamento, a touca branca às três pancadas sobre os caracóis grisalhos pertencia a Cookie. Retirara a bacia, o sabonete, os panos e a navalha das mãos ásperas da criada e insistira em tomar banho sozinho e fazer ele próprio a barba, sem vontade de repetir o que se passara no dia anterior.

Quando ela se preparava para sair, Nicholas não resistiu a piscar-lhe o olho inocentemente enquanto lhe dizia.

– Não precisa de se ir embora tão depressa, Cookie. Duvido que tenha alguma coisa aqui debaixo que uma mulher como a senhora não tenha já visto uma centena de vezes. – Erguendo a sobrancelha com ar de troça, espreitou para debaixo do cobertor. – Ou pelo menos uma vez.

Cookie ficara escarlate e depois tapou um risinho maroto com o avental.

– Ora, ora, o senhor é um cavalheiro muito brincalhão.

– Não é o que me diz a sua senhora – murmurou depois de Cookie sair, transformando o sorriso numa expressão preocupada. A gatinha amarela aninhada na curva do seu joelho lançou-lhe um olhar interrogativo. Apesar dos esforços repetidos para afastar o incómodo animal, a gatinha recusava deixá-lo por mais de dois minutos de cada vez.

À medida que as horas se alongavam e a sua paciência diminuía, começou a sentir-se mais prisioneiro que doente. Se tivesse as calças, poderia pelo menos levantar-se e andar pelo quarto. O latejar da cabeça transformara-se numa dor monótona, aborrecida, mas suportável.

Um pouco antes da hora do chá, exatamente quando conseguira cair num sono inquieto, a porta começou de novo a abrir-se. Como Laura não se materializou, o seu primeiro instinto foi lançar uma coisa que se partisse nessa direção. De onde estava via apenas uma massa de caracóis loiros apanhados por uma fita cor-de-rosa torcida. Parecia que a visitante entrava de gatas no quarto.

Uma pequena mão de dedos gorduchos e unhas cortadas rastejava ao lado da cama e começava a apalpar-lhe perigosamente a roupa perto das ancas. Quando não conseguiu agarrar o que desejava, os caracóis começaram a levantar-se como uma fonte dourada. Quando Lottie Fairleigh espreitou pelo lado da cama, Nicholas semicerrou os olhos para a observar através das pestanas.

– Cá estás tu, animal malvado – sussurrou, estendendo a mão para o gato que dormia ao lado dele.

– Não me parece que seja uma maneira delicada de se dirigir ao homem com quem a sua irmã está prestes a casar – declarou Nicholas, erguendo-se apoiado no cotovelo.

Lottie caiu com o traseiro no tapete desbotado, a boca formando um rosado «o» de surpresa.

– Devo avisá-la de que, se começar a gritar, eu faço o mesmo, e depois voltaremos exatamente ao ponto de partida.

Ela fechou de imediato a boca.

– Pronto. Assim está melhor – disse ele. – Vê como é quase tolerável quando não grita como uma cabra?

– Gostaria de dizer o mesmo de si – retorquiu ela, fazendo-o sorrir mesmo sem querer. Levantou-se e sacudiu o tecido branco do saiote, com ar de dignidade ofendida. – Peço perdão por ter perturbado o seu descanso, senhor, mas vim buscar o meu gatinho.

– E pensar que julguei que me vinha sufocar com uma almofada.

Lottie ergueu a cabeça agitando os caracóis. Os seus olhos azuis pareciam tão culpados que ele quase se sentiu envergonhado de ter troçado dela. Mas Lottie recuperou rapidamente e logo esboçou um doce sorriso.

– Um método cruel mas muito eficaz de despachar um hóspede indesejado. Porém, prefiro o veneno. Há tantas variedades para escolher. Saiba que, só no antigo bosque de carvalhos, cataloguei dezassete espécies diferentes de cogumelos venenosos.

Nicholas sentou-se na cama, olhando de esguelha os restos do tabuleiro do almoço.

– Agora, se nos der licença – estendeu a mão para a gatinha.

O animal arranhou-a com as pequenas garras, até fazer sangue.

– Oh! O que foi que lhe fez? – Lottie chupou o nó do dedo, enquanto o gatinho encostava a cabeça ao peito nu de Nicholas, ronronando de prazer.

Passando a mão ao longo do pelo sedoso do gato, Nicholas encolheu os ombros.

– Apesar daquilo por que tanto anseia pensar, também tenho os meus encantos.

– Também Napoleão os tem. Ou pelo menos foi o que li. – Acenou altivamente com a mão como se tivesse sido ideia dela afastar o animal da sua companhia. – Se quiser, pode ficar com essa traidora. Há mais no sítio de onde essa veio. – Erguendo o nariz, Lottie dirigiu-se à porta, desejando obviamente sair com mais apurmo do que quando entrara.

– Carlota? – Quando ela se voltou sem hesitar, Nicholas percebeu que tinha adivinhado o nome dela. Observou-lhe o rostinho circunspecto, esperando uma centelha de reconhecimento. Mas, para ele, ela continuava tão desconhecida como o seu reflexo no espelho. – Apesar de termos ambos personalidades fortes, a sua irmã garantiu-me que gostávamos muito um do outro.

A criança enfrentou-o sem pestanejar.

– Então parece que gostamos mesmo.

Despediu-se com uma elegante reverência, deixando que Nicholas, exasperado, se atirasse para as almofadas.

À hora em que o brilho acobreado do luar lhe entrava pelo quarto, Nicholas começava a desejar a presença lamurienta de Lottie. Pensava não conseguir aguentar mais tempo confinado à cama como um débil inválido. Até a gatinha o tinha abandonado, saltando pela janela aberta para ir caçar grilos no telhado iluminado pelas estrelas.

Deitou-se de barriga para baixo, batendo na almofada. Talvez o estar confinado à cama não fosse tão cansativo se tivesse alguém com quem compartilhá-la. A sua imaginação não precisava de grande esforço para ver a bela cabeleira de Laura Fairleigh espalhada na sua almofada, para se ver a beijar cada sarda que lhe empoava as faces, enquanto a pressionava com o seu peso de encontro à suavidade do colchão de penas.

Aquele pensamento malicioso agradou-lhe, embora não se adequasse ao firme caráter moral que a noiva declarara que ele possuía.

Por fim a velha casa acomodou-se aos ritmos rangentes do sono, aumentando a sua inquietação. Sentou-se, atirando os cobertores e passando as pernas para fora da cama. Para sua surpresa, o quarto manteve-se firme, sem se inclinar ou girar conforme receava.

Foi então que viu o seu bilhete para a liberdade, cuidadosamente dobrado sobre a almofada de brocado da cadeira.

Um par de calças.

Alguém deveria ter entrado enquanto dormitava.

Abanando a cabeça para afastar os vestígios das vertigens, atravessou o quarto com passos confiantes e vestiu as calças, saboreando o tecido seu conhecido. Ficou encantado ao descobrir uma camisa dobrada com igual esmero nas costas da cadeira. Tocou no fino tecido, considerando-o uma extravagância para ser comprado com o salário de um mero soldado de infantaria. Ao enfiar a camisa pela cabeça, reparou que os vários rasgões tinham sido costurados com tal cuidado que quase eram indetetáveis. Talvez a camisa lhe tivesse sido dada por um oficial benevolente que não tivesse falta dela.

Uma vez completamente vestido, pôs as mãos na cintura e sentiu-se mais ele próprio.

Quem quer que fosse.

Nicholas passou os dedos pelo cabelo sujo, estremecendo quando os dedos tocaram no galo que tinha no alto da cabeça. Nesse interminável dia aprendera outra coisa acerca de si próprio. Não lhe agradava ser mantido refém dos caprichos de uma mulher. Laura não tinha o direito de o informar que era sua prometida, para logo o abandonar, deixando-o a assimilar essa horrível revelação.

Cada vez mais determinado, por se sentir mais forte, meteu-se pelo corredor escuro, incapaz de dizer se ia em busca da noiva ou de si próprio.

Laura passeava-se na sala como um fantasma encurralado. Nem se incomodara em acender um candeeiro ou uma vela, preferindo a escuridão manchada pelo luar para o seu passeio agitado. Receava faltarem poucos momentos para torcer as duas mãos como a heroína extenuada de um dos romances góticos tão apreciados por Lottie.

Uma coisa era imaginar partilhar a vida com um desconhecido à brilhante luz do dia, outra pensar em partilhar a cama com ele nas sombras da noite. Sonhava casar com um homem assim desde pequena, mas esses sonhos terminavam sempre com uma terna declaração de amor e um casto beijo, e não com um indivíduo do sexo masculino, não domesticado, metido na sua cama.

Um gemido de pânico saiu-lhe do peito. O seu prometido poderia ter perdido a memória, mas ela perdera certamente a cabeça ao ter elaborado um esquema tão tresloucado.

Passara o dia inteiro a evitar a companhia dele e a ensaiar a história que inventara para os dois. Não se atrevia a confessar uma palavra do assunto às páginas do seu diário, com medo de que ele mais tarde pudesse descobrir.

Podeis ter a certeza de que os vossos pecados vos encontrarão.

Fora uma das homilias favoritas do pai, e Laura quase conseguia ouvir-lhe a voz suave admoestando. Claro que o pai nunca teria julgado a sua inocente menina capaz de cometer um pecado mais grave do que esquecer-se de ler a sua epístola diária, ou roubar um torrão de açúcar do açucareiro

quando a mãe estava de costas voltadas. Provavelmente, nunca ocorrera aos pais que pudesse raptar um homem.

Laura baixou os ombros. Era demasiado tarde para confessar o que tinha feito e pedir-lhe perdão. Demasiado tarde para lhe bater na cabeça com um castiçal e levá-lo para o bosque onde o tinha encontrado. Agora pertencia-lhe. Para o bem e para o mal.

– Fomos apresentados por um primo – murmurou, voltando-se para a direita a fim de evitar tropeçar numa otomana. – Um primo em terceiro grau, ou seria em segundo? – Esfregou as têmporas doridas com a ponta dos dedos, pensando que deveria ter ficado na cama a ouvir Lottie ressonar.

A antiga secretária de pau-rosa erguia-se ao luar diante dela. Entre a desordem que a cobria encontrava-se, abandonada mas não esquecida, uma folha de papel amarrotada escrita pela fiel servidora de Sterling Harlow. Laura desprezava mais do que nunca o arrogante duque. Afinal, fora ele quem a tinha posto no caminho certo da destruição. Procurou uma caixa de fósforos dentro de um cubículo, acendeu um fósforo e chegou a chama à ponta da carta, sentindo-se invadida por uma onda de triunfo quando esta começou a encaracolar e a escurecer.

– Toma lá, diabo miserável – murmurou erguendo o papel. – Que ardas no inferno de onde nunca deverias ter saído.

– «Mas o céu não tem a raiva do amor transformado em ódio» – citou alguém atrás dela – «nem o inferno tem a fúria de uma mulher despeitada.»

Capítulo 7

*Embora deixasse que te afastassem de mim,
sempre te mantive junto do meu coração...*

Quando aquelas palavras suaves e profundas saíram das sombras, Laura deu meia volta receando irracionalmente ter invocado o próprio diabo com a sua blasfêmia. Não era o Príncipe das Trevas, mas sim o seu prometido que estava encostado à ombreira da porta, com as chamas refletidas nos olhos dourados, avisando-a de que poderia estar a brincar com alguma coisa mais poderosa do que o fogo.

Embrulhado apenas no edredão, parecera uma espécie de selvagem magnífico acabado de chegar das selvas de Madagáscar. Não parecia mais civilizado de calças e camisa. Sem casaco e gravata para envolver a sua vitalidade masculina, esta parecia sair dele em ondas imparáveis. O castanho dourado do seu cabelo, que usava ligeiramente mais comprido do que a moda atual, tocava-lhe os ombros largos, enquanto a camisa entreaberta lhe deixava o pescoço à vista. Laura olhou para baixo e depois desejou não o ter feito. A pele aderente das suas calças definia-lhe perfeitamente os músculos elegantemente esculpidos das canelas e das coxas. Não era um magricela que tivesse de usar serradura para almofadar as pernas.

Ou outra coisa qualquer.

O lume queimou-lhe as pontas dos dedos. Gritando, deixou cair os restos em chamas da carta e começou a pisá-los com os chinelos.

– Era a última conta do talhante – explicou ofegante, erguendo a bainha da camisa de dormir para evitar as fagulhas. – Conseguir ser intratável, se não recebe o dinheiro logo no primeiro dia do mês.

O noivo observou aquela dança pouco graciosa com grande interesse.

– Então diga-me, costuma mandar para o inferno todos os seus credores, ou só aqueles que insistem em receber?

Para evitar responder, Laura levou à boca os dedos queimados.

– Deixe-me ver a sua mão. – Enquanto atravessava a sala, as sombras velavam-lhe o rosto, fazendo-o parecer ainda mais ameaçador do que quando se encontrava nos aposentos de Lady Eleanor.

O coração de Laura estremeceu. E se Dower tivesse razão? E se ela tivesse trazido para casa um assassino ou um ladrão? E se ele não tivesse sido atacado por salteadores, mas fosse ele próprio um salteador? Certamente que qualquer salteador que se prezasse conseguiria imitar a elegância exterior de um cavalheiro. Talvez tivesse até descoberto o subterfúgio dela e estivesse ali para a estrangular.

Sem se aperceber, começou a afastar-se dele.

Ele deteve-se abruptamente.

– Se a menina é minha noiva, porque se comporta como se tivesse medo de mim? – Aproximou-se com uma expressão tão aflita que era como se tivesse sido ela que o tivesse ferido. – Alguma vez lhe fiz mal ou a levei a acreditar que o faria?

– Ainda não. – Encostou os ombros à prateleira da lareira, fazendo balançar uma jarra de porcelana. Ele passou o braço por trás dela para segurar a jarra, cortando-lhe ao mesmo tempo os meios de fuga. – Quero dizer, não.

Laura esqueceu-se dos dedos queimados quando ele lhe segurou o rosto, o polegar calejado acariciando-lhe suavemente a pele aveludada. Em vez de se afastar dessa carícia, Laura percebeu que desejava voltar-se para ele.

A voz dele, rouca, era hipnotizadora.

– Se eu fosse um daqueles homens brutos e violentos que levantam a mão para uma mulher, preferia que me tivesse deixado à mercê dos franceses. Teria sido um destino menos cruel.

Laura passou por baixo do braço dele, procurando abrigo junto ao assento da janela iluminado pelo luar. Sentou-se entre as almofadas, cruzando as mãos no colo.

– Não tenho medo de si – mentiu. – Só pensei que seria melhor evitar aparências indecorosas.

– Será um pouco tarde para se preocupar com isso, não é verdade? Se tivermos em conta que ainda não tivemos uma conversa completamente vestidos. – Os olhos dele cintilavam com humor malicioso. – Pelo menos que eu me lembre.

Laura olhou para as suas roupas. A modesta camisa de dormir com o peitilho tufado e gola alta de renda era menos reveladora do que o fora o vestido molhado. Estranhamente, era o cabelo solto em redor dos seus ombros que a fazia sentir-se mais exposta. Decerto apenas um marido a deveria ver em tal desalinho.

– Apesar do seu estado – disse ela –, certas delicadezas devem ainda ser mantidas.

O sorriso dele desapareceu.

– Foi por isso que se manteve afastada da minha cabeceira todo o dia? Para manter essas delicadezas?

– Sofreu uma terrível provação. Pensei que precisasse de descansar.

– Quanto descanso consegue um corpo aguentar? Segundo o que me disse, estive entre o consciente e o inconsciente durante... – Estendeu o braço por cima da prateleira da lareira e tamborilou com os dedos na superfície polida. – Durante quanto tempo, exatamente?

Enquanto ali estava, perfeitamente à vontade com o seu cabelo despenteado e os pés descalços, olhava-lhe com atenção o rosto. Em busca da verdade? Interrogava-se Laura. Ou de uma sugestão de mentira?

Fez um esforço para o olhar nos olhos.

– Dois oficiais seus comandantes deixaram-no à nossa porta há uma semana. Dada a natureza dos seus ferimentos, não tinham sequer a certeza de que recuperasse a consciência.

– Agora que a recuperei, suponho que terei de regressar ao meu antigo posto.

– Oh, não – respondeu ela apressadamente. – Como Napoleão abdicou e Luís voltou ao trono francês, garantiram-me que já não precisavam de si.

– Ora bem, pelo menos não vou ser enforcado como desertor. – Franziu o sobrolho. – E a minha família? Já foi informada do meu regresso?

Laura dedicou toda a sua atenção a compor a saia da camisa de dormir em pequenas pregas.

– Receio bem que nunca me tenha falado da sua família. Pensei que se tivesse afastado dela ainda antes de nos conhecermos. Pareceu-me mais do

que satisfeito em seguir o seu caminho neste mundo.

Uma sombra que nada tinha a ver com o luar passou-lhe brevemente pelo rosto.

– Que estranho – murmurou.

– Que se passa? – perguntou Laura, receando ter inadvertidamente dito qualquer coisa que lhe avivasse a memória.

Um sorriso melancólico surgiu-lhe ao canto dos lábios.

– É a primeira coisa que me diz que parece fazer sentido.

– Não termos pais é uma das coisas que temos em comum, sabe? A minha mãe e o meu pai morreram num incêndio quando eu tinha treze anos, e foi precisamente por isso que o meu querido primo Ebenezer pensou que nos entenderíamos. Foi ele que nos apresentou quando o trouxe cá há dois anos durante a licença do Natal. O meu muito querido primo Ebenezer Flockhart... meu primo em terceiro grau – acrescentou ao aperceber-se de como tudo aquilo parecia estranho.

– Recorde-me para que lhe agradeça da próxima vez que eu o vir.

– Receio que tal não seja possível. Pois ele... ele...

– Morreu na guerra? – sugeriu o noivo.

Laura sentira-se tentada a dar ao querido e imaginário Ebenezer uma morte nobre ao serviço do país e do rei, mas os farrapos da sua consciência prevaleceram.

– Partiu para a América. Sempre foi o seu sonho, e agora que a guerra terminou, ficou finalmente livre para o realizar.

– Talvez o possamos visitar, um dia. Como foi ele quem nos apresentou, tenho a certeza de que gostará muito de ver os rostos dos nossos filhos.

– Filhos? – repetiu Laura sem ser capaz de controlar o tom de voz. – Quantos filhos vamos ter?

Ele encolheu os ombros.

– Não sei dizer. Suponho que meia dúzia será suficiente. – Baixou a cabeça e lançou-lhe um olhar tímido, completamente oposto ao brilho malicioso do seu olhar. – Para começar.

Laura começava a sentir-se tonta. Em apenas dois dias, passara de um beijo inocente furtivo para ter de dar à luz meia dúzia de crianças.

Para começar.

Ele soltou uma gargalhada, sobressaltando-a.

– Não precisa de ficar tão pálida, minha querida. Estava só a brincar. Ou será que não me disse que eu tinha sentido de humor?

– Sabia que estava a brincar – garantiu-lhe com um soluço nervoso, a imitar o riso. – Sempre me disse que queria apenas dois filhos, um rapaz e uma rapariga.

– Mas que simpático da minha parte. – Sentou-se junto de Laura, no assento da janela, encolhendo as pernas compridas.

Laura afastou-se dele tanto quanto o permitia o semicírculo de confortáveis almofadas. Antes que ela caísse no chão, Nicholas tomou-lhe as mãos geladas nas suas mãos quentes.

– Estou um pouco baralhado com o seu comportamento, minha querida. Disse-me que tínhamos estado separados durante muito tempo, no entanto, não parece muito desejosa da nossa... *reaproximação*.

– Terá de desculpar a minha timidez, senhor meu noivo. Estamos prometidos há quase dois anos, mas, devido à sua carreira militar, as suas visitas foram sempre pouco frequentes. Grande parte do nosso namoro tem sido através de correspondência.

Ele puxou-a mais para si e uma emoção genuína substituiu o brilho trocista dos seus olhos.

– Tem as minhas cartas? Podem avivar-me a memória ou pelo menos oferecerem-me informação sobre o tipo de homem que sou.

Laura não tinha imaginado este pedido.

– Receio não as ter. Foram inutilizadas.

Ele libertou-lhe as mãos, claramente espantado com as palavras de Laura.

– Muito bem, pelo menos ninguém a pode acusar de sentimentalismo banal.

– Oh, não, não me entendeu bem! – Poisou-lhe a mão no braço sem dar por isso. – Adorei cada palavra que me escreveu. Dormi com as suas cartas debaixo da almofada... e foi por isso que a Cookie as meteu na lixívia no dia da barrela. Lamento muito.

– Também eu! – Encostando-se de novo às almofadas, passou a mão pelo cabelo e disse em tom frustrado.

– Porque será que me lembro de todos os cantos poeirentos desta casa, mas nem de um momento que cá passei?

– Não sei – respondeu Laura, ainda mais confusa do que ele.

– Enfurece-me não me recordar de nada a seu respeito. Ou a nosso respeito. – Inclinou-se de novo para a frente, espreitando-lhe o rosto. – Já nos beijámos?

Se não fosse pela seriedade do olhar dele, Laura poderia ter pensado que Nicholas estava mais uma vez a troçar dela. Desviou o rosto pensando que lhe mentia sem se perturbar, mas que a verdade a ruborizava.

– Uma vez.

Ele pegou-lhe no queixo e voltou-lhe suavemente o rosto para o seu.

– Que estranho. Iria jurar não ser homem para me contentar apenas com um beijo de lábios tão doces como os seus. – Laura sentiu um estremecimento malicioso de antecipação enquanto o polegar de Nicholas lhe acariciava ternamente a boca. – Não é preciso assustar-se, Laura. Não foi a menina que me garantiu que eu seria a última pessoa a comprometer a virtude da minha noiva? Posso garantir-lhe que não será nada de espantar que até os noivos mais respeitadores roubem um ou dois beijos à noiva antes do casamento.

Uma nuvem rápida escondeu subitamente a Lua. Todo o artifício entre ambos desapareceu, deixando os dois desconhecidos na escuridão. Laura tinha consciência do aroma limpo e fresco do rosto de Nicholas, acabado de barbear, do morno murmúrio da sua respiração junto à boca dela, no fragmento de tempo em que os lábios dele tocaram os seus.

Laura tinha beijado, mas nunca tinha *sido* beijada. A diferença era subtil, mas, mesmo assim, profunda. A princípio, Nicholas pareceu satisfeito em acariciar-lhe os lábios com a boca, como se saboreasse o seu volume acetinado. Mas antes de ela se aperceber, os seus lábios floresceram sob a tentadora pressão, abrindo-se o suficiente para o convidar a entrar. E ele não precisou de insistência.

Laura sentiu-se ofegante quando a doçura áspera da língua dele lhe invadiu a boca. Nicholas amparou-lhe a cabeça com a mão, inclinando a boca sobre a dela para aprofundar o beijo.

Laura enganara-se. Nicholas troçava dela. Não com respostas espirituosas ou gentil zombaria, mas com a muda promessa de delícias proibidas. Por muito ofensiva que fosse aquela intimidade, Laura não parecia capaz de impedir que a sua própria língua correspondesse, dançando e tocando a dele com uma tímida ousadia que a admirava. Ele mordiscava, provava,

acariciava, demorando-se em cada nova sensação como se tivesse toda a noite para se dedicar a dar prazer à boca dela.

O beijo que Laura lhe dera no bosque acordara-o de um breve sono. Aqui, na sala escura, era ele que a acordava de uma vida adormecida, fazendo com que o sangue do coração lhe chegasse às partes mais íntimas do corpo, onde se mantinha num latejar firme e insistente.

Quando pensava estar prestes a desmaiar do estonteante prazer de tudo aquilo, a boca dele abandonou-lhe os lábios. Rapidamente descobriu que essa boca era igualmente persuasora na curva do seu queixo, na sua garganta, na pele macia junto à sua orelha.

– Chame-me querido – murmurou ele, prendendo-lhe entre os dentes o lóbulo da orelha.

– Hum? – gemeu Laura enquanto a língua dele lhe invadia a concha da orelha.

– Chame-me querido. Não me chamou querido uma única vez hoje. Senti falta.

A cabeça de Laura pendeu para trás enquanto ele voltava aos seus lábios ávidos. Ela percorreu-lhe os cabelos com os dedos, procurando algo que a ligasse a um mundo que lhe fugia rapidamente debaixo dos pés.

– Oh... querido – suspirou.

A capitulação valeu-lhe um outro beijo, ainda mais doce e profundo do que o último.

Mas Nicholas não se satisfazia facilmente.

– Chame-me pelo meu nome – insistiu.

Laura sentiu um vazio aflitivo. Estava tão perturbada que nem conseguia recordar o próprio nome, muito menos aquele que lhe tinha dado.

– Hum... oh, Nicholas.

– Outra vez – murmurou ele junto aos lábios dela.

– Nicholas... Nicholas... Nicholas... – Tornara-se um cântico ofegante entre cada beijo. Se aquilo não era um momento de grande paixão, Laura não sabia o que seria. – Oh, Nicky...

Os seus gemidos roucos de submissão quase foram a desgraça de Nicholas. Se Laura já não dissesse mentiras, ele faria dela mentirosa. Estava prestes a provar que era precisamente o tipo de homem que comprometeria a virtude da noiva, o tipo de homem que a puxaria para o colo e a faria

esquecer os seus protestos virginais com beijos profundos e embriagadores e promessas que não tinha intenção de cumprir.

Mas dessa vez ver-se-ia obrigado a cumprir a promessa para toda a vida.

Quando se apercebeu disso, fez o impossível: deixou de a beijar.

Tomara-a nos braços e segurava-a pela cintura com o polegar perto do tentador vulto do seio dela. O coração de Laura batia acelerado num eco do seu. Quando se apercebeu de que ele já não a beijava, pestanejou e olhou para ele.

Tinha os olhos húmidos, os lábios rosados ainda cheios e cintilantes dos beijos dele. Soubera-lhe a paixão e a inocência, uma mistura embriagadora que ele jurava nunca ter provado antes.

– Também aconteceu isto da primeira vez que nos beijámos?

O tom acusador na voz de Nicholas pareceu tirá-la do devaneio. Laura ficou hirta nos braços dele.

– Devo dizer-lhe que não, senhor meu noivo. O senhor foi um modelo de contenção.

– Talvez tenha perdido os meus escrúpulos ao mesmo tempo que perdi a memória. – Afastou-lhe do rosto o cabelo em desalinho, surpreendido ao reparar que lhe tremiam as mãos. – Porque não se vai deitar antes que perca uma coisa ainda mais valiosa?

As palavras dele poderiam ter sido uma súplica, mas ela decidiu tomá-las como um aviso. Afastou-se dos braços dele com toda a gravidade.

– Muito bem, senhor meu noivo. Passe uma boa noite.

Manteve a dignidade até estar afastada das vistas dele. Depois correu pelas escadas acima como se o diabo viesse atrás de si. Talvez viesse.

Nicholas passou a mão pelo queixo.

Tencionara cortejar a sua prometida com beijos castos e palavras bonitas, e não apoderar-se dela quase diante da família. Esse pensamento levou-lhe ao espírito a imagem de Laura, reclinada nas almofadas, a saia da camisa de dormir pregueada até à cintura, enquanto ele sufocava com beijos os seus suspiros de prazer.

– Que raio! – praguejou, pondo-se de pé.

Não poderia negar que a sua reação ao toque inocente dos lábios de Laura fora feroz, primitiva, possessiva. Segundo ela, tinham estado separados quase um ano. Não teria beijado uma mulher durante todo esse tempo? Foi invadido por um estranho pensamento. Ali estava ele, obcecado pela

fidelidade dela, quando não tinha maneira de saber se ele próprio fora fiel durante o tempo que haviam estado separados. Talvez, como tantos outros soldados antes dele, tivesse procurado o conforto mais básico nos braços de uma sensual vivandeira, enquanto sonhava com a mulher com quem ia casar.

Abanou a cabeça, ainda encantado com a paixão inflamada que surgira entre eles. O beijo provara-lhe ainda que, verdadeiramente, Laura lhe pertencia. Disso já não tinha a mínima dúvida.

Estava prestes a procurar o frio e solitário conforto da sua cama, quando se recordou dos restos do papel que vira Laura queimar. Ajoelhou-se e procurou por entre as cinzas.

Os seus dedos encontraram um bocado de lacre derretido – ainda morno, suave e maleável ao toque, como Laura o fora. Endireitou-se, achatando o lacre entre o indicador e o polegar. Podia não se recordar de nada da sua vida anterior ao dia de ontem, mas sabia que os carneiros da aldeia raramente ou nunca selavam as suas contas com lacre assim tão caro.

Capítulo 8

Todas as noites rezo por ti

Quando Nicholas acordou na manhã seguinte, o ruído dentro da cabeça voltara-lhe como que por vingança. Gemendo, puxou a almofada para cima da cabeça, tentando abafar o que parecia ser um toque de sinos, para que este se tornasse suportável.

Foi então que se apercebeu de que o ruído não vinha de dentro de si, mas de fora da janela. Apanhando as calças, que pendurara aos pés da cama, vestiu-as e dirigiu-se à janela.

Abriu-a e debruçou-se sobre o telhado de empenas, enchendo os pulmões com o ar fresco e puro. A noite deixara um manto de orvalho sobre a erva que cintilava sob a carícia do sol da manhã. E os sinos continuavam a tocar, ecoando pelos prados e pelas colinas ondulantes num carrilhão harmónico, nostálgico e encantador. Era o tipo de melodia que forçava um homem a engolir o nó que sentia na garganta, o tipo de melodia que podia chamar um homem para o lar.

Se ele o tivesse.

Nicholas fechou a janela suave mas firmemente, porém, nem trancando-a nem correndo as cortinas poderia silenciar aqueles irresistíveis acordes.

Quando a porta se abriu atrás de si, voltou-se, satisfeito por ter vestido as calças.

– Ninguém bate à porta nesta casa infernal?

Mesmo com os braços cheios de roupa, Laura conseguiu fazer-lhe uma vénia trocista e um sorriso alegre.

– E um muito bom dia também para si, senhor meu noivo.

A noiva estava muito atraente com um vestido de musselina branca salpicada de raminhos de flores azuis. Uma faixa azul a condizer apanhava

o tecido por baixo dos seios altos e redondos. A bainha recortada revelava-lhe os tornozelos bonitos envolvidos em meias brancas e um par de sapatinhos de seda. Tinha na cabeça uma touca enfeitada com uma roseta de fitas e apertada por baixo do queixo por um divertido laço. Só lhe faltava um carneirinho com uma fita para poder ter servido de modelo de uma pastora pintada por um dos grandes mestres.

Nicholas zangou-se. Depois da noite anterior, não tinha intenções de que ela fizesse dele um cordeiro. Principalmente um cordeiro para o sacrifício.

Laura poisou o monte de roupa no banquinho do toucador.

– Trouxe-lhe umas roupas para ir à igreja. A Cookie encontrou-as no sótão. Podem estar um pouco antiquadas, mas duvido que alguém aqui em Arden repare nisso.

Ele cruzou os braços, com um ar ainda mais ameaçador.

– Por que razão preciso de roupas para ir à igreja? Não nos vamos casar esta manhã, pois não?

Ela riu-se.

– Tenho de lhe dizer que não.

– Então porque é que vamos à igreja?

– Porque é domingo de manhã.

Ele continuou a olhá-la sem perceber.

– E vamos *sempre* à igreja ao domingo de manhã.

– Ah, sim?

– Bem, pelo menos eu vou, e daquilo que me apercebi segundo as suas cartas, o senhor meu noivo tenta não faltar a um único serviço religioso. – Os olhos dela brilhavam de admiração. – É extremamente devoto.

Nicholas coçou o pescoço mal barbeado.

– Pois diabos me levem. Quem diria que eu e o Todo-Poderoso estávamos de boas relações? – Lançou-lhe um olhar de desafio. – Fique já a saber que não faço tenções de implorar o Seu perdão por tê-la beijado ontem à noite. Não estou mesmo nada arrependido.

Embora tenha ficado ruborizada, Laura encheu-se de coragem e olhou-o nos olhos.

– Talvez não devamos pedir perdão, mas rezar para nos contermos.

– E talvez esteja a ser demasiado cautelosa. Um beijo pode ser uma inocente expressão de afeto, não concorda?

Laura podia ser pouco versada nas artes amorosas, mas não tanto que acreditasse haver inocência nos beijos que tinham trocado.

– *Creio* que sim, que pode ser – concordou, relutante.

– E não foi a menina quem me garantiu ser eu um modelo de contenção da primeira vez que nos beijámos.

Laura receara que aquelas palavras viessem assombrá-la. Lamentava já a decisão de lhe mentir mais do que o necessário.

– Houve uma coisa acerca desse beijo que eu não lhe contei.

Nicholas esperou em silêncio.

Ela respirou fundo.

– Nesse momento, o senhor meu noivo estava inconsciente.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Foi logo a seguir a ter regressado para nós, e creio que tentava convencer-me a mim própria de que não estava ferido, mas a dormir. Parecia tão trágico e vulnerável, ali deitado... como o príncipe de um conto de fadas a quem tivessem lançado uma terrível maldição. Sei que foi uma criancice, mas, honestamente, pensei que, se o beijasse, poderia arrancá-lo a esse sono profundo.

– Ora essa, Miss Fairleigh! Estou indignado! Não acredito que um modelo de decoro como a menina se aproveitasse de um homem indefeso para atrair sobre si as atenções.

Sem pensar, Laura atravessou o quarto, chegou junto dele e poisou-lhe a mão no braço.

– Por favor, não pense mal de mim! Nunca antes tinha feito uma coisa tão feia. Não sei o que me deu. Eu...

Laura deixou de protestar ao ver que ele ria alto e que a covinha da face o fazia parecer mais da idade de George do que da que realmente tinha.

Afastou-se dele, empertigada.

– Não é preciso troçar de mim, senhor. Foi apenas um lapso do meu bom senso e do meu carácter moral. Garanto-lhe que não voltará a acontecer.

As gargalhadas de Nicholas transformaram-se num riso afetuoso.

– Isso é que é pena.

Ela fungou, altiva.

– Dada a falta de gravidade com que vê o nosso noivado, percebo que tem de ser da minha responsabilidade assegurar-me de que os nossos lábios não voltem a encontrar-se antes de subirmos ao altar de Saint Michael para

pronunciarmos os nossos votos. Até esse dia, terei de me assegurar de que nunca ficaremos a sós.

– Agora estamos a sós – declarou ele, ainda com um sorriso a brincar-lhe nos lábios.

Laura olhou em redor do quarto sombrio, consciente da confortável cama de dossel com as roupas em desalinho ainda com a marca do corpo dele, enorme e quente.

– Pois creio que sim. Mas não se atreveria a beijar-me com a Lottie ali no corredor e a Cookie lá em baixo.

Nicholas ergueu uma sobrancelha loira.

– Ah, não?

Quando ele lhe passou as mãos sob os cotovelos e a atraiu para os seus braços, apercebeu-se de que pedia a Deus que a ajudasse, porque quase desejava que o fizesse.

Mas ele olhou-a no rosto e o brilho abandonou o seu olhar deixando-o estranhamente sombrio.

– Fui sempre bom para si, Laura? Respeitei os seus sentimentos? Fi-la feliz?

Ela soltou um suspiro entrecortado, sentindo que aquela intensidade a desarmava ainda mais do que o seu encanto.

– Sempre foi muito delicado, Nicholas. Escreveu-me sempre todas as semanas, e duas vezes na semana do meu aniversário. Como não estava aqui para me trazer flores, desenhava pequenos ramos nas margens das suas cartas. Quando vinha de visita, trazia sempre um pequeno presente para a Lottie e o George.

À medida que as mentiras lhe saíam dos lábios em catadupa, Laura apercebia-se de que descrevia o homem dos seus sonhos. Um sonho de carne e osso diante dos seus olhos.

– Nas suas cartas falava-me sempre do quão felizes seremos quando nos casarmos. De que todas as manhãs vamos beber chocolate na cama e dar longos passeios ao pôr do Sol. À noite juntar-nos-emos na sala com o resto da família para jogar às cartas e cantar em volta do piano. Vai ler-nos diante da lareira até termos sono – baixou os olhos, invadida por um súbito pejo. – Depois retirar-nos-emos para o nosso quarto.

Os olhos de Nicholas pareciam sombrios, como se a imagem idílica lhe fosse dolorosa.

– E nunca lhe dei razões para lamentar ter-se comprometido comigo?

Laura abanou a cabeça.

– Não, nunca.

Aproximando-a de si, Nicholas inclinou-se e tocou com os seus lábios nos dela. A doçura do beijo apanhou-a desprevenida. Mas antes que Laura se lhe rendesse completamente, ele afastou-a com uma expressão incompreensível.

– Então só peço para que eu também não o lamente.

Enquanto Nicholas se dirigia ao banco reservado à família, atrás de Laura e dos irmãos, pensava que toda a população de Arden deveria ter nascido cega para não reparar em como ele estava fora de moda. Apesar de nada se lembrar da sua vida anterior, estava razoavelmente certo de nunca se ter sentido tão ridículo. As calças pelo joelho seriam humilhação suficiente, mas Laura compusera a sua infelicidade oferecendo-lhe meias de seda caneladas, sapatos de fivela, um colete bordado e uma casaca escarlate com botões de metal brilhante. Estaria perfeitamente à vontade em qualquer salão... da geração anterior. Se tivesse uma cabeleira empoada para completar o conjunto, poderia concorrer ao posto de lacaios do rei.

Franziu o nariz, confortado pelo facto de a velha igreja de pedra cheirar um pouco mais a mofo do que a sua pessoa.

George deixou-se ficar para trás, afastando-se da família tanto quanto o estreito banco o permitia. Lottie empoleirou-se do outro lado de Laura, a inocência angelical da sua expressão estragada pelo facto de o seu saquinho se contorcer e tentar constantemente saltar-lhe do colo.

Nicholas lançou um olhar ao perfil sereno de Laura. Parecia alheada do desconforto dele e da pressão morna da sua coxa contra a dela. As suas mãos calçadas em luvas brancas seguravam com modéstia o livro de orações, o rosto inclinado atentamente em direcção ao púlpito de mogno situado no coro de onde o reitor se dignava lançar a sua bênção. Quando os primeiros acordes do hino «Vinde, ó fonte de todas as bênçãos» inundaram a nave, tocou-lhe com o cotovelo para indicar que se deveria levantar. A voz dela não era de soprano, como esperava ouvir, mas um contralto rouco que o arrepiava de desejo. Lançou um pesaroso olhar aos céus, quase esperando

que o Senhor o fulminasse com um raio por se dedicar a pensamentos lascivos na Sua casa.

Quando se levantaram, deu-se conta de uma estranha comichão na base da nuca. Bateu no colarinho, receando que uma infeliz traça ali se tivesse alojado, mas a comichão persistiu. Olhando para trás, descobriu um homem com uma única sobrancelha hirsuta sobre os olhos, lançando-lhe olhares assassinos. Ao voltar-se, viu que outro também o olhava do outro lado da nave. Era um homem com o rosto marcado pelas bexigas e com ar de precisar de um bom banho. Este aguentou o olhar calmo de Nicholas menos de um minuto e baixou timidamente os olhos.

Admirado, Nicholas voltou a sua atenção para o altar. Talvez por estar ridiculamente vestido estivesse demasiado sensível, interpretando erradamente como hostilidade aquilo que não passava de curiosidade.

Quando a congregação se sentou, o reitor, de cabelo branco, lançou-se num sermão tão soporífero que Nicholas receou voltar a cair no seu antigo estupor.

Começava a dormir quando a voz aguda do reitor o sobressaltou, despertando-o de repente.

– É meu privilégio publicar os proclamas do casamento de Mister Nicholas Radcliffe e de Miss Laura Jane Fairleigh. Se alguém souber de causa ou impedimento para que estas duas pessoas sejam unidas pelo matrimónio, que o declare. É a primeira proclamação.

Nicholas não foi o primeiro apanhado de surpresa pelas palavras do reitor. Em vez do silêncio ansioso que geralmente se seguia à leitura dos proclamas, um inegável sussurro. Nicholas olhou disfarçadamente primeiro à esquerda, depois à direita. Vários homens o olhavam, sem tentarem sequer esconder o seu ressentimento.

Nicholas gostaria de saber se algum deles seria suficientemente educado para ter escrito a nota que a noiva queimara e eloquente o bastante para lhe provocar sentimentos tão arrebatados.

Laura continuava a olhar em frente, com as faces ruborizadas. Tinha o corpo rígido desprovido da suavidade que oferecera aos braços de Nicholas na noite anterior.

Quando o reitor deu início ao ofertório, Nicholas tomou-lhe a mão enluvada e murmurou:

– Podia ter-me dito que isto ia acontecer.

Ela franziu o nariz na nervosa tentativa de um sorriso e sussurrou a resposta.

– É apenas a primeira proclamação. Ainda tem dois domingos para declarar a sua oposição à nossa união.

Ele passou-lhe o polegar pelos nós dos dedos numa carícia possessiva.

– Porque haveria eu de fazer isso, se é óbvio que sou a inveja de todos os homens da aldeia? Dos olhares que me lançam, parece-me que a minha não foi a única proposta que recebeu.

– Mas foi a única que aceitei – recordou-lho Laura.

– Então, o nosso noivado era secreto ou os outros pretendentes também perderam a memória?

– Chiu – disse ela, retirando a mão de entre as dele. – Chegou a altura de pedirmos perdão a Deus pelas nossas transgressões.

Quando se levantaram ao mesmo tempo que toda a congregação, ele inclinou-se para ela, falando-lhe num murmúrio rouco.

– E que pecado poderá uma menina tão inocente ter para confessar?

Lá estava outra vez a centelha de medo nos olhos que não deveriam sequer conhecer uma sombra de aflição.

– Talvez se tenha também esquecido das Escrituras, senhor meu noivo. Não há ninguém entre nós livre de pecado. Ninguém mesmo. – Quando Laura se ajoelhou, a aba curva da sua touca ocultou-lhe o rosto.

Nicholas ficou a olhar para o pescoço alvo e macio durante longo tempo, antes de se ajoelhar desajeitadamente ao lado dela. Teria jurado não ser um homem habituado a ajoelhar-se diante de outros – nem sequer de Deus. Mesmo assim, fechou os olhos para fingir que rezava. As palavras, que pareciam chegar tão naturalmente aos suaves e rosados lábios de Laura, negavam-se a chegar aos seus, bem como a convicção de que alguém lá em cima o pudesse ouvir.

– Fazem um lindo par, não é verdade? – resmungou George, enxotando uma borboleta do rosto.

– Não creio que estejam bem um para o outro. – A muito custo, Lottie retirou o nariz do muito usado exemplar de *O Monge Assassino* que escondera dentro do livro de orações.

– É demasiado alto e desagradável para ela.

Os irmãos detiveram-se nos degraus da igreja de Saint Michael, assistindo com ar sorumbático à multidão que rodeava Laura e Nicholas no soalheiro adro da igreja para lhes apresentar os desejos de felicidades. Embora os homens que outrora haviam cortejado Laura se afastassem, os outros aldeãos aproximaram-se para gozar a emoção das futuras núpcias e a novidade de terem entre eles um desconhecido. Era bem patente o encanto de que Nicholas se gabara a Lottie, agora que aceitava as palmadas amigáveis dos homens casados e os sorrisos adultores das suas esposas. Até a azeda viúva Witherspoon se viu reduzida a uma menina dengosa quando ele levou aos lábios a sua mão ossuda.

– Pediste perdão a Deus pelo assassínio que estavas a pensar cometer? – perguntou George.

Lottie fechou o livro com força.

– Prefiro não pensar nisso como assassínio, mas como uma atribuição muito oportuna.

– Uma atribuição é perder os óculos ou esquecer-se de abotoar as botas, não cair morto depois do casamento. Já pensaste bem como vais levar a cabo esse feito ignóbil? – George viu Laura lançar a Nicholas um sorriso radiante. – Estava à espera de ter o prazer de lhe esfregar o bolo de noiva na cara e de o sufocar.

Lottie abanou a cabeça, acariciando a cabecinha peluda e de bigodes que surgira de dentro da bolsinha.

– Demasiado óbvio, creio eu. Em *O Castelo de Otranto* de Mister Walpole, Conrad morre esmagado por um gigantesco capacete emplumado. Mas, por mim, prefiro o veneno.

– Ainda bem, porque duvido que haja muitos capacetes emplumados gigantes a voar aqui pela freguesia.

– Claro, não pus completamente de parte um tiro acidental ou o afogamento. Penso levar a cabo várias experiências nas próximas duas semanas para descobrir qual o método mais plausível de nos vermos livres de um noivo indesejável.

– E que farás tu se nenhuma dessas experiências conseguir os resultados que esperas?

George seguiu o olhar de Lottie, que inclinava a cabeça para o céu. Havia um anjo de pedra colocado no parapeito da torre do sino. A lenda dizia que a missão do anjo era afastar os espíritos maléficos que por ali andassem. As

faces gorduchas e o nariz arrebitado tinham alguma semelhança com a própria Lottie.

Esta soltou um suspiro sonhador.

– Teremos apenas de olhar para o céu e pedir a inspiração divina.

Laura interrogava-se se seria um sacrilégio estar no adro da igreja e sonhar com os beijos de um homem. Embora conseguisse sorrir, acenar e apertar as mãos dos aldeãos que se reuniam em seu redor para a felicitar, pensava apenas na sala iluminada pelo luar e nos beijos embriagadores de um desconhecido.

E o desconhecido estava mesmo ali ao lado, tocando-lhe ao de leve com o cotovelo e fazendo-a estremecer com a sua presença. Embora fingisse estar atenta ao sermão, fora impossível manter-se concentrada nas palavras do reitor com Nicholas junto a si. Enquanto o reitor pregara sobre as virtudes do autodomínio, ela revivera os deliciosos momentos em que quase perdera o seu.

Betsy Bogworth, a filha do curtidor, cujos dentes salientes e a tendência para franzir o nariz a faziam parecer um enorme coelho, puxou pela manga de Laura.

– Que vergonha ter guardado segredo! Porque não nos disse que estava noiva, sua tola?

– De facto, foi ideia de Mister Radcliffe mantermos o nosso noivado em privado até ele ficar livre das suas obrigações militares – replicou Laura.

– Foi? – A expressão inocente dos olhos de Nicholas contrariava a malícia que lhe brilhava nos olhos.

O sorriso de Laura petrificou-se.

– Claro que foi, meu querido.

Alice, irmã de Betsy, uma menina pálida, apertou as mãos por baixo do queixo.

– Um noivado secreto! Que emocionante! Que romântico! Como deve ter desejado este regresso!

– Oh, claro que sim. – Laura lançou um olhar a Nicholas e deteve-se nos lábios dele. – Beije-o tanto.

Alice ergueu as sobrancelhas cor de linho. Um súbito silêncio invadiu a multidão enquanto Nicholas aclarava a garganta e raspava o chão com a

biqueira do sapato.

Laura sentiu-se corar.

– Isto é: desejei-o tanto.

Betsy voltou-se para Nicholas, franzindo o nariz.

– Todos os homens elegíveis de Arden tentaram conquistar o coração de Laura em várias ocasiões, mas não conseguiram. Como foi que obteve este êxito se nunca o vimos visitar o solar para a cortejar?

Embora não se atrevesse a olhar para Nicholas, Laura sentia sobre si o seu olhar expectante.

– No primeiro ano do nosso noivado, as suas visitas à mansão foram demasiado curtas e tão pouco frequentes que permitissem vindas à aldeia. E, no ano passado, o nosso namoro foi quase todo por correspondência. Foram as cartas dele que, de facto, conseguiram o meu afeto. Tem uma boca muito convincente. – Laura rangeu os dentes. – Isto é, as suas *palavras* são muito convincentes.

Acudiu-lhe a pessoa que menos esperava. Halford Tombob utilizava a bengala para abrir caminho por entre a multidão que desejava felicidades aos noivos. O velho recusava usar óculos, mas insistia em usar um enorme monóculo pendurado na botoeira do colete.

Ergueu-se um murmúrio na multidão quando ele levantou o monóculo e perscrutou o rosto de Nicholas parecendo um gafanhoto zarolho. Depois de um momento de embaraço, baixou-o e declarou com toda a convicção:

– Conheço esta cara.

Capítulo 9

Por vezes, gostaria de saber se te lembras de mim...

O coração de Laura quase deixou de bater, para logo continuar acelerado. O velho podia estar enganado. Tanto quanto lhe era dado saber, Halford Tombob não tinha saído de Arden desde que o rei Jorge II subira ao trono.

– Com todo o respeito, Mister Tombob – disse ela, poisando a mão enluvada no braço de Nicholas. – Mas isso é impossível. É a primeira visita que o meu noivo faz a esta aldeia.

A testa enrugada de Tombob franziu-se ainda mais.

– Tem a certeza? Mas que estranho. Iria jurar... – Abanou a cabeça branca e lanosa. – Devo estar enganado. O meu juízo e os meus olhos já não são o que eram. – E deu meia volta ainda a abanar a cabeça.

– Por favor, senhor. – Apesar do tom respeitoso, a ordem de Nicholas soou com uma autoridade impossível de contrariar. O velho voltou e viu que Nicholas lhe espreitava o rosto. – Pode dizer-me por que razão pensava que me conhecia?

Tombob plantou firmemente a ponta da bengala na erva.

– Fez-me lembrar um rapaz que conheci outrora. Não me lembro do nome, mas era uma alma boa e generosa. Não tinha qualquer malícia.

Nicholas esboçou lentamente um sorriso.

– Então, a senhora deve ter razão. Não posso ser esse rapaz.

Tombob e a multidão soltaram uma gargalhada ao ouvir a piada de Nicholas. Laura agarrou-lhe o braço, certa de que os seus nervos tinham sofrido abalos suficientes por um dia.

– Venha, Mister Radcliffe. Não nos podemos demorar mais. A Cookie está à nossa espera para o almoço.

Quando, algum tempo depois, a velha caleche entrou no caminho empedrado do solar, não era Cookie, mas sim Dower que os aguardava, acabado de chegar da sua expedição a Londres. Como o homem tinha apenas duas expressões – zangado e muito zangado –, era impossível dizer se trazia boas ou más notícias.

Antes que Nicholas lhe pudesse oferecer a mão para a ajudar a descer, Laura saltou da caleche, tão apressada que quase rasgava a bainha do vestido.

– Bem-vindo, Dower. Traz notícias daquele carneiro que queríamos comprar para os nossos rebanhos.

– Talvez – respondeu ele enigmaticamente.

– Temos passado muito bem sem outro carneiro. – George lançou a Nicholas um olhar mal-humorado. – Não percebo porque é que precisamos dele agora.

– A menos que o possamos assar num belo espeto – acrescentou docemente Lottie.

– Vem, Dower – disse Laura, sorrindo de dentes cerrados. – Como vamos falar de gado, provavelmente será melhor irmos para o celeiro.

Antes que as crianças pudessem aumentar as suspeitas de Nicholas, dirigiu-se ao celeiro, arrastando Dower atrás de si o mais depressa que as suas pernas arqueadas o permitiam. Mal acabou de fechar e trancar a porta do celeiro, voltou-se para ele.

– O que descobriste em Londres, Dower? Há notícia de algum cavalheiro que tenha desaparecido?

– Não me apresse, menina. Dê-me tempo para recuperar o fôlego.

Apesar da sua impaciência, Laura sabia que não valia a pena apressar Dower quando este não queria ser apressado. Cookie tentara uma vez que ele levasse a uns vizinhos uma tarte recheada acabada de fazer, mas esta só chegou três semanas depois com três fatias a menos e a massa já mole.

Esperou pois em silêncio enquanto ele pôs um pé sobre um balde voltado ao contrário, tirou um cachimbo do bolso, acendeu-o e puxou descansadamente uma fumaça. Quando ela começou a ter vontade de arrepiar os cabelos ou de se agarrar aos dele, Dower apertou os lábios, soprou uma nuvem de fumo e disse:

– Há um cavalheiro desaparecido, pois.

Laura deixou-se cair sobre um fardo de palha, sentindo as pernas fracas.

– Então é isso. Vamos todos para a cadeia.

Dower puxou outra fumaça do cachimbo.

– Desapareceu há menos de uma semana. Partiu para a jogatina, como era habitual, e ainda não voltou. A mulher anda a gritar aos quatro ventos que acabaram com ele.

– Oh! – Laura agarrou o estômago sentindo-se como se tivesse recebido um coice de uma das vacas. Parecia que Nicholas afinal não precisava de mulher. Já tinha uma.

Dower torceu os lábios num trejeito.

– Claro que há quem diga que ele se meteu num barco para ir para França com a amante.

Laura ergueu a cabeça.

– Tem mulher e uma amante?

Dower assentiu com ar de admiração e o fumo a sair-lhe das narinas.

– O homem é de força. Só Deus sabe o trabalho que me dá manter uma mulher satisfeita, quanto mais duas.

Recordando-se das palavras ternas que Nicholas lhe sussurrou ao ouvido e do delicioso calor da boca dele junto à sua pele, Laura não pode evitar o tom de amargura na sua voz.

– Tenho a certeza de que ele sabe o que fazer para manter uma mulher *feliz*. Os homens nascem com essas habilidades.

Levantou-se do fardo de palha e começou a caminhar por entre as divisórias do estábulo. Dificilmente conseguia condenar o caráter de Nicholas quando o seu era tão deficiente. Devia estar aflita de remorsos, e não de desgosto.

– Pobre mulher. Como deve sofrer sem saber o terrível destino que teve!

Dower acenou com a cabeça.

– Tenho de dizer que aqueles garotos aos gritos são mais uma provação que um consolo.

Laura deteve-se e voltou lentamente a cabeça para Dower.

– Garotos?

– Sim, são cinco. Cada um mais sujo e barulhento que o outro.

Laura puxou o fardo de palha para trás de si e sentou-se mais uma vez.

Dower tirou do bolso um pequeno cartaz amachucado e entregou-lho.

– Têm andado a entregar isto por todo o lado, na esperança de descobrirem o que lhe aconteceu.

Laura recebeu o cartaz das mãos de Dower, preparando-se para examinar o desenho feito por um artista que não fizesse justiça ao seu modelo. Certamente nem um mestre como Reynolds ou Gainsborough conseguiriam capturar a curva maliciosa do sorriso do seu noivo ou o modo como semicerrava os olhos à luz do Sol.

Alisou o cartaz sobre os joelhos e viu um par de olhos pequeninos que a olhavam de um rosto gorducho. Inclinou-se para ver melhor o desenho. As patilhas hirsutas mal disfarçavam as faces amplas. Tinha a testa coroada por uma cabeça de caracóis quase femininos de tão abundantes.

Laura recuou perante o desenho. Nem que o artista fosse cego, poderia ser tão inepto.

Pondo-se de pé num salto, atirou o cartaz a Dower.

– Não é ele! Não é o meu Nicholas!

Dower coçou a cabeça, parecendo verdadeiramente admirado.

– Nunca disse que era, pois não? A menina só perguntou por um cavalheiro desaparecido.

Laura nem sabia se havia de lhe dar um pontapé ou de o beijar. A solução de compromisso foi lançar-lhe os braços ao pescoço.

– És um velhote amoroso. O que é que eu faria sem ti?

– Calma, menina. Se eu quisesse que me sufocassem, ia ter com a minha mulher. – Livrando-se do abraço, Dower bateu com o fornilho do cachimbo no cartaz. – Seja como for, isto não prova que o seu cavalheiro não nos vai matar a todos na cama pela calada da noite.

Laura sentiu uma estranha centelha percorrer-lhe o corpo. Podia não saber o verdadeiro nome de Nicholas, mas sabia que, se ele fosse ter com ela à cama na calada da noite, não seria para a matar.

Porém, as palavras de Dower serviram para a chamar à terra. Tinha ficado tão encantada por o noivo não ser um marido mulherengo e pai de cinco garotos barulhentos que esquecera momentaneamente não ter a mínima pista da sua identidade.

– Tens toda a razão, Dower. Vais ter de regressar a Londres dentro de uns dias para fazer novas indagações. Se eu tenho de casar na quarta-feira antes do meu aniversário, não nos resta muito tempo.

Abriu as portas do celeiro de par em par inundando as sombras com a luz do Sol e ficou a olhar melancólica para a janela do quarto de Lady Eleanor, no primeiro andar.

– Não percebo porque é que ninguém sente a falta dele. Se fosse meu e o tivesse perdido, buscá-lo-ia noite e dia até o ter de novo em casa e em segurança.

– O seu primo desapareceu.

Havia onze anos que Diana Harlow esperava ouvir aquela voz. Sonhara com o momento em que o dono dela passasse pela porta do aposento que ocupasse nessa ocasião. Imaginara mil variações diferentes da sua reação, desde graciosas boas-vindas a uma recusa altiva ou a um seco desdém. Mas nunca sonhara que, quando chegasse o momento, se sentisse impotente para fazer o que quer que fosse senão continuar a olhar para o livro de contas diante de si, sobre a secretária, mesmo que as colunas e as linhas de números se turvassem numa confusão indecifrável.

– O seu primo desapareceu – repetiu o seu visitante não anunciado, enquanto atravessava o escritório e se detinha diante da secretária. – Tem ideia de onde possa estar?

Diana ergueu lentamente a cabeça e percebeu que olhava para os belos olhos verdes de Thane DeMille, marquês de Gillingham e amigo dedicado de Sterling. Embora o tempo e os excessos a que se permitia, e que eram de esperar em qualquer jovem rico, já lhe tivessem marcado as feições juvenis, o cabelo tinha ainda o mesmo tom castanho arruivado que ela recordava. Os ombros e as pernas já não eram tão magros, enchendo agora uma casaca cinzenta, um colete às riscas prateadas e cor de vinho e um par de calças cremes. Equilibrava um chapéu alto e uma bengala nas suas mãos elegantes.

Diana devolveu a atenção ao livro de contas, consciente da madeixa de cabelo que se soltara do seu carrapito e das manchas de tinta nos dedos.

– O meu primo nunca me deu satisfações quanto ao seu paradeiro. Já fez averiguações nos sítios que ele frequenta? Almack's? White's? Newmarket? – Molhou a caneta no tinteiro e começou a escrever outra linha de números. – Se não o encontrar nesses lugares, sugiro que experimente o salão das irmãs Wilson.

As irmãs Wilson eram famosas cortesãs cuja paixão por homens ricos e distintos só era ultrapassada pelas suas aptidões para lhes dar prazer.

Se Thane ficou escandalizado por ela saber o nome de tal estabelecimento e ainda por cima de o ter mencionado diante de uma pessoa do sexo oposto,

escondeu-o por detrás de um sorriso trocista.

– Acontece que falei com Miss Harriette Wilson ontem à noite. Não vê o Sterling desde que ele regressou de França.

A caneta de Diana deslizou transformando um zero num nove. Fechou lentamente o livro de contas e olhou para Thane por cima dos óculos.

– Sinceramente, duvido que haja razão para grande alarme. Como o senhor, o meu primo é um homem de vários interesses e pouca capacidade para tolerar o aborrecimento. Provavelmente, estará a saciar um dos seus muitos apetites.

Thane apertou os lábios.

– Sentir-me-ia inclinado a concordar se não fosse por isto.

Dirigiu-se à porta, meteu dois dedos na boca e soltou um assobio pouco próprio de um cavalheiro.

Os mastins de Sterling entraram no aposento com as enormes cabeças baixas e os olhos no chão. Poucas semelhanças apresentavam com os magníficos animais que tinham entrado no escritório atrás do dono uns dias antes. Vaguearam pelo aposento como que perdidos sem a voz de Sterling para os guiar. Nem mesmo o gatinho branco que dormia na lareira lhes despertou interesse.

– Aqui *Caliban*. Aqui *Cerberus* – ordenou Thane.

Os cães lançaram-lhe um olhar enfadado antes de se dirigirem à janela. Afastaram os reposteiros de brocado e apoiaram-se nas patas traseiras, encostando o focinho à janela enquanto olhavam para a rua envolta em nevoeiro.

– Não compreendo – disse Diana franzindo a testa.

Thane atirou-se para cima de um cadeirão de couro diante da secretária.

Diana tinha-se esquecido daquela sua característica. Thane nunca se sentava, esparramava-se.

– Têm andado desta maneira desde que o Sterling desapareceu.

Não querem comer. Não dormem. Passam metade da noite a ganir e a uivar. – Retirou com maus modos um pelo da lapela. – E andam a perder pelo, o que é abominável.

Diana não conseguiu esconder um sorriso.

– Talvez precisem de um criado competente, e não de um duque.

Thane inclinou-se para diante e fixou-a com um olhar penetrante.

– Alguma vez se apercebeu de que o Sterling tivesse ido onde quer que fosse sem estes dois animais a seu lado? Até os franceses lhes chamavam *chiens du diable*, os cães do diabo, e juravam que tinham sido enviados para acompanhar a alma dele se morresse no campo de batalha.

Ao refletir sobre aquelas palavras, Diana sentiu alguma apreensão. Mexeu num monte de papéis, para ocupar as mãos pouco firmes.

– Há quanto tempo desapareceu?

– Vai fazer uma semana. Quinta-feira de manhã, por volta das dez horas, um dos meus moços de estrebaria informou-me de que ele ia andar a cavalo para o Hyde Park. Foi a última vez que alguém o viu.

– Certamente não pensa que ele tenha sido vítima de algum tipo de crime?

– Por muito desagradável que isso possa ser, receio que se afigure como uma possibilidade.

Diana tentou combater o seu pânico cada vez mais forte. Apesar das constantes quezílias, adorava o seu malicioso primo, tanto como ele a adorava a ela. Podia fingir-se o diabo para o resto do mundo, mas, para Diana, seria sempre o anjo da guarda que suportara o choque do desagrado do seu pai, para que ela não tivesse de o suportar.

– Não haverá necessidade de temer o pior, não é verdade? – perguntou ela. – Pode ter sido vítima de um rapto.

– Pensei exatamente a mesma coisa. Mas não houve ameaças, nem pedidos de resgate. Além do mais, se alguém fosse suficientemente idiota para raptar o seu primo, acabariam por nos pagar para o devolver. Só aquela língua cáustica daria cabo da cabeça ao mais infame dos vilões.

Diana estava demasiado preocupada para se alegrar com o seu humor negro.

– Mas quem quereria causar mal ao Sterling? Ele tem inimigos?

Thane ergueu as sobrancelhas, fazendo-a aperceber-se de quão ridícula era a pergunta.

– Ora deixe-me pensar – disse ele, tamborilando com os dedos no braço da cadeira. – Há dois infelizes que foram feridos por ele em duelos recentes antes de conseguirem disparar um único tiro. E há Lorde Reginald Danfirth, antigo dono de uma encantadora propriedade no Derbyshire que agora pertence ao seu primo, graças a uma vitória sua numa partida de uíste. Oh, e quase me esquecia das frivolidades apaixonadas com a encantadora Lady

Elizabeth Hewitt. Em abono da verdade, Sterling só teve conhecimento de que a senhora era casada depois de terminarem a ligação. Mas receio que o marido não tenha apreciado a distinção. Teria desafiado o Sterling, se não tivesse sabido dos duelos anteriores e não receasse sofrer uma humilhação semelhante. Suspirando tristemente, Diana retirou os óculos e esfregou a cana do nariz.

– Haverá alguém em Londres que não lhe deseje mal?

– A menina e eu.

As palavras de Thane, pronunciadas em voz baixa, sobressaltaram-na. Durante onze anos, os dois tinham estado ligados apenas no espírito dos mais persistentes bisbilhoteiros que não haviam esquecido a noite em que o seu noivado fora irremediavelmente quebrado e o seu coração também. Olhando-o sem os óculos postos, sentiu que os seus olhos estavam tão desamparados como a suas recordações.

Colocou-os de novo com um movimento brusco e começou a escrever algumas notas numa folha de papel em branco.

– Então teremos ambos de o encontrar. Vou contratar um detetive, enquanto o senhor interroga todos os conhecidos do Sterling. Será melhor fazer discretamente essas inquirições, pelo menos até termos algumas pistas. Não queremos causar pânico. – Olhou para ele. – O plano é do seu agrado?

– Estou simplesmente lisonjeado que se preocupe em consultar-me. No passado não era seu hábito fazê-lo.

Embora aquele tom de desafio lhe causasse um rubor nas faces, recusou-se a participar num duelo de palavras que nunca conseguiria vencer.

– Se vamos trabalhar juntos a bem do Sterling, será melhor esquecermos o passado e concentrarmo-nos no futuro... no futuro *dele*, para ser exata.

– Como queira, minha senhora. – Thane levantou-se, pegando no chapéu.
– Virei visitá-la amanhã à tarde para podermos discutir os nossos progressos. – Quando se dirigiu à porta, um dos mastins soltou um ganido queixoso.

Diana fez uma careta enquanto o animal se babava sobre um dos preciosos tapetes turcos que herdara do pai.

– Não se está a esquecer de nada?

– Hã? Claro. – A expressão de Thane era completamente inocente quando voltou junto da cadeira para ir buscar a bengala e a meter debaixo do braço.

– Estava a falar dos cães – disse ela em tom gélido.

Lembrou-se então de como o sorriso trocista de Thane era irritante.

– Mas os cães agora são seus, minha senhora. Se pretender os serviços de um criado competente, aconselhar-lhe-ei um com todo o prazer. – Fazendo uma rápida vénia, deixou-a como a tinha encontrado.

Sozinha.

Capítulo 10

*Embora não o mereça,
Deus abençoou-me com uma nova família...*

Laura Fairleigh era uma mulher de palavra.

Nicholas nunca pensara lamentar essa virtude, mas, à medida que os dias passavam e ela cumpria a promessa de nunca mais ficar sozinha com ele, começava a desejar que ela sofresse novo retrocesso na sua determinação. Embora as dores de cabeça estivessem a desaparecer, tal como a contusão, pensava em simular uma recaída na esperança de que ela tentasse beijá-lo para o trazer à vida.

Tinha a certeza de que requisitara os outros para a ajudarem na sua missão. Se tinha a felicidade de entrar no salão e encontrá-la sozinha, mal teriam tempo para trocar as mais impessoais delicadezas e logo Cookie entrava atarefada, trazendo uma braçada de crepe branco para a aprovação da sua menina ou uma fornada de cobertura de amêndoa para o bolo de noiva que desejava que ambos provassem. Se se encontravam no patamar à porta dos quartos, Lottie materializava-se como um duende brincalhão, acenando com um conto ou um poema que acabara de escrever. E conseguia sempre encontrar Laura a beber chá à mesa da cozinha quando George entrava com uma braçada de lenha e um assobio alegre que fazia com que Nicholas desejasse torcer o pescoço ao rapaz.

Se aquilo se mantivesse, em breve se veria reduzido a passar pela noiva na escada tentando roubar o perfume do seu cabelo.

Laura nada fizera para lhe provocar suspeitas desde o dia em que se encontrara com Dower no celeiro. Como estava razoavelmente certo de que ela não o enganava com o velho, Nicholas quase conseguira convencer-se

de que possuía simplesmente uma natureza desconfiada e ciumenta, que seria melhor controlar.

Conseguiu fazê-lo até uma quinta-feira à tarde em que a viu sair a pé pelo caminho com um volumoso embrulho misterioso escondido debaixo da capa.

Dividido entre o instinto e a honra, Nicholas viu-a partir através da renda das cortinas do salão.

Dower saíra de manhã com os rebanhos e Cookie estava na cozinha, distraída com os seus afazeres, cantarolando baixinho. Lottie e George estavam no escritório, discutindo e jogando micado.

George acusava Lottie de, enquanto ele não estava a olhar, assoprar os pauzinhos para os juntar mais e ele não os conseguir mexer. Nicholas saiu então pela porta da mansão e foi atrás de Laura, estugando o passo para não deixar de ver a figura esguia e de touca da sua noiva, sem a ultrapassar. O dia estava nublado e soprava um vento de norte, parecendo mais outono do que verão.

Laura mantinha um passo rápido, o que não o surpreendeu. Nos últimos dias apercebera-se de que a sua noiva não era uma flor delicada e feminina que se contentasse em bordar e pintar a aguarela. Tanto a encontrava no cimo de uma escada pouco firme para limpar o pó aos frisos do teto, como a praticar uma nova peça no piano. Enquanto Cookie reinava na cozinha tendo o rolo da massa como cetro, Laura tratava das flores e da horta com um entusiasmo que muitas vezes a deixava com as faces coradas e uma encantadora mancha de terra na ponta do nariz.

Quase chegara aos limites da aldeia, quando descreveu uma curva abrupta em direção à igreja. Nicholas esperou, observando-lhe todos os movimentos atrás do tronco de um antigo carvalho. Embora se sentisse o maior dos canalhas, não conseguia voltar para trás. Então agora que poderia descobrir o segredo que lançava uma sombra de medo nos brilhantes olhos castanhos da sua noiva.

Esperava apenas não estar prestes a tornar realidade o pior dos seus terrores: ser suplantado por outro homem nos afetos de Laura. E, se assim fosse, teria ela a coragem de se encontrar com ele na igreja da aldeia?

Mas Laura não subiu os degraus de pedra, preferindo atravessar o portão do cemitério. Nicholas seguiu-a, mas hesitou à entrada. Apesar de Laura lhe

garantir ter ele uma natureza devota, não se sentia muito à vontade em solo sagrado.

Quando Laura desapareceu na colina coberta de erva, Nicholas entrou no cemitério. Uma rajada de vento frio agitou as folhas por cima das sepulturas num ruidoso frenesim. Algumas pedras tumulares encontravam-se em posições estranhas, de tão antigas que eram, e o vento, a chuva e o tempo apagara já as suas inscrições.

Encontrou Laura ajoelhada no outro lado do cemitério, entre duas pedras muito gastas. Deteve-se em silêncio, vendo-a revelar aquilo que escondia debaixo da capa.

Era uma enorme braçada de flores: esporeiras, crisântemos, malmequeres, íris, lírios – todos recém-colhidos no jardim que tratava com as suas próprias mãos.

Enquanto Laura colocava um ramo colorido aos pés de cada campa, arranjando os caules com todo o carinho, Nicholas tropeçou numa velha sepultura, sentindo-se o mais desprezível dos vilãos. Laura viera àquele local para prestar homenagem aos pais, e ele perseguira-a como se ela fosse uma vulgar criminosa. Se tivesse um mínimo de decência, voltaria para o solar e deixá-la-ia a sós.

Mas o desejo de estar perto dela era mais forte do que a vergonha que sentia. Assim, deixou-se ficar, vendo-a afastar-se das sepulturas dos pais e levar as restantes flores para junto de outras duas pedras tumulares. Mal lançou um olhar à primeira, mas ajoelhou-se com toda a reverência junto à segunda. A pedra era nova, sem sinais de líquenes que maculassem a sua superfície rugosa. Embora a erva do verão não tivesse ainda coberto o manto de terra, um pequeno anjo de alabastro vigiava a campa, com as suas mãos gorduchas postas em oração.

Surpreendentemente, não foi a sepultura recente, mas sim o anjo que arrepiou a alma de Nicholas. Sem se aperceber, deu por si a avançar, inexoravelmente atraído para o anjo abandonado.

Laura descalçara as luvas e começara a arrancar as ervas da beira da campa. Tão concentrada estava na sua tarefa que nem o sentiu aproximar-se.

Nicholas deteve-se apenas quando estava suficientemente perto para ler a inscrição gravada na pedra – uma inscrição ao mesmo tempo forte e elegante na sua simplicidade.

Eleanor Harlow, mãe adorada.

– Quem era?

Laura deixou cair a mão-cheia de ervas e voltou a cabeça, surpreendendo-se ao ver Nicholas junto dela com o belo rosto sério e calmo.

Levou a mão ao coração desordenado, esquecendo o peso na consciência que tanto a inquietava.

– Pregou-me um susto terrível! Pensei que fosse um fantasma.

– Estava à espera de algum? – perguntou ele, fazendo um gesto com a cabeça em direção à campa.

Laura levou um segundo a adivinhar o que Nicholas queria dizer e depois abanou a cabeça.

– Lady Eleanor seria a última pessoa a querer assombrar alguém.

Nicholas estendeu-lhe a mão e ajudou-a a levantar-se. Laura sentia os joelhos presos de estar tanto tempo naquela posição e teve de se apoiar nele por uma fração de segundo, apercebendo-se decerto de que ele não era um fantasma, mas um homem de carne e osso com sangue quente sob a sua carne masculina.

– Quem era? – repetiu ele, olhando Laura nos olhos.

Retirando a mão da mão dele e desviando o olhar, Laura inclinou-se para apanhar as flores que restavam.

– A maioria das pessoas diria que foi a nossa tutora. Prefiro dizer que foi o nosso anjo da guarda. Foi ela quem ofereceu ao meu pai a reitoria de Arden. – Colocando um lírio branco sobre a pedra, Laura sorriu tristemente.

– Depois de os nossos pais terem morrido, recebeu-nos e deu-nos abrigo, a mim e às crianças.

Nicholas baixou-se para passar o dedo sobre as datas gravadas no granito.

– «14 de outubro de 1768 – 2 de fevereiro de 1815» – leu, franzindo a testa. – As coisas do meu quarto pertenciam a esta senhora, não é verdade? A caixa de costura? A Bíblia? A escova de cabelo? – Parecia querer dizer mais qualquer coisa, mas deteve-se com os lábios apertados.

Laura tocou-lhe com a mão no ombro.

– Espero que não seja supersticioso. Instalei-o nesses aposentos para que ficasse o mais confortável possível durante a sua recuperação. Não precisa de se preocupar com gemidos ou arrastar de correntes durante a noite. Lady

Eleanor seria incapaz de perturbar o seu sono, muito menos a sua paz de espírito.

– Não acredito em fantasmas – disse, olhando a sepultura que seria gémea da de Lady Eleanor se não estivesse descuidada e cheia de ervas. Não havia sinais de nela terem sido deixadas flores, nem recentemente nem no passado.

– O marido de Lady Eleanor – disse Laura secamente, respondendo à pergunta que ele não fizera. – Ela dizia que ele não deveria ter sido sepultado em solo sagrado.

– Suicidou-se?

– Mais ou menos. Bebeu tanto que acabou por morrer, mas não antes de ter partido o coração à mulher – acrescentou Laura em voz baixa.

Nicholas franziu mais a testa.

– Conheci-a?

Laura ocupou-se a arranjar as flores, metendo raminhos de cravina por entre os malmequeres e os crisântemos. Conforme Cookie lhe recordava, um dos maiores sonhos de Lady Eleanor era ver Laura casada com um cavalheiro bondoso e bem-parecido. Laura lançou um olhar ao perfil puro de Nicholas. Apesar da decisão de só mentir quando fosse necessário, não parecia haver qualquer mal em falar sobre o que poderia ter acontecido.

– Claro que a conhecia – disse firmemente. – Ela adorava-o e deliciava-se com as suas visitas. Muitas vezes dizia que era como um filho para ela.

Para seu espanto, a expressão de Nicholas não se alegrou.

– A pedra diz «mãe adorada» – comentou. – E os filhos dela? Porque não vêm deixar-lhe flores na campa?

Laura sentiu que o seu sorriso esmorecia. Receando revelar mais do que desejava, ajoelhou-se ao lado dela e começou a espalhar as flores junto da pedra com movimentos bruscos.

– Tinha apenas um filho, infelizmente... um sapo repugnante que só se preocupa consigo próprio. Um homem horrível, vil, desapiedado, vingativo e mesquinho.

Nicholas lançou-lhe um olhar perspicaz.

– Ora, Miss Fairleigh, esse desagrado que sente por ele fá-la ficar furiosa, não é verdade?

Laura arrancou uma flor do caule com os dedos rígidos.

– Pelo contrário. Não é desagrado que sinto por ele, é ódio.

Nicholas salvou um ramo de lírios delicados da mão assassina de Laura antes que ela os decapitasse a todos.

– Diga-me então... o que fez esse infeliz para conseguir a inimizade de uma alma tão gentil? Deu um pontapé num gatinho? Faltava sempre ao serviço religioso de domingo? Prometeu dar uma sova à Lottie, sova que ela tanto merece?

– Oh. Nunca nos conhecemos, e ainda bem. Porque, se alguma vez o tivesse encontrado, dar-lhe-ia uma repreensão que ele nunca esqueceria.

– Que Deus lhe acuda – murmurou Nicholas, com o olhar preso na boca dela.

Laura estava demasiado irritada para reparar.

– Não são apenas os seus atos dissolutos que abomino, mas também a colossal indiferença em relação à mulher que lhe deu o ser. Lady Eleanor escreveu-lhe fielmente todas as semanas durante anos, e nem uma vez ele se preocupou em enviar-lhe uma simples nota. Tal como nós, via-se obrigada a ler sobre os feitos do filho nos jornais de escândalos. – Laura arrancou um molho de ervas e atirou-o para o lado. – Na minha opinião é um canalha sem coração, vil, mesquinho e vingativo.

– Quer dizer que não o vai convidar para o nosso casamento?

– Claro que não! Preferia convidar o próprio Belzebu!

Ao ver-lhe a covinha na face, Laura sentiu a tensão abandonar-lhe os ombros.

– Não devia troçar, senhor meu noivo – repreendeu-o com um meio-sorriso. – Não está a ser muito delicado.

Nicholas fingiu encolher os ombros.

– Deus me livre de ser alvo da sua raiva. Começo a pensar que esse senhor merece mais a minha compaixão do que o meu desprezo. Não estar nas suas boas graças é castigo suficiente para qualquer homem.

Quando ele estendeu a mão para lhe prender uma madeixa de cabelo atrás da orelha, Laura não foi capaz de perceber se ele estava a troçar. Nem se lembrava já por que razão estavam ali na terra, de joelhos, tão próximos que, se ele a quisesse beijar, bastaria inclinar a cabeça por baixo da sua touca e tocar nos seus com aqueles lábios magníficos e experientes.

Deixando cair as últimas flores, Laura levantou-se.

– Se me dá licença, Mister Radcliffe, preciso de falar com o reverendo Tilsbury sobre um assunto de grande importância. Por favor, diga à Cookie

que volto à hora do chá. – Pegou nas luvas e dirigiu-se ao portão.

– Se não acredita em fantasmas, então de que é que tem medo? – perguntou Nicholas atrás dela, pondo-se de pé.

De si.

Receando ter dito as palavras em voz alta, Laura apressou-se a sair do cemitério, deixando Nicholas entre as velhas sepulturas, tendo por única companhia o anjo de alabastro que vigiava a sepultura de Eleanor Harlow.

Quando os sinos começaram a tocar o seu melodioso convite de domingo de manhã, Nicholas não perdeu tempo a enterrar a cabeça na almofada. Saiu imediatamente da cama, ignorando o miado aborrecido do gatinho amarelo que tinha feito o ninho na sua almofada, e foi lavar a cara com água fria.

Quando pouco depois se sentou no banco da família na igreja de Saint Michael a seguir a George e Laura, seguido de Lottie, sentia-se quase resignado. Tinha esperança de poder dormir durante o sermão e da segunda leitura dos proclamas, pois não esperava esta semana novas surpresas que o despertassem da sua sesta. Quando o reitor subiu os degraus do púlpito de mogno, instalou-se mais confortavelmente no banco.

– Hoje – entoou o grisalho reitor, ajustando os óculos – vamos refletir sobre as palavras sábias do rei Salomão no Livro dos Provérbios capítulo dezanove: «Vale mais ser pobre que mentiroso.»

George deu um pontapé na perna de Laura.

Esta soltou um pequeno grito, que abafou imediatamente com a luva, mas não antes que vários paroquianos se voltassem para os olhar com ar reprovador. Com a testa franzida, Nicholas abanou a cabeça olhando para George, sem perceber que espírito maléfico se apoderara do rapaz.

Antes de poder perguntar a Laura se estava tudo bem, a bolsa de Lottie saltou-lhe para o colo e começou a morder-lhe o livro de orações.

– Desculpe – murmurou ela, recuperando a bolsa de seda com um sorriso angelical.

Nicholas estendeu as pernas e encostou a face à palma da mão, sentindo as pálpebras cada vez mais pesadas ao som das monótonas palavras do reitor. Enquanto o sol entrava pelas gretas das janelas aquecendo a nave bafienta, o homem continuou a dizer qualquer tolice acerca dos mentirosos que caíam nas garras do diabo.

Nicholas adormecia e acordava de um sono enevoado em que beijava as sardas da pele clara de Laura, quando ouviu o reitor dizer:

– Vou deixar-vos, logo que o vosso novo reitor seja ordenado.

«Ainda bem», pensou Nicholas, pouco caritativo, sem se incomodar em abrir os olhos. Pena era que não os pudesse deixar imediatamente.

– Como bem sabeis, desde que, há sete anos, o reverendo Fairleigh foi chamado à presença do Senhor, tenho dividido o meu tempo entre três paróquias. Embora me tenha afeiçoado muito a Arden e a todos vós durante este tempo, devo confessar que será um alívio passar os meus deveres e as minhas responsabilidades daqui a uns meses. Peço que se juntem a mim para darmos as boas-vindas ao homem que em breve será o novo reitor da nossa paróquia, Mister Nicholas Radcliffe!

Nicholas acordou assustado, perguntando a si próprio se não estaria a sonhar. Mas a única constante entre a sua deliciosa fantasia e aquele pesadelo era a presença da mulher que se sentava a seu lado.

Esta olhava em frente e o seu perfil parecia de porcelana. Não fosse a subida e a descida irregular do seu colo, Nicholas juraria que ela nem respirava.

Olhou-a até ela não ter outro remédio senão olhá-lo nos olhos em chamas.

Fazendo deslizar nas dele a sua mão enluvada e curvando os lábios num trémulo sorriso, disse:

– Bem-vindo à nossa paróquia, Mister Radcliffe.

Capítulo 11

*Adoro os pequenitos,
mas foi a mais velha que me roubou o coração...*

– Estão a ter a primeira discussão, e isso já é mais que suficiente para me partirem o coração! – murmurou Cookie limpando os olhos com o avental.

– Se ele a fizer chorar, talvez interrompa o noivado – disse Lottie esperançosa.

– Se ele a fizer chorar, corto-lhe o pescoço – vociferou George.

– Se estão a discutir – disse Dower com maus modos –, porque é que não se ouvem gritos? Numa discussão como deve ser há sempre loiça partida.

Graças aos seus vários tamanhos e à despreocupação de Lottie em relação aos joelhos das suas meias de domingo, foi possível que os quatro ao mesmo tempo encostassem as orelhas à porta do salão.

– Espreite pela fechadura – sugeriu Dower.

Esgueirando-se por entre as pernas de George, Lottie espreitou pela abertura de metal.

– Só consigo ver a chave. Creio que ele a tem prisioneira.

Dower começou a arregaçar as mangas.

– Pronto! George, arrombe a porta enquanto eu vou buscar a forquilha.

– Oh, homem, não sejas assim – repreendeu-o Cookie, batendo-lhe num braço. – Os jovens apaixonados têm de resolver os seus desentendimentos. Talvez não te lembres da enorme discussão que tivemos a respeito daquela flausina de Fleet Street quando namorávamos, mas aposto que não te esqueceste de quando fizemos as pazes.

– Claro que não. Porque é que pensas que vou buscar a forquilha?

– Chiu – sussurrou Lottie, encostando a orelha à porta. – Creio que ouvi qualquer coisa.

Lottie fora levada ao engano, porque, no salão, Laura estava sentada na otomana em silêncio absoluto, pensando que nunca tinha visto um homem que, de tão furioso, nem conseguia falar. O pai era uma alma pacífica e considerava vulgares e despropositadas as demonstrações de mau humor. Uma vez, deixara cair uma Bíblia enorme em cima de pé e partira dois dedos, mas apenas erguera os olhos ao céu e pedira perdão ao Senhor por ser tão desajeitado. Nunca o ouvira levantar a voz para a mulher ou para os filhos, e muito menos a mão.

Fascinada mas cautelosa, Laura via Nicholas andar de um lado para o outro do aposento, do mesmo modo que poderia olhar para um leão faminto percorrendo a sua jaula no Jardim Zoológico Real. Só que no Jardim Zoológico teria ficado em segurança do lado de fora e protegida pelas grades, enquanto, neste caso, estava junto do leão. A gatinha amarela empoleirada na lareira observava os movimentos dele com igual interesse, como se tentasse determinar qual deles engoliria primeiro.

Nicholas despira as roupas de ir à igreja e trocara-as pela sua camisa e as calças de pele. De poucos em poucos passos voltava-se para ela, abrindo a boca como se quisesse dizer qualquer coisa, mas logo a fechava e voltava a percorrer a sala. Depois de repetir este ritual várias vezes, ficara reduzido a abanar a cabeça e a passar a mão pelos cabelos até parecer tão irado e perigoso como Dower receava.

Por fim, deteve-se de costas para ela, descansou o punho sobre a prateleira da lareira e disse em voz muito baixa:

– Suponho que não seja meu hábito praguejar.

Laura abanou a cabeça.

– Só em casos de força maior.

Ele voltou-se para ela.

– E o que considera um caso de força maior? Será acordar nu numa cama desconhecida, completamente desmemoriado? Será descobrir de repente que estou prestes a casar com uma mulher a quem nunca tive o bom senso de beijar? Ou será tomar conhecimento, juntamente com o bom povo de Arden, de que vou ser o novo reitor da aldeia? – Ergueu a voz. – Não acha que poderia ter discutido comigo essa pequena informação antes de a passar ao pregoeiro da aldeia?

– Eu disse-lhe que tinha de falar com o reverendo Tilsbury acerca de um assunto muito importante. O que seria mais importante do que o nosso futuro juntos?

Laura cruzou altivamente as mãos no colo.

– Pensei que ficasse satisfeito em saber que eu lhe arranjava um modo de vida. Arden é uma aldeia pequena, mas, se juntar o rendimento que receber dos paroquianos com o dinheiro que a mansão consegue realizar com os seus rebanhos, devemos arranjar-nos muito bem. Não seremos ricos, mas também não seremos pobres pedintes.

Nicholas suspirou.

– Aprecio muito o seu pragmatismo, mas e se eu não quiser pertencer ao clero? Alguma vez lhe ocorreu tal coisa?

– E porque não haveria de querer? Não é difícil. Basta fazer casamentos, funerais e um ou outro batizado. O meu pai estudou meses em casa, porém, quando tomou ordens, ficou muito desapontado com a facilidade do exame. O bispo perguntou-lhe se ele era Edmund Fairleigh, filho do velho Aurelius Fairleigh de Flamstead, depois deu-lhe uma palmada no ombro e levou-o a ver uma peça pouco recomendável.

– Pelo menos posso esperar alguma coisa de interessante – resmungou Nicholas, passando de novo a mão pelo cabelo.

– Posso ajudá-lo a estudar, sabe? – disse-lhe Laura muito séria. – Falo fluentemente hebraico e grego.

– Que animador. Talvez deva ser *a menina* o novo reitor de Arden.

Com ar decidido, abriu as gavetas da secretária e começou a procurar por entre livros de contas de capa rachada e papéis amarelados. De entre as sombras surgiu um frasco de vidro trabalhado que Laura nunca vira.

Enquanto ele retirava o frasco do esconderijo, Laura endireitou-se, achando estranho que ele soubesse exatamente onde o procurar. A julgar pela camada de pó, o frasco deveria ter muitos anos.

Nicholas levou o frasco para o carrinho de chá e procurou um copo limpo. Laura aclarou a garganta com esperança de não parecer indelicada.

Nicholas retirou a rolha do frasco.

– Hesito em mencioná-lo... – começou ela.

Ele deitou o líquido no copo.

– ... principalmente num momento tão pouco oportuno...

E levou o copo aos lábios com um brilho feroz no olhar, desafiando-a a prosseguir.

– ... mas não é dado à bebida.

– Por todos os raios do inferno! – Nicholas bateu com força com copo no carrinho, despejando metade do brande.

As suas palavras permaneceram no ar como o ressoar de um trovão. Laura não sabia se havia de se encolher ou de fugir pela porta. Mas logo Nicholas esboçou um lento sorriso. Um sorriso tão sensual que fez arrepiar os dedos dos pés de Laura no interior apertado dos seus sapatinhos.

– Soube-me maravilhosamente – declarou. – Maravilhosamente, *raios!*

Os olhos dela abriram-se espantados enquanto ele erguia o copo e bebia o que restava do brande. Passou a língua pelos lábios, recolhendo qualquer gota que pudesse lá ter ficado, como se o líquido fosse o mais doce dos néctares, enquanto fechava os olhos numa expressão de êxtase. Voltou a abri-los, brilhantes de determinação. Encheu de novo o copo, ergueu-o num brinde provocador antes de emborcar o seu conteúdo.

Encheu o copo pela terceira vez, atravessou a sala e meteu-o nas mãos de Laura.

– Beba. Pode precisar.

– Mas eu nunca...

Ele ergueu uma sobrancelha como que para a avisar. Ela obedeceu e sorveu um pouco. O líquido abriu-lhe um caminho ardente na garganta, perturbante mas não desagradável.

Nicholas pegou noutra copo e serviu-se de mais brande. Estendeu o braço sobre a prateleira da lareira segurando o copo com os seus dedos finos.

– Miss Fairleigh, apercebi-me durante esta semana de que, sempre que eu dava uma volta, a menina dizia-me aquilo de que eu gostava ou não gostava. «Coma outro biscoito da Cookie, Mister Radcliffe» – imitou-a. – «Sempre adorou os biscoitos da Cookie.» «Oiça este poema que a Lottie escreveu. Sempre achou divertidos os sonetos dela.» «Porque não joga outra partida de *loo* com o George, meu querido? Ele gosta tanto da sua companhia.»

Nicholas aumentava o tom de voz a cada palavra que pronunciava.

– Pode ser um choque para a sua delicada sensibilidade, minha querida, mas o seu irmão mal suporta estar comigo no mesmo aposento, a Lottie é uma garota mimada que não saberia escrever uma quadra decente, nem que

o próprio Shakespeare voltasse do túmulo para a ajudar, e os biscoitos da Cookie são tão secos que sufocariam um camelo!

O gemido horrorizado de Laura foi quase abafado pelo trio de gemidos que com ele fizeram eco à porta do salão.

Deixando o copo sobre a lareira, Nicholas atravessou o salão e abriu a porta de supetão. O vestíbulo estava deserto, mas o som de passos a correr ecoava pela mansão. Lançando a Laura um olhar acusador, fechou propositadamente a porta com todo o cuidado e fez girar a chave na fechadura.

Ela bebeu outro gole de brande, este muito maior que o primeiro.

Nicholas encostou-se de braços cruzados à porta, prosseguindo como se não tivesse sido interrompido.

– É horrível ter de estragar a imagem santificada da minha pessoa que, sem dúvida, guardou no seu coração nos últimos dois anos, mas passar a tarde a pintar aguarelas com a Lottie aborrece-me de morte e não consigo suportar esses tolos jogos de cartas que o George tanto parece apreciar.

Laura abriu a boca, esperando poder detê-lo antes que confessasse também não a poder suportar.

Nicholas ergueu a mão para a impedir de falar.

– Agora, como sou uma pessoa razoável, consigo concordar que a alma de um homem beneficie de um pouco de instrução espiritual nas manhãs de domingo. – A sua expressão suavizou-se e olhou para a lareira onde a gatinha lavava os bigodes com a graça de uma sílfide. – Posso até estar convencido de que certos membros da raça felina, embora sejam aborrecidos, possuem alguns encantos difíceis de resistir. – Foi ajoelhar-se junto da otomana e, ao mesmo nível que ela, olhou-a nos olhos. – Mas não posso nem quero ser convencido de que não sou homem para comprometer a virtude da minha noiva, porque lhe garanto que não tenho pensado noutra coisa desde que a vi.

Atordoada, Laura engoliu o resto do brande. Nicholas retirou-lhe suavemente o copo da mão e poisou-o no tapete.

– Mas sempre... – disse ela.

Para a silenciar, Nicholas poisou-lhe dois dedos nos lábios suaves.

– Passou toda a semana a dizer-me o que eu *devo* querer. Agora é a minha vez de lhe mostrar o que *realmente* quero.

Tomou-lhe o rosto nas mãos enormes, e Laura ficou à espera de que ele lhe beijasse a boca. Não que lhe beijasse as pálpebras, as têmporas, as sardas do nariz. Sentia o hálito dele no rosto, morno e embriagador com a doçura proibida da bebida. Mas quando ele juntou os lábios aos dela, a febre que lhe atravessou as veias nada tinha a ver com o brande, mas sim com o calor líquido da língua dele insinuando-se ternamente na boca dela.

Antes que Laura se apercebesse, agarrava-lhe a camisa e correspondia a cada avanço da língua dele com movimentos ávidos da sua. Mal se reconhecia na feroz criatura que se agarrava a ele com tal abandono. Era como se a casta e respeitável filha do reitor tivesse desaparecido, para dar lugar a uma mulher despudorada e caprichosa.

Talvez fosse aquilo a escalada do pecado de que o pai sempre lhe falara. Por não ler os salmos da manhã, começara a mentir, e a mentira levava ao rapto de cavalheiros desconhecidos, e o rapto de cavalheiros desconhecidos levava aos beijos, e os beijos levavam à luxúria, e a luxúria levava a... bom, não tinha exatamente a certeza onde a luxúria a poderia levar, mas certamente que o descobriria, se Nicholas não deixasse de lhe acariciar a orelha com o nariz daquela maneira tentadora.

O tom sedutor da voz dele acordou-a do devaneio.

– Fuja comigo, Laura.

– Como disse? – Afastou-se dele para lhe espreitar o rosto, ainda sem lhe largar a camisa.

Ele agarrou-lhe os braços com força, e os seus olhos eram tão quentes como as mãos.

– Fuja comigo! Já! Porquê termos de esperar até à próxima semana para nos casarmos quando podemos partir para Gretna Green esta mesma tarde e dormir na mesma cama antes de a semana terminar?

As palavras dele causavam-lhe um delicioso arrepio de terror e antecipação. Soltou um riso entrecortado.

– Esqueceu-se da parte em que faz de mim sua mulher.

– Foi uma simples distração, garanto. – Olhou-a nos olhos com uma curiosa mistura de ternura e desespero. – Não me faça esperar mais para a tornar minha. Já desperdiçamos muito tempo.

– Nem imagina quanto – murmurou Laura, enterrando o rosto no ombro dele.

Era uma tentação que não tinha antecipado. Se, no entusiasmo do momento, permitisse que ele a arrebatasse para a Escócia, para um casamento fora das convenções dos tribunais ingleses, acabavam-se as preocupações de forjar um nome falso no registo da paróquia, acabavam-se as noites sem dormir receando que a memória dele voltasse antes de terem celebrado os votos.

Mas também já não haveria tempo para enviar Dower de novo a Londres. Não haveria tempo para se assegurar de que o coração do seu noivo não estava já comprometido com outra mulher antes de ela o ter reclamado.

Mesmo assim, sentia-se tentada. Tentada em tomar aquele homem nos seus braços e em aproveitar o momento e fugir para Gretna Green, como inúmeras noivas já haviam feito.

Laura sentiu que a respiração se lhe acelerava ao imaginar um quarto confortável numa estalagem rústica. Em Gretna Green, um quarto assim teria apenas uma intenção – a sedução. Haveria vinho e queijo sobre a mesa, o lume a crepitar na lareira para afastar o frio e a humidade do ar da Escócia, uma colcha aveludada puxada para trás, como um convite sobre a cama. E lá estaria Nicholas, desejoso de partilhar as primeiras delícias do amor de ambos.

Mas ele não a amava. Ela convencera-o disso. Foi quando se apercebeu do que tinha feito que sentiu forças para se libertar dos braços dele. Ergueu-se e voltou-lhe as costas, arrepiada de vergonha.

Nicholas seguiu-a e agarrou-a pelos ombros.

– Queria que fugisse *comigo* – disse em voz baixa. – Não *de mim*.

– Não vou fazer nem uma coisa nem outra – replicou ela, grata por ele não lhe poder ver o rosto. – Assim que partirmos para a Escócia, ficarei com a reputação destruída.

– Não me importo – murmurou ele, tocando-lhe a nuca com os lábios numa carícia tentadora. – Desde que seja eu a arruiná-la.

– Mas não podemos pensar só em nós.

Nicholas afastou lentamente as mãos dos ombros dela.

– Era exatamente isso que eu temia.

Sentindo-se gelada pelo afastamento dele, Laura enfrentou-o.

– Não vê? Se fugirmos, destroçamos o coração a todos. A Cookie tem estado a trabalhar noite e dia no meu vestido e numa massa de amêndoa perfeita para o bolo de noiva. O Dower, que não entra numa igreja desde o

dia em que se casou, já prometeu levar-me ao altar. A Lottie está encantada por poder segurar no meu ramo. E o George... – forçou um sorriso – ...pois bem: se fugir com a irmã dele, o George sentir-se-á obrigado a desafiá-lo para um duelo, e eu não posso permitir que dispare sobre o meu irmão.

Nicholas esboçou um sorriso tranquilizador que o seu olhar não acompanhou.

– Parece-me que tem razão. Certamente que poderei esperar mais duas semanas. É injusto tentar afastá-la do casamento que é o sonho de todas as mulheres. – Puxou-a para si, escondendo o rosto do dela enquanto lhe aflagava o cabelo. – Se permitir que eu me redima, prometo que terá tudo o que merece.

Laura ficou imóvel no calor dos braços dele, incapaz de lhe confessar o que realmente temia.

* * *

Nicholas passou a manhã seguinte a percorrer as colinas ondulantes que rodeavam a mansão de Arden. O sol brilhava no céu azul, aquecendo-lhe a cabeça e os ombros. Uma leve brisa despenteava-lhe o cabelo. Nem sequer tinha de se preocupar que o rosto mal-humorado de Dower lançasse uma nuvem de tempestade sobre o magnífico dia, pois Laura enviara-o a Londres, logo de madrugada, para ir às feiras de gado em busca de outro carneiro.

Era uma daquelas manhãs em que um homem não deveria ter de pensar no passado ou no futuro, apenas no presente. Mesmo assim, Nicholas continuava a lembra-se do dia anterior, revivendo o momento em que Laura se afastara dos seus braços e ficara a tremer fora do seu alcance.

Passara grande parte da noite a tentar convencer-se de que a culpa era apenas sua. Nem podia censurá-la por não querer ficar sozinha com ele, já que, cada vez que tal acontecia, ele caía sobre ela como um pirata debochado. Também não podia censurá-la por não se render à ideia tola e romântica de fugirem para a Escócia só para a poder levar para a cama uns dias antes do aprazado.

Podia ter-se recusado a fugir com ele, mas isso não significava necessariamente que havia alguma coisa – ou alguém – que tinha relutância

em abandonar.

Nicholas tentava afastar estes pensamentos. Laura podia simular o afeto por ele, mas não a podia acusar de fingir os doces suspiros que soltava de cada vez que a tomava nos braços ou a doçura e a suavidade da sua boca quando a beijava. Sentiu-se excitado só de o recordar.

Desesperado por se libertar daqueles pensamentos licenciosos, Nicholas retirou do bolso do casaco um Testamento Grego encadernado a pele que continha o Evangelho de S. Marcos e começou a ler enquanto caminhava. Tinha ido buscar o livro à biblioteca da mansão, sem que Laura o soubesse, e ficou surpreendido ao perceber que ela falava tão bem grego como ele falava inglês. Ainda não tinha concordado com o esquema irracional de se transformar num reitor de aldeia, mas também não o rejeitara. Afinal, teria de arranjar um modo de vida para sustentar a esposa e a família. Podia ter perdido a memória, mas não perdera o orgulho.

Tão absorto estava no livro que nem se apercebeu de que qualquer coisa lhe passara a zumbir pelo nariz, para se ir espetar com um baque no tronco de um amieiro.

Parou e voltou lentamente a cabeça para encontrar uma seta ainda a vibrar espetada na casca da árvore. Arrancou-a e olhou em volta. A não ser por uma cotovia que cantava nos ramos de um espinheiro, o prado parecia deserto.

Ou pelo menos foi o que pensou até detetar um movimento pelo canto do olho.

Qualquer coisa se destacava por detrás de uma leve elevação de terra, qualquer coisa que era notavelmente semelhante a um tufo de caracóis loiros.

Metendo o livro no bolso, Nicholas atravessou o prado. Colocando um pé na elevação, inclinou-se para espreitar para a cova que ficava por trás.

– Será que, por acaso, isto lhe pertence? – perguntou à ocupante, estendendo-lhe a seta.

Lottie surgiu lentamente do seu esconderijo, com trevos no cabelo e o arco na mão.

– Talvez. Comecei a praticar tiro com arco, sabe? – Lançou-lhe um olhar gélido. – Creio que me proporciona uma muito maior satisfação do que escrever poesia.

Nicholas franziu os lábios percebendo o que ela queria dizer.

– Mas é muito mais perigoso para o seu público.

– Só agora comecei a praticar – protestou ela. – Ainda não tenho muita pontaria.

– Onde está o alvo?

– Ali – apontou vagamente para um grupo de árvores na direção oposta de onde ele viera.

Nicholas ergueu as sobrancelhas.

– Meu Deus, a menina tem mesmo má pontaria, sabe? – Tirou-lhe o arco das mãos, surpreendido por ele lhe parecer tão familiar. – Tem aí giz?

Embora o seu pequeno rosto redondo não perdesse a expressão zangada, Lottie procurou nos bolsos do bibe. Ele esperou pacientemente que ela retirasse deles uma dúzia de fitas do cabelo, um conjunto de pedras e raminhos, dois biscoitos velhos e um pequeno sapo castanho, antes de conseguir por fim localizar um bocado de giz quase gasto.

Ficou a olhar para ele, tentando não parecer interessada, enquanto Nicholas se dirigia ao amieiro e desenhava quatro círculos concêntricos no tronco. Voltou para junto de Lottie, ajoelhou-se atrás dela e meteu-lhe cuidadosamente o arco na mão.

– Firme – murmurou, conduzindo-lhe os movimentos para colocar a seta e apontar.

A seta partiu pelo prado até bater no amieiro dentro do círculo mais interior.

Endireitando-se, Nicholas despenteou-lhe os caracóis e lançou-lhe um sorriso preguiçoso.

– Escolha uma coisa que lhe sirva de alvo, Caracolinhos Dourados, e vai ver que acerta sempre.

Retirando o livro do bolso, continuou o seu caminho, sem se aperceber de que deixara Lottie sem palavras pela primeira vez na sua curta vida.

No dia seguinte, quando George entrou na cozinha, sacudindo do cabelo a chuva de um aguaceiro vespertino, Cookie não estava. Encontrou Lottie sobre um banquinho junto à mesa a preparar uma massa de amêndoa com feroz concentração. Tinha as faces redondas manchadas de farinha, e um gato cinzento e fofo instalara-se ao lado da malga de barro, fingindo-se desdenhoso.

Vendo-a bater os ingredientes numa espuma consistente, George ergueu as sobancelhas.

– Não percebo porque começaste a praticar tiro com arco, quando eras capaz de matar qualquer pessoa com essa colher.

Esperou que ela se voltasse para ir buscar um pouco de canela a um prato de loiça antes de passar o dedo pela borda da malga.

Quase o levava à boca quando Laura deu meia volta e gritou.

– Não, George!

George ficou imóvel. Olhou para ela e depois de novo para a malga, sentindo-se empalidecer. Aceitou o trapo que ela lhe estendia e limpou da pele os vestígios da massa.

Lançando um olhar nervoso à porta da casa de jantar, murmurou.

– Mas que diabo estás tu a fazer? Pensei que só o ias matar depois do casamento.

– Não tenho intenções de o matar – respondeu ela num murmúrio. – Só o vou pôr um pouco doente. É a única maneira que tenho de testar as doses.

– Mas se ele adoecer depois de comer isto, não irá suspeitar que o envenenaste?

– Claro que não. Não faz ideia de que lhe queremos fazer mal. Vai pensar apenas que sou uma cozinheira horrível. – Pondo uma expressão determinada, Lottie acrescentou à malga outra pitada do que George pensara ser canela. – O açúcar e as amêndoas vão disfarçar o amargo dos cogumelos venenosos.

George engoliu em seco, começando a sentir-se também um pouco enjoado.

– Tens a certeza de que queres fazer isto?

Lottie bateu com a colher, assustando o gato que fugiu de cima da mesa.

– Não me deixas alternativa! Não vês que ele finge ser bom e delicado, em vez de malvado e horrível? Como é que uma jovem pode resistir àquelas palavras doces e aos sorrisos insinuantes?

George franziu a testa, apanhado de surpresa pela veemência dela.

– É da Laura que estamos a falar, não é verdade?

Metendo mais uma vez a colher na malga, Lottie retomou a batalha com a massa.

– Claro que estamos a falar da Laura. Queres que as coisas voltem ao que eram antes de ele aparecer, ou queres que ele nos roube a nossa irmã, tal

como fez ao meu gatinho? Porque, se o fizer, podes ter a certeza de que nunca mais a devolve.

George poderia continuar a discutir, se não visse uma lágrima rolar pelo queixinho pontiagudo de Lottie para ir cair na massa. As amêndoas poderiam esconder o sabor dos cogumelos, mas nem todo o açúcar do mundo iria disfarçar a amargura da lágrima da irmã.

Lottie hesitou à porta do salão para observar a sua presa. Nicholas estava sentado num cadeirão de pele, descalçara os sapatos e apoiara os pés sobre a otomana. O lume crepitava na lareira num confortável contraponto com o ritmo da chuva que batia nos vidros das janelas. A luz do candeeiro lançava um tom rosado sobre a beleza clássica do seu perfil.

Estava de novo a ler. Tinha aberto no colo um atlas da Terra Santa, encadernado a pele, que pertencera ao pai de Lottie. O seu estudo era apenas impedido pela gatinha amarela, que insistia em lhe saltar para o colo de cada vez que ele voltava a página, decidida a expulsar o intruso que lhe usurpara o trono. Lottie viu-o pegar na gatinha pela terceira vez e colocá-la delicadamente no tapete.

Receosa de vacilar na sua resolução, Lottie entrou na sala com a miniatura do bolo de noiva numa bandeja de prata, como se fosse uma oferenda cerimonial.

Nicholas ergueu os olhos do livro e fingiu estremecer de horror.

– Oh, não, por favor. Diga-me que não é outro biscoito seco. De cada vez que abro a boca, a Cookie mete-me um lá dentro. Depois, enquanto tento engoli-lo, ela belisca-me a bochecha e diz: «Fiz esta massa especialmente para si, Mister Nick. Sei como gosta deles e receio que a última dúzia que fiz não tenha sido suficiente para o satisfazer.»

Lottie esboçou um sorriso relutante.

– Não são biscoitos secos. A Cookie foi ao mercado, por isso pensei que poderia experimentar eu fazer o bolo de noiva.

Nicholas aceitou a bandeja que ela lhe estendia, olhando o bolo torto com ar desconfiado.

– Sabe, seria mais seguro para todos nós se voltasse a escrever poesia.

– Pela primeira vez, Mister Radcliffe – replicou Lottie, já sem sorrir –, talvez tenha razão.

Deixou-o com a sua oferenda, voltando as costas, mas ainda a tempo de ver que a gatinha voltava a saltar-lhe para o colo.

Lottie deixou-se ficar na cozinha com George enquanto conseguiu aguentar a ansiedade, e depois entrou disfarçadamente na sala. Fechou os olhos antes de entrar, para se preparar para o que pudesse acontecer.

Nicholas continuava sentado na cadeira, com a face encostada à mão enquanto folheava o atlas. Lottie procurou-lhe no rosto qualquer sinal de aflição. Tinha os olhos vivos e despertos. A pele não perdera o seu tom dourado.

Talvez ainda não tivesse comido o bolo, pensou, perplexa com a sua robusta vitalidade. Mas depois viu a bandeja vazia no chão, ao lado da cadeira em que ele estava sentado.

E o corpinho peludo estendido na lareira.

Lottie levou a mão à boca, sem conseguir abafar um grito.

Nicholas ergueu imediatamente a cabeça. Quando viu que as lágrimas lhe brotavam dos olhos, pôs o livro de lado e levantou-se.

– Lottie, que se passa? Por amor de Deus, o que aconteceu?

Ela apontou para trás dele com a mão a tremer.

– A gata. Não deu o bolo à gata, pois não?

– Não – disse uma vizinha vinda do assento da janela. – Deu-mo a mim.

A gatinha, que estava a dormir, levantou a cabeça, enquanto Laura se erguia do assento da janela, vacilando como um salgueiro ao vento. Ficara sem cor no rosto onde as sardas se destacavam. Nicholas atravessou o aposento em três passos, tomando-a nos braços antes que ela caísse no chão.

Capítulo 12

*Tem um temperamento maravilhoso,
mas é um pouco sonhadora...*

Pouco depois, Cookie regressou do mercado e encontrou a mansão no caos total. Lottie estava no cimo das escadas debulhada em lágrimas e, no andar superior da casa, ecoavam gritos masculinos.

– Mas que raio...? – resmungou Cookie, deixando cair o cesto no chão. Despiu a capa molhada e desatou as fitas da touca. – Que se passa, menina? Porque está assim?

Lottie ergueu a cara manchada de lágrimas que escondia na curva do braço.

– Não queria fazer aquilo. Juro que não. A culpa é toda dele! Só a queria proteger dele!

Sufocada por outro soluço, passou a correr por Cookie, abriu a porta de casa e desapareceu no pátio molhado pela chuva.

Mais aflita ainda, Cookie agarrou-se ao corrimão e começou a subir as escadas a um ritmo que há mais de vinte anos não utilizava.

Encontrou Nicholas e George à porta do quarto de Lady Eleanor. Nicholas segurava o rapaz pelos ombros.

– Tens de me dizer a verdade – gritava. – O que foi que a Lottie pôs naquele bolo? Sei que queres proteger a tua irmãzinha, mas, se não me disseres, a Laura pode morrer!

George abanou a cabeça. Embora lhe tremesse o lábio inferior, gritou a Nicholas com igual vigor.

– A Lottie nunca faria mal à Laura. Não sei do que está a falar!

Foi então que Cookie viu a sua menina estendida na cama, pálida e imóvel como se estivesse morta.

– O que lhe aconteceu? – perguntou Cookie apressando-se a chegar à cama e a pôr a mão na testa húmida de Laura. – O que aconteceu ao meu cordeirinho?

Nicholas e George seguiram-na com expressões preocupadas.

– Não tenho bem a certeza – disse Nicholas, lançando a George um olhar furioso. – Suponho que tenha sido vítima de uma partida que me era destinada.

Recordando-se das palavras chorosas de Lottie, Cookie voltou-se para George e gritou-lhe:

– Corra lá abaixo e traga-me uma chaleira de água a ferver e uma raiz preta do meu cesto de ervas. E depressa.

O rapaz sentiu-se claramente aliviado por poder fugir dali.

Enquanto Cookie corria pelo aposento, procurando uma bacia e panos limpos, Nicholas sentou-se na beira da cama. Pegou na mão inerte de Laura e levou-a aos lábios, sem afastar os olhos do seu rosto pálido.

– Não consigo acordá-la. Não seria melhor mandarmos buscar um médico a Londres?

– Não se preocupe, Mister Nick – disse Cookie. – Não vale a pena mandar vir um doutor todo elegante que se limitará a pôr sanguessugas nos lindos braços de Miss Laura. Olhe, tomo conta dela desde pequena. Tratei dela quando esteve mal com escarlatina, pouco tempo depois de os pais terem morrido. – Passando um pano húmido pela testa de Laura, Cookie abanou a cabeça. – Mesmo quando era pequena, nunca deu problemas. Estava sempre preocupada com o irmão e a irmã. – Começou a desapertar as fitas do corpete do vestido de Laura, depois hesitou, lançando um olhar a Nicholas. – A maioria dos homens não serve para nada no quarto de um doente. Se quiser, pode esperar lá em baixo.

– Não – disse ele, enfrentando o olhar firme de Cookie com uma expressão impotente. – Não posso.

Cookie tinha boas razões para lhe agradecer ter ficado. Quando o estômago de Laura se começou a revoltar contra o chá purgativo que a obrigou a beber às colheres, foi ele quem insistiu em segurar-lhe a cabeça por cima do

lavatório. Quando ela se deixou cair sobre os lençóis, trémula e exausta, foi ele quem lhe afastou do rosto as madeixas de cabelo molhadas de suor e lhe aconchegou ao corpo a colcha de chita. E quando ela acordou do estupor exausto já depois de a noite cair, era ele quem estava sentado na cadeira junto à cama com as pernas estendidas.

Laura passou por alguns momentos de confusão antes de se aperceber de que não se encontrava na sua própria cama. Olhou para o gracioso dossel, inspirando profundamente o aroma limpo e masculino que parecia rodeá-la, e a seguir voltou lentamente a cabeça para olhar para Nicholas, que dormia na cadeira.

Parecia um príncipe mesmo com os cabelos espalhados pela cara e os sinais de fadiga no rosto, ainda mais atraente aos seus olhos do que no dia em que o encontrara no bosque. Nessa ocasião nada mais fora do que um belo desconhecido. Agora não era apenas a sua bela aparência que admirava, mas a sua inteligência, o seu espírito e aquelas tentadoras centelhas de mau génio e ternura.

Como se sentisse o seu olhar pensativo, Nicholas pestanejou e acordou.

– Que me aconteceu? – perguntou, surpreendida pela rouquidão da sua voz.

Nicholas endireitou-se e inclinou-se para a cama, apertando-lhe a mão.

– Digamos que a habilidade culinária da sua irmã deixa um pouco a desejar.

– Eu devia tê-lo avisado – disse Laura. – Cheguei a contar-lhe da vez que fez um bolo de lama com uma dúzia de minhocas lá dentro e o serviu com o chá ao reverendo Tilsbury?

– Não – replicou ele com um meio-sorriso. – Se me tivesse contado, teria declinado o bolo de noiva que ela fez para mim.

Laura gemeu e lembrou-se do sucedido.

– Oh, quem me dera que *eu* o tivesse feito.

– E eu também. Para a próxima vez que a apanhe a cobiçar os meus doces, vou ter de arranjar forças para lhos negar. – Com uma expressão preocupada, afastou-lhe do rosto o cabelo despenteado. – Porém, devo confessar que, neste momento, não sei se lhe conseguirei negar alguma coisa.

Laura tocou-lhe com a mão na face, perguntando a si própria como fora possível que o rosto dele se lhe tornasse tão estimado num tão curto espaço

de tempo. Oferecia-lhe o mundo enquanto ela lhe negava o seu direito mais fundamental – a sua identidade. Nesse momento, sabia o que deveria fazer. Deveria dizer-lhe tudo, mesmo que isso significasse expor a sua própria mentira. Mas depois nunca mais ele a olharia com aquele misto sedutor de admiração e ternura. Nunca mais a tomaria nos braços nem encheria a sua boca de beijos.

Laura voltou o rosto para a almofada, escondendo as lágrimas que sentia subirem-lhe aos olhos.

Tomando aquele desgosto por exaustão, Nicholas apagou a vela e beijou-a ternamente na testa.

– Durma, minha querida. Vou dizer aos outros que vai ficar boa.

– Quem me dera que assim fosse – murmurou Laura para a escuridão depois de ele ter saído.

* * *

Nicholas entrou no celeiro e, a princípio, pensou que estivesse vazio. Depois ouviu um movimento furtivo lá em cima no sótão, como se um pequeno animal assustado se quisesse esconder melhor.

Subiu a escada e espreitou para a escuridão bafienta, localizando por fim uma centelha dourada por entre as traves. Lottie estava escondida por entre o feno, com os braços em volta dos joelhos e o cabelo caindo-lhe para o rosto em madeixas ensopadas. Fixava um ponto ao longe e não olhou para ele. No rosto tinha as marcas das lágrimas secas.

– A Laura morreu, não é verdade? – perguntou, antes que ele pudesse falar. – Foi por isso que veio cá. Diga-me que ela morreu.

Nicholas encostou-se a uma trave.

– Vim dizer-lhe que a sua irmã já acordou.

Lottie fitou-o com uma expressão incrédula.

Ele acenou com a cabeça.

– Vai ficar boa. Amanhã de manhã já deve estar completamente restabelecida.

Lottie tinha de novo os olhos rasos de lágrimas, mas limpou-as antes de afastar a tristeza do rosto.

– Como poderei encará-la? Nunca perdoará o que lhe fiz. Nunca!

– Ela não sabe que precisa de lhe perdoar seja o que for, exceto a sua falta de jeito para cozinhar. Não lhe disse nada.

As lágrimas de Lottie secaram imediatamente.

– Porquê? Porque é que fez uma coisa dessas?

Ele encolheu os ombros.

– Embora não me consiga lembrar, julgo que já tive dez anos. Mas cuidado – acrescentou semicerrando os olhos, – foi uma partida muito feia que tentou pegar-me e sugiro que não a repita.

Lottie pôs-se de pé com uma fungadela mal-humorada.

– O bolo não faria mal a um homem tão grande como o senhor.

Lottie levantou-se e quis passar por ele para se dirigir à escada, mas Nicholas agarrou-lhe firmemente o braço, obrigando-a a olhar para ele.

– Bem sei que não gosta de mim, Lottie, e penso que sei porque é.

Ela sentiu um leve tremor percorrer-lhe o corpo.

– Sabe?

Nicholas acenou afirmativamente, suavizando a voz e abrandando a força com que lhe agarrava o braço.

– Pode não acreditar, mas não tenho intenções de a substituir no coração da sua irmã. Desde que o deseje, haverá sempre lugar para a menina e para o George junto de nós.

Durante um minuto, Lottie pareceu dividida, como se lhe apetecesse lançar-lhe os braços ao pescoço, mas preferiu soltar-se da mão dele e descer as escadas sem pronunciar palavra.

Nicholas teve de ir muito mais longe para encontrar George. Quando chegou às ruínas queimadas nos limites da propriedade de Arden, já a chuva deixara completamente de cair, deixando a cobrir a terra uma leve bruma, semelhante a fumo. Passou por baixo de uma trave quebrada e encontrou George exatamente onde Cookie lhe disse que ele estaria – sentado na chaminé caída do que outrora fora a sala da modesta reitoria. O rapaz olhava para o céu através do buraco enorme que tinha sido o telhado.

Nicholas não esperou que ele pensasse o pior.

– A tua irmã acordou. Vai ficar bem.

– Bem sei. – George lançou-lhe um olhar frio e altivo. – Não a teria deixado sozinha consigo se não soubesse isso.

Nicholas aproximou-se evitando pisar uma tábua apodrecida.

– Este local é perigoso. Admira-me que não o tenham deitado abaixo há muito tempo.

– Lady Eleanor e a Laura queriam demoli-lo, mas eu não deixei. De cada vez que falavam no assunto, eu zangava-me de tal forma que fazia com que a Lottie parecesse um anjo do céu. – George continuava a olhar para o céu, como se esperasse descobrir uma única estrela a brilhar por entre as nuvens. – Fui eu que deixei o candeeiro aceso nessa noite, sabe? E em todos estes anos, a Laura nunca me repreendeu por isso.

Nicholas franziu a testa.

– Eras apenas uma criança. Foi um acidente. Uma tragédia terrível.

George pegou num destroço queimado e atirou-o ao ar.

– Eu lembro-me, sabe? Dos meus pais.

– Então és um felizardo – disse Nicholas em voz baixa, sentindo uma dor no peito.

George abanou a cabeça.

– Às vezes não tenho assim tanta certeza. – Limpando as mãos, levantou-se e baixou os ombros estreitos. – Se veio buscar-me para me dar uma sova, eu vou.

Nicholas ergueu a mão para o sossegar.

– Não sei se tiveste alguma coisa a ver com a maldade da Lottie, mas também não preciso de saber. Não é por isso que vim aqui.

– Então porque *veio* aqui? – perguntou George, já sem tentar esconder a sua beligerância.

– Como parece que a tua irmã vai viver tempo suficiente para se casar comigo na próxima quarta-feira de manhã, apercebi-me de que precisava de um padrinho. Esperava que pudesses dar-me essa honra.

George deixou cair o queixo de tão surpreendido.

– Não posso ser padrinho – disse tristemente. – Não sabe que sou só um rapazinho?

Nicholas abanou a cabeça.

– A verdadeira dimensão de um homem nada tem a ver com os anos, mas sim com o modo como ele toma conta dos que dependem dele. Já vi o muito que fazes por aqui, como cortas lenha e ajudas o Dower a tomar conta dos rebanhos e como olhas pelas tuas irmãs. E Laura garantiu-me que

um padrinho só precisa de ter duas qualidades: ser solteiro e ser meu amigo.
– Nicholas estendeu a mão. – Gostaria de pensar que és a pessoa certa.

George olhou para a mão estendida de Nicholas como se fosse a primeira vez que a via. Ainda com uma expressão cautelosa, estendeu o braço e apertou-lhe firmemente a mão com os ombros direitos e a cabeça erguida.

– Se precisa de um homem que o acompanhe no casamento, acho que esse homem sou eu.

Enquanto percorriam o caminho por cima dos destroços, Nicholas passou ao de leve o braço por cima dos ombros do rapaz.

– Ainda não jantaste, pois não? Eu estou esfomeado. Talvez possamos pedir à Lottie que nos arranje qualquer coisa doce.

Embora lhe fosse preciso um esforço enorme, George conseguiu manter uma expressão séria.

– Não creio que seja necessário. Parece-me que a Cookie fez uma nova fornada de biscoitos secos só para si.

À medida que os dias passavam sem notícias de Dower, Laura estava cada vez mais inquieta. O velho nunca aprendera a escrever, mas ela dera-lhe uma bolsa cheia de moedas e ordens para contratar alguém que lhe escrevesse um recado, se Dower descobrisse alguma coisa acerca de um cavalheiro desaparecido que fosse preciso investigar. Num despudorado cantinho do seu coração, desejava que ele não voltasse antes do casamento. Que ficasse fora até Nicholas estar ligado a si para sempre – ou pelo menos enquanto ambos vivessem.

Os preparativos para o casamento continuavam num ritmo frenético, tão inexoráveis como o tiquetaque do relógio de caixa do vestíbulo. De cada vez que Laura se voltava, Cookie esperava-a para lhe colocar sobre os ombros um pano de renda ou para lhe espetar um alfinete na anca. Embora a mulher tagarelasse alegremente, sobretudo quando Nicholas se encontrava por perto, Laura sabia que Cookie estava tão preocupada como ela acerca do paradeiro de Dower. Até Lottie parecia ter perdido a sua exuberância e passara a arrastar-se indiferente pela casa ou desaparecia horas a fio.

No domingo de manhã, os proclamas foram lidos pela terceira e última vez. Quando o reverendo Tilsbury perguntou se alguém sabia de algum impedimento para que os dois se unissem em matrimónio, Laura estava

sentada, hirta, ao lado de Nicholas, receando pôr-se de pé num salto para gritar que a noiva era uma fraude e uma mentirosa. Só se conteve por imaginar a expressão de ódio que surgiria no rosto de Nicholas – a expressão que via todas as noites nos seus torturados sonhos.

Nessa noite estavam reunidos em volta da mesa da casa de jantar quando o ruído dos guizos de umas rédeas quebrou o incómodo silêncio. Deixando cair a colher na sopa, Laura saltou da cadeira e dirigiu-se à janela. Procurava sinais de movimento no caminho sombrio, quando George aclarou severamente a garganta.

Laura voltou-se lentamente e viu um gatinho preto e branco que arrastava pela sala um guizo atado a uma fita escarlate. Então Laura sentou-se com um suspiro desanimado, e Lottie pegou no guizo e no animal para abafar o som alegre.

Enquanto Cookie voltava da cozinha com o prato seguinte, Nicholas observava o círculo de rostos lúgubres.

– Bem sei que têm tentado escondê-lo, mas já percebi que estão todos preocupados com o Dower. Querem que vá a Londres à procura dele?

– Não – gritaram os quatro em uníssono.

Nicholas encostou-se na cadeira, admirado com a reação.

Laura limpou os lábios com o guardanapo, na esperança de que ele não notasse como as mãos lhe tremiam.

– Agradeço a sua oferta, meu querido, mas não creio que os meus nervos possam aguentar mais. Só faltam três dias para o nosso casamento e posso casar-me sem o Dower, mas sem noivo é impossível.

– Não se incomode por nossa causa, Mister Nick! – Embora Cookie lhe batesse no ombro, olhava diretamente para Laura. – Esse patifório do meu homem estará provavelmente enfiado numa taberna qualquer. Vai cá chegar na noite antes do casamento a cheirar a bebida e a implorar o meu perdão. Vai ver se não é assim!

Jeremiah Dower estava sentado a uma mesa suja num canto sombrio da taberna O Focinho do Javali, bebendo a terceira genebra dessa noite. A taberna era uma das mais infames da zona ribeirinha e alguns cadáveres já tinham sido encontrados a flutuar no Tamisa depois de uma noite ali passada em prazeres duvidosos. Dizia-se à boca pequena que, se uma

pessoa não era morta por um dos clientes, sê-lo-ia pela genebra barata. Ou então, se subisse a escada com uma das desmazeladas prostitutas que infestavam as docas, poderia morrer lentamente de sífilis. Vários rapazolas vadios tinham perdido a inocência, a bolsa e, por fim, a vida entre essas coxas gordas e reconfortantes.

A mãe de Dower fora uma dessas prostitutas. Ele passara a juventude a esfregar manchas de tabaco e a despejar baldes de porcaria numa taberna igual àquela. Depois de a mãe ter sido estrangulada por um dos clientes, trocou rapidamente as sufocantes nuvens de fumo e os gritos dos bêbados pelo ar puro das manhãs do Hertfordshire e pelo sorriso de Cookie.

Um sorriso de que já tinha saudades quando se atirou para cima da cadeira e observou a multidão heterogênea. Durante a semana anterior passara a pente fino as ruas e as docas em busca de algum rumor sobre um cavalheiro desaparecido. Fora até Newgate e Bedlam na esperança de saber de algum fugitivo. Mas, até ali, a busca tinha sido em vão e o tempo estava a esgotar-se.

Se não regressasse a Arden na terça-feira à noite com a prova de que o misterioso cavalheiro de Miss Laura estava prometido a outra mulher, ela realizaria o casamento. A sua jovem patroa sempre fora dócil, mas não valia a pena tentar impedi-la quando se decidia a fazer o que quer que fosse. E não havia dúvida de que estava decidida em relação àquele elegante cavalheiro.

Dower fez uma expressão zangada. O homem podia não ser um fugitivo da lei ou do manicómio, mas não queria dizer que fosse menos perigoso para uma jovem inocente.

Estava prestes a pagar a conta e a partir, quando um rapaz ruivo, com a boca cheia de dentes tortos e amarelos, abriu caminho por entre a multidão e se inclinou sobre a mesa de Dower apontando com o polegar para a porta das traseiras.

– Está ali no beco um tipo que diz que quer falar consigo. Diz que talvez tenha uma coisa que lhe agrade ouvir.

Dower acenou com a cabeça e mandou embora o rapaz com uma das moedas que Miss Laura lhe tinha dado. Sem querer parecer demasiado ansioso, emborcou lentamente o resto da genebra e limpou a boca às costas da mão. Quando se levantou, tomou o cuidado de arregaçar as mangas da camisa, gozando a reação de espanto da prostituta sentada no colo do

barbudo que ocupava a mesa ao lado. Sabia por experiência própria que qualquer gatuno a pensar roubar um velho fraco pensaria duas vezes ao ver os músculos que lhe enfeitavam os braços.

O nevoeiro invadia a noite. Quando a porta se fechou atrás dele, abafando o ruído dos bêbados dentro da taberna, um homem materializou-se nas sombras. Dower esperara encontrar um pedinte balbuciante procurando ganhar facilmente uma moeda, mas percebeu imediatamente que aquele homem não precisava do seu dinheiro.

Usava um chapéu alto, de feltro, e balançava uma bengala na mão enluvada. Tinha o tipo de rosto mole e redondo, facilmente confundível com tantos outros.

– Espero que me perdoe por interromper as suas libações noturnas, Mister...?

Dower cruzou os braços.

– Dower. E não sou senhor.

– Então muito bem, Dower. Não o teria incomodado, mas disseram-me que andava a fazer certas inquirições aqui pela zona ribeirinha.

– Não fiz nada disso – protestou Dower. – Só andei a fazer perguntas.

O homem tinha um sorriso falso.

– Segundo os meus sócios, tem andado a perguntar por um homem alto, loiro, bem-falante e bem constituído que possa ter desaparecido há cerca de duas semanas.

A nuca de Dower arrepiou-se de antecipação. Fora sua intenção salvar Miss Laura das garras de um desconhecido, e não fazer com que ela fosse presa por rapto.

– Talvez esses seus sócios não saibam tanto quanto pensam.

– Ora essa, posso garantir-lhe que são muito minuciosos. E é por isso que cheguei à conclusão de que podemos andar à procura do mesmo homem.

A curiosidade de Dower quase levou a melhor, mas os olhos castanhos e imóveis do homem puseram-no de sobreaviso.

– Desculpe, amigo – disse –, mas encontrou a pessoa errada. Esta noite procuro apenas uma garrafa de genebra e um rabo de saia que me aqueça a cama.

– Com a recompensa que os meus patrões oferecem, podia comprar toda a genebra do mundo e pagar a todas as prostitutas.

Apesar do frio da noite, Dower sentiu gotas de suor formarem-se-lhe na testa.

– O que é que torna esse homem de quem anda à procura assim tão valioso?

O outro passou a bengala de uma mão para a outra.

– Se vier comigo, vai saber.

Dower nunca respondera bem à violência, principalmente se viesse disfarçada sob a frágil aparência de um discurso cultivado e maneiras delicadas. Mostrou os dentes num sorriso irritado.

– Receio ter de recusar. Tive um convite muito melhor da ruiva que estava na mesa ao lado da minha.

E deu meia volta para se dirigir à porta da taberna.

– É uma pena, Mister Dower, porque receio ter mesmo de insistir.

Antes de Dower se conseguir voltar, o castão de mármore da bengala desceu-lhe sobre a base do crânio, atirando-o ao chão. Mal teve tempo de admirar o couro brilhante das botas caras do homem, antes que uma delas lhe pisasse o rosto, fazendo-o mergulhar num lago de escuridão.

Capítulo 13

Por vezes, ela age sem pensar nas consequências...

Deveria ser a noite mais feliz da vida de Laura.

No dia seguinte, às dez da manhã, deveria estar diante do altar na igreja de Saint Michael para prometer o coração e a vida ao homem que desejava ainda antes de saber que ele existia. Ele tomar-lhe-ia ternamente a mão, olhá-la-ia nos olhos e juraria ser-lhe fiel até que a morte os separasse.

Deveria ter-se aconchegado nas roupas da cama, abraçando a almofada e sonhando com o dia seguinte. Mas, pelo contrário, percorria o quarto para trás e para a frente, impaciente de preocupação. Deteve-se junto à cabeceira de ferro da cama de Lottie para afastar um caracol que caíra sobre a face da irmã, invejando-lhe o sono inocente.

Era um luxo de que Laura não desfrutava desde o dia em que encontrara Nicholas no bosque. E se deixasse de prestar atenção aos reparos da sua consciência, poderia ser um luxo de que não mais desfrutaria. Quase esperava que Deus a pusesse à prova. Esperava que Ele enviasse Dower a galope pelo caminho com notícias de que Nicholas já tinha uma noiva em Londres.

Mesmo que Dower não regressasse antes do casamento, Laura sabia que não era demasiado tarde para se redimir. Bastava-lhe seguir pelo corredor até aos aposentos de Lady Eleanor e confessar tudo, lançando-se à mercê de um homem que seria subitamente um desconhecido.

Mas assim a manhã de sol do casamento nunca existiria, nem o crepe branco enfeitado a renda de Bruxelas, nem o bolo de noiva coberto de massa de amêndoa. Cookie não sorriria ao prender-lhe no cabelo uma coroa de rosas, Lottie não lhe levaria o ramo perfumado ao altar e George, mal-

humorado, não lhe daria os parabéns, reconhecendo que, afinal, o seu plano dera resultado.

E Nicholas não encostaria ternamente os lábios aos seus para selar os votos de matrimônio com um beijo.

Laura sentia os tentáculos da tentação apertarem-lhe o coração, hábeis e sinuosos como a serpente do Jardim do Éden. Pensando apenas em escapar-se dessa prisão, abriu as janelas de par em par e sentou-se no largo parapeito de madeira. A noite estava quente e ventosa, perfumada pelo jasmim e pela madressilva. A Lua, em quarto crescente, iluminava o céu, desafiando com o seu brilho as nuvens que passavam.

Era uma noite de encantos pagãos, daquelas que aceleravam o sangue de Laura e a incentivavam a soltar-se dos constrangimentos da sua vida. Mas agora sabia o preço a pagar por se render a esses desejos imprudentes.

Se ao menos pudesse regressar ao momento em que encontrara Nicholas a dormir no bosque! Talvez, de qualquer modo, ele se apaixonasse por ela. Nunca o saberia, pois nunca lhe dera essa oportunidade.

Suspirando tristemente, encostou a cara ao caixilho da janela. Tanto era pecado mentir a si própria como mentir-lhe a ele. Provavelmente, um homem como Nicholas nunca olharia para uma humilde jovem do campo. Uma jovem com as faces salpicadas de sardas, porque raramente se incomodava a pôr a touca. Uma jovem que não tinha as unhas arranjadas, mas curtas e lascadas de escavar a terra do jardim. Conseguir o amor daquele homem seria tão improvável como Apolo descer dos céus para oferecer os seus favores a uma mortal donzela. Poderia julgá-la agradável para se divertir num dia de verão, mas não para toda a vida.

Laura olhou para o bosque que ficava depois do relvado – um bosque oculto em sombras e em segredos. Fora tão sôfrega em acreditar que Nicholas caíra dos céus em resposta à sua prece, que nunca se preocupara em explorar as explicações mais racionais que a assombravam desde esse dia. Não havia vestígios de patas de cavalo perto do velho carvalho, mas era perfeitamente possível que ele tivesse sido lançado do outro lado da vala. Em pânico por se encontrar sem cavaleiro num bosque desconhecido, a sua montada poderia ter regressado pelo caminho de onde viera.

Laura endireitou-se, sabendo o que devia fazer. Não poderia regressar ao momento em que o encontrara, mas sim voltar àquele lugar. Talvez houvesse alguma pista da sua identidade que lhe tivesse escapado – uma

caixa de rapé gravada, a corrente de um relógio, papéis que poderiam ter-lhe caído dos bolsos. Não tinha outro remédio senão ir procurar. Pelo menos devia-lhe isso, mesmo que o que encontrasse significasse perdê-lo para sempre.

Laura não perdeu tempo a vestir-se. Calçou os sapatos e cobriu a camisa de dormir com uma capa, receosa de voltar atrás na decisão tomada se ali ficasse durante muito tempo. Quando saiu do quarto, o relógio de caixa do vestíbulo começava a bater a meia-noite.

Deveria ser a segunda noite mais feliz da vida de Nicholas.

A noite mais feliz seria a do dia seguinte, quando levasse a noiva para a cama com a bênção da Coroa e da Igreja. Teria então todo o direito de retirar os ganchos do cabelo de Laura, até que este lhe caísse em redor do rosto numa nuvem clara. Teria todo o direito de lhe desatar as fitas da camisa de dormir e de lhe fazer deslizar o cetim pelos ombros macios. Todo o direito de a deitar no colchão de penas e de cobrir a suavidade do corpo dela com o calor e o desejo do seu corpo.

Deveria estar a dormir, para preservar forças para essa noite, e não andar pelo quarto como uma fera enjaulada. Nada ajudava o regresso da dor de cabeça, latejando-lhe no crânio como uma canção ouvida uma vez mas não recordada. Esfregou a testa com a palma da mão, tentado a ir à sala em busca do frasco de brande.

Mas entorpecer os sentidos seria entorpecer os instintos, o que não seria assim tão terrível, pensou com uma gargalhada pouco sincera, se isso significasse que poderia voltar a enganar-se e a acreditar que a noiva não albergava um segredo perigoso que a fazia corar e gaguejar e quase saltar de cada vez que ele entrava no aposento.

Apoiando as mãos no toucador, inclinou-se para observar o seu reflexo no espelho. Não poderia censurar Laura por se assustar com o que via. Tinha o cabelo despenteado, o queixo endurecido. A boca era uma linha rígida, apagando a covinha que geralmente lhe surgia junto da face. Não parecia um homem prestes a, dentro de algumas horas, ir trocar os seus votos com a mulher que amava. Parecia um homem a ponderar um assassinio.

Algures dentro de casa, um relógio bateu a meia-noite, cada pancada triste aproximando-o mais do momento em que atravessaria o corredor para

se dirigir ao quarto de Laura, abrir a porta com um pontapé e exigir a verdade dos seus belos lábios mentirosos.

Frustrado, Nicholas bateu com a mão sobre o toucador. O frasco de perfume caiu no tapete, inundando o ar com a fragrância de flor de laranjeira. Um aguilhão de dor invadiu-lhe o crânio. Praguejando, dirigiu-se à janela e abriu-a totalmente.

Um vento noturno morno varreu o aposento com o seu perfume sutil e sedutor como o aroma da pele de uma mulher. Encostado à janela, Nicholas fechou os olhos, deixando que os suaves dedos da aragem lhe despenteassem o cabelo e acariciassem a cabeça dorida e as terríveis suspeitas.

Quando abriu a janela, uma figura esguia, envergando uma capa, corria pela relva, com o cabelo escuro esvoaçando.

Nicholas ficou entorpecido, com o sangue gelado. Só podia haver um motivo para uma mulher abandonar a cama confortável e enfrentar os perigos da escuridão na noite anterior ao casamento. Através dos seus olhos semicerrados viu-a dissolver-se nas sombras da floresta e agradeceu ao torpor que lhe enfraquecia a dor de cabeça e a do coração.

As árvores antigas erguiam-se na escuridão como uma porta para outras eras. Os seus ramos sinuosos balançavam ao vento acenando a Nicholas com a graça de um amante. Deteve-se no limite do bosque, onde tinha visto desaparecer a sua amada, sabendo que não lhe restava outra alternativa senão segui-la.

O luar prateava os ramos altos, mas pouco fazia para penetrar as sombras musgosas que cobriam o atalho estreito. Quanto mais se internava no bosque, mais as sombras cresciam, aumentando e tornando-se mais escuras até ameaçarem consumi-lo. O murmúrio do vento através das folhas era apenas quebrado pelo estranho grito de qualquer pequeno animal indefeso que acabava de morrer. Embora o som chegasse à alma de Nicholas como um terrível estremecimento de medo, os seus passos mantiveram-se seguros e velozes. Lá no fundo, Nicholas sabia nada ter a temer.

Porque era ele o mais perigoso predador que nessa noite andava pelo bosque.

Laura nunca antes se atrevera a entrar no bosque durante a noite.

Enquanto percorria o labirinto de árvores, espantava-se ao ver que o seu reino cheio de sol se transformara numa floresta de escuridão. Teria jurado que conhecia todas as pedras espalhadas e os buracos cobertos de musgo, mas a teia caótica de sombras e o luar tornavam estranhos e interditos os pontos mais reconhecíveis.

O bosque já não parecia o provável domínio das fadas e dos espíritos risonhos, mas sim de feios duendes em busca de uma noiva virgem para o seu rei.

Ela insistiu, decidida a não deixar que a sua imaginação infantil levasse a melhor. Sem o céu azul lá em cima, o desafio do perigo tinha perdido o seu encanto.

Laura passou três vezes pela mesma faixa fantasmagórica antes de se aperceber de que andara em círculos cada vez mais estreitos. Encostara-se ao tronco da árvore, esforçando-se por retomar o fôlego e a compostura. O que ia ali fazer parecia-lhe agora sem razão. Mas mesmo que não conseguisse encontrar uma única pista da identidade de Nicholas, sentiria pelo menos a consciência tranquila por tê-lo tentado antes de, no dia seguinte, subir com ele ao altar.

Soltando um raminho do cabelo, estugou o passo, decidida a chegar ao velho carvalho onde o tinha encontrado pela primeira vez. Saltou um ribeiro estreito quando alguma coisa atrás de si soltou um grito e foi rapidamente silenciada entre as mandíbulas de uma criatura mais poderosa. Meteu um pé na água fria. Olhou para trás, incapaz de afastar a sensação de que a poderiam perseguir com igual sofreguidão.

Um ruído leve mas inegável chegou-lhe aos ouvidos. Começou a correr, baixando a cabeça para não bater nos ramos e evitando as raízes que lhe repuxavam a bainha da capa com os seus dedos ossudos. Poderia continuar a correr para sempre se não tivesse tropeçado exatamente na clareira que procurava.

O velho carvalho mantinha-se de sentinela na beira da vala, com os seus largos ramos prometendo alívio ao viajante cansado. O luar escoava-se por entre a folhagem, tal como acontecera com a luz do Sol no dia em que encontrara Nicholas, tecendo um encantamento mais antigo que o tempo.

Laura pestanejou, pensando que poderia haver apenas uma explicação para aquilo que via. Devia ter adormecido à janela do seu quarto, devia ter

sonhado com a sua louca fuga pela floresta.

Nicholas estava diante dela, por baixo dos ramos protetores, com um pé sobre uma raiz saliente. O luar dourava-lhe o cabelo, lançando sombras na sua face.

Ela aproximou-se, achando-o tão irresistível como naquela tarde de verão.

– Não precisa de esconder o seu desapontamento, minha querida – disse ele em tom ao mesmo tempo trocista e terno. – Já percebi que estaria à espera de outra pessoa.

As palavras dele fizeram-na acordar do seu devaneio. Apercebeu-se imediatamente de como os seus passos eram desagradáveis com os sapatos molhados, de que lhe doíam os arranhões que tinha nos braços, da bainha encharcada da capa que se arrastava pelo chão atrás de si.

– Não sei o que está a dizer – replicou, pronta a dizer a verdade. – A noite vai alta. Não estava à espera de ninguém.

Nicholas ficou sério, parecendo-lhe ainda mais desconhecido.

– Poupe-me às suas mentiras, Laura. Eu sei tudo.

Capítulo 14

Receio que seja prejudicada pela sua natureza impetuosa...

Não era um sonho. Era um pesadelo.

– Tudo? Sabe tudo? – Laura estremeceu ao notar que falava num tom de voz aflautado.

– Tudo – repetiu ele, aproximando-se dela com passos cuidadosamente calculados. – Com certeza não esperava poder enganar-me para sempre, pois não?

Ela recuou um passo.

– Bom, eu esperava...

– Tenho de admitir que foi muito convincente. É uma ótima atriz. Já pensou em ir para o teatro?

– Oh, não! – abanou violentamente a cabeça. – A Lottie recebeu todo o talento dramático da família. Embora Lady Eleanor nunca tivesse dito uma palavra menos bondosa acerca das minhas capacidades ou da falta delas, destinava-me sempre um papel em que eu não tivesse de falar nas nossas peças de Natal – suspirou Laura. – Agora que penso no assunto, acho que nunca devia ter aberto a boca.

– Provavelmente gostaria de saber como adivinhei, não é verdade? Suponho que se sinta surpreendida por saber que tive sempre as minhas suspeitas.

Laura ficou siderada.

– Sim. Nunca me disse nada.

Ele aproximou-se o suficiente para lhe tocar, mas não o fez.

– Tinha esperança de estar enganado. – Soltou um riso amargo. – De facto, não vale a pena torturar-se, minha querida. Afinal, a culpa é toda minha

– Como... como pode dizer uma coisa dessas?

– Porque fui um perfeito idiota em deixá-la. Não era justo esperar que uma mulher apaixonada, como a menina, esperasse por mim durante tanto tempo. Deveria ter casado consigo quando a vi pela primeira vez. – As palavras de Nicholas eram ainda mais estranhas do que a ternura dos seus dedos junto à face dela, ou que o tom rouco de arrependimento da sua voz. – Pode responder-me a uma pergunta? Creio que me deve isso.

– Seja o que for – murmurou ela, hipnotizada pela sombra de dor que lhe escurecia o olhar.

– Veio aqui esta noite para se despedir do seu amante, ou planeava continuar os encontros depois de estarmos casados?

Laura olhou-o, tentando compreender as palavras dele.

– Ora eu... eu... – Nicholas impediu-a de continuar a gaguejar, passando-lhe o polegar pelos lábios trémulos.

– É uma pena que a verdade não saia tão facilmente como a mentira desses seus lábios adoráveis. Talvez lhe devesse perguntar se pensava nele de cada vez que eu a tomava nos meus braços. – Passou-lhe um braço pela cintura, puxando-a para si. – Era o rosto dele que via quando fechava os olhos? – Laura fechou os olhos enquanto Nicholas lhe passava os lábios pelas pestanas sedosas e logo seguiam pela curva da face até ao canto da boca. – Ele fá-la estremecer e suspirar de desejo sempre que os lábios dele tocam nos seus?

Não foi um suspiro, mas um gemido que escapou a Laura quando Nicholas se apropriou da sua boca. Não estremeceu, perdeu as forças. Se ele não lhe tivesse passado um braço pela cintura para a puxar para si, poderia mesmo ter desfalecido. Não se tratava do beijo de um pretendente que tentava cortejar a sua noiva. Era o beijo de um pirata – um beijo que não dava quartel e não fazia prisioneiros. Um beijo que roubava o que não poderia ser dado voluntariamente. A língua de Nicholas invadiu profundamente a boca dela com um calor macio que a fazia desfalecer encostada a ele. Sem pensar em mais nada senão no estranho desejo que aquele beijo acendera, ela passou-lhe a mão na nuca, chegando-o mais para si.

– Maldita mulher! – murmurou ele, enterrando-lhe a boca no cabelo. Embora falasse em tom zangado, estreitou-a mais nos seus braços,

chegando-a mais ao seu coração acelerado. – Como pode beijar-me assim se o seu coração pertence a outro?

Por fim aquelas palavras penetraram no cérebro perturbado de Laura. O alívio invadiu-a como uma cálida maré, empurrou-o e recuou, levando a mão à boca, demasiado tarde para conter uma pequena gargalhada.

Nicholas olhou-a, zangado.

– Primeiro troça dos meus afetos, depois atreve-se a troçar de mim. Os meus cumprimentos, Miss Fairleigh. Tem menos compaixão do que eu esperava.

Por muito que quisesse, Laura não conseguia apagar o sorriso dos lábios ou esconder a confusa admiração dos seus olhos.

– Seu louco! Foi isso que pensou? Que eu tinha aqui vindo para me encontrar com um amante?

– E não veio? – perguntou ele, conseguindo parecer ao mesmo tempo perigoso e vulnerável ao luar.

Laura abanou a cabeça sem saber bem o que fazer, aproximou-se dele um passo e depois outro.

– Claro que não. Deveria saber que tal coisa era impossível.

– Porquê?

Ele manteve-se imóvel quando ela estendeu a mão para lhe tocar na face, demorando os dedos no local onde a covinha deveria aparecer.

– Porque é o único homem que eu alguma vez quis.

Erguendo-se em bicos de pés encostou os lábios aos dele. Beijou-o como não tivera coragem de fazer naquele primeiro dia no bosque, e o doce abandono da sua boca apagou as defesas dele. Ergueu os braços e envolveu-a com força.

Passando-lhe a mão pelos cabelos, puxou a cabeça dela para trás para poder fitar os seus olhos luminosos.

– Se não veio aqui para se encontrar com um amante, o que veio fazer? – perguntou em voz rouca.

– Isto – murmurou, recusando profanar o momento com uma mentira descuidada. – Vim por isto. – Antes que ele a pudesse questionar de novo, puxou-lhe a camisa e os lábios dele para os seus, dando-lhe a única resposta de que ele precisava.

Naquele momento, Laura sabia que estava a ser tão tola como ele. Não fora o bosque nem o luar que tinham tecido o encantamento em redor do

seu coração; fora este homem. Deixara-se enfeitiçar por ele no momento em que pela primeira vez tocara nos seus lábios. Enquanto a encantava com a boca, Nicholas executava passes de mágica com as mãos, abrindo o fecho da capa para lha tirar dos ombros.

Recuou para a olhar e deixou escapar uma exclamação aguda. O que quer que esperasse encontrar por baixo da capa não era certamente a camisa de dormir.

– Mas que tolice – murmurou dando um tom terno às palavras de repreensão. – Quer morrer de pneumonia?

– Não há grande perigo de que tal aconteça – garantiu Laura, estremeçando sob o calor possessivo do seu olhar. – Pelo contrário, parece que contraí uma febre terrível.

Os lábios cálidos de Nicholas sentiram o bater acelerado do pulso no pescoço dela.

– Então talvez seja melhor deitar-se.

Se estivessem na sala da mansão, talvez ela tivesse respondido com um fraco protesto, mas ali no deserto pagão da floresta pareceu-lhe natural que a capa lhe caísse dos ombros e cobrisse as folhas atrás dela. E ainda mais natural que Nicholas a ajudasse a deitar-se suavemente sobre as dobras da capa.

Quando ele a cobriu com o seu corpo grande e forte bloqueando o luar, Laura sabia que não brincava com o perigo mas que lhe abria os braços. Príncipe ou rei dos duendes, ela seguiu-lo-ia de bom grado onde quer que ele a quisesse levar.

Nicholas envolveu-a num doce e escuro labirinto de desejo onde era ele a sua única luz. O peso dele não a fazia sentir-se esmagada, mas sim amada, enquanto os seus beijos se tornavam mais ousados. A mão dele desceu-lhe pela curva da anca, subindo de novo, amansando-a ao seu toque até que parecesse natural que ele lhe tocasse o seio por baixo do linho cremoso da camisa de dormir, acariciando com o polegar o bico túrgido do seu mamilo.

Laura soltou um gemido sufocado, acordando para mil sensações que ignorava possuir. Quando ele acariciou o botão latejante entre o polegar e o indicador, o prazer dançou-lhe pelo sistema nervoso, culminando num jato de sensação líquida entre as coxas. Quando as ia juntar, encontrou o joelho dele, que lhe lançou no ventre essas ondas de prazer.

Metendo os dedos no cabelo sedoso de Nicholas, arqueou-se de encontro a ele, procurando instintivamente alívio para a magnífica pressão que se formava dentro dela. Ele tomou-o por um convite para acomodar as suas ancas entre as coxas dela. Estava excitado e sentia-se febril, pesado, o fino escudo das suas calças de pele mal conseguia contê-lo. Movia-se junto a ela num ritmo mais antigo do que o antigo carvalho que os protegia, enquanto lhe beijava a boca ávida bebendo-lhe os suspiros e os gemidos como se fossem o mais doce dos néctares.

Entre um beijo e o seguinte, o mundo de Laura explodiu. O grito dela ecoou pela floresta, transformando-se num choro que parecia eterno como o êxtase que a percorria em cascatas ondulantes.

Nicholas, encantado, lançou a cabeça para trás. Embora a memória lhe falhasse, apostaria a sua vida em como nunca vira nada tão belo como Laura naquele momento: tinha as pestanas húmidas, as faces coradas, os lábios húmidos e entreabertos, a saia da camisa de dormir entre as coxas trémulas. Num movimento mais instintivo do que a respiração, fez deslizar uma mão por baixo da saia dela, gemendo em agonia e prazer enquanto os seus dedos acariciaram os seus caracóis sedosos e húmidos, passando para a doçura que cobriam. Como uma flor, ela abriu-se ao seu toque, pedindo para que ele inserisse um dedo dentro dela.

Os olhos de Laura abriram-se repentinamente. Embora estivessem ainda vidrados de espanto, era manifesto o seu sobressalto, o estremecimento da sua carne pura. Era o que sempre afirmara ser. Inocente. Pertencia a Nicholas.

Ou pertenceria dentro de breves horas, quando o ministro de Deus abençoasse a união de ambos e lhes conferisse a autoridade sobre o corpo um do outro. Mas Nicholas não queria esperar por essa bênção. Queria-a agora.

E ela queria-o também. Embora o receio lhe brilhasse nos olhos, sentia-se confiante. Sentia uma confiança tão cheia de ternura que ele percebeu que não seria impedido se traísse essa confiança.

Nicholas foi apanhado de surpresa pela onda de boa disposição que lhe invadiu o peito. Quando o riso brotou dele, rico e purificante, envolveu Laura nos braços até ser ela a ficar sobre ele.

Apoiando os braços no peito dele, Laura olhou-o com uma expressão inegavelmente ressentida.

– Fico feliz por saber que considera divertida a minha inexperiência.

– Não me estou a rir de si, meu anjo. Estou a rir de mim próprio. – Afastou-lhe o cabelo do rosto, com a mão ainda trémula do seu quase contacto com o êxtase. – Não sou do tipo de comprometer a minha noiva. Pelo menos na noite anterior ao casamento.

Laura ponderou por momentos aquela revelação, sem que o rosto sardento perdesse a sua solenidade.

– E na noite *após* o nosso casamento?

– Deixarei então que a minha noiva *me* comprometa.

A carruagem rolou pelas ruas de Londres envoltas em nevoeiro; o cocheiro, envolvido num agasalho de lã, tinha na cabeça um chapéu alto preto. A passagem do veículo atraía os olhares curiosos de bêbados e mulheres de olhos congestionados que enchiam as vielas estreitas, pois as cortinas cor de vinho estavam corridas e não havia qualquer brasão que identificasse os seus ocupantes.

Se alguém descobrisse que Diana percorria as ruas de Londres durante a noite numa carruagem fechada, tendo por único companheiro o famoso marquês de Gillingham, a sua imaculada reputação ficaria irreparavelmente manchada. Sentiu um perverso prazer ao pensar nessa possibilidade, imaginando como as bisbilhoteiras que tanto a lamentavam passariam a lançar-lhe olhares escandalizados. Pois que, para variar, murmurassem atrás dos leques!

Alisando o cabelo, lançou um olhar ressentido ao homem semideitado no banco de veludo em frente a si. Apesar da postura indolente, estava, como sempre, impecavelmente bem arranjado, sem trair qualquer sinal de ter sido arrastado da sua casa confortável a meio da noite. A rica fragrância da sua colónia perfumava o ar, fazendo-a sentir-se levemente embriagada.

– Pregou um susto aos meus criados ao bater na minha porta daquela maneira – disse ela. – Só espero que a sua descoberta justifique obrigar-me a sair assim da cama.

Thane cruzou as pernas nos tornozelos. Embora o espaçoso tapete não pusesse em risco tocar-lhe, Diana acomodou os pés debaixo das saias.

– As minhas mais profundas desculpas por ter perturbado o seu descanso, minha senhora – declarou ele. – Quando recebi notícias desse detetive que

contratou, também estava na cama, mas não a dormir.

– Porque será que isso não me espanta? – murmurou ela, mantendo uma expressão cuidadosamente desinteressada.

Thane semicerrou os olhos verdes.

– Também estava sozinho.

Diana sentiu-se corar. Desviando os olhos do rosto dele, pegou nas luvas e prendeu o fecho da gola da peiça.

– Acha que, desta vez, esse tal Watkins tem uma pista genuína?

– Espero bem que sim. De outro modo, resta-nos a única conclusão a que fomos capazes de chegar nas últimas duas semanas... que o seu primo desapareceu levando consigo o cavalo.

A carruagem descreveu uma curva apertada e ambos ficaram em silêncio. Diana afastou a cortina. Passaram por uma fila de armazéns abandonados, cada um mais delapidado que o outro. Por fim, a carruagem deteve-se junto a uma estrutura em ruínas com janelas sem vidros que olhavam para a noite como olhos sem alma.

O cocheiro desceu do seu banco e abriu a porta da carruagem. Diana concluiu que não deveriam estar longe das docas. O cheiro desagradável a peixe podre era quase insuportável.

– Espere aqui por nós – ordenou Thane ao cocheiro quando desceram da carruagem.

– Tem a certeza de que não há perigo? – perguntou o homem, lançando um olhar nervoso à rua deserta.

– Não tenho a certeza de nada – replicou Thane. – Mas foram as instruções que recebi.

À medida que as sombras lançadas pela enorme ruína os engoliam, Diana encolhia-se junto de Thane sem disso se aperceber e sem sequer pensar em protestar quando sentiu a sua mão enluvada segurar-lhe o cotovelo. Thane ignorou a porta principal e escoltou-a por uma viela estreita entre dois edifícios de tijolo a desfazerem-se.

Uma simples porta de madeira surgiu da escuridão. Thane bateu imediatamente. Nada aconteceu.

– Estaremos na morada errada? – perguntou Diana, esperançosa, espreitando por cima do ombro.

Antes que ele pudesse responder, a porta começou a abrir-se com um guincho dos gonzos ferrugentos. Um homem enorme com dentes

pontiagudos e patilhas gordurosas surgiu da escuridão, empunhando ainda um osso com bocados de carne na mão enorme. Diana não pôde deixar de pensar se não se trataria da tibia da última pessoa que se atrevera a interromper-lhe o jantar.

Diga-se em abono da verdade que Thane nem pestanejou.

– Vim para falar com Watkins. Ele mandou-me chamar.

– Por aqui. – Voaram gotas de gordura quando o homem apontou com o osso na direção das sombras por trás de si.

De um corredor estreito passaram a um enorme aposento onde o mínimo ruído produzia um tremendo eco. Abandonando qualquer pretensão de orgulho, Diana agarrou-se à casaca de Thane. Sentindo-a em pânico, ele estendeu a mão e apertou-lhe os dedos nos seus.

Havia duas lanternas sobre uns caixotes dando àquele espaço o aspeto de um palco pouco iluminado. Um homem estava encostado aos caixotes com as mãos presas atrás das costas. Diana teria pensado que ele estava morto se não tivesse levantado a cabeça quando ela deu um grito involuntário.

O homem olhou-os através do inchaço do único olho negro que conseguia abrir. Apesar do fio de sangue que lhe escorria da boca entreaberta e da nódoa negra na face, não parecia derrotado na sua postura.

– Lorde Gillingham – disse atrás deles uma voz agradável. – Muito obrigado por ter respondido prontamente à minha chamada. – Mister Theophilus Watkins surgiu das sombras com a sua elegante *toilette* estragada pelas manchas de sangue que cobriam o peitilho da sua camisa branca.

Thane voltou-se para ele.

– Watkins, que significa isto? Esta senhora contratou-o para encontrar o primo, e não um velho a quem espancaram.

O velho espancado emitiu um ruído gutural e fez com que Diana olhasse para ele com os olhos muito abertos.

O sorriso de Watkins transformou-se num esgar de desprezo.

– Peço perdão se ofendi as vossas delicadas sensibilidades, senhor, mas ele sabe onde o primo desta senhora se encontra. E não quer dizer.

– Nem sei como o poderá fazer com essa mordalha que lhe enfiaram na boca – retorquiu Thane.

Watkins lançou um olhar furioso ao prisioneiro.

– Tem uma infeliz tendência para falar quando eu não lhe faço perguntas. Pensei que talvez o senhor, como é um cavalheiro, o pudesse chamar à razão. Falei-lhe na recompensa, mas não parece impressionado.

Depois de refletir por uns momentos, Thane ordenou.

– Solte-o.

– Mas, senhor, não creio que seja...

– Solte-o – repetiu Thane. – E já!

Com certa relutância, Watkins fez sinal ao enorme carrasco, que sacou de uma enorme faca e se acorou atrás do prisioneiro.

Depois de retiradas as cordas e a mordaça, Thane disse:

– Mister Watkins não lhe mentiu. Há uma elevada recompensa para a informação que procuramos.

Esfregando os pulsos magoados, o velho lançou a Thane um sorriso de troça.

– E quanto é, senhor? Trinta peças de prata.

Antes de Diana ou Thane poderem reagir, Watkins atingiu com a bota as costelas do homem.

– Não te faria mal mostrar algum respeito diante desta senhora e deste cavalheiro – vociferou. – E verás o que acontece se não o mostrares.

Admirada com a brutalidade do detetive, Diana passou rapidamente por ele e ajoelhou-se junto do velho. Amparou-lhe os ombros enquanto ele tentava recuperar o fôlego, depois pegou-lhe na mão enrugada, sem se importar com os danos sofridos pelas suas elegantes luvas brancas. Surpreendeu-se ao sentir os olhos cheios de lágrimas, e ainda mais surpreendida ao sentir a mão de Thane no seu ombro.

– Por favor – pediu ao velho –, o meu primo desapareceu há quase um mês, e eu estou desesperada de preocupação. Se sabe alguma coisa do seu paradeiro, imploro-lhe que no-lo diga. – O velho olhou Diana com cautela enquanto ela metia a mão na bolsinha e retirava dela a miniatura de Sterling que encomendara quando ele fizera dezoito anos e lha estendia com a mão trémula.

– Tem agora mais dez anos, mas está ainda muito parecido.

O olhar petrificado do homem passou da miniatura para o rosto de Diana.

– Quem é esse seu primo, menina?

– Não sabe? – Admirada, Diana voltou-se para o irritado Watkins. – Ele não lhe disse?

Pouco à vontade, o detetive aclarou a voz.

– Em casos como estes, tentamos não divulgar a identidade dos nossos clientes, a menos que seja estritamente necessário.

– Assim, quando o meu corpo aparecesse a boiar no Tamisa – disse o homem, sarcástico –, haveria menos possibilidades de eu ter dito aos meus amigos quem é que me tinha atirado lá para dentro.

Foi a vez de Watkins resmungar. Sem fazer caso dele, Diana disse delicadamente:

– O homem que procuramos, o homem que foi visto pela última vez em Londres na quinta-feira, dia doze de julho, é Sterling Harlow, o sétimo duque de Devonbrooke.

A cor desapareceu do rosto do velho, fazendo sobressair as nódoas negras. Embora abrisse a boca, apertou com toda a força a mão de Diana.

– Thane! – exclamou Diana, assustada com a reação.

Thane ajoelhou-se junto dela, passando um braço pelos ombros do homem.

– Deus do céu – murmurou o velho, agarrando-se à mão de Diana como se fosse a sua última esperança. – Temos de a deter antes que venda a alma ao próprio diabo.

Capítulo 15

*Quem me dera que aparecesse um homem como tu
para olhar por ela...*

Nicholas acordou ao som do canto dos pássaros e do toque dos sinos. Saltou da cama e abriu a janela toda. O prado ondulante era uma manta de retalhos verde, pontilhada de ovelhas de lã branca cintilando sob o azul do céu. O alegre repicar dos sinos da igreja parecia chamar o nome dele convidando-o a partilhar uma maravilhosa celebração. Apoiando os braços no parapeito da janela, inclinou-se para sentir a brisa aquecida pelo sol, respirando uma prece de silencioso agradecimento.

Era um dia perfeito de verão.

Era o dia do seu casamento.

Sorriu e espreguiçou-se, alongando os músculos tensos. Embora ele e Laura tivessem entrado em casa quase de madrugada, esforçando-se por abafar os passos e o riso, não se sentia nada cansado. Ela tinha por fim confessado a razão por que andava pelo bosque àquela hora. Procurava pétalas de rosa brava para cobrir o doce com que tencionava surpreendê-lo no pequeno-almoço do dia do casamento. Ele abanou a cabeça, maravilhado com os complicados e muitas vezes surpreendentes meandros do espírito feminino.

Deixando a porta entreaberta, dirigiu-se à cadeira e vestiu as calças, sem deitar uma olhadela sequer ao espelho do toucador. Fora um idiota ao pensar que poderia encontrar a sua pessoa naquela superfície fria e polida. Se ao menos pudesse chegar aos calcanhares do homem que vira refletido nos olhos de Laura, ficaria contente. Não se importava quem poderia ter

sido antes. Só lhe importava quem viesse a ser após aquele dia – marido de Laura e pai dos seus filhos.

Estendeu a mão para a camisa quando uma cabecinha peluda lhe bateu no tornozelo; a gatinha amarela enroscou-se-lhe na perna com um ronronar rouco que a fazia parecer um tigre em miniatura.

Nicholas pegou-lhe, encostando ao seu peito nu o sedoso pelo do animal.

– Sabes que não te consigo resistir, mulher insaciável, mas tenho de te prevenir que é a última manhã que me terás só para ti.

Na porta soou uma pancada pesada.

– Pode entrar, Cookie – disse. – Não estou vestido.

Cookie enfiou a cabeça pela porta, corando por baixo da touca

– O senhor deveria ter vergonha, Mister Nick, troçar assim de uma velha. Se eu entrasse por aqui adentro e o encontrasse vestido apenas com esse seu sorriso malicioso, duvido que o meu pobre e velho coração aguentasse o choque.

– Aposto que esse pobre e velho coração é mais forte do que nos quer dizer. E o que é isto? – perguntou olhando para o monte de roupa cuidadosamente dobrada que ela trazia no braço. – Estava à espera de um prato de biscoitos secos.

– Não passei o tempo todo a costurar o vestido de Miss Laura, sabe? – Estendeu-lhe a sua oferta, baixando timidamente a cabeça.

Ele aceitou a roupa e descobriu uma elegante casaca talhada num belo tecido azul e um par de calças castanho-claras.

– Cookie, mas o que é isto? – murmurou passando a mão pelo esmerado trabalho. – Não creio que alguma vez tenha visto um fato de casamento tão elegante.

Ela fez um gesto de modéstia.

– É de um tecido já antigo que encontrei no sótão. Quero que a minha menina hoje se orgulhe de si, quando estiver diante da maior parte das coscuvilheiras da aldeia. – Olhou para as ancas dele com ar preocupado. – Espero que as calças lhe sirvam. Tive de adivinhar as suas medidas.

Nicholas ergueu a cabeça e olhou-a nos olhos, pestanejando inocentemente.

Corando de novo, Cookie recuou até à porta, espetando um dedo na direção do jovem.

– Não tem vergonha de ser tão atiradiço? Veja lá se quer que eu vá ter com Miss Laura e lhe diga que não pode casar consigo porque está apaixonado por mim.

Nicholas lançou a cabeça para trás e riu com gosto.

– Então, a Laura teria de ir buscar a forquilha do Dower, e eu acabava como comecei. – Conteve-se ao ver uma sombra passar pelo rosto de Cookie. – Diga-me, soube alguma coisa acerca dele?

Ela esboçou um corajoso sorriso.

– Não se preocupe com esse herege. Há de fazer de tudo para não ter de entrar numa igreja. Vai ver como ele vem a correr por aquele monte abaixo assim que lhe cheirar ao presunto do almoço do casamento.

Laura inclinou a cabeça, sustendo a respiração enquanto Lottie a enfeitava com uma coroa de botões de rosa. Endireitou-se para ver a sua imagem no espelho grande que George trouxera do sótão. Embora tivesse apanhado o cabelo num carrapito solto, tinha o rosto emoldurado por madeixas brilhantes, obra do ferro de frisar, e por umas quantas lágrimas que teimavam em cair.

Todas as picadelas de alfinetes que suportara nas duas semanas anteriores tinham valido a pena. O vestido de cintura subida servia-lhe na perfeição com as suas mangas tufadas enfeitadas com rendas de Bruxelas mostrando os braços esguios. Calçava um par de delicados sapatinhos apertados com fitas de cetim creme.

Laura não se sentia uma noiva. Sentia-se uma princesa.

– Belisca-me as faces para lhes dar cor, Lottie. E vê lá se tens os sais à mão para o caso de eu desmaiar durante a cerimónia. – Laura cruzou os braços para tentar sossegar o ardor que sentia no estômago. – Nunca pensei que fosse possível sentir-me tão feliz e assustada ao mesmo tempo.

– Tens todo o direito de te sentires feliz – disse Lottie firmemente, dando-lhe um beliscão na face direita. – Daqui a dois dias terás vinte e um anos e Arden Manor será tua para sempre.

Laura olhou para a irmãzinha como se a esta lhe tivesse crescido outra cabeça. Não só se tinha esquecido do seu aniversário, como da razão pela qual arrastara Nicholas para a mansão. Desde esse dia que as suas razões

eram muito mais importantes. Agora sabia que um monte de tijolos, por muito precioso que fosse, não poderia ser a sua casa se ele não estivesse lá.

Buscava palavras para o explicar à irmã, quando George apareceu à porta com o rosto vermelho de aflição.

– Laura, a Cookie pôs goma a mais no meu colarinho e tenho as orelhas magoadas!

– Não voltes a cabeça, George – avisou-o Laura –, senão saltam-te os olhos. – Virou-se para a irmã e deu-lhe um abraço rápido mas apertado. – Suponho que não preciso de te explicar a minha felicidade. Um dia, vais entender.

– E, um dia, *tu* também – murmurou Laura com os olhos sombrios, enquanto via a risonha Laura empurrar George para fora do quarto.

Todos os habitantes de Arden apareceram para o casamento de Laura.

Enquanto Betsy e Alice Bogworth limpavam delicadamente os olhos, vários dos pretendentes rejeitados de Laura assoavam-se ruidosamente aos lenços. Diziam as más-línguas que Tom Dillmore tinha até tomado banho em honra do acontecimento, embora a velha viúva sentada a seu lado tapasse firmemente o nariz com um lenço. Todos os paroquianos soltaram um suspiro abafado quando Wesley Trumble apareceu bem barbeado, embora com tufos de pelos a saírem-lhe das orelhas. Mesmo sendo apenas nove e meia da manhã, Abel Grantham, já bêbado, contava a quem o queria ouvir como tivera de saltar do burro para salvar a pequena Laura depois de ela cair na manjedoura durante uma das peças de teatro de Natal. Tooley, filho de Abel, dormia e ressonava com as mãos sobre o enorme ventre ainda antes de o casamento começar, conservando sem dúvida a sua energia para o almoço, que, depois do casamento, seria servido na mansão.

Cookie estava sentada, sozinha, no banco da família. Usava uma bonita touca enfeitada com as penas de uma das galinhas que sacrificara nessa manhã. George encontrava-se ao lado de Nicholas, alto e muito direito, parecendo ter já catorze anos com o seu laço e o colarinho engomado. Lottie acompanhava Laura segurando o ramo de lírios e esporeiras com tanta força que os nós dos dedos perderam a cor.

Mas Laura tinha apenas olhos para Nicholas. Embora estivessem ambos de frente para o altar, ela olhava-o disfarçadamente por baixo das pestanas

caídas, descobrindo coisas de que nunca se apercebera – as leves rugas junto aos lados da boca mesmo quando não sorria, o modo como o cabelo se encaracolava na nuca, o pequeno arranhão na garganta porque se cortara a fazer a barba. Na noite anterior, ela enterrara a boca nesse mesmo pescoço, provando-lhe a pele macia enquanto os dedos ágeis dele lhe tocavam em sítios em que ela própria nunca se atrevera a tocar. Mas hoje ele parecia-lhe ainda mais desconhecido.

O reverendo Tilsbury lia em tom monótono, numa voz que, para ela, quase não era audível.

Até que essa voz se tornou mais clara, obrigando-a a concentrar-se em cada palavra.

– Ordeno-vos a ambos, pois respondereis por isso no dia do Juízo Final quando forem revelados os segredos de todos os corações, que, se souberdes de algum impedimento para esta união, falai agora ou calai-vos para sempre.

Lottie soltou um suspiro. George puxou o colarinho com dois dedos.

Laura parecia envolvida numa bolha de silêncio que lhe sugava o ar dos pulmões. Lançou a Nicholas um olhar assustado. Ele piscou-lhe o olho e os seus lábios curvaram-se num alegre sorriso. De repente, Laura conseguiu respirar de novo.

Nicholas não era um desconhecido. Era o homem que ela amava. E se Laura tivesse de se apresentar diante de Deus quando a sua vida de casados terminasse para confessar o segredo do seu coração, seria isso que faria. Porque ele era o único segredo que valia a pena guardar.

Laura nada disse até ao momento em que deveria tomá-lo por esposo. Fê-lo sem hesitar: com a voz cristalina ecoando pela nave cheia de sol, jurou amá-lo, respeitá-lo e obedecer-lhe no bem e no mal, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte os separasse.

O reverendo ergueu o livro de orações e aclarou a voz. Sobressaltada, Laura lembrou-se de que Nicholas não tinha um anel para lhe oferecer. Ou pelo menos era o que pensava até ele retirar um pequeno círculo de ouro do bolso do colete para o colocar delicadamente sobre o livro.

O reitor devolveu-lhe o anel, e Nicholas fê-lo deslizar no dedo de Laura.

– Encontrei-o na caixa das joias de Lady Eleanor – murmurou. – Se ela era tão generosa como me afirmou, não creio que se importasse.

Laura olhou para a brilhante granada que pertencera à avó de Lady Eleanor e sorriu-lhe por entre um véu de lágrimas.

– Julgo que ficaria muito satisfeita.

Sorridente, o reverendo Tilsbury uniu-lhes as mãos. Erguendo-as, declarou numa voz que chegou a todos os cantos da igreja:

– O que Deus uniu nenhum homem deve separar.

– Ámen! – exclamou Cookie, e todos os paroquianos participaram numa enorme ovação.

George saiu da igreja seguido por Lottie. Enquanto Laura e Nicholas recebiam pela primeira vez a comunhão como marido e mulher, ele e a irmã juntaram-se às pessoas que esperavam no adro para felicitar os noivos.

Dirigindo-se à sombra de um carvalho, George deu aos folhos dos punhos um puxão tal como vira o cunhado fazer uma dúzia de vezes.

– Sabes, Lottie, tenho estado a pensar que talvez estivesse enganado acerca do Nicholas. Afinal, ele não é assim tão mau.

Um silêncio amuado recebeu aquelas palavras.

George suspirou.

– Sei que começaram mal os dois, mas, se deixasses de amuar durante cinco minutos, verias que... – voltou-se e viu que falava sozinho. A irmã tinha desaparecido.

– Lottie? – Procurou-a por entre a multidão que se encontrava no adro, mas não conseguiu encontrar os caracóis dourados em parte alguma.

Nicholas e Laura apareceram à porta da igreja com sorrisos ofuscantes como o sol da manhã. Deram apenas um passo, pois foram imediatamente cercados pela gente ruidosa que lhes desejava felicidades. George abriu caminho por entre eles, chegando por fim junto de Laura com o cabelo despenteado e o laço torto.

Puxou-lhe com força pela manga.

– Laura, viste a Lottie?

Ainda agarrada ao braço de Nicholas, Laura sorriu-lhe atordoada de tanta felicidade.

– Hã? A Lottie? Claro que a vi. Não estava um encanto com aquele vestido cor-de-rosa?

Antes que ele pudesse explicar, a noiva voltou-se para cumprimentar outra pessoa. Apercebendo-se de que dali não receberia qualquer ajuda, George desceu os degraus a correr. Cookie subia já para a carroça da mansão, acompanhada por várias mulheres da aldeia que recrutara para ajudarem no almoço.

Estalando a língua para pôr os cavalos em movimento, George correu ao lado da carroça.

– A Lottie desapareceu, Cookie. Viste-a?

Cookie desatou a rir.

– Acha que vai encontrar a sua irmã com tanto trabalho que há para fazer? Se bem conheço a minha menina, só vai aparecer quando a mesa estiver posta com os doces de que mais gosta.

Enquanto Cookie sacudia as rédeas com força, George dava meia volta procurando aflitivamente pela irmã no adro da igreja. Embora Lottie não estivesse em parte alguma, ouvia-lhe a voz tão claramente como se ela lhe segredasse ao ouvido.

Nos romances de Miss Radcliffe, o vilão que procura comprometer a virtude da heroína encontra sempre a morte prematura antes de o conseguir.

Depois da quase desgraça com o veneno, George partira do princípio de que a irmã tinha abandonado o seu plano irracional. Mas, e se estivesse enganado?

Procurava pelas sombras debaixo dos carvalhos quando avistou uma centelha dourada lá em cima no campanário. O anjo de pedra empoleirado no parapeito saliente da torre, de asas abertas em direção ao céu. Mesmo em baixo dele, Laura e Nicholas continuavam nos degraus, rodeados pela multidão que começava por fim a rarear.

E que farás tu se nenhuma dessas experiências der os resultados que esperas? Perguntara ele a Lottie enquanto esperavam naquele exato local em que se encontravam Laura e Nicholas.

Ela olhara para cima, para o anjo, e sorrira com o seu sorrisinho secreto. *Então teremos simplesmente de olhar para o céu em busca da inspiração divina.*

– Não – murmurou George, olhando horrorizado para o rosto querubínico do anjo. – Oh, por favor, meu Deus, não.

Ninguém precisava de saber. Se conseguisse chegar a Lottie antes que ela cometesse aquela loucura, ninguém precisava de saber.

Era essa a litania que George repetia no seu espírito ao mesmo tempo que empurrava o velho Halford Tombob para chegar ao campanário.

O velho brandiu a bengala na direção do rapaz.

– No meu tempo, os miúdos como tu tinham maneiras.

Não havia tempo para desculpas, não havia tempo para ajustar os olhos à cerrada penumbra dentro da torre. George seguiu aos tropeções por entre o labirinto das cordas do sino, para logo subir a correr a escada íngreme com o coração a querer saltar-lhe do peito e que quase parou com a cena que viu ao chegar à torre.

Lottie estava sentada no parapeito atrás do anjo, escavando a argamassa em redor da base com um escopro de ferro.

George imobilizou-se com medo de dar mais um passo.

O rosto de Lottie estava estranhamente calmo. Nem levantou os olhos do que estava a fazer.

– Não penses em deter-me. Trabalhei muito para isto. Tenho vindo aqui todos os dias partir esta maldita pedra enquanto tu praticavas os nós da gravata diante do espelho, para não envergonhares sua excelência no altar. Se agora queres fazer alguma coisa de útil, vai lá abaixo e tenta afastar a Laura dos degraus.

– Poisa o escopro, Lottie. Tu não queres fazer uma coisa dessas.

– Porque não? Tens de admitir que se trata de um plano magnífico, digno do mais gótico dos enredos. Todos pensarão que se tratou de um trágico acidente. A Laura pode ficar com Arden Manor. Nós podemos ficar com a Laura. E tudo continuará exatamente como antes de *ele* ter chegado.

George abanou a cabeça.

– Não. Não continuará. Nada voltará a ser o mesmo, porque terás destroçado o coração da Laura.

– A seu tempo ela há de perdoar-me – insistiu Lottie, retirando um enorme bocado de argamassa. – Nunca consegui ficar zangada comigo por mais de uma hora. Lembras-te de quando deixei que a *Miss Fuzzy* tivesse a sua ninhada de gatinhos em cima do seu xaile preferido e ela disse que eu era uma miúda horrível e egoísta? Chorei tanto que quase não consegui respirar, e ela veio pedir-me desculpas por eu ter ficado assim sufocada.

– Desta vez, as tuas lágrimas não serão suficientes para compor as coisas.

George deu um passo em direção à irmã antes de lhe dizer em voz baixa:

– Ela ama-o, Lottie.

Lottie ficou completamente imóvel e o escopro caiu-lhe da mão com um ruído metálico no chão de pedra. Finalmente, ergueu para George os enormes olhos azuis rasos de lágrimas.

– Bem sei. E eu também.

George quase não chegava à torre a tempo de a segurar quando ela se deixou cair. Lottie agarrou-se ao irmão soluçando não como a jovem elegante que pretendia ser, mas como a menina pequena que era. Abafou o choro no ombro de George.

– Ele chamou-me Caracolinhos Dourados, como o papá me costumava chamar!

George fez-lhe umas festas desajeitadas na cabeça. Mas as palavras de consolo que começava a dizer foram abafadas por um estrondo ensurdecedor.

Todo o seu corpo vibrou.

«Os sinos!», pensou cerrando os dentes contra a onda de choque. O sacristão devia estar a tocar os sinos para espalhar pelo campo a boa-nova que era o casamento de Laura e Nicholas. E o ruído criava uma cacofonia diabólica dentro do campanário.

Lottie livrou-se dos braços do irmão com um grito mudo e levou as mãos aos ouvidos. Antes que ele a pudesse agarrar, ela recuou sem querer e tropeçou no anjo de pedra.

A estátua começou a abanar e quando o resto do estuque que a ligava ao chão se desfez em pó, inclinou-se para diante. George estendeu o braço para a agarrar, mas em vão. Ele e Lottie ficaram a ver horrorizados o anjo levantar voo e despenhar-se lá em baixo nos degraus.

Capítulo 16

*Já vivestes tempo suficiente para saber que,
por vezes, as pessoas fazem coisas que não devem...*

– Está a ouvir os sinos? – gritou Nicholas quando a torre explodia num som assustador.

– Não são os sinos, meu amor – respondeu Laura no mesmo tom. – São os anjos a cantar de cada vez que olho para os seus olhos.

Ele ergueu uma sobrancelha, com uma expressão mais diabólica do que angelical enquanto lhe encostava a boca ao ouvido.

– Esta noite prometo que a faço ter uma visão do céu.

– Porquê esperar até esta noite? – perguntou-lhe Laura em surdina. Humedeceu os lábios enquanto lhe fazia o convite.

Nicholas estava prestes a aceitar a sugestão, quando uma sombra surgiu do céu, consumindo a luz do Sol no seu caminho. Laura continuava com os lábios orvalhados e os olhos fechados quando Nicholas lhe deu um violento encontrão, obrigando-a a cair de costas pelos degraus da igreja.

Ouviu-se um estrondo terrível seguido de uma nuvem de pó que tudo ocultava e uma catadupa de gemidos, gritos e tosse. Durante vários minutos, Laura ficou estendida na relva, completamente aturdida. Sabia que os beijos de Nicholas tinham efeitos espantosos sobre ela, mas nunca se desequilibrara assim numa escada.

Limpando a poeira dos olhos lacrimejantes, tentou pôr-se de pé. O belo vestido em que Cookie trabalhara com tantos cuidados estava sujo de erva e tinha meia dúzia de rasgões. A coroa de botões de rosa caíra-lhe para os olhos. Estava vagamente consciente de que as pessoas que se juntavam no

adro atrás dela gritavam em pânico sobre o repicar dos sinos, mas Laura só pensava em voltar para junto de Nicholas.

Subiu os degraus cambaleando como um embriagado duende do bosque. A escada estava cheia de restos de estuque e bocados de pedra. Tentava saltar por cima de um desses fragmentos, quando uma voz sua conhecida gritou:

– Laura!

Laura deu meia volta e viu Lottie dobrar a esquina da igreja a correr com George atrás. O rosto da menina iluminou-se ao ver a irmã, mas logo a seguir entristeceu. As crianças detiveram-se olhando para qualquer coisa atrás de Laura.

Fizera-se silêncio entre os aldeãos. Calaram-se os sinos, os anjos deixaram de cantar. O tempo pareceu arrastar-se quando Laura olhou para trás. O pó começara a assentar revelando um homem estendido como um fantoche junto à porta da igreja.

– Nicholas... – murmurou Laura.

Deixou-se cair de joelhos junto dele. Não fora um fio de sangue escorrer-lhe da testa, dir-se-ia que estava a dormir. Laura pestanejou tentando convencer-se de que o misterioso objeto junto dela *era* de facto uma asa partida.

Voltou os olhos para o céu, apercebendo-se então do que acontecera.

Quando a estátua do anjo caíra do parapeito, Nicholas empurrara-a para a pôr a salvo, sendo ele atingido pelo golpe.

Quando os aldeãos começaram a juntar-se nos degraus atrás dela, Laura meteu a mão trémula dentro do colete de Nicholas e sentiu que o coração do seu noivo batia forte, tal como naquele primeiro dia no bosque.

Sentiu-se invadida por um enorme alívio ao ver que ele começava a abrir os olhos, porém, a expressão confusa de Nicholas horrorizou-a. Se a primeira pancada na cabeça lhe tinha roubado a memória, a segunda não poderia restituir-lha?

Agarrando-o pelas lapelas do casaco, abanou-o ao de leve.

– Nicky... Reconhece-me? Sabe quem eu sou?

Mordeu o lábio quando ele pestanejou para tentar focar o rosto dela e sentia que toda a gente sustinha a respiração para ver o que iria acontecer.

– Claro que a reconheço. – Estendeu a mão para afastar um botão de rosa que cobria um olho de Laura, ao mesmo tempo que a covinha da face se

acentuava. – É a minha mulher.

Laura lançou-se-lhe nos braços, rindo por entre as lágrimas ao mesmo tempo que os aldeãos os aclamavam. Ajudado por ela, Nicholas levantou-se com alguma dificuldade, conseguindo nova salva de palmas.

Laura enlaçou-o pela cintura, estreitando-o como se nunca se quisesse apartar dele.

– Pregou-me o maior susto da minha vida! Pensei que estivesse morto.

– Não seja tola, minha querida. Um homem que enfrenta um canhão não vai deixar que uma simples estátua lhe caia na cabeça. – Esfregou a testa, estremecendo quando as pontas dos dedos tocaram no corte. – Abriguei-me por baixo da porta, mas devo ter sido atingido pela asa. – Lançou um olhar intrigado ao parapeito. – O que poderá ter causado a queda? Talvez os sinos?

Antes que Laura pudesse responder, foram rodeados pelos aldeãos preocupados, que os levaram para o adro da igreja. Enquanto Tooley Grantham batia nas costas de Nicholas com tanta força que quase o fazia cair, Tom Dillmore piscava o olho a Laura e dizia:

– Ainda bem que voltou a si, amigo. Já me estava a preparar para oferecer as minhas condolências à viuvinha.

Nisto foi imitado pelos restantes pretendentes rejeitados de Laura, que rodearam Nick felicitando-o pela sua coragem e pelos reflexos rápidos. Estavam todos demasiado distraídos pelo alegre caos para repararem na carruagem negra e brilhante que estacionava junto aos portões do adro da igreja.

A viúva Witherspoon enfiou o cotovelo ossudo na anca de Laura.

– Saia do meu caminho, menina! Já teve a sua oportunidade para beijar o noivo. Agora é a minha vez.

Laura não teve outro remédio senão afastar-se e deixar a cacarejante viúva encostar os seus lábios esticados à face de Nick. E ria da careta bem-humorada do noivo quando viu a carruagem.

O alívio por ver que ele estava vivo era ainda demasiado forte para que sentisse mais do que uma mera curiosidade quando um lacaios de libré dourada saltou do seu banco para abrir a porta da carruagem onde estava pintado um complicado brasão.

Abriu desmesuradamente os olhos ao ver que dois animais monstruosos saíam do interior escuro. Eram demasiado grandes para ser cães.

Certamente seriam lobos.

– Mãe, olhe – gritou uma criança. – São ursos!

Alice Bogworth soltou um grito agudo, e os aldeãos fugiram quando os animais começaram a dirigir-se para o relvado diante dos degraus. Laura ficou paralisada de medo, incapaz de fugir ou de gritar. Mas os animais passaram por ela e, saltando ao mesmo tempo, colocaram as patas enormes no peito de Nicholas, atirando-o ao chão.

Em vez de lhe rasgarem a garganta, como Laura receava, lambeiram-lhe a cara com as línguas rosadas. Por momentos, Nicholas deixou-se ficar na relva, atordoado, mas logo fez uma careta e empurrou-lhes as cabeças.

– Valha-me Deus, deixem de se babar em cima de mim. Já tomei banho hoje, muito obrigado.

Pôs-se de pé com alguma dificuldade, agarrado à cabeça, mas os cães continuavam a correr e a saltar em volta dele, impedindo-o de escapar.

Só quando um deles o pisou com força é que Nicholas lançou a cabeça para trás e vociferou:

– *Caliban! Cerberus!* Sentados!

Todos os que estavam no adro estremeceram, incluindo Laura. Os cães sentaram-se, subitamente tão inofensivos como um par de cerra-livros.

Os olhos de Nicholas encontraram-se com os de Laura, e pela expressão de pânico e confusão que neles havia percebia-se que estavam ambos igualmente admirados com aquela súbita explosão. Mas não houve tempo para comparar as reações, pois de dentro da carruagem surgiu uma senhora que correu pelo caminho.

Desatando a chorar, lançou os braços ao pescoço de Nicholas e começou a cobrir-lhe o rosto de beijos.

– Oh, seu maldoso, afinal está vivo! Está mesmo vivo! Quase perdi a esperança!

A princípio, Nicholas ficou hirto nos braços da senhora. Depois começou lentamente a erguer os seus.

– Diana? – Tremia-lhe a mão enquanto afastava o cabelo escuro e liso do rosto dela. – É mesmo a menina?

Laura voltou o rosto, incapaz de assistir àquela terna reunião. Desde as botinas acetinadas até às penas de avestruz do chapéu, aquela mulher era tudo o que Laura nunca seria – bela, elegante, sofisticada. E verdadeiramente adorada pelo homem que tinha nos braços.

Nicholas prometera-lhe uma visão do céu, e nada mais receberia dele.

Quando Lottie deu a mão a Laura, um cavalheiro com a bengala metida debaixo do braço aproximou-se sem se dignar olhar para elas.

Durante vários segundos, Nicholas olhou-o sem perceber.

– Thane? *Thane*? Que diabo fazes tu aqui?

O homem bateu-lhe no ombro a sorrir.

– Vim salvar-te, claro, tal como tu me salvaste tantas vezes no campo de batalha. Certamente não esperavas que eu ficasse sentado, sabendo que estavas a ser amarrado por uma camponesa tola.

Nicholas pestanejou e abanou a cabeça como se acordasse de um sonho fantástico.

– Não consigo perceber o que se passa. – Levou a mão à testa. – Se ao menos conseguisse que a minha cabeça deixasse de latejar...

A mulher apoderou-se do braço de Nicholas.

– Não se preocupe, Sterling. Tudo fará sentido logo que se encontre de novo em sua casa, em Devonbrooke Hall.

Laura pensava já ter passado pelo pior momento da sua vida. Estava enganada.

Esse momento chegou quando o homem com quem se acabara de casar se voltou para ela semicerrando os olhos. Quase conseguia vê-los transformados em pedras de âmbar pelo líquido morno das suas profundezas douradas. Quando se apercebeu de que se tinha vendido de corpo e alma a Sterling Harlow, o Diabo de Devonbrooke em pessoa, Laura fez a única coisa que lhe era permitida naquele momento.

Desmaiou.

Segunda Parte

O príncipe das trevas é um cavalheiro.

– William Shakespeare

Capítulo 17

... por todas as razões

Laura encontrava-se sentada na beira da cama ainda com o vestido rasgado e a coroa de botões de rosa toda torta na cabeça. Estava tão absorvida a olhar para coisa alguma que nem pestanejou quando uma meia cor-de-rosa lhe passou pelo nariz seguida de um par de sapatinhos.

De Lottie apenas era visível o seu pequeno traseiro arredondado. Estava de joelhos remexendo no guarda-vestidos de Laura. A cada segundo atirava a George uma peça de roupa. O irmão apanhava-a e metia-a dentro de uma maleta de brocado, aberta do outro lado da cama.

– Não sei porque se dão a tanto trabalho – disse Laura com uma voz tão inexpressiva como o seu rosto. – Não me vão deixar usar essa roupa na cadeia.

– Não vais para a cadeia – disse Lottie irritada, lançando a George uma camisa de dormir amarrotada. – Vais fugir.

Laura suspirou.

– Não sei se já repararam, mas há um criado enorme à porta. Mesmo que consiga passar por ele, tenho a certeza de que Sua Graça ficaria encantado em me atihar um dos seus monstruosos cães.

George abriu a janela e debruçou-se para inspecionar a inclinação das telhas.

– Podíamos atar alguns lençóis e baixar-te até ao chão.

– *Esse plano é sem dúvida brilhante* – disse Laura secamente. – Até lhe poupo trabalho, se partir o pescoço.

Lottie sentou-se nos calcanhares e lançou ao irmão um olhar exausto.

– Ele não pode manter-te aqui fechada para sempre, sabes isso? – insistiu George.

– E porque não? Trata-se de um homem rico e poderoso. Pode fazer de mim o que quiser. – Laura não conseguiu esconder um arrepiamento involuntário. – Mesmo que lhe conseguisse fugir, onde iria? Conseguiria sempre encontrar-me.

Lottie afundou-se na cama ao lado de Laura, dando-lhe palmadinhas na mão gelada.

– Talvez não seja demasiado tarde para te lançares à sua mercê. Se chorares muito, talvez ele consiga perdoar-te.

Laura voltou-se lentamente para olhar para a irmã.

– Durante seis anos, Lady Eleanor implorou o seu perdão. Nem sei quantas vezes a vi chorar por causa dele. Porém, ele nem se lembrava na mãe. – E Laura continuou a olhar para as violetas debotadas do papel de parede. – Recuso pedir misericórdia a um homem que não a tem.

– Vê as coisas pelo lado bom – disse Lottie, inclinando a cabeça sobre o ombro de Laura. – Talvez ele esqueça tudo o que lhe aconteceu desde que perdeu a memória.

Laura observou o bonito anel de granadas que o noivo lhe tinha metido no dedo há pouco mais de uma hora.

– É disso mesmo que eu tenho medo – murmurou encostando os seus cabelos escuros aos cabelos loiros de Lottie.

Sterling Harlow, sétimo duque de Devonbrooke encontrava-se no salão de Arden Manor pela primeira vez em vinte e um anos. Já não sabia se era o tempo ou a memória que o traíam. Sabia apenas que aquele aposento fora outrora maior e mais luminoso, as rosas bordadas nas almofadas do sofá haviam sido vermelhas, e não rosadas, e ao piano da mãe não faltava metade de uma perna. Nicholas Radcliffe nunca reparara nestas insignificâncias, mas, para Sterling, eram tão evidentes como a feia marca de humidade que manchava o friso de estuque.

Abriu as gavetas da secretária e empurrou para o lado os livros quase apodrecidos. O frasco de brande estava exatamente onde o pai o tinha escondido. A mãe fingira não saber que ele ali estava, mesmo quando o pai cambaleava escada acima, após uma noite a «examinar os livros de contas», livros cujas colunas não tinham algarismos, porque ele perdera ao jogo a

sua modesta herança e o dote da mãe numa das salas mais infames de Covent Garden.

– Queres beber alguma coisa? – perguntou a Thane. – Bem sei que é cedo, mas creio que um homem tem direito a um brinde no dia do seu casamento.

– Pois claro que sim – replicou Thane, aceitando o copo que Sterling lhe oferecia. O jovem marquês estiraçara-se no assento da janela cruzando os pés.

– Deve ser bastante velho. Era do meu pai – informou-o Sterling. – A sua única qualidade era ter bom gosto em relação ao que bebia. Mas preferia vinho do Porto. Era homem de emborcar três garrafas por noite.

Thane sorveu um gole.

– Não admira que sempre aguentasses tão bem a bebida.

Não é dado à bebida.

O eco daquelas delicadas palavras cortou o coração de Sterling como uma faca. A mão apertou-se-lhe em redor do copo. Foi o que pôde fazer para não o atirar para a lareira. Levou-o então aos lábios, emborcando o brande todo de uma vez.

Diana aclarou a garganta. Percebendo a intenção, Sterling serviu outro copo e levou-o à otomana em que a prima se sentava.

Francamente admirado, Thane ergueu uma sobrancelha.

– Não sabia que as senhoras gostavam de bebidas mais fortes que o xerez. Também deseja uma pitada de rapé?

Ela sorriu docemente por cima do copo.

– Não, muito obrigada. Prefiro o cachimbo.

Depois de Sterling se servir mais uma vez, Thane ergueu o copo num brinde.

– À liberdade.

– À liberdade – repetiu Sterling com uma expressão implacável.

– À liberdade – murmurou Diana, olhando receosa para o primo enquanto sorvia um pequeno gole de brande.

Sterling afundou-se no cadeirão de cabedal, atirando descuidadamente para o chão um muito usado Novo Testamento em grego. Já não lhe apetecia ler acerca do perdão e da redenção.

Thane inclinou a cabeça para ler a lombada e soltou uma gargalhada trocista.

– Não acredito que essa camponesa quisesse fazer de ti um pároco de aldeia. Espera até que os rapazes no White saibam que o infame Diabo de Devonbrooke quase trocou os chifres por uma auréola.

– Tem a certeza absoluta de que ela não tinha maneira de saber quem o primo era? – perguntou Diana.

– Não me parece – replicou Sterling friamente.

Diana fazia girar o brande no copo, enrugando a testa macia.

– É isso que mais me intriga. Se ela não queria pôr as mãos ávidas no seu dinheiro ou no seu título, então porquê toda esta complicada charada?

Thane inclinou-se para diante no seu lugar.

– Segundo disse o tal Dower, a mãe do Sterling disse à jovem que, se ela se casasse antes do dia do seu vigésimo primeiro aniversário, que por acaso é depois de amanhã, a mansão pertencer-lhe-ia.

– É impossível – ripostou Sterling. – A minha mãe não poderia dar-lhe a mansão. Por lei, dois terços da propriedade do meu pai pertencer-me-iam logo após a sua morte. Não tinha o direito de a oferecer a uma órfã ambiciosa.

Thane encolheu os ombros.

– Sabes como são as mulheres. Deixamo-las à vontade muito tempo, e logo aparecem com ideias tolas e românticas.

Diana aclarou de novo a voz, desta vez com menos delicadeza.

– *Algumas* mulheres, quero eu dizer – emendou Thane, esforçando-se por esconder um sorriso. – Não estamos em Londres, sabes? De facto, nem seria difícil a tua mãe encontrar um funcionário inexperiente disposto a redigir um documento aparentemente oficial contendo qualquer disparate que ela lhe pagasse para escrever. Talvez pensasse que tu não te importasses. O teu pai morreu há mais de dez anos e pouco interesse mostraste em reclamar a tua parte da herança. Isto é, até agora.

Olhando para Sterling com uma expressão perplexa, Diana abanou a cabeça.

– Isso não explica por que razão a jovem o escolheu, arriscando-se dessa maneira.

– Porque não lhe perguntamos? – sugeriu Thane pondo-se de pé. – Atrevo-me a dizer que teve tempo suficiente para se recuperar do seu oportuno desmaio. Vou buscá-la imediatamente.

– Não – gritou Sterling, sobressaltando os dois.

Thane sentou-se mais uma vez.

– Não quero vê-la – acrescentou Sterling mais calmo. – Por enquanto não.

Thane e Diana trocaram um olhar perturbado. Para escapar ao exame de ambos, Sterling dirigiu-se à janela na parede norte e afastou a cortina. *Caliban* e *Cerberus* corriam pelo jardim de Laura em saltos salpicados de latidos e flores pelo ar.

– Será fácil retirar-se desta situação, meu caro primo – disse Diana suavemente. – O casamento não é certamente vinculativo, já que assinou o registo da paróquia com um nome falso.

– Até uma aldeia destas dimensões deve ter um agente da polícia – comentou Thane. – Senão, levamos a bruxinha para Londres. O tribunal não vê com bons olhos o rapto de um par do reino. Terá muita sorte se não a condenarem à forca.

Sterling continuou a olhar pela janela, silencioso e imóvel.

– Posso tratar de tudo, se quiseres... – Foi a vez de Thane aclarar a voz. – A menos que, claro... haja circunstâncias atenuantes.

– Ele quer saber se comprometeu a jovem – declarou alegremente Diana, fazendo com que Thane se engasgasse com o brande.

Não é homem para comprometer a virtude da sua noiva.

A recordação dessas palavras, ditas com uma sinceridade tão encantadora, fez com que Sterling tivesse vontade de enterrar o punho no vidro da janela. Desejava tê-la comprometido. Desejava ter-lhe erguido a camisa de dormir acima da cintura e nessa clareira do bosque iluminado pelo luar tê-la possuído como um velho sátiro pagão. Se se tivesse apercebido de que não haveria outra oportunidade, teria feito isso e muito mais.

– Não me parece que esta discussão seja apropriada na presença de uma senhora – protestou Thane quando retomou a compostura.

– Ora, por amor de Deus, Thane – disse Diana. – Não precisa de ser tão condescendente. Não sou uma daquelas tolinhas que adoram corar e com quem o senhor se relaciona. Ao contrário dessas damas suas amigas, já tenho idade para saber calçar os sapatos.

– Lisonjeia-me que ande a observar os meus hábitos – respondeu em tom trocista. – Diga-me, tem espiões em todos os salões de Londres que frequento? Ou será só nos quartos?

– Ah! – troçou Diana. – Para que queria eu espiões se as suas experiências românticas aparecem em tudo o que é jornal de escândalos e é

murmurado por detrás de todos os leques?

– Perdoe-me, senhora – disse Thane em voz baixa. – Esquecia-me de que sempre acreditou mais nos mexericos mal-intencionados do que em mim.

Seguiu-se um momento de tensão, a que Diana pôs fim voltando-se para Sterling.

– Mesmo que a tivesse comprometido, não vejo que isso mude as coisas.

– Pelo menos nisso estamos de acordo – disse Thane friamente. – A tonta da rapariga só pode culpar-se a si própria e ainda terá de suportar as consequências da sua mentira. E pode ser que descubras que não és o único nobre que ela tentou atrair para o casamento.

Sterling não deu sinal de os ter ouvido.

– Sterling – exclamou Diana –, o primo é geralmente tão cuidadoso. Ela não estará grávida, pois não?

Sempre me disse que queria ter dois filhos – um rapaz e uma menina.

Sterling fechou os olhos. Podia apagar a beleza trocista desse dia de verão, mas nada podia fazer para tirar da cabeça a doçura da voz de Laura. Ou a visão do rapazinho de olhos castanhos e sardas e da menina loira que nunca teriam.

Voltou-se lentamente, cada movimento era um exercício de disciplina.

– Por muito que aprecie a vossa preocupação, penso que será melhor não discutirmos este assunto antes do dia de amanhã.

Thane começou a protestar, mas Diana levantou-se obediente, alisando a saia.

– Claro. Respeitamos os seus desejos.

Thane imitou-a, lançando um olhar triste pela janela.

– Gostaria de saber quais as possibilidades de encontrarmos comida decente nesta terra selvagem.

Sterling sorriu pela primeira vez desde que recuperara a memória, embora o sorriso não lhe chegasse aos olhos.

– Podem pedir à cozinheira que faça uns biscoitos secos. Mas não se cheguem ao bolo de noiva. Costuma deixar um amargo de boca.

Nicholas Radcliffe tinha dito uma vez a Laura que não acreditava em fantasmas, por isso apanhou um susto enorme quando, ao cair da tarde, eles começaram a aparecer das sombras que cobriam os cantos do salão.

O pai foi o primeiro a materializar-se, passando bruscamente por ele com uma garrafa numa mão e o chapéu alto na outra.

– Vou para Londres, meu rapaz. Se queres lançar esse estúpido papagaio, vai ter com a tua mãe. Não tenho tempo para disparates.

Mas a mãe estava ajoelhada junto à porta, com as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto formoso. Quando o fantasma do rapaz que ele fora passou pelos seus braços abertos com os ombros erguidos e ar impiedoso, ela desapareceu.

– Mãe – murmurou Sterling, mas era demasiado tarde. A mãe já tinha partido.

Voltou-se e viu o velho Granville Harlow junto à lareira, com um sorriso trocista nos lábios finos.

– Nunca fui apologista de se mimar as crianças – disse o duque, batendo repetidamente com a bengala na palma da mão. – Em breve farei um homem deste rapaz.

Sterling lançou o copo de brande meio cheio para a lareira, mandando o velho de volta para o inferno.

Mas não houve maneira de expulsar as sombras que se seguiram. As sombras de Laura e do homem a quem ela chamara Nicholas Radcliffe. Radcliffe encostado à prateleira da lareira a sorrir para Laura como o tolo que ela tinha feito dele. Os dois juntos no assento da janela, enlaçados num abraço terno e apaixonado. Ele ajoelhado diante da otomana tomando-lhe nas mãos o belo rosto antes de tocar com os lábios nos dela. Ela a perder as forças, e ele ali para a tomá-la nos braços e a estreitá-la de encontro ao peito.

Sterling afundou-se no cadeirão e esfregou os olhos. Afinal não era a casa que estava assombrada, era ele.

O silêncio foi quebrado por um ronronar. Sentiu uma coisa peluda e quente esfregar-se-lhe no tornozelo.

– *Nellie*. – A voz estremecia-lhe ao baixar a mão para acariciar a maravilhosa maciez do pelo da gata. – Meu Deus, *Nellie*, onde estiveste durante todo este tempo?

Mas quando abriu os olhos não era *Nellie* que o olhava do chão, mas sim a gatinha amarela que tanto se parecia com ela. Olhou para a porta. Estava entreaberta e fora por aí que ela entrara.

Sterling retirou lentamente a mão. Como tudo em Arden Manor, a gatinha era simplesmente uma ilusão, uma recordação atormentadora da vida que ele nunca teria.

– Vai-te embora daqui – ordenou em voz rouca, empurrando o animal com a ponta da bota. – Não tenho tempo para as tuas tolices.

A gatinha não se mexeu. Sentou-se nas patas traseiras e emitiu um lastimoso miado, pedindo-lhe que a readmitisse nos seus joelhos e nas suas boas graças.

Sterling levantou-se bruscamente, perdendo todo o seu controlo.

– Já te disse que não suporto gatos! – gritou. – Porque não me deixas em paz de uma vez?

A gatinha deu meia volta e fugiu pela porta. Sterling soube instintivamente que ela não retornaria.

Fechou os punhos e virou-se de frente para a lareira, quase à espera de ouvir uma gargalhada trocista do seu tio-avô. Mas parecia que os fantasmas também se tinham ido embora, deixando-o mais só do que alguma vez estivera.

Laura estava deitada de lado, à luz trémula da vela, olhando para a cama vazia da irmã. O todo-poderoso duque deveria ter decretado que Lottie não podia partilhar com ela aquela prisão. Pouco depois do meio-dia, o laçao de expressão empedernida mandara sair os irmãos, deixando Laura sozinha à espera de uma chamada que não chegou.

Esperava pão e água para jantar, mas Cookie mandara-lhe um tabuleiro carregado das mais suculentas carnes e de tentadoras iguarias. Embora Laura tivesse mudado a posição da comida para que Cookie não se assustasse quando recebesse o tabuleiro e visse que ela nada comera, não conseguira engolir uma única garfada do que deveria ser o seu almoço de casamento.

Só imaginava o que pensariam os aldeãos do desastre dessa manhã. Provavelmente, tê-lo-iam achado mais emocionante do que as representações teatrais de Lady Eleanor, até mais do que aquela vez em que o turbante de George se incendiara e as ovelhas fugiram pela igreja fora.

Caindo a noite, vestira a camisa de dormir e deitara-se como se aquela fosse igual a todas as outras noites. Como se não tivesse passado a noite

anterior aninhada nos braços do homem que amava – beijando-o, rindo, falando dos seus planos para o futuro. E provando o tentador prazer que era apenas uma sombra do que deveriam partilhar nessa noite.

Laura fechou os olhos para aliviar a enorme onda de tristeza que sentia. Os únicos braços que nessa noite a envolveriam seriam os seus, mas não conseguiriam aquietar os seus estremecimentos de tristeza. Desejava poder chorar, mas as lágrimas pareciam congeladas no vulto frio que se lhe alojara no peito. Custava-lhe tanto respirar, que quase desejava não o poder fazer. Um silêncio misterioso pairara todo o dia sobre a mansão, como se alguém tivesse morrido e as outras pessoas apenas se atrevessem a sussurrar. E esse silêncio tornou mais inquietante o súbito ruído das rédeas e das patas dos cavalos no empedrado, por baixo da janela de Laura.

Afastou as roupas da cama, dirigiu-se à janela e correu as cortinas. A elegante carruagem que trouxera a desgraça ao seu casamento partia a toda a velocidade pelo caminho em direção à aldeia.

Ou a Londres.

O desejo de Laura cumprira-se. De repente, não conseguia respirar.

Talvez Sterling Harlow não a tivesse chamado à sua presença por ter chegado à conclusão de que Laura não era digna da sua atenção nem do seu desprezo. Talvez houvesse decidido regressar à refulgente agitação da vida de Londres, fingindo que as três últimas semanas não tinham acontecido. Um instante antes, se alguém lhe perguntasse qual seria o seu maior castigo – se ter de o enfrentar nessa noite ou nunca mais o ver –, não conseguiria responder. Mas, quando viu as lanternas da carruagem afastarem-se na escuridão, Laura soube.

Conseguira arrastar-se até à cama e puxar sobre si o edredão de penas, quando a porta do quarto se abriu de supetão. Sentou-se com um suspiro sufocado, mas dessa vez não era o criado que se atrevia a perturbar a sua privacidade. Era o próprio duque de Devonbrooke.

Sterling fechou a porta atrás de si e encostou-se a ela cruzando os braços, enquanto a olhava através do monte de roupa em desalinho.

– Não é preciso ficar tão surpreendida por me ver, minha querida. Ou esqueceu-se de que hoje é a nossa noite de núpcias?

Capítulo 18

Juro nunca te fazer sofrer...

O pai de Laura tentara avisá-la. Se vendesse a alma ao diabo, seria apenas uma questão de tempo até ele vir buscá-la. Mas o pai nunca a avisara de que o diabo podia ser tão belo que ela se sentisse tentada a entregar-lhe a alma sem interpor qualquer defesa.

Enquanto os lábios dele esboçavam um sorriso trocista e o cabelo loiro lhe caía para o rosto, Sterling Harlow tinha todo o aspeto de um anjo caído. As mangas subidas mostravam os antebraços musculosos polvilhados de pelos dourados. Vinha descalço e a gravata solta em volta do colarinho da camisa semiabotoada apenas realçava o seu aspeto infame.

– Grite quanto quiser – sugeriu, prazenteiro. – A minha prima Diana pode adorar-me, mas isso não significa que me defenda se eu atacar uma jovem indefesa no seu quarto. Se gritar bem alto, o Dower pode até vir a correr do celeiro com a forquilha na mão.

Laura não fazia tenções de gritar. Tratava-se de uma dança só para dois.

– Ter desmaiado diante das irmãs Bogworth já foi bastante humilhante. Não vou acordar a casa toda e assustar as crianças, guinchando como uma donzela assustada, protagonista de um dos romances da Lottie.

Ele encolheu os ombros.

– Como queira. Mas não se esqueça de que lhe dei essa oportunidade.

Os olhos dele percorreram-na preguiçosos. Quando Laura se sentara apressadamente na cama, o edredão e a camisa de dormir haviam deslizado, desnudando-lhe o ombro rosado. Esforçando-se por parecer natural, pegou no roupão que se encontrava aos pés da cama. Mas Sterling chegou a ele ao mesmo tempo.

– Não sei por que motivo se preocupa com esse roupão velho – disse ele retirando-lho das mãos e atirando-o para cima da cama de Lottie. – Tivemos as melhores conversas quando estava de camisa de dormir. – Embora falasse num tom calmo e alegre, nos olhos de Sterling brilhava um fogo estranho.

– Esteve a beber – observou Laura, encostando-se às almofadas e alisando o edredão sobre o colo.

– Desde manhã – confessou ele. – Embora me tenha visto obrigado a parar há algum tempo quando esgotei as provisões do meu pai. Sabe que ele escondia outra garrafa dentro do piano? – Sterling abanou a cabeça. – Não tinha ouvido para a música, mas era um homem cheio de recursos.

– Daquilo que sei, pouco havia para apreciar nesse homem.

– Foi o que Lady Eleanor lhe disse? – A voz de Sterling era falsamente alegre. – Ah, pois, a santa Lady Eleanor! Eu era como um filho para ela, não é verdade?

Laura baixou os olhos, envergonhada da sua crueldade monstruosa embora involuntária. De boa vontade teria arrancado a língua para apagar aquelas palavras impensadas.

Sterling franziu a testa.

– Desaponta-me, minha querida. Esperava que se lançasse aos meus pés e implorasse o meu perdão.

– Serviria de alguma coisa? – Laura olhou-o de soslaio por entre as pestanas na esperança de que Sterling dissesse que sim.

– Não – admitiu ele. – Mas, mesmo assim, seria divertido. – Encostou o ombro à coluna da cama. – Hoje, enquanto bebia, estive a ler. Sabia que a lei de Lorde Hardwick de mil setecentos e cinquenta e três considera delito capital falsificar propositadamente um nome no registo de casamento?

– Se vai mandar-me executar, pode chamar imediatamente o carrasco – disse Laura com a coragem que a frustração lhe provocava. – Deve ter melhor feitio do que o senhor.

– Matá-la não é exatamente aquilo que estou a pensar fazer. Mas não devia ser tão mau para si, pois não? Afinal sofreu um choque quase tão grande como eu. Deve ter sido aflitivo saber que se casou com um «sapo repugnante que só se preocupa consigo próprio... um homem horrível, desapiedado, vingativo e mesquinho».

– Esqueceu-se de «vil» – recordou-lhe obstinada.

– É irónico, não concorda? tendo em conta que a senhora nem sequer me ia convidar para o seu casamento, que preferiria convidar o próprio Belzebu.

Laura fechou os olhos por momentos ao sentir que as suas próprias palavras vinham atormentá-la.

– Não posso censurá-lo por me odiar.

– Ainda bem – respondeu ele, ríspido.

– Provavelmente não acreditará em mim, mas fi-lo para proteger os meus irmãos. Quando me escreveu a dizer que viria reclamar Arden Manor como sua, não me deixou outra opção.

– Acredita sinceramente que eu poria na rua crianças inocentes?

– Não. Acreditei que as mandasse para uma casa de trabalho.

– Nem eu sou assim tão diabólico. Tinha intenção de arranjar um lar para a Lottie e o George junto de uma família respeitável.

Ela olhou-o ousadamente.

– E eu? O que seria de mim?

– Segundo me recordo, iria casá-la com um idiota qualquer. – Sterling abanou a cabeça soltando uma gargalhada amarga. – E parece-me que foi exatamente isso que fiz. – Deu a volta à cama com passos tão comedidos quanto as suas palavras. De facto, não posso censurá-la por me considerar um diabo. Já sabia da minha colossal indiferença para com a mulher que me deu o ser, dos meus hábitos dissolutos... – Aproximou-se deixando no ar essas perigosas palavras.

Ela sentiu-lhe no hálito o aroma adocicado do brande, ainda antes de Sterling lhe tocar. Antes de apoiar um joelho na cama e de lhe passar a mão por baixo do cabelo. Ela continuou a olhar em frente, sem responder ao convincente calor dos dedos dele na sua nuca, mas sem conseguir resistir-lhe.

Tocando-lhe com a boca na orelha, Sterling murmurou.

– Lembra-se do que prometeu dar-me se alguma vez nos encontrássemos frente a frente?

– Um dos biscoitos da Cookie?

– Uma reprimenda que eu nunca mais esqueceria.

Se ele tivesse sido violento, se se tivesse apoderado da boca dela com força castigadora, talvez tivesse sido capaz de lhe resistir. Mas Sterling era demasiado diabólico para o fazer. Preferiu separar-lhe docemente os lábios

com a língua, logo os reclamando para si. Podia ser um diabo, mas beijava como um anjo. Incapaz de resistir à doçura arrasadora daquelas suaves investidas, derreteu a sua boca na dele. Ele gemeu fazendo-a saborear com a violência do seu beijo a dor e a avidez que rugiam sob o seu férreo autodomínio. Antes mesmo de perceber o que fazia, Laura deu por si de joelhos, encostando-se com força ao corpo dele.

Sterling afastou-se da boca dela. Respirando com força, passou-lhe a mão pelos cabelos e puxou-lhe a cabeça para trás, obrigando-a a olhá-lo nos olhos.

– Que diabo, Laura, quero saber a verdade! Deve-me isso. Porquê? Porque é que me escolheu? Se não sabia quem eu era, não podia ter sido o dinheiro nem podia ter sido o título. E não lhe faltavam pretendentes. Se acreditava no que a minha mãe lhe disse, poderia ter casado com qualquer homem em Arden e, mesmo assim, ter herdado esta maldita propriedade. – O beijo dela tinha-lhe retirado do rosto qualquer expressão de troça, deixando-o furioso e vulnerável. – *Porquê eu?*

Ela olhou-o com uma expressão de desafio nos olhos brilhantes de lágrimas.

– Porque eu queria-o! Porque desde que o vi naquele dia no bosque que o quis para mim.

Sterling manteve-se perfeitamente imóvel, sem sequer respirar. Depois, abanou a cabeça, com o desespero refletido no olhar.

– Nunca ninguém me acusou de não dar a uma senhora aquilo que ela queria.

Dessa vez, quando a boca dele se juntou à dela, foi com todo o seu peso atrás. Caíram os dois na cama, as bocas unidas numa violenta rede de prazer. Quando Sterling afastou o edredão que os separava, Laura agarrou-se a ele dando rédea solta à sua avidez. Podia não ser o seu Nicholas, mas também não se tratava de um desconhecido. Era o seu marido e tinha todo o direito de vi ter com ela à cama, tal como ela tinha o direito de o receber aí, mesmo que significasse vaguear por um bosque escuro e perigoso onde o prazer poderia ser mais perigoso para a sua alma do que a dor.

Laura poderia jurar que lhe tinha esgotado a paciência, que ele não lhe devia mais do que um acasalamento brutal e apressado, mas nem a sua urgência febril o fez desconsiderá-la. Enquanto lhe subia a camisa de dormir, não deixou de lhe cobrir o pescoço de beijos húmidos. Antes que

Laura conseguisse recuperar o fôlego, estava nua nos seus braços. Não sabia o que acontecera à camisa de dormir ou à camisa dele. Apenas sabia que estava finalmente livre para encostar a boca ao peito dele, passar a língua nos pelos que lhe cobriam os músculos. A sua pele dourada era tão deliciosa como parecia, se não mais.

A luz da vela vacilou e apagou-se, mergulhando-os num casulo de escuridão onde a única sensação era o veludo áspero das mãos dele na pele dela. Quando Sterling voltou a apoderar-se dos lábios dela, uma doce loucura obrigou Laura a arquear-se contra ele para lhe encher as mãos com a ansiosa plenitude dos seus seios.

Continuando a deleitar-lhe a boca com beijos profundos e embriagadores, acariciou-lhe com os polegares os mamilos até estes começarem a inchar. Quando Laura pensou não poder suportar esse delicioso tormento, Sterling baixou a boca dos lábios dela para o seu seio direito, acariciando-lhe o mamilo rígido com a ponta da língua, logo o introduzindo na sua boca ardente para o chupar com força. Laura apertava fortemente as coxas, espantada pelas ondas de prazer que sentia entre elas. Era quase como se ele a tocasse aí.

E foi o que ele fez.

Laura abafou uma exclamação quando um dos longos dedos dele deslizou por entre os seus pelos húmidos. Nem foi preciso o joelho para lhe separar as coxas. Bastou um toque com a ponta do dedo na pérola vibrante que ali se aninhava. Quando ela afrouxou as coxas, Sterling, de lado, prendeu uma debaixo da sua perna para que ela não as conseguisse apertar mesmo que quisesse.

Mas que decididamente não queria.

Mantendo a perna dela presa por baixo da sua, continuou a tocá-la e a acariciá-la com a mão até a ver ofegante de cega ansiedade.

Sterling passara grande parte da vida a receber prazer, e não a oferecê-lo. Embora tivesse conseguido uma excelente reputação como amante, medira sempre cada beijo e cada carícia pelo que receberia em troca dos seus esforços. Mas com Laura bastava-lhe ficar ao lado dela, na sombra, observando nas suas feições delicadas a passagem do êxtase, para encher de beijos a pele macia e rosada dos seus seios e absorver cada suspiro dos seus lábios deliciosos.

– Por favor – disse ela num murmúrio entrecortado, sem saber o que lhe pedia. – Oh, por favor...

Mas Sterling sabia e estava disposto a satisfazê-la.

Baixou a mão para se libertar da pressão das calças. Nunca antes tivera razões para lamentar o seu tamanho, mas, ao introduzir-se entre as delicadas coxas de Laura, sentiu verdadeira apreensão.

Apoiando o peso nos cotovelos tomou-lhe o rosto nas mãos.

– Vai doer-te – disse em voz rouca –, mas juro que não o vou fazer para te castigar. Se não acreditas, paro imediatamente.

Ela refletiu por um instante.

– Vai doer-te mais a ti do que a mim?

As palavras dela apanharam-no de surpresa e não pôde conter uma pequena gargalhada.

– Receio que não. Mas prometo fazer tudo para que seja o melhor possível.

Ela acenou afirmativamente, humedecendo os lábios com a língua.

Laura acreditou nele, mas, mesmo assim, foi um choque para ela quando ele começou a humedecer-se no copioso néctar que as suas hábeis carícias tinham feito sair do corpo dela. Era quente, suave, obstinado, o perfeito complemento da sua suavidade. Deslizou para cima e para baixo por entre as pétalas orvalhadas, criando uma maravilhosa fricção que logo a fizeram agitar-se e gemer debaixo dele, sentindo-se à beira da loucura.

Bastou um leve toque para a conquistar. Laura agarrou-se a ele, sentindo-se cair, levada por uma trémula maré de prazer. As ondas ainda lhe agitavam o ventre quando ele ergueu de novo as ancas, desta vez para se afundar nela.

Laura enterrou-lhe as unhas na pele macia das costas, sufocando um grito.

– Estamos a meio caminho, minha querida. Recebe-me – insistiu, beijando-lhe as lágrimas que lhe corriam pelo rosto. – Recebe-me todo.

Apesar da dor, Laura não conseguiu resistir a tão terna súplica. Envolveu-lhe a cintura com as pernas, enterrou a face no seu pescoço e arqueou-se contra ele. Sterling empurrou mais, até se aninhar completamente dentro dela.

A memória voltou a falhar-lhe. Por muito que tentasse, não se recordava do rosto de uma única mulher com quem tivesse feito amor. Via apenas

Laura – por baixo dele, em seu redor, banhando-o na graça do seu corpo jovem.

Começou a entrar e a sair dele com movimentos lentos, profundos, sinuosos, como se tivesse toda a noite para se dedicar àquele ato sagrado. Possuiu-a até não se lembrar do tempo em que ela não fazia parte dele, até ela estremecer em ondas incontroláveis de prazer, até fincar os calcanhares nas costas dele e gemer-lhe ao ouvido:

– Oh, Nicky...

Sterling deteve-se. Laura abriu repentinamente os olhos.

Ele olhou-a com o seu corpo forte trémulo do esforço para se conter.

– Gostava que não me chamasse assim.

Ela olhou para ele com a respiração entrecortada.

– Como prefere que lhe chame? Excelência?

Por instantes, Sterling receou sorrir.

– Nestas circunstâncias creio que será suficiente se me chamar «senhor».

Cobriu-lhe os lábios com os seus, silenciando qualquer resposta possível. As ancas dele retomaram os movimentos, num ritmo feroz para que ambos se esquecessem dos seus nomes.

Laura apercebeu-se demasiado tarde de que se tinha enganado. Afinal ia gritar. Se Sterling não lhe tivesse capturado o grito com a boca, ela teria provavelmente acordado a casa inteira, e mesmo toda a paróquia. Um gemido gutural saiu da garganta dele, ficando o seu corpo tão rígido como a parte ainda afundada nela.

Estremecendo, Laura agarrou-se a ele, com a respiração entrecortada por soluços.

– Oooh... – Antes que se pudesse impedir, as palavras que lhe ecoavam no coração saíram-lhe dos lábios. – Lamento! Lamento ter-te enganado. Deveria ter-te dito a verdade logo desde o início. Mas não te desejava apenas. Amava...

Ele levou dois dedos aos lábios dela, abanando a cabeça.

– Mais mentiras não, Laura. Aqui não. Esta noite não.

Ela quis protestar, mas alguma coisa a impediu. Segurou-lhe a cabeça com as mãos e puxou os lábios dele para os seus, dizendo a si própria que haveria muito tempo para o convencer da verdade.

Uma vida inteira.

Na manhã seguinte, uma forte pancada na porta do quarto acordou Laura do seu sono exausto. Retirou a cabeça de debaixo do edredão, esforçando-se por se lembrar como acabara com a cabeça para os pés da cama e os pés sobre as almofadas.

Quando se lembrou, teve de meter de novo a cabeça debaixo da roupa para abafar uma pequena gargalhada. Se não fosse o desconforto que sentia entre as pernas e o aroma almiscarado dos lençóis, poderia ter pensado que toda aquela noite não passara de um louco sonho erótico, fruto da imaginação da solitária filha de um reitor.

A pancada soou de novo, forte e impaciente. O coração de Laura saltou num misto de antecipação e timidez. Deveria ser Sterling com um tabuleiro carregado das mais suculentas iguarias de Cookie para o pequeno-almoço. O estômago lembrava-lhe que no dia anterior não almoçara nem jantara.

Arrastou-se até à cabeceira da cama e arranjou cuidadosamente o lençol sobre os seios antes de dizer em voz cantada:

– Entre!

Não foi Sterling quem entrou pelo quarto, mas sim a prima. Lady Diana Harlow deteve-se aos pés da cama e ergueu o seu aristocrático nariz para Laura como se esta fosse um percevejo especialmente nojento que merecesse ser esmagado.

– Peço desculpa por incomodá-la, mas sua excelência requer a sua presença no escritório.

– Ah, sim? – replicou Laura, puxando o lençol até ao queixo. Estava perfeitamente consciente do contraste entre a sua falta de roupa e a perfeita elegância daquela mulher. Até o cabelo escuro de Diana desde a linha do nascimento ao carrapito apertado pareciam engomados.

Diana dirigiu-se à janela e abriu os cortinados. O sol entrou imediatamente pelo quarto, obrigando Laura a proteger os olhos com a mão.

– Talvez aqui no campo esteja habituada a ficar na cama até ao meio-dia, mas em Londres preferimos...

Diana deteve-se abruptamente, semicerrando os olhos. Laura quase conseguiu ver-se através deles – os lábios ainda rosados dos beijos de Sterling, o cabelo despenteado caindo-lhe sobre as costas nuas, marcas na pele macia do pescoço. Não tinha dúvidas de que Laura parecia exatamente aquilo que era – uma mulher que passara a noite a ser amada por um mestre nessa arte.

Ainda agarrada ao lençol, Laura ergueu-se, olhando diretamente para Diana sem pestanejar. Tinha muitos pecados a confessar, mas a última noite não era um deles.

– Não precisa de se mostrar tão escandalizada, minha senhora. *Foi* a nossa noite de núpcias.

Diana soltou uma gélida gargalhada.

– Detesto ser eu a informá-la, mas não tinha direito a uma noite de núpcias. Enganou o meu primo para que assinasse o registo da paróquia com um nome falso. Ele não tem qualquer obrigação de honrar essa patética simulação de casamento.

– Está a mentir – disse Laura, embora sentisse um calafrio chegar-lhe ao coração.

– Ao contrário da senhora, Miss Fairleigh, não tenho o costume de o fazer. Sei que o meu primo pode ser encantador e convincente, mas a culpa é inteiramente sua se foi suficientemente tola para o deixar meter-se na sua cama depois...

Antes que Laura pudesse corrigir a sua injusta suposição e lhe dissesse que ela e Sterling tinham sido amantes, Diana olhou para a cama. Parte do edredão escorregara para o chão, deixando à vista o lençol e as manchas avermelhadas sobre ele.

O olhar incrédulo de Diana voltou-se lentamente para o rosto de Laura. O seu desprezo gelado não conseguira fazer Laura corar, mas o seu olhar de pena fez-lhe subir ao rosto uma onda escaldante de rubor.

– Que Deus vos ajude – disse Diana em voz baixa, abanado a cabeça. – Não sei qual dos dois é o maior idiota.

Se não tivesse dado meia volta e saído do quarto, Laura ter-lhe-ia dito.

Laura desceu as escadas como se caminhasse para a forca.

Vestira um vestido simples, de cor cinzenta sem fitas ou laços, e lavara-se até retirar da pele todo o cheiro de Sterling. Tinha o cabelo apertado num carrapito, que rivalizava com o de Lady Diana. Nem uma madeixa pudera escapar. Retirara até o anel do dedo. Ninguém precisava de saber que o metera num fio de prata e o escondera no interior do corpete.

Ficou surpreendida ao ver que o vestíbulo estava vazio. Quase esperara que Sterling tivesse reunido a família para testemunhar a sua desgraça, mas

sentiu-se ferozmente agradecida ao ver que não. Não queria que George e Lottie se apercebessem de que a sua muito querida irmã estava desonrada.

Mais do que de uma maneira.

Não havia dúvida de que Sterling o considerava uma vingança justa. Laura oferecera-lhe um casamento fictício, e ele correspondera com uma noite de núpcias fingida. Agora era livre de a entregar às devidas autoridades, sabendo muito bem que a recordação daquela noite a assaltaria enquanto vivesse. Claro que, se ele decidisse mandá-la enforcar, não viveria muito tempo. Vacilou um momento, detida por uma onda de raiva por si mesma. Não era para admirar que ele não tivesse querido ouvir a sua terna declaração de amor. Bateu firmemente com o punho fechado na porta do escritório.

– Entre!

Até naquele momento, sabendo muito bem da traição de que ele era capaz, aquela voz grave e sonora produziu nela uma onda de reações. Era demasiado fácil lembrar-se das palavras maliciosas que, horas atrás, lhe tinha murmurado ao ouvido, os gemidos roucos, as exclamações abafadas.

Enchendo-se de coragem, apesar de tudo, Laura abriu a porta. Não havia qualquer gatinho à vista, certamente porque os malditos cães estavam estendidos diante da lareira, com as enormes cabeças entre as também enormes patas. Quando Laura entrou no aposento, um deles ergueu o focinho e mostrou os dentes rosnando. Dava a impressão de poder sossegar se ela lhe atirasse um bocado de toucinho. Ou um dos seus braços.

A dedicada prima do duque e o cavalheiro seu amigo encontravam-se instalados nos dois cadeirões diante da janela e não pareciam mais simpáticos do que os cães. Laura não se surpreenderia se Diana também mostrasse os dentes e rosnasse, mas, estranhamente, ela evitava olhá-la nos olhos.

O duque de Devonbrooke estava sentado à secretária de nogueira, escrevendo numa folha de papel. A prima devia ter-lhe trazido algumas roupas de Londres, pois agora vestia uma casaca cor de vinho da mais fina caxemira. Os folhos do peitilho da camisa engomada surgiam do decote em V do colete de cetim cinzento enfeitado com fios prateados. No dedo anelar da mão direita ostentava um anel de sinete com um rubi. Os cabelos dourados, revoltos como era moda, pareciam perfeitamente capazes de absorver toda a luz do sol do aposento sem deixar nada para ninguém.

Embora não o julgasse possível, Laura sentiu o coração ainda mais oprimido. Este aristocrata desconhecido não tinha quaisquer parecenças com o homem apaixonado e de olhos ardentes que lhe entrara no quarto e na cama na noite anterior.

Percebeu por que razão Sterling preferira o escritório, raramente usado, à acolhedora sala, para o ajuste de contas. A secretária serviria de barreira entre eles. Laura atravessou o debotado tapete turco e ali ficou à espera da sentença.

– Bom dia, Miss Fairleigh. – Sterling olhou para os raios oblíquos de sol que entravam pelas portas envidraçadas. – Ou melhor, boa tarde.

Miss Fairleigh. Aquele tratamento formal confirmou as piores suspeitas de Laura. Não era uma esposa. Era uma prostituta.

Pela primeira vez desde o incêndio, quase se sentiu satisfeita por os pais já não serem deste mundo. A vergonha da sua queda tê-los-ia sem dúvida matado.

– Bom dia, Vossa Graça – disse ela friamente. – Ou talvez prefira «milorde»?

Talvez Laura imaginasse o ténue trejeito na face dele, porque Sterling continuou a escrever, fazendo apenas uma pausa para apontar na direção de uma cadeira de costas direitas que fora puxada para junto do canto da secretária.

– Sente-se, por favor. É só um momento.

Ela obedeceu pensando no contraste das suas palavras bruscas com as suaves ordens que lhe dera na noite anterior: *Deita-te de bruços, sim, meu amor? Outra vez, meu anjo! Não sejas tímida. Mais uma vez, só para mim; levanta um pouco mais a perna... Deus do céu, perfeito...*

– Parece que nos encontramos numa posição incómoda.

Laura sobressaltou-se e corou violentamente ao ouvir as palavras de Sterling. Ter-lhe-ia ele lido os pensamentos? Depois apercebeu-se de que estava a ser ridícula. Podia ser todo-poderoso, mas não era onisciente.

Porém, naquele momento, recostava-se na cadeira e olhava-a com um brilho apreciador no olhar.

– A minha prima e o meu amigo e conselheiro, o marquês de Gillingham, pensam que devo deixar o seu destino nas mãos da lei.

– Então talvez o deva fazer. Daquilo que sei a seu respeito, essas mãos podem ser mais justas e misericordiosas do que as suas.

Thane e Diana olharam-se perplexos, sem dúvida surpreendidos por aquela manifestação de coragem, mas Sterling nem sequer pestanejou.

– Embora aprecie certamente o conselho que me dão, creio ter chegado a uma solução muito mais... hum... digamos *satisfatória* para o dilema em que nos encontramos. Como bem sabe, sou o sétimo duque de Devonbrooke. Juntamente com o meu título, recebi várias obrigações e responsabilidades, sem que a menos importante seja ter um herdeiro para que a linha possa continuar.

«Oh, não», pensou Laura, sentindo o estômago apertado. «Vai oferecer-me o cargo de ama dos seus futuros filhos.» Era pior do que um diabo. Era Belzebu em pessoa.

Sterling inclinou-se para diante, fixando nela o seu olhar intenso.

– Infelizmente, não se pode obter um herdeiro sem primeiro ter uma mulher, e é por isso que espero que me dê a honra de o ser.

Capítulo 19

Só desejava o melhor para ti...

Sterling não queria mandá-la enforcar. Queria casar com ela.

Enquanto Thane e Diana corriam para a secretária, Laura continuou sentada, deliciosamente aturdida, tentando absorver o que acabara de ouvir. Ela e Sterling iam casar. Iam viver a vida que ela sonhara viver com Nicholas. Dariam longos passeios ao pôr do Sol e tomariam chocolate na cama todas as manhãs.

Thane bateu com as mãos na secretária.

– Enlouqueceste, Sterling? Porque haverias de recompensar a traição fazendo de Laura a tua duquesa?

Sterling recostou-se na cadeira com um sorriso a brincar-lhe nos lábios.

– Podem sobrestimar os meus encantos. Há quem afirme que eu não sou boa rês. Talvez estar casada comigo seja o castigo que ela merece.

Diana abanou a cabeça com tanta violência que uma madeixa de cabelo lhe fugiu do carrapito.

– Nunca poderei compreendê-lo. Não quer casar por amor, mas quer casar por vingança?

– Quem falou em vingança? Não há razão para não ser tão prático aqui como a nossa Miss Fairleigh. – Sterling lançou a Laura um olhar frio. – Preciso de um herdeiro. Ela pode dar-mo. Antes de sair de Devonbrooke Hall disse-vos que estava disposto a procurar noiva. Deste modo evito o aborrecimento de ter de cortejar outra mulher.

Diana baixou a voz e falou num sussurro, mas, mesmo assim, Laura conseguiu ouvi-la perfeitamente.

– Se procura compensar a sua pequena indiscrição de ontem à noite, há modos mais prudentes de o fazer.

– Que indiscrição? – perguntou Thane em voz alta. – Oh, diabo, o que foi que eu perdi?

– Pode deixar a menina com um bom pé de meia – murmurou Diana, dando uma cotovelada nas costelas de Thane. – Ou até um rendimento mensal, se isso lhe acalma a consciência.

Sterling lançou-lhe um olhar de censura.

– Ora essa, Di, sabe muito bem que não tenho consciência para acalmar.

– Pode ser que queira que todos acreditem nisso, mas eu sei que não é assim. Cometeu um erro tolo ontem à noite, o que não significa que tenha de passar o resto da vida a pagar por ele. Se casasse com todas as mulheres que seduziu, Devonbrooke Hall estaria a deitar por fora com tantas noivas suas.

– Tenho de admitir que a tua prima tem razão – disse Thane. – E se estás disposto a arranjar noiva, podes escolher qualquer elegante de Londres. Não precisas de conformar-te com uma mentirosa...

– Thane – Os olhos semicerrados de Sterling bastaram para calar o amigo. – Na minha opinião, pelo menos devo o meu nome a esta jovem.

– Não, obrigada. – A voz de Laura soou como um sino no súbito silêncio. Diana e Thane recuaram quando ela se ergueu diante da secretária com os ombros rígidos e a cabeça levantada. – Receio ter de declinar a generosa proposta de Vossa Graça. Não quero o seu nome. Não quero dar-lhe um herdeiro. Não quero a sua fortuna, e certamente não o quero a si. Dada a sua arrogância colossal, creio que prefiro ser enforcada a casar consigo.

Diana e Thane soltaram exclamações de espanto. Sem dúvida nunca lhes tinha ocorrido que uma mera rapariga do campo tivesse a audácia de recusar a oferta exaltada do duque. Mas Sterling limitou-se a erguer uma sobrancelha.

Sem desviar o olhar de Laura, disse suavemente.

– Talvez seja melhor que nos deixem a sós.

– Não creio... – disse Diana.

– ... que seja muito prudente – concluiu Thane.

Sterling começou a brincar com uma faca de papel, passando a lâmina pelos seus dedos aristocráticos.

– Podeis esperar à porta se quiserdes, e assim ouvireis os gritos dela ou os meus.

Lançando a ambos olhares apreensivos, Thane e Diana saíram, deixando Laura e Sterling separados pela secretária poeirenta.

Ele indicou-lhe a cadeira com a faca de papel.

– Por favor, Miss Fairleigh, sente-se.

Sentindo-se um pouco como um dos cães, Laura deixou-se cair de novo na cadeira sem conseguir evitar que ele desse conta do seu leve esgar de dor.

– Sente-se bem? – Olhou-lhe o rosto com o que poderia ser de facto tomado por preocupação genuína. – Receio ter sido um pouco... exagerado nas minhas atenções ontem à noite. Foi uma desatenção da minha parte. Geralmente sou mais comedido quando bebo.

Já não fora agradável ter ouvido designar a sua noite de núpcias como um «erro tolo» e uma «pequena indiscrição». A seguir dir-lhe-ia que nem se lembrava de ter entrado no quarto dela. Que os momentos ternos e deliciosos que haviam partilhado tinham desaparecido na névoa da sua bebedeira.

– *Desatenção* diz-se quando nos esquecemos do aniversário de uma pessoa qualquer – disse ela friamente –, e não por ter ido ao meu quarto fingindo ser meu marido quando sabia muito bem que não o era.

– Se soubesse que o nosso casamento não tinha validade, ter-me-ia mandado embora?

Laura baixou os olhos. A pergunta não era justa, e ambos o sabiam.

– Não estou a censurá-la. Um homem da minha posição devia controlar melhor as suas emoções. Garanto-lhe que não voltará a acontecer. – Em vez de alívio, Laura sentiu pena. Sterling atirou a faca de papel para o lado. – A meu pedido, ontem à noite um dos meus lacaios fez uma pequena viagem à igreja da aldeia.

Admirada com a mudança de assunto, Laura franziu a testa. Recordou-se da carruagem que vira afastar-se da mansão antes de Sterling lhe ter entrado pelo quarto.

– Com que fim?

– Com a emoção da chegada da minha prima, quase me esqueci do anjo que se despenhou dos céus uns minutos depois de termos pronunciado os nossos votos.

Laura abanou a cabeça. Nunca esqueceria o terrível momento em que se voltara e o vira caído junto à porta da igreja.

– Foi um acidente horrível.

– Exatamente o que pensei, até o meu laçao ter encontrado isto no campanário. – Abriu uma gaveta e retirou dela um objeto de ferro. A princípio, Laura pensou tratar-se de mais uma faca de papel. Depois apercebeu-se de que era um escopro, com a lâmina grossa ainda coberta de calça. – Parece que afinal não se tratou de um acidente, mas de uma frustrada tentativa de assassinio. Diga-me então, Miss Fairleigh – Sterling inclinou-se para diante acariciando-lhe o rosto com o seu olhar dourado –, queria-me vivo ou queria-me morto?

Embora parecesse ter passado uma eternidade desde que ela se encontrara nos degraus da igreja, nos braços do seu noivo adorado, os minutos retrocederam na mente de Laura. Lembrava-se de se ter posto de pé com dificuldade após o impacto da estátua, de ter subido a escada a cambalear, ouvindo alguém gritar o seu nome enquanto Lottie e George apareciam a correr à esquina da igreja. Ainda se lembrava do olhar de Lottie nesse momento – um misto de terror culpado e alívio. O tempo recuou ainda mais até ao momento em que, na sala, ela e as crianças haviam tomado conhecimento de que Sterling Harlow planeava tomar posse da casa.

Podíamos assassiná-lo. As palavras alegres de Lottie ecoavam no espírito de Laura, seguidas da sua descuidada resposta: *Será provavelmente preciso matá-lo com uma bala de prata ou espetar-lhe uma estaca no coração.*

Mas era o seu coração que estava a ser espetado, não por uma estaca, mas pelo escopro nas mãos de Sterling.

Poderia fazê-lo crer que estava inocente; sabia que ainda tinha esse poder sobre ele. Afinal, se ele não a tivesse empurrado para a salvar do perigo, teria sido esmagada pela estátua. Porém, se falasse em sua defesa, poderia incriminar Lottie e George e duvidava que até o tribunal mais benévolo fosse clemente num caso de tentativa de assassinio de um par do reino, mesmo que os culpados fossem simples crianças. Que deveria fazer? Converter-se alegremente na duquesa de Sterling enquanto o irmão e a irmã fossem enforcados ou presos em Newgate?

Sabendo que sacrificava para sempre toda a esperança de felicidade futura, Laura olhou Sterling nos olhos e disse friamente:

– Eu queria Arden Manor e estava disposta a fazer tudo o que fosse preciso para o conseguir, inclusivamente livrar-me de um noivo inconveniente.

Ele não disse palavra. Olhou-a impassível.

Embora soubesse que não seria tão eficaz como com uma cabeleira de caracóis loiros, Laura lançou a cabeça para trás como já vira Lottie fazer uma centena de vezes. A sua única esperança era pensar como a irmã mais nova.

– O testamento de Lady Eleanor estipulava que eu arranjasse um noivo. Não dizia nada acerca de o *conservar*. Consigo fora do meu caminho, sabia que poderia gerir Arden Manor como me aprouvesse sem que um desconhecido interferisse nas nossas coisas. Não me poderia divorciar de si. O escândalo seria muito desagradável para a nossa reputação. Por isso decidi que seria menos complicado assassiná-lo.

Sterling afixou o queixo tomando cuidado em esconder a boca.

– Deixando cair um anjo em cima da minha cabeça?

Laura fingiu um sorriso atrevido.

– Era o único modo de ficar com tudo: a mansão e a liberdade. Além do mais, toda a gente sabe que as viúvas têm mais direitos que as mulheres casadas.

Sterling ergueu-se sem uma palavra e dirigiu-se à porta. Abrindo-a de supetão, vociferou:

– Carlotta! – E voltou calmamente para a sua cadeira atrás da secretária.

Laura já balbuciava antes de Lottie aparecer à porta.

– Obriguei a Lottie a ajudar-me. Ameacei-a de... de ... – esforçou-se por inventar uma ameaça realmente terrível. – Disse-lhe que afogava todos os gatos no poço se ela não o fizesse. Implorou-me que não lhe fizesse mal, mas não quis saber. Eu... – Laura hesitou olhando para a irmã.

O bibe branco de Lottie estava limpo e engomado sem os bolsos cheios de gatinhos ou contrabando. Até o laço cor-de-rosa que lhe segurava os caracóis estava perfeitamente direito.

Dirigiu-se à secretária, fez uma vénia delicada e disse:

– Sim, senhor? – sem qualquer indício de insolência.

Laura levou a mão à boca.

– Meu Deus, que coisa horrível fez com ela?

Sterling fingiu não a ouvir, concentrando na irmã o aniquilador encanto do seu sorriso.

– Lottie, minha querida, importa-se de dizer à Laura exatamente aquilo que me disse esta manhã?

Lottie voltou-se para Laura, baixando os seus olhos azuis.

– Foi por culpa minha que o anjo quase vos matou. Fui eu que o soltei para que ele caísse quando os sinos começassem a tocar e eu o empurrasse. Tinha planeado fazê-lo cair em cima do Nicholas... – Engoliu em seco, lançando a Sterling um olhar aflito.

– Muito bem – disse ele. – Continue.

– Isto é, na cabeça de Sua Graça. Mas depois decidi que não o podia fazer. Principalmente depois de o George me dizer o muito que tu o amavas...

– Obrigado, Lottie – disse Sterling firmemente. – Agradeço a sua honestidade. Pode ir.

Laura esperou que a irmã saísse do aposento antes de erguer para o rosto de Sterling os seus olhos ardentes.

– Enganou-me!

– Não é uma sensação muito agradável, pois não? – Ergueu-se e dirigiu-se à janela. Deixou-se ficar de costas para Laura com o sol a dourar-lhe o cabelo claro. – A verdade não está em si, pois não, Laura? Não é diferente de qualquer outra mulher. Não é diferente de...

– Da sua mãe? – sugeriu ela em voz baixa. – Creio que o seu pai não a deixou escolher, tal como o senhor está a fazer comigo.

Sterling voltou-se para ela com os lábios apertados.

– Tem toda a razão. *Deve* poder escolher. Quer então passar a ser minha mulher ou minha amante? Como minha amante terá direito a uma casa, a uma mesada generosa... mais do que o suficiente para a educação do George e da Lottie... um belo guarda-roupa, joias e um certo estatuto social, embora um pouco dúbio. Em troca, espero que me receba na sua cama sempre que me apeteça procurar os seus prazeres. Claro que, quando eu arranjar noiva, terei de depender da sua discricção. Mas já provou que sabe manter um segredo, não é verdade? A escolha é pois sua, Laura, mas gostaria que se decidisse rapidamente. – Lançou ao escritório um olhar de desagrado. – Já gastei tempo suficiente neste inferno provinciano.

Quase sem conseguir conter a fúria, Laura ergueu-se e dirigiu-se à porta. Já pousara a mão no puxador quando ele declarou:

– Antes de poder rejeitar a minha oferta de casamento, pode talvez lembrar-se de que, a esta hora, já pode estar grávida de um filho meu.

Laura sentiu-se sufocar. Levou a mão ao ventre, tomada de uma estranha sensação – um misto de raiva e esperança.

Voltou-se lentamente para Sterling, abanando a cabeça de espanto.

– Nada o impede quando quer levar avante a sua vontade.

Sterling encolheu preguiçosamente os ombros.

– Que mais poderia esperar de um diabo como eu?

Capítulo 20

*Todos os dias peço que encontres uma mulher
com quem partilhes a tua vida...*

O segundo casamento de Laura não teve quaisquer semelhanças com o primeiro.

Começava a cair uma chuva gelada pouco depois de terem chegado a Londres, tornando mais escura a noite sem luar. Em vez do risonho reverendo Tilsbury, a cerimónia foi oficiada por um bispo mal-humorado, arrastado da cama para emitir uma licença especial a pedido do duque. Laura e Sterling casaram no enorme salão do palácio do arcebispo tendo apenas a prima de Sterling e o marquês trocista por testemunhas. Embora Diana se visse obrigada a usar o seu lençinho de renda para limpar uma lágrima, Laura sabia que não era de felicidade mas de consternação.

Lottie não estava presente para lhe segurar no ramo, nem George para, alto e orgulhoso, servir de padrinho ao noivo. Também não se ouviu o forte ámen de Cookie quando o arcebispo os declarou marido e mulher.

Laura sacrificara mais uma vez o seu orgulho para pedir a Sterling que permitisse que os irmãos a acompanhassem a Londres, mas ele recusara.

– Não posso estar sempre a olhar por cima do ombro à espera de que alguém me empurre pelas escadas da minha própria casa.

Vira-se então forçada a despedir-se da própria família no caminho que dava acesso à mansão, com Sterling a observar toda a cena sem nada revelar no seu rosto formoso.

Dower também lá estava com o chapéu amarfanhado na mão e uma expressão de desgosto no rosto enrugado.

– A culpa é toda minha, menina. Quis impedir o casamento, e não amarrá-la ao diabo por toda a eternidade.

Laura tocou-lhe na face magoada ainda surpreendida com o que ele tinha sofrido por sua causa.

– A culpa não foi tua, Dower. Foi toda minha.

Cookie esperava para estreitar Laura nos seus braços, com o avental a cheirar a canela e noz-moscada.

– Não se aflija, minha queridinha – murmurou. – Um homem que se empanturra com uma dúzia de biscoitos secos só para não magoar os sentimentos de uma velha não pode ser tão mau como dizem.

Laura voltou-se e encontrou Lottie e George junto da porta aberta da carruagem. Embora o lábio inferior de Lottie tremesse, a garota conseguiu sorrir.

– Todos sabem que eu sou a Beleza Incomparável da família. Quem diria que serias tu a conquistar um marido rico?

– Será bom que ele tome bem conta de ti – disse George, lançando a Sterling um olhar mais ferido que ameaçador. – Se não o fizer, terá de se haver comigo.

Sufocando um soluço, Laura ajoelhou-se e abriu-lhes os braços. Não tinha palavras. Graças à generosidade de Lady Eleanor, os três irmãos não se tinham separado uma única noite. Laura nunca imaginara que chegaria um dia em que não pudesse acariciar os caracóis de Lottie ou limpar uma mancha de sujidade do nariz de George.

Ficaram fortemente abraçados, até que Laura se afastou com um sorriso de coragem por entre as lágrimas.

A expressão de Sterling não se alterou nem quando instalou Laura nas almofadas de veludo da carruagem ou mesmo quando esta passou pelo cemitério onde a mãe estava sepultada.

– ... se algum de vós souber de um impedimento a este matrimónio, confesse-o agora ou cale-o para sempre. – A voz roufenha do arcebispo devolveu-a ao salão gelado.

O hálito quente de Sterling agitou-lhe o cabelo quando se inclinou para lhe murmurar ao ouvido:

– Quer dizer alguma coisa?

Laura abanou a cabeça, com os lábios cerrados.

Quando o arcebispo ergueu o livro de orações, Sterling retirou o anel de sinete do dedo. O reitor devolveu-lho e ele colocou-o no dedo de Laura, porém não com o olhar apaixonado que lhe tinha lançado na nave da igreja de Saint Michael, mas sim com uma expressão cansada. Laura teve de fechar a mão para que o anel não caísse do dedo. Só o rubi deveria valer uma fortuna, embora o seu peso opressivo fazia-o parecer uma alga de ferro. Sterling não sabia que ela ainda guardava o anel de granadas da mãe entre os seios num fio de prata barato.

Antes de Laura ter tempo sequer de absorver o facto de que se tinha casado pela segunda vez em dois dias, viu-se metida de novo na carruagem e levada para Devonbrooke Hall. Ao percorrerem apressados a distância da carruagem até à entrada, Laura apenas se apercebeu de altas janelas em arco num edifício imponente que ocupava um quarteirão inteiro de uma das mais prestigiadas praças do West End.

Alguém avisara que a casa deveria estar preparada para a chegada do duque e da noiva. Um mordomo com uma incipiente calvície e uma ligeira corcunda esperava-os no cavernoso vestíbulo equilibrando um tremeluzente candelabro na mão enluvada. As velas pareciam acentuar ainda mais a penumbra. Laura sentia o frio que emanava do chão de mármore através das solas dos sapatos.

Quando um criado saiu das sombras para a libertar da capa e da touca, o mordomo cumprimentou.

– Boa noite, Vossa Graça.

Vendo que Laura se mantinha em silêncio, Diana tocou-lhe com o cotovelo.

– Está a falar consigo – murmurou.

Laura olhou para trás de si e descobriu que Sterling já tinha desaparecido levando consigo os cães e o marquês.

– Oh! – exclamou. – Muito boa noite também para o senhor. – Fez uma vénia desajeitada, recordando-se de que provavelmente uma duquesa não deveria fazer vénias a um criado.

Felizmente, o homem era muito delicado ou estava muito bem ensinado e não revelou qualquer reacção.

– Se Vossa Graça quiser fazer o obséquio de me seguir, conduzi-la-ei aos aposentos da duquesa. As criadas passaram toda a tarde a prepará-los para que se sinta confortável.

– Agradeço-lhes muito – respondeu Laura. – Mas não havia necessidade de se incomodarem por minha causa.

Diana suspirou e retirou o candelabro das mãos do mordomo.

– Pode retirar-se, Addison. Eu acompanho a duquesa aos seus aposentos.

– Muito bem, senhora. – A vénia era para Diana, mas Laura teria jurado que o brilho nos olhos do homem era dirigido à sua pessoa.

Diana começou a subir a enorme escadaria, obrigando Laura a acompanhá-la em passo rápido.

– Não precisa de agradecer aos criados que a servem. É para isso que são pagos. Se não desempenharem os seus deveres de modo satisfatório, sabem que serão...

– Chicoteados? – sugeriu Laura. – Esquartejados?

– Despedidos – retorquiu Diana, lançando-lhe um olhar fulminante por cima do ombro enquanto percorriam o interminável corredor forrado a mogno. – Não sou a megera que pensa que eu sou.

– Nem eu sou uma intriguista caçadora de fortunas. Ouviu o que o seu primo disse esta manhã. Obrigou-me a casar com ele.

Diana voltou-se tão depressa que Laura teve de recuar um passo, não fosse ela incendiar-lhe o cabelo com as velas.

– Também a obrigou a meter-se na cama consigo? – Diana observou com visível satisfação o forte rubor que subia às faces de Laura. – Não me parece. O Sterling pode ter muitos defeitos, mas não creio que force uma mulher contra sua vontade.

Diana apressou o passo, obrigando Laura a segui-la, de contrário arriscar-se-ia a perder-se no labirinto de escadas, galerias e corredores.

Os aposentos da duquesa, que consistiam num quarto, uma sala e um quarto de vestir, estavam também cobertos de mogno e repletos do mesmo luxo opressivo que o resto da mansão. Uma cama de dossel com cortinas de veludo vermelho dominava o quarto. Era pelo menos três vezes maior que a elegante cama de Lady Eleanor.

Laura olhou ao redor em busca de uma porta de ligação.

– Onde ficam os aposentos do duque?

– Na ala oeste.

Laura hesitou por um momento.

– E que ala é esta?

– A ala este.

– Oh! – Laura partira simplesmente do princípio de que ela e Sterling partilhariam o quarto. Os pais sempre assim o tinham feito. Ainda se lembrava de adormecer escutando a música do murmúrio suave da sua mãe e do riso rouco de seu pai.

Quando Diana colocou o candelabro sobre um pedestal, retirando uma vela para si, perguntou-lhe timidamente.

– E onde dorme a senhora minha prima?

– Na ala norte.

Com tantas alas, Laura perguntou a si própria por que razão a casa não levantaria voo. Deveria ter o espanto estampado no rosto, pois Diana soltou um suspiro aborrecido.

– Amanhã falo com o Sterling para que ele contrate uma criada para dormir no seu quarto de vestir. Até lá posso emprestar-lhe a minha. – Estendeu a mão para retirar uma madeixa de cabelo dos olhos de Laura. – Tem jeito para pentear.

– Não será necessário – disse Laura reunindo os restos do seu orgulho. – Estou muito habituada a tratar de mim mesma.

E de novo surgiu uma desconcertante expressão de piedade nos olhos de Diana.

– Talvez seja o melhor, se vai continuar casada com o meu primo.

Diana fechou a porta atrás de si. Laura encostou-se à porta, escutando os passos rápidos de Diana, que se afastava.

Sterling esperara que os fantasmas o perseguissem até Devonbrooke Hall, mas não contara com Thane. Os passos do persistente marquês seguiram os seus pelo largo corredor de mármore que levava à biblioteca. Em criança, a biblioteca, com as suas altíssimas estantes e os bustos de gesso, tinha sido o seu único refúgio. Entre as páginas bafientas de um livro da lenda arturiana ou um romance de Daniel Defoe, conseguia escapar aos insultos do tio e ao seu génio instável, nem que fosse por algumas horas. Mas parecia-lhe que não havia modo de fugir ao seu amigo bem-intencionado.

– Por muito que agradeça teres-me servido de padrinho no meu intempestivo casamento, não precisarei de ti para a noite de núpcias – informou-o Sterling.

O lume ardia alegremente na lareira, sem dúvida obra do sempre eficiente Addison. Enquanto os cães se preparavam para se estender diante dele, Thane atirou-se para um confortável cadeirão.

– Tens a certeza? Parece que te comportaste com menos delicadeza do que é costume na tua última noite de núpcias.

Sterling riu sem vontade.

– Dir-se-ia que sim, tendo em conta a reação da minha noiva à proposta que lhe fiz.

Thane abanou a cabeça com alguma admiração.

– Nunca pensei encontrar uma mulher com coragem suficiente para recusar a tua corte. E com um talento tão dramático! «Prefiro ser enforcada a casar consigo!» Quase esperei que batesse o pé e exclamasse: «Solte-me, senhor!» Se este casamento não der resultado, terá futuro no palco. Sempre gostei de atrizes, sabes?

Sterling retirou uma cigarrilha de uma caixa de pau-cetim. Apoiou-se na prateleira da lareira, introduzindo um longo fio de fumo nos pulmões.

– Posso garantir-te que não estava a representar. O seu desprezo por mim era genuíno.

Thane ergueu uma sobrancelha.

– Talvez mais genuíno do que o teu por ela, não é verdade?

Para evitar responder, Sterling soltou um anel de fumo perfeito. Agora que a sua memória regressara, não podia esquecer como o amigo o conhecia bem.

– Meteste-te num belo sarilho, não é verdade, Dev³? – disse Thane em voz baixa, usando a alcunha que dava ainda mais razão às suas palavras.

Sterling encolheu os ombros.

– Bem sabes o que os jornais de escândalos sempre disseram: «Quem se mete com o Diabo de Devonbrooke está metido num inferno.»

– Mas a que preço para a tua pessoa.

Furioso, Sterling lançou para o lume o que restava da cigarrilha.

– Creio que não tens o direito de me dar lições sobre o preço do orgulho.

Por instantes receou ter ido demasiado longe, mas Thane limitou-se a sacudir a cabeça sorrindo pesaroso.

– Fazemos um belo par. Um demasiado teimoso para se agarrar a uma mulher, e outro demasiado teimoso para a deixar partir. – Levantou-se e

dirigiu-se à porta. – Se amanhã decidires voltar a casar, sabes onde me encontrar.

Depois partiu deixando Sterling com os seus fantasmas e o seu orgulho por companhia.

Alguém tratara de que a noiva do duque tivesse todas as comodidades deste mundo. O lume ardia na lareira do quarto com as chamas crepitantes diminuídas pela enorme chaminé de mármore branco. Sobre a mesa na sala ao lado fora deixada uma bandeja de prata. Laura espreitou por baixo da tampa para ver o que continha e viu uma grossa fatia de carne coberta com um rico molho de natas. Voltou a tapá-la suspirando por um bocado do pão de gengibre de Cookie acabado de sair do forno.

Voltou para o quarto. Levou algum tempo para ganhar a coragem de correr os pesados cortinados da cama. Receava encontrar os ossos da última condessa que ocupara aqueles aposentos. Mas encontrou apenas os lençóis já primorosamente abertos sob uma colcha de cetim, um ninho de almofadas de penas e uma diáfana camisa de dormir de brilhante seda branca com um roupão a condizer. Laura ergueu a camisa à luz das chamas, perplexa com a sua transparência. Como as suas malas apenas chegariam de Arden no dia seguinte, calculou não ter outro remédio senão usar aquilo ou dormir vestida.

Sem mais nada com que ocupar o tempo, Laura despiu-se, pegou no jarro e despejou água perfumada com alfazema numa bacia de porcelana. Depois de se ter banhado, escovado os dentes e retirado os ganchos do cabelo, vestiu a camisa de dormir. O tecido fino acariciava-lhe a pele, mas não a aquecia. Apesar do lume, havia no ar uma humidade opressiva que parecia acentuar a chuva que batia nas altas janelas. O quarto de teto alto seria provavelmente frio como uma tumba no inverno. Tremendo, Laura voltou a puxar as cortinas e meteu-se na cama.

Afundou-se no colchão de penas, sentindo-se positivamente perdida no vasto mar de roupa. Desejava que Lottie ali estivesse para se meter na cama com ela, para se aconchegar a ela a rir de toda aquela ridícula extravagância.

Mas não seria Lottie quem iria ter com ela naquela noite. Seria o seu marido.

Laura sentou-se abruptamente abraçando os joelhos. Era a sua noite de núpcias e, mais uma vez, não fazia ideia de onde estava o seu noivo. Estaria barricado algures lá em baixo, fortificando-se com brande para poder suportar vê-la?

Retirou o anel de granadas de dentro da camisa de dormir e segurou-o à luz das chamas recordando-se da expressão terna dos olhos dele quando lho metera no dedo. Provavelmente nunca mais veria essa expressão. Tirou o fio e escondeu o anel debaixo da almofada para que ficasse em segurança. Depois de refletir por um instante, tirou do dedo o anel de sinete do duque, afastou as cortinas da cama e atirou-o para uma mesa. O objeto caiu no tampo com grande ruído.

Recostou-se nas almofadas e fechou os olhos, deixando escapar um melancólico suspiro. Devia ter dormitado sem dar por isso, pois, quando abriu de novo os olhos, sentindo-se tonta e um pouco indisposta, um relógio começava a bater as horas algures na casa. Laura contou cada melancólica badalada até chegar às doze.

O relógio deixou de bater deixando atrás um silêncio tão profundo que ela poderia ser o único ser vivo dentro daquela casa. Ou no mundo.

O noivo não viria. Essa verdade sussurrou através do silêncio com maior nitidez do que um grito.

Laura virou-se de lado, pensando que se deveria sentir aliviada. Não teria de suportar a ternura traiçoeira das carícias de Sterling. Não teria de tentar adivinhar se troçava ou não com os seus murmúrios carinhosos e os beijos apaixonados.

Mas enquanto estava ali deitada, rígida como um atiçador, enfurecia-se cada vez mais. Recordava-se de como ele tinha ignorado as cartas da mãe durante todos aqueles anos, de como Lady Eleanor de esforçara por mostrar um sorriso corajoso sempre que o correio chegava e não trazia notícias dele. Por muito que admirasse a sua querida tutora, Laura não conseguia igualar a sua paciência. Descobriu que conseguia tolerar o desprezo de Sterling mas não a sua indiferença. Preferia que ele lhe gritasse ou a abanasse, ao invés de a ignorar.

Laura sentou-se e afastou a roupa da cama. Poderia ser um choque para sua ilustríssima excelência, mas não tinha a mínima intenção de passar o resto da vida a trocar insultos com a sua intratável prima, ou refastelada na

cama à espera de que ele lhe fizesse uma visita. Já que ele não ia ter com ela na noite de núpcias, iria ela ter com ele.

Depois de se livrar do peso sufocante das cortinas da cama, Laura vestiu o roupão por cima da camisa e deu um nó no cinto. Meteu uma das velas numa palmatória de prata e saiu a toda a pressa do quarto desejando que a porta não fosse demasiado pesada para bater com ela.

Cinco minutos depois, Laura estava tão perdida que pensava nunca mais encontrar os aposentos da duquesa, muito menos os do duque. Pensara que, se virasse sempre na mesma direção, chegaria por fim à ala oeste. Porém, a casa era um labirinto de infundáveis corredores, cada um mais comprido e mais confuso que o anterior. Laura andou durante muito tempo sem encontrar sinal de vida. Até um rato seria um consolo.

Nem perguntara em que andar se situavam os aposentos do duque, mas esperava que todos os quartos ficassem no mesmo andar. Perdeu essa esperança quando o corredor que percorria terminou abruptamente num lanço de escadas.

Tentou regressar por onde viera, mas chegou a uma varanda que não tinha visto antes sobranceira ao que parecia ser um lúgubre salão de baile capaz de conter Arden Manor mais os seus jardins. Suspirou, imaginando o que faria Lottie se se visse naquela situação. Provavelmente sentar-se-ia no chão e começaria a chorar ruidosamente até alguém aparecer a toda a pressa. Laura sentiu-se tentada a fazê-lo, mas receava que ninguém a ouvisse ou sequer se preocupasse em lhe acudir.

Um tapete turco, cor de sangue, cobria todo o chão da galeria, transformando os seus passos num murmúrio. As sombras juntavam-se nos cantos do teto alto diminuindo a fraca chama da vela. Quando uma impertinente corrente de ar agitou a chama, Laura protegeu-a com a mão andando mais devagar.

Ao dobrar mais uma esquina, abriu-se diante dela uma galeria de retratos em toda a sua glória. Provavelmente, durante o dia, o aposento seria assustador; de noite era medonho.

– Não sejas tola, Laura – zangou-se, batendo os dentes. – Não é preciso ter medo de uma cambada de gente morta.

Já arrependida pela sua infeliz escolha de palavras, obrigou-se a continuar. Fixou o olhar na enorme porta ornamentada ao fundo da galeria, mas continuava a sentir os olhos desconfiados dos antepassados de Sterling a seguirem os seus passos.

Sentia-se tão aliviada por chegar finalmente ao fim da galeria que, só quando lá chegou, viu um retrato à escala natural por cima da porta. Abafando uma exclamação assustada, recuou e ergueu a vela.

Um homem de enorme nariz e olhos gélidos de desprezo olhava-a lá do alto. Ao ler a placa de latão por baixo do retrato, Laura apercebeu-se de que olhava para a cara chupada do velho Granville Harlow. Todo vestido de negro, segurava na mão pálida a sua bengala de prata.

Era difícil acreditar que aquele homem tivesse alguma vez sido pai de uma menina. Laura não sabia de quem devia ter mais pena – se de Diana ou da sua mãe. Lady Eleanor raramente falara do duque que adotara o seu filho. Agora Laura percebia porquê.

Pela primeira vez, perguntou a si própria como Sterling se teria sentido ao passar a primeira noite naquele mausoléu cheio de correntes de ar. Traído pelo pai, arrancado à mãe que adorava, ter-se-ia escondido debaixo dos cobertores a tremer de frio numa cama desconhecida? Ou teria vagueado por estas salas, perdido e só, sabendo que ninguém o ouviria se chorasse?

Ao lado do duque estava um mastim malhado que poderia ser um dos antepassados dos cães de Sterling. Se a intenção do pintor era tornar mais agradável o motivo do seu quadro, falhara completamente. Os dedos delgados do homem prendiam a coleira do animal como se desejasse ordenar-lhe que se lançasse sobre o primeiro jovem insolente que se atrevesse a desafiá-lo.

Uma rosnadela surda saiu da escuridão de Laura eriçando-lhe os cabelos da nuca. Até àquele momento, esquecera-se completamente dos cães de Sterling. Deveria ter calculado que, de noite, ele os deixaria rondar pela casa. Senão, como poderiam eles atirar-se à garganta de um intruso? Ou à de uma noiva tola que abandonara do refúgio da sua cama.

O rugido soou de novo, ameaçador. Laura gritou e deixou cair a vela, mergulhando a galeria na escuridão. Via apenas o brilho avermelhado de dois pares de olhos.

– Cãezinhos lindos – murmurou, esforçando-se por engolir o terror que sentia na garganta. – Cãezinhos lindos, não estão com fome, certo? É

porque não tenho muita carne nos ossos. Há anos que a Cookie tenta engordar-me, mas sem resultado.

Os cães aproximavam-se de tal modo que lhes sentia o hálito quente e almiscarado. Gemendo, Laura voltou a cara para o lado.

Mais tarde disse a si própria que não deveria ter gritado, que se deveria ter rendido ao seu destino com um pouco de dignidade se um dos animais não tivesse escolhido esse preciso momento para lhe meter o focinho enorme e húmido no baixo-ventre.

Laura soltou um grito ensurdecador. Subitamente, abriu-se uma porta atrás de si e caiu de costas dentro do aposento, calando o seu grito com uma nota de sobressalto. Abriu lentamente os olhos para dar de caras com o marido de pé, diante dela, de mãos na cintura.

– Ora esta! – disse, erguendo uma sobrancelha. – Olha o que o cão me trouxe.

[3](#) Abreviatura de *Devil*, Diabo. (*N. da T.*)

Capítulo 21

*... uma mulher que te ame
tanto como eu sempre te amei*

Laura ergueu lentamente a cabeça. Os animais selvagens que quase lhe haviam rasgado os intestinos sentavam-se agora nas patas traseiras com as línguas de fora, como dois cachorrinhos demasiado grandes cujo único objetivo na vida era agradar ao dono. Um dono que, naquele momento, não parecia muito satisfeito.

Sterling ofereceu-lhe a mão com certa relutância. Laura aceitou-a para que ele a ajudasse a levantar-se e fingiu não notar que a retirara imediatamente.

Sacudiu um invisível grão de pó do roupão, ainda preocupada com a sua dignidade ferida.

– Foi uma sorte não ter tido de passar por cima do meu cadáver estripado quando fosse tomar o pequeno-almoço amanhã de manhã. Claro que, segundo o seu amigo marquês, não teria qualquer problema em encontrar outra noiva para me substituir.

– Ah, mas onde encontraria outra tão infinitamente interessante?

Sterling parecia disposto a manter uma barreira entre eles, mesmo que fosse apenas a dos seus musculosos braços cruzados sobre o peito nu. Laura sentiu a boca seca ao recordar o sabor agri-doce da pele dele. Baixou os olhos e logo desejou não o ter feito. Tinha os dois primeiros botões das calças desapertados deixando entrever um triângulo de pele um pouco mais pálida que a do peito.

Seguindo a direção do olhar dela, voltou-se abruptamente para pegar em duas fatias de carne de porco da sua intacta bandeja do jantar. Deu uma a

cada um dos cães, acariciando-os afetuosamente atrás das orelhas. Os animais afastaram-se para a escuridão da galeria dos retratos com as recompensas e Sterling fechou a porta.

– O que receberiam se tivessem chegado aqui com uma das minhas costelas – perguntou Laura. – Um lombo de borrego?

Ele encostou-se à porta.

– Ao contrário do que aparentam, não têm qualquer maldade naqueles corpos enormes. Seria mais provável que a tivessem matado com lambidelas. – Embora Laura se sentisse vibrar com aquelas palavras provocadoras, a expressão mal-humorada de Sterling não se alterou.

Para disfarçar, Laura olhou em volta para observar o quarto. Os aposentos do duque eram ainda mais luxuosos do que os seus. A cama enorme era gémea da sua, mas as cortinas de veludo azul-escuro estavam presas aos cantos com cordões dourados. Embora Sterling estivesse despenteado e com os olhos pesados, as roupas da cama estavam intactas.

– Então são estes os seus aposentos – murmurou observando o lume que crepitava na lareira de mármore negro, a claraboia em cúpula revestida de vitrais, as colunas de jaspe, o espelho alto e giratório com moldura dourada aos pés da cama.

– São os aposentos do meu tio – disse Sterling em tom categórico. Ao ver o ar surpreendido de Laura acrescentou: – A Diana tem sido a única ocupante de Devonbrooke Hall desde que ele morreu há seis anos. Estive mais de dez anos no exército. Nas ocasiões em que vinha a Londres preferia ficar em casa do Thane.

Ela atreveu-se a esboçar um tímido sorriso.

– Não creio que estivesse na infantaria, pois não?

– Era oficial – informou-a delicadamente.

Laura conseguiu reprimir o impulso de se pôr em sentido e fazer continência.

– É por isso que está tão habituado a que todos se apressem a obedecer às suas ordens.

– Todos, exceto a senhora, bem entendido – dirigiu-se a uma mesa e deitou um pouco de um líquido ambarino num copo.

Laura enganara-se acerca do brande. Parecia ser aquele o primeiro copo que bebia nessa noite. Talvez só precisasse de se fortificar quando ela estava diretamente na sua linha de visão.

Montou uma delicada cadeira *Chippendale* e acenou com o copo na direção dela.

– Quer então explicar-me o que andava a fazer vagueando por este túmulo bafiento a meio da noite?

Laura deixou-se cair na *chaise-longue* diante dele. As almofadas ainda estavam quentes como se alguém lá tivesse dormido.

– Perdi-me.

– Tem toda a minha compreensão. – Bebeu um gole de brande. – Quando era pequeno, passava a vida a perder-me nesta casa. Uma vez, a meio da noite, fui ter a um solário e tive um combate de morte com uma hera. A Diana encontrou-me na manhã seguinte, enroscado no chão, a dormir profundamente com a hera ainda enrolada à volta do pescoço.

Embora estas palavras não revelassem a mínima pena de si próprio, a imagem enterneceu o coração de Laura.

– Se o seu tio ainda fosse vivo, nunca teria coragem de sair do quarto – estremeceu. – Os cães eram muito menos assustadores do que o retrato dele.

– Na realidade, o retrato é bastante lisonjeiro. Sempre disse que deve ter pago mais para que o artista lhe retirasse os chifres e o rabo e o pintasse com uma bengala em vez de uma forquilha.

– Parece-me que não eram muito amigos.

– Tão amigos quanto é possível serem dois seres humanos envolvidos num combate mortal.

– Mas ele partiu e o senhor ainda aqui está, o que significa que venceu.

Sterling fez girar o brande no copo.

– Por vezes não tenho muita certeza disso. – Semicerrou os olhos e concentrou-se apenas nela. – Ainda não respondeu à minha pergunta. Como foi que o seu passeio a trouxe até ao meu quarto?

Que haveria ela de lhe dizer? Que estava com saudades de casa? Que se sentia só? Furiosa por ele a ter abandonado na noite de casamento?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Então, minha querida. Quase consigo ver esse seu cérebro inteligente a preparar uma história encantadora. Porque não falar logo a verdade? Tenho a certeza de que se tornará menos dolorosa com a prática.

Ela ergueu-se olhando para ele.

– Muito bem. Cansei-me de esperar que viesse até à minha cama e decidi procurar a sua.

Felizmente, Sterling acabara de beber mais um gole de brande, e assim Laura teve o prazer de o ver engasgar-se. Poisou o copo no chão, ao lado da cadeira, enquanto esfregava os olhos lacrimejantes.

– Continue, por favor, acho encantadora a sua candura.

– Muito bem: é da tradição que, na noite de núpcias, o noivo visite a noiva. Claro que entendo que não sou totalmente justa. Dadas as circunstâncias pouco convencionais do nosso... hum... namoro, creio que não tenho o direito de esperar um casamento convencional.

– Oh, creio que o vai considerar muito convencional, principalmente se o compararmos com os do círculo social em que nos movimentamos.

Ela franziu o sobrolho.

– Não percebo o que quer dizer.

Ele encolheu os ombros.

– A própria natureza do casamento implica que este tem um maior êxito quando se baseia na necessidade.

Laura alegrou-se. Começavam a chegar a algum lado. Não havia nada de que mais necessitasse do que sentir os braços dele em seu redor.

Ele cruzou os braços sobre as costas da cadeira.

– O titular cujo pai dissipou a fortuna casa com a filha de um rico comerciante para encher os seus cofres. A jovem com uma paixão por jogos de cartas procura cavalheiro de meios para poder continuar com esse hábito. Um segundo ou terceiro filho corteja uma jovem de boas famílias que por acaso vem acompanhada de um dote generoso.

O sorriso de Laura desapareceu.

– Mas e o afeto? A devoção? O desejo? – Engoliu a única palavra que ansiava dizer.

Sterling abanou a cabeça com uma expressão suave quase compadecida.

– A maioria das damas e dos cavalheiros das minhas relações prefere procurar esses prazeres fora do casamento.

Laura deixou-se ficar em silêncio antes de se levantar e de se encaminhar para a lareira. Olhou para as chamas hipnóticas, escolhendo as palavras com grande cuidado.

– Quer dizer que se casou porque simplesmente precisa de um herdeiro e eu posso dar-lho. Agora que cumpriu o seu dever, resta-lhe esperar que eu cumpra o meu.

– Suponho que é uma maneira acertada de o dizer.

Ainda antes de se voltar, Laura puxou o cinto do roupão. Quando o encarou, este escorregou-lhe dos ombros para cair sobre o mármore quente da lareira.

Sterling ficou hirto com as chamas espelhadas nos olhos. Quase conseguia ver a luz do fogo transformar a seda da camisa de dormir num véu cintilante que apenas servia para lhe acentuar as pernas longas e esguias, o volume rosado dos mamilos, a sombra esquiva no cimo das suas coxas.

Ela deslizou para junto dele. Não tinha experiência em representar o papel de sedutora, mas também não estava a atuar. Estava a fazê-lo muito a sério.

– Como ainda está por determinar se os seus esforços foram bem-sucedidos, talvez haja quem, até no seu círculo social, o acuse de ser pouco diligente.

Quando ela se aproximou, Sterling pôs-se de pé, sendo o receio dele a única barreira entre os dois.

– Laura, o que está a fazer?

– O meu dever – murmurou ela, lançando-lhe uma mão ao pescoço para exigir que os lábios dele se juntassem aos seus.

O hálito de ambos uniu-se numa tentadora fração de segundo antes que Sterling soltasse um gemido rouco. Depois já não houve barreiras entre eles. Apenas a língua dele mergulhando na doçura da boca dela, os braços dele apertados em volta do corpo dela, os corpos moldados em cada curva e saliência como se tivessem passado toda a vida a memorizar-se. Quando Laura o sentiu junto ao seu ventre macio, percebeu por que razão ele quisera mantê-la à distância. Por que razão insistira em instalá-la em aposentos do outro lado do mundo. O seu coração podia nunca lhe desculpar a mentira, mas o seu corpo desejava oferecer-lhe o seu perdão.

E tudo o mais que ela quisesse aceitar.

Embora fosse ela quem devesse cumprir penitência, foi Sterling quem se ajoelhou a seus pés. Laura lançou a cabeça para trás quando sentiu o calor abrasador da boca dele moldar-se à seda da camisa de dormir sobre o seu seio. Lambeu-lhe o mamilo sensível e soprou a seda que ficara colada. Quando passou as suas maravilhosas carícias para o outro seio, o prazer latejou dentro dela como veludo líquido, debilitando-lhe os joelhos. Mas ele estava ali para lhe segurar as suaves nádegas nas suas mãos fortes. Baixou a

boca mais uma vez, agora para a encostar ao escuro triângulo por baixo da seda, num beijo indecoroso e irresistível. A língua dele saboreou-a através do tecido húmido, e Laura gritou o nome dele numa voz que mal reconhecia como sua.

Laura agarrou-lhe os ombros quando ele a levantou para a levar para a cama. Esperava que ele caísse sobre ela, mas Sterling meteu-lhe as mãos debaixo da camisa de dormir e puxou-a para a beira da cama. Levantou devagar a seda deixando-a perfeitamente exposta a si, completamente vulnerável. Mas em vez de se sentir embaraçada ou assustada, Laura exultou. Era seu marido e nada havia de proibido ou pecaminoso naquilo que ele lhe queria fazer. Ou naquilo que ela queria que ele lhe fizesse.

Não parecia um diabo, mas um deus pagão entre as pernas dela, à luz das chamas na lareira, os olhos brilhantes pesados de desejo. E ela estava disposta a oferecer-se como sacrifício naquele altar de prazer. Mas quando ele se ajoelhou e encostou essa maravilhosa boca à suavidade dos pelos entre as suas coxas, agora descobertas, apercebeu-se com um arrepio delicioso de que era o altar e era o prazer dela que ele procurava. E sabia onde o encontrar.

Laura arqueou o corpo erguendo-se da cama enquanto a língua escaldante do marido a percorria. Podia ser um diabo, mas a sua boca hábil oferecia-lhe o sabor do céu. Contorceu-se, gemeu e puxou-lhe o cabelo até um movimento diabólico da língua dele a fazer chegar ao paraíso. Em vez de tentar abafar-lhe o grito, deixou-o continuar, introduzindo dois dos seus longos e aristocráticos dedos dentro dela.

Quando ele se levantou, Laura contemplou-o maravilhada, lânguida e saciada, contudo ainda ofegante de desejo. Surpreendeu-os a ambos por ser a primeira a estender a mão para os botões das calças dele. Livre, o seu membro tenso saltou do ninho dourado de pelos, assombrando-a mais uma vez.

– Bem sei que ontem à noite estava escuro no meu quarto, mas... quer dizer que... – Abanou a cabeça, olhando-o incrédula. – Não pode ser... eu não...

– Claro que sim. E devo dizer que com muita habilidade. – Estremeceu com a respiração entrecortada e os dentes cerrados quando ela lhe passou os dedos a todo o comprimento. – Mas, se não acreditas, creio que há apenas uma maneira de o provar.

E provou-o, colocando as mãos em concha nas nádegas de Laura e ergueu-a para que ambos pudessem vê-lo desaparecer todo dentro dela. Laura gemeu sufocada quando ele a encheu até ao fundo, ainda dorida da experiência da noite anterior e por isso estranhamente sensível a todo o movimento. Sentia já o coração estremecer-lhe ao ritmo da vibração primitiva que latejava onde os seus corpos se uniam. A modéstia exigia que ela fechasse os olhos, mas não foi capaz de os afastar do belo rosto dele, agora tenso de desejo e dourado por uma leve capa de suor.

O corpo forte de Sterling tremia, mas controlou-se olhando-a nos olhos.

– Quem sou eu?

– O meu marido – murmurou ela aflita, erguendo a mão para lhe acariciar o peito.

Ele deslizou para fora dela e voltou a entrar, tão profundamente que sempre faria parte do seu ser.

– Quem sou eu, Laura? A quem te entregas? Quem te toma? – Uma feroz premência refletia-se-lhe no rosto como se tudo o que era e o que viesse a ser dependessem dessa resposta.

– Sterling – soluçou ela, usando o nome dele pela primeira vez desde que se haviam conhecido. Voltou o rosto com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces. – Oh, Sterling...

Laura enterrou as unhas na colcha de cetim quando ele deu início às investidas, fortes e profundas, levando-a a um lugar onde só ele a podia levar. Quando o atingiram, estavam quase loucos de prazer, e quando uma maré latejante de êxtase a invadiu, arrasando tudo à sua passagem, Sterling, rígido, lançou a cabeça para trás com um rugido, derramando o seu néctar no mais profundo do cálice do ventre de Laura.

Sterling estava de lado com a cabeça apoiada na mão vendo a esposa dormir e perguntando a si próprio como seria possível uma mulher parecer tão inocente e tão sensual ao mesmo tempo. Estava deitada de bruços sobre os lençóis amarrotados com o rosto encostado à almofada, as mãos fechadas de ambos os lados da cabeça. Cobrira-a com a colcha para a abrigar do frio, mas o cetim escorregadio deslizara até abaixo, desnudando-lhe a curva graciosa das costas e a saliência suave de uma nádega rosada.

Não podia censurá-la por ter sucumbido à exaustão. Ele tratara de que ela pouco dormisse nas duas noites anteriores.

Abanou a cabeça, maravilhado com a coragem que ela demonstrara vindo em busca dele. Podia ser mentirosa e astuta, mas na cama era perfeitamente desprovida de qualquer artifício. E, ao contrário de tantas mulheres experientes que conhecera, não fazia segredo de que a sua paixão era só para ele.

Quem quer que ele fosse.

Sterling saiu da cama e vestiu as calças. Serviu-se de uma generosa quantidade de brande, mas nem o calor da bebida conseguiu anular completamente o sabor dela na sua boca.

Desde que pusera os pés naquela casa, há mais de vinte e um anos, Sterling Harlow soubera exatamente quem era e o que esperavam dele. Até Laura Fairleigh aparecer com as suas mentiras e meias-verdades, destruindo todas as ilusões que mantinha a respeito de si próprio. Agora sentia-se ainda mais estranho na sua própria pele do que enquanto fora um homem sem memória em Arden Manor.

Ao saber da traição de Laura, pensara poder simplesmente voltar a ser o homem que fora até ali, antes de ela lhe ter derretido a gelada muralha de indiferença que lhe rodeava o coração. Mas esse homem nunca teria sido idiota a ponto de a deixar voltar para os seus braços. Ou para a sua cama.

Nem a teria obrigado a ficar a seu lado, simplesmente porque não suportava ficar sem ela. Talvez Diana tivesse razão. Talvez não fosse por conveniência que lhe apresentara a proposta, mas sim por um retorcido desejo de vingança. Só que nada disso explicava a amorosa ternura da sua carícia quando se inclinou sobre a cama para afastar uma madeixa de cabelo da face de Laura.

Sterling nada mais desejava que meter a mão debaixo da colcha e deixá-la ronronar de prazer mais uma vez. Mas preferiu tomá-la nos braços, com a colcha e tudo, e dirigir-se à porta.

– Hum – murmurou ela, lançando-lhe os braços ao pescoço sem se preocupar em abrir os olhos. – Onde me levas?

– Para a cama – murmurou ele, mergulhando os lábios nos cabelos macios a cheirar a alfazema.

Como não encontrasse motivo para o contrariar, Laura aconchegou-se mais nos braços de Sterling, encostando a face ao peito dele.

Laura acordou tal como na manhã anterior – sozinha na sua própria cama sem qualquer peça de roupa em cima.

Sentou-se cobrindo os seios com o lençol, perguntando a si própria se estaria a ficar louca. Pôs-se de joelhos com alguma dificuldade e meteu a cabeça pelas cortinas da cama. Embora alguns raios de sol se atrevessem a desafiar a imponente grandiosidade dos vidros das janelas maineladas, os aposentos da duquesa não pareciam ser muito mais confortáveis do que durante a tempestade da noite anterior.

Sentou-se sobre os calcanhares duvidando da sua sanidade mental. O encontro com o seu marido teria sido um sonho longo e delicioso? Fechou os olhos e viu imediatamente a imagem de si própria e de Sterling ajoelhados num ninho de cetim azul-escuro diante do espelho dourado. Ele abraçara-a por trás, insistindo para que olhasse para o espelho e visse como era bela. Pusera-lhe uma mão em concha sob o seio, e com a outra acariciara-lhe o ventre rosado e liso. Laura vira os dedos longos e elegantes mergulharem nela, hipnotizada pelo contraste entre a força exploradora de Sterling e a sua suavidade ao aceitá-lo.

Ela não era bela. Eram belos juntos.

Depois ele beijara-lhe ternamente o pescoço e entrara nela por trás...

Laura soltou uma exclamação abafada e abriu os olhos. Sempre fora senhora de uma imaginação fértil, mas não tão fértil assim.

Espreitou por baixo do lençol. Para além da evidente ausência da camisa de dormir, havia outros sinais muito mais subtis da presença de Sterling – a deliciosa lassidão dos seus músculos, a sensibilidade dos mamilos rosados, uma leve marca da barba dele no interior de uma das coxas.

Laura suspirou vendo desfilar outras imagens pela sua mente, cada uma delas mais provocante que a anterior. Depois dessa noite, ninguém poderia acusar o duque de Devonbrooke de falta de diligência no desempenho dos seus deveres. Se não estivesse já grávida do seu herdeiro, não seria por falta de esforço da parte dele. Ou da parte dela, pensou, sentindo-se corar ao recordar as suas próprias ousadias.

Talvez devesse sentir-se grata por não ter acordado nos braços de Sterling. Provavelmente gaguejaria ruborizada e faria toda a espécie de confissões indecorosas. Assim, antes de o encarar, teria oportunidade de se vestir com a dignidade própria de uma duquesa.

Envolvendo-se no lençol, Laura saiu da cama. Mas a sua postura aristocrática caiu por terra ao ficar com o pé enrolado nos reposteiros da cama. Saltava num pé só a tentar libertar-se quando soou uma pancada na porta.

Antes de poder meter-se na cama, a porta abriu-se e a criada entrou bruscamente no quarto.

– Bom dia a Vossa Graça. Lady Diana enviou-me para informar Vossa Graça de que chegaram os baús de Arden Manor. – Ficou imóvel ao ver Laura. Mas, em abono da verdade, a criada nem pestanejou ao vislumbrar a sua nova senhora equilibrada apenas num pé e envolta num lençol amarrotado. – E chegaram a tempo – acrescentou.

Depois de várias indicações contraditórias oferecidas por criadas bem-intencionadas, três enganos nos corredores e vinte minutos passados a vaguear por um labirinto de aposentos ligados, Laura encontrou por fim a sala de jantar. O marido estava à cabeceira de uma mesa de quase dez metros, firmemente entrincheirado atrás de um exemplar do *Morning Post*. Diana estava sentada a meio da mesa a beber chá de uma delicada chávena de porcelana *Wedgwood*. Havia mais um lugar na outra cabeceira. Laura estava a pensar seriamente ignorá-lo e escolher o acento mais perto de Sterling, quando um criado apareceu do nada para lhe afastar a cadeira.

Laura sentou-se, agradecendo-lhe com um leve sorriso. Enquanto ele se dirigia ao aparador para lhe servir o prato, olhou para a longa extensão de mogno brilhante, sentindo-se invisível.

– Bom dia – disse em voz alta, esforçando-se por resistir à vontade de pôr as mãos em concha em redor da boca e gritar «Olá!» como sem dúvida George teria feito.

Diana murmurou uma resposta evasiva.

Sterling voltou a página sem levantar os olhos.

– Bom dia, Laura. Espero que tenha dormido bem.

Então ia ser assim? Laura sorriu docemente.

– Maravilhosamente. De facto, nem me recordo de ter dormido tão bem, com um sono tão profundo e reparador.

O prato dela soltou-se das mãos enluvadas do criado e aterrou ruidosamente diante dela. Diana engasgou-se com o chá e limpou

delicadamente os lábios com o guardanapo.

Enquanto o lacaio batia apressado em retirada, Sterling baixou lentamente o jornal, lançando a Laura um olhar que poderia derreter as rosetas de manteiga que tinha no prato.

Dobrando o jornal num belo quadrado e metendo-o debaixo do braço, Sterling pôs-se de pé.

– Estou encantado por encontrar os aposentos a seu gosto. Agora, minhas senhoras, se me dão licença...

– Vai para Hyde Park andar a cavalo com o Thane? – perguntou Diana dedicando as suas atenções a barrar doce de laranja na torrada.

Sterling abanou a cabeça.

– Estou a pensar passar o dia no escritório a rever as contas das nossas propriedades. Já descurei as minhas responsabilidades durante muito tempo.

– Deu uma pancadinha no ombro de Diana.

– Agora que vim para ficar, já não terá necessidade de se incomodar com os livros de contas e as aborrecidas colunas de números. Porque não leva a Laura às compras para lhe arranjar um enxoval apropriado?

Embora ela lhe oferecesse a face para que ele lhe desse um beijo rápido, Diana não parecia mais feliz que Laura por ter sido posta de lado.

Laura aguardou até que ele quase chegasse à porta para perguntar:

– Então, meu querido, não dá um beijo à sua noiva?

Ele voltou-se com a boca franzida. Quando se inclinou para lhe beijar a face, ela inclinou a cabeça de modo a que os lábios dele lhe tocassem no canto da boca.

Laura ouviu-o inspirar, viu as pestanas baixarem para lhe ocultarem os olhos brilhantes. Porém, quando se endireitou, a sua postura era formal como sempre.

– Bom dia, minha senhora.

Quando Sterling saiu, Diana pousou a chávena.

– Não gosta que brinquem com ele, sabe? Esse jogo é perigoso.

Laura trincou uma fatia de bolo de ameixas ainda quente, surpreendida com a fome que sentia.

– Tenho perfeita consciência disso. Mas espero que a recompensa seja muito superior aos riscos.

Capítulo 22

*Espero que a mimes tanto como eu
gostaria de te ter mimado...*

O Diabo de Devonbrooke tinha casado. Ao princípio da tarde, quando Diana e Laura começaram a percorrer as lojas de Oxford Street e Bond Street, toda a Londres vibrava com as novidades. Era difícil dizer quais os corações mais destroçados – se os das beldades apaixonadas, se os das ambiciosas mães que haviam alimentado a esperança de caçar para as suas queridinhas um dos mais ricos e cobiçados solteiros da sociedade.

Quando Diana e Laura entraram numa prestigiada loja de tecidos repleta de rolos de deslumbrantes sedas e musselinas, loja essa frequentada por uma multidão de clientes do sexo feminino à espera de fazerem os seus pedidos, imediatamente as conversas se transformaram num murmúrio. Laura recebeu vários olhares diretos, alguns francamente hostis.

Uma das empregadas correu a atendê-las, mostrando, por meio de exclamações desanimadas, o seu desagrado pelo vestido de musselina amarelo-claro que naquela manhã parecera a Laura perfeitamente aceitável. Antes de esta conseguir explicar que não falava italiano, a mulher, baixa e de cabelo negro, arrebatou-a para dentro de um cubículo com cortinas para ser espetada, medida e picada com uma rudeza que Cookie teria admirado.

Depois de alguns minutos passados suportando a indignidade de ouvir duas desconhecidas discutir em italiano fluente os méritos duvidosos do seu peito, Laura foi deixada por conta própria enquanto as costureiras partiram em busca de um novo pente de alfinetes para a torturar. Ficara em roupa interior, de pé sobre um banquinho, tremendo de frio, quando se apercebeu

de que duas mulheres conversavam do outro lado da cortina, infelizmente em inglês.

A primeira tinha uma voz suave, mas cheia de veneno.

– Acredita que ele se casou com uma campônia pobretanas sem dote e sem título? Ouvi até dizer que era uma... – Laura aproximou-se mais da cortina, tentando ouvir o murmúrio sibilante da mulher.

– Não! Não posso crer! A filha de um reitor? – A gargalhada da mulher não teria sido mais incrédula se Sterling tivesse casado com a mulher das limpezas. – Será possível que tenha sido por amor?

A primeira mulher fungou.

– Nem pense. Ouvi dizer que tinham sido apanhados numa situação comprometedora e que ele se viu obrigado a casar com ela contra a sua vontade.

Laura fechou os olhos. As palavras daquela mulher feriam-na profundamente.

– Pelo que ouvi dizer, ele não é homem de ser obrigado a fazer o que não quer.

– Pode ser assim na maioria das circunstâncias, mas quando a honra está em causa, um homem como ele fará tudo para a defender, até sujeitar-se a um casamento inferior.

– Talvez a menina apenas precise de ser um pouco polida.

– Pode polir o que quiser, mas vai acabar sempre com um bocado de carvão, não com um diamante de primeira água.

A voz da mulher mudou para um murmúrio rouco.

– Ela nem poderá ter a mínima esperança de o satisfazer. Já se esqueceu de que eu sei por experiência própria como ele é exigente na cama? Vai cansar-se logo dessa plebeia... se é que já não se cansou. E quando se cansar, eu estarei lá. Pode ter ficado com o nome dele, mas com o coração jamais ficará.

Laura, indignada, estava prestes a abrir as cortinas e a mostrar àquela megera como podia ser plebeia, quando se ouviu um roçar de saias no cubículo do lado.

– Ora, Lady Diana – comentou em voz melífluo a mulher que planeava levar para a cama o marido de Laura. – Ignorava que frequentasse esta loja. É um prazer encontrá-la por fim. Eu e o seu primo somos muito amigos.

– Não me diga! – Laura nem teve de imaginar o olhar gélido que Diana lançava às duas mulheres. A temperatura do cubículo baixou de tal forma que esperou ver algum vapor sair-lhe da boca. – Nunca falou de si. Contudo, creio que o ouvi falar do seu marido. E como tem passado ultimamente Lorde Hewitt? Forte e vigoroso, espero.

A voz da mulher perdeu o tom adocicado, tornando-se tão gélida como a de Diana.

– O meu Bertram tem passado muito tempo na nossa casa de campo.

– Não o posso censurar. – Quando a segunda mulher soltou uma exclamação abafada, Diana acrescentou docemente: – O calor do verão, sabe? Agora, se me derem licença, tenho de ir em busca da mulher do meu primo. Mandou-me acompanhá-la para a ajudar a escolher um enxoval apropriado. Está tão envergonhado por ter insistido tanto para se casarem tão depressa, mas não conseguia separar-se dela nem mais um dia. Adora-a, sabem? E está disposto a que não lhe falte nada enquanto puder estragá-la com mimos.

Laura sentiu nas pálpebras lágrimas de gratidão e tristeza. Algures noutra vida, as palavras de Diana poderiam ser verdadeiras.

Quando, pouco depois, Laura saiu do cubículo, encontrou a sua improvável defensora rigidamente sentada numa cadeira de costas direitas, espreitando as gravuras da última moda de *La Belle Assemblée* com ar enfadado.

– Ouvi o que disse àquelas mulheres – disse Laura em voz baixa. – Tenho de lhe agradecer.

Diana fechou a revista com força e levantou-se erguendo o queixo com ar de desafio.

– Não o fiz por si. Fi-lo por mim. Essas beldades de cabeça oca como Elizabeth Hewitt há anos que me olham com desprezo porque não tive a infelicidade de casar com um velho cheio de gota que se importa menos com a mulher do que com os seus cães premiados.

– Se se refere a Lorde Hewitt, os cães são-lhe certamente mais fiéis do que a mulher.

Diana não sorriu exatamente, mas nos seus olhos surgiu um brilho de satisfação.

– Creio que tem razão. Não podemos censurar o homem por preferir as cadelas de quatro patas.

Laura passou o resto da tarde num turbilhão estonteante. Enquanto ela e Diana passavam do chapeleiro ao perfumista e ao sapateiro, percorrendo o empedrado de Oxford Street, não pôde deixar de pensar no muito que Lottie se divertiria com aquela expedição. Embora Diana não mostrasse o mínimo interesse em comprar o que quer que fosse para si mesma, insistia para que Laura se fornecesse de tudo o que havia de melhor – várias toucas enfeitadas com frutos, penas e flores; leques pintados à mão; frascos de perfume de vidro facetado; xailes de caxemira; luvas de pele e meias de seda, sombrinhas com folhos; sabonetes perfumados; sapatinhos em tom pastel e não um mas dois pares de botinas de carneira; travessas e diademas de filigrana de prata; fitas de cabelo cravejadas de pérolas; até mesmo um escandaloso par de culotes que a dona de uma loja de sedas lhes afirmou ser a última moda dos salões de Londres. Todas as compras seriam entregues em Devonbrooke Hall assim que os comerciantes as pudessem enviar.

Quando saíram de uma encantadora lojinha que vendia apenas rendas, Laura já tinha dores de cabeça só de tentar lembrar-se de todas as compras que haviam feito. Se os seus cálculos estivessem certos, gastaram mais num dia do que todo o rendimento anual de Arden Manor.

Ao dirigirem-se para a carruagem que as esperava, segurando cartuchos de pistácios quentes que haviam comprado a um vendedor ambulante, um acendedor de lampiões saiu da obscuridade para acender as luzes da cidade. A claridade suave refletia-se nas montras, tornando ainda mais apetecíveis os artigos expostos.

Quando passaram por uma loja de brinquedos esplendidamente decorada, Laura parou e soltou uma exclamação maravilhada.

Na montra encontrava-se uma boneca de porcelana vestida de folhos e renda com as faces gorduchas pintadas de cor-de-rosa. Do apanhado de caracóis loiros ao nariz arrebitado e aos sapatinhos de pele, a boneca era a imagem de Lottie.

Diana espreitou a montra.

– O que é?

– Estava a pensar como a minha irmãzinha gostaria de ter aquela boneca – respondeu Laura passando os dedos pelo vidro sem o notar.

Diana encolheu os ombros.

– Pois então compre-lha.

Laura meteu as mãos no seu novo regalo de penas de cisne.

– Não posso abusar mais da generosidade do duque. Tem sido muito extravagante.

Diana lançou-lhe um olhar estranho.

– O Sterling não é avarento. Pode recusar-lhe o seu perdão, mas nunca a sua bolsa. Se não consegue um, pode aproveitar a outra. – Diana tocou também no vidro com uma expressão curiosamente triste. – Foi uma das poucas lições que o meu pai me ensinou.

Quase uma hora depois, Laura saiu da loja de brinquedos carregada de presentes para os dois irmãos, incluindo uma corda de saltar para Lottie e três reluzentes baralhos de cartas para George. Recusara-se a que lhe levassem as coisas a casa, por não querer confiá-las a outras mãos senão as suas. Diana esperou pacientemente enquanto ela se metia numa loja para homens com o propósito de comprar umas luvas de pele macia para aquecer as mãos de Dower nas frias noites de inverno. Já decidira mandar a Cookie uma touca enfeitada com penas de avestruz que comprara para si mesma.

Quando se aproximaram da carruagem, Diana parou tão repentinamente que Laura quase chocou com ela. Enquanto um dos criados saltava do assento para pegar nos embrulhos, Laura espreitou por cima do ombro de Diana e viu o marquês de Gillingham encostado a um candeeiro com o chapéu alto na mão e uma bengala brilhante debaixo do braço.

Endireitou-se fazendo-lhe uma graciosa vénia.

– Vossa Graça, Lady Diana. Vi a carruagem quando saí do meu alfaiate e pensei em esperar para vos desejar as boas-noites.

– Boa noite também para o senhor. – Diana passou por ele e aceitou a mão do lacaio para subir para a carruagem. – Agora que o meu primo regressou são e salvo da sua pequena aventura, não me parece que o vá voltar a ver muitas vezes.

– Pelo contrário – declarou Thane afastando o lacaio para ser ele mesmo a ajudar Laura a subir para a carruagem. – Com o duque de volta a Devonbrooke Hall, tenho a intenção de a ir aborrecer mais vezes.

– Não deve ser muito difícil para si. – Diana olhou em frente enquanto o lacaio segurava a porta. – Certamente que o meu primo ficará encantado por recebê-lo.

Thane olhou para o perfil dela, alisando a aba do chapéu entre o indicador e o polegar.

– E a senhora? Não ficaria também encantada por receber-me?

Antes que ela lhe pudesse responder, a carruagem pôs-se em movimento.

– Que homem insuportável – resmungou Diana, tirando as luvas e batendo com elas no colo.

Intrigada tanto pelas manchas de cor nas faces de Diana como pela sua rara explosão de paixão, Laura debruçou-se da janela e viu que Thane continuava a olhá-las com o chapéu nas mãos.

Quando chegaram a Devonbrooke Hall, Addison esperava-as no vestíbulo.

– Sua Graça deseja receber a senhora no escritório – informou ele a Laura, entregando a sua peliça e o regalo a um criado.

O coração de Laura deu um salto. Talvez Sterling deixasse por fim de fingir que a última noite nunca acontecera e se mostrasse disposto a admitir que era impossível um homem tomar uma mulher tão completamente e em troca nada dar de si. Alisou o cabelo e dirigiu-se para o corredor mais próximo, esperando não revelar a sua patética ansiedade.

Addison aclarou delicadamente a garganta.

– Por ali, Vossa Graça – disse apontando na direção oposta. – Sétima porta à esquerda, depois da fonte de mármore.

Ela deu meia volta, lançando-lhe um sorriso agradecido.

Laura entrou no escritório e encontrou Sterling sentado à monstruosa secretária de mogno, rodeado de várias pilhas de livros de contas e papéis. Sentiu-se aliviada ao ver que os cães não andavam por ali. Apesar de ele lhe haver garantido que não passavam de gigantes bondosos, ela continuava a suspeitar que os animais sentiam um secreto desejo de lhe arrancar um pé para o enterrarem no solário.

Sterling tinha atirado descuidadamente o casaco para cima do tamborete mais próximo e vestia apenas o colete amarrotado, tendo ainda arregaçado as mangas. Laura observou-lhe disfarçadamente o rosto, pensando que o conhecia muito mal. Não era a pessoa que ela inventara, mas sim um homem complicado, moldado por boas e más influências. Apenas desejava que isso a fizesse desejá-lo menos, e não mais.

Embora pudesse jurar não ter feito qualquer ruído, ele levantou subitamente os olhos e apanhou-a a observá-lo. Imediatamente, afivelou a máscara agradável que ela começava a detestar.

– Então já voltou das suas compras? Julgo que encontrou tudo o que precisava.

– Tudo não – disse Laura enigmaticamente, aproximando-se para se sentar na cadeira de couro diante da secretária.

– Bom, talvez isto ajude a mitigar o seu desapontamento. – Sterling debruçou-se sobre a secretária e entregou-lhe uma folha dobrada de pergaminho.

– Feliz aniversário!

Laura pestanejou, apanhada completamente de surpresa.

– Com certeza não estava à espera de que eu me esquecesse, pois não?

– Para ser franca, fui eu que me esqueci. Certamente não esperava que se lembrasse. – Baixou timidamente os olhos. – Ou que me oferecesse um presente.

– Vá lá – disse ele, fazendo sinal com a cabeça em direção ao papel. – Abra.

Laura desdobrou o documento de aspeto oficial e passou a vista pela caligrafia elegante, sem saber muito bem para o que estava a olhar.

– É a escritura de Arden Manor – explicou Sterling. – Encontrei-a ontem de manhã quando andava a remexer nos papéis do escritório do meu pai. Hoje, enquanto estive fora, chamei o advogado e mandei pôr a casa e as terras em seu nome. Nunca mais terá de se preocupar por o George e a Lottie não terem um teto onde se abrigarem. Ninguém lhas pode tirar, nem sequer os meus herdeiros.

Os *seus* herdeiros. Laura continuou a olhar para o papel sem nada descortinar, recusando-se a levantar a cabeça enquanto houvesse perigo de ele a ver chorar.

– Pensei que lhe agradasse – disse ele em voz baixa. – Teria preferido um par de brincos de esmeraldas? Um colar de brilhantes?

Laura enterrou as unhas no papel.

– Não, obrigada, senhor. Já foi mais do que generoso comigo.

Ele encolheu os ombros.

– Tolices. Provavelmente haverá quem diga que o merece.

Laura ergueu bruscamente a cabeça e olhou-o incrédula, enquanto desfilavam pela sua mente as imagens das noites passadas nos braços dele. Na cama dele.

– Pelos seus expedientes, claro – acrescentou com um brilho nos olhos que denunciava o que exatamente estava a pensar. – Correu um risco enorme por uma mansão velha e em ruínas.

– Uma mansão em ruínas que o senhor estava deseioso de reclamar para si próprio. Ou esqueceu-se do que o levou a Arden Manor? Certamente não foi para prestar a última homenagem à senhora sua mãe.

Sterling encostou-se na cadeira, mostrando dificuldade em manter a sua máscara de afabilidade.

– A senhora minha mãe não é da sua conta.

Laura levantou-se amarrotando o papel.

– E certamente também não era da *sua*. Se o fora, não a teria deixado morrer sem a perdoar. Mas como parece que deverei partilhar o destino dela, suponho que seja adequado herdar também a sua casa. Mesmo que tenha de passar o resto da vida a *merecê-la*. – Dirigiu-se para a porta, mas voltou-se para trás. – Oh, e hoje encontrei uma das suas queridas amigas... uma tal Lady Hewitt, que deixou bem claro como ficaria encantada em recebê-lo de volta na sua cama quando se fartasse de mim.

Embora Laura necessitasse de toda a força do seu corpo delgado, conseguiu ainda assim bater com a porta do escritório a ponto de fazer estremecer os candelabros de ambos os lados da porta.

– Não há grande possibilidade de isso acontecer, pois não? – murmurou Sterling abanando tristemente a cabeça ao escutar os passos zangados de Laura a afastar-se.

Laura deitou-se de costas na cama olhando para o dossel. Na noite anterior estava zangada. Esta noite, estava lívida de fúria. O marido podia fazer de nobre benevolente a seu bel-prazer, mas ela reconhecera o que representava o presente: outra censura. Uma maneira de a fazer lembrar-se de que nenhum monte de tijolos poderia compensá-la do que as suas mentiras tinham custado a ambos.

Algures no interior da casa um relógio bateu doze badaladas, marcando o fim do dia do seu aniversário.

Laura virou-se de lado. O relógio poderia bater treze vezes que ela não iria ter com ele. Nem sequer conseguiria encontrar de novo a ala oeste. Calculava até que Sterling ficaria aliviado se ela caísse das escadas abaixo e

partisse o pescoço. Via-o junto à sua sepultura, o belo rosto sulcado por rugas de desgosto fingido enquanto aceitava os pêsames de Lady Hewitt.

Poderia até nem se dar ao trabalho de esperar pelo seu falecimento. E se ela fosse imediatamente à ala oeste e encontrasse a cama dele gelada e vazia? Talvez já tivesse ido em busca da sua antiga amante. Talvez tivessem passado a noite a beber champanhe e a rir da infelicidade de ele ter caído na armadilha lançada pela filha de um pároco sem um tostão, que possivelmente nem conseguiria satisfazer as suas *exigências* na cama. Talvez nesse exato momento estivesse enredado nos lençóis de seda dessa mulher, fazendo ao seu corpo voluptuoso todas as doces e maliciosas carícias que tinha feito a Laura na noite anterior.

Com um gemido, Laura arrastou a colcha para cima da cabeça para ocultar a imagem.

E foi exatamente assim que Sterling a encontrou, quando afastou as cortinas e se sentou na cama ao lado dela.

Capítulo 23

... e que ela demonstre ser digna do teu amor.

Laura sentou-se na cama, afastando dos olhos o cabelo despenteado.

– O que está aqui a fazer?

Sterling poisou o castiçal numa pequena prateleira saliente sobre a cabeceira da cama, criando um confortável ninho de luz.

– Não queria ser acusado de descurar os meus deveres de marido. Duvido que a minha escandalosa reputação suportasse tal golpe.

Ela pareceu refletir por momentos nas palavras dele, depois deitou-se de costas.

– Se o seu intento é apenas conseguir um herdeiro, então pode dispensar todos os pequenos detalhes e seguir em frente.

– Detalhes? – repetiu Sterling, fascinado por aquela nova atitude da parte dela.

– Sim, bem sabe... os beijos... as carícias. – Fez um gesto de desdém com a mão. – Todas essas tolices.

– Não quer então que eu a beije?

– Não vejo qualquer necessidade. E o senhor?

Sterling manteve deliberadamente uma expressão inocente.

– Em parte nenhuma?

Estava suficientemente perto dela para a ver engolir em seco convulsivamente e ouvir a sua respiração entrecortada. Laura lançou para trás as roupas da cama e ficou a olhar para o dossel.

– Tape-me quando terminar, por favor. O ar está bastante frio.

De facto, estava, mas nada tinha a ver com as omnipresentes correntes de ar que circulavam naquela casa cavernosa e enorme. Provinha da expressão amuada e da postura rígida da sua noiva. Parecia estar à espera de que o

farmacêutico lhe arrancasse um dente com um abcesso. Sterling teve de morder o interior da bochecha para não sorrir.

– Terei de lhe levantar a camisa de dormir – avisou-a. – Não será um grande incômodo, pois não?

Ela soltou um suspiro sofredor e virou a cara para o lado.

– Parece-me que não terá outro remédio.

Laura fechou os olhos quando ele lhe passou as mãos quentes pelas pernas longas e sedosas, subindo-lhe a camisa acima das ancas. Ele reteve a respiração. À luz da vela, Laura parecia um anjo – os cabelos escuros e macios e a pele levemente sardenta.

– E as coisas serão mais fáceis para nós se eu lhe tocar... aqui.

Os lábios dela abriram-se numa exclamação sufocada. Sterling abafou um gemido. Embora nada tivesse feito para merecer essa generosidade, Laura estava tão pronta para ele como ele para ela. Despiu o roupão de cetim, satisfeito por não se ter incomodado em vestir as calças antes de percorrer o caminho longo e solitário até ao quarto dela.

– Se for para si um grande incômodo abraçar-me, talvez seja melhor que eu lhe segure as mãos assim – entrelaçou suavemente os seus dedos nos dela, levantando-lhe as mãos até lhas poisar de ambos os lados da cabeça, e aí ficaram com as palmas unidas.

Laura apertou-lhe as mãos quando ele a penetrou num movimento suave. Sterling fechou os olhos para controlar uma onda selvagem de sensações. Nunca sonhara que uma mulher pudesse ser tão docemente sedosa, tão quente, tão apertada. Quando começou a movimentar-se dentro dela, ela envolveu-o como se tivesse sido criada para ele. *Só* para ele.

Quando abriu os olhos, ela olhava-o por entre as pestanas, com os lábios entreabertos e os olhos luminosos vítreos de desejo.

– Tem a certeza de que não quer que eu a beije? – murmurou com a voz rouca de paixão.

Laura humedeceu os lábios.

– Bom... talvez só uma vez...

Sterling beijou-a uma vez, um único beijo que se prolongou para sempre, com um ritmo profundo e primitivo acompanhando o ritmo hipnótico das ancas dele e o bater atroador do seu coração. Não queria que aquilo terminasse, nem o ato de amor nem o beijo. Mas não podia adiar eternamente o final. Decidido a mostrar a Laura o que conseguia mesmo

sem os pequenos detalhes, posicionou as ancas de modo a que cada movimento o pusesse em contacto com a preciosa pérola que ela aninhava entre os pelos sedosos.

Sentiu-a chegar ao ponto culminante por baixo dele e soube que teria de a seguir. Quando se deixou cair sobre ela, sufocado, a última coisa que esperava era ouvir a vozinha de Laura dizendo-lhe ao ouvido muito determinada:

– Já fez o que tinha de fazer. Agora pode ir-se embora.

Sterling ergueu lentamente a cabeça.

Laura fixava um ponto por cima do ombro direito dele, tentando fingir que o seu corpo sensual não estremecia ainda reagindo ao extraordinário prazer que tinham partilhado.

– Está a mandar-me embora?

– Não. Estou a dispensá-lo. O trabalho foi bem feito, e pronto.

Em parte, Sterling queria apenas tomá-la nos braços, estreitando-a até a primeira luz da manhã entrar pelo quarto. Mas prescindira desse direito quando delineara as condições do casamento em termos tão frios. Maldizendo a sua falta de tato, baixou-lhe a camisa de dormir e aconchegou-lhe a colcha junto ao corpo antes de vestir o roupão de seda e de pegar na vela.

Saiu do quarto, contou até dez e voltou para meter a cabeça entre as cortinas da cama. Laura estava deitada de costas, com os olhos fechados e os braços abertos. A expressão de aborrecimento transformara-se num êxtase incrédulo e maravilhado.

Sterling aclarou a garganta, obrigando-a a sentar-se tão depressa que bateu na cabeceira da cama. Esfregou a cabeça, olhando-o por entre uma madeixa de cabelo.

– Pensei que se tivesse ido embora.

Ele encostou-se à coluna da cama.

– Estive a pensar que talvez não devêssemos ser tão apressados a pôr de lado esses detalhes. Pensando bem, são muito... agradáveis.

Laura brincou com a fita da camisa de dormir.

– Bom, se pensa que assim a sua obrigação não será tão desagradável...

– Oh, penso que será muito menos desagradável para ambos. Quer que lhe mostre?

Laura abriu desmesuradamente os olhos quando ele despiu o roupão e voltou a entrar na sua cama.

Sterling Harlow podia ter um rosto angelical, mas, à noite, era um verdadeiro diabo, roubando a alma de Laura ao mesmo tempo que lhe desprezava o coração. Embora afirmasse o seu gosto pelos detalhes, as coisas que fazia ao corpo ansioso e jovem de Laura sempre que todas as noites se metia entre os lençóis dela não eram apenas agradáveis, mas deliciosas e cheias de malícia. Algumas eram mesmo perversas.

Laura habituou-se a ficar na cama até às dez ou onze da manhã, tentando adiar o momento em que teria de enfrentar o desconhecido que não tinha qualquer semelhança com o homem de sangue quente que lhe provocara um prazer delirante umas horas antes. Quanto mais ardentes eram os seus encontros noturnos, mais frio e distante ele se tornava, fazendo com que a própria prima se sentisse frustrada com os seus modos reservados e os evasivos murmúrios.

Uma noite, ao saber que Sterling arranajara uma desculpa qualquer para não jantar com elas, indo barricar-se no escritório, Diana lançou o guardanapo para cima do prato.

– Como era ele? – perguntou furiosa, olhando para Laura.

Laura ficou imóvel com uma garfada de salmão com caril a meio caminho da boca.

– Ele quem?

– O seu Nicholas. Como era? Que espécie de homem era?

Laura baixou o garfo entreabrindo os lábios num sorriso melancólico.

– Era bondoso e terno com um humor muito perspicaz. De natureza um pouco desconfiada, mas creio não poder censurá-lo por isso – admitiu, limpando ao de leve os lábios com o guardanapo. – Também tinha o seu génio. Devia tê-lo visto quando descobriu que eu tratara de tudo para que ele fosse o novo pároco sem primeiro o consultar. Nem conseguia falar. Olhava para mim e abanava a cabeça, passando a mão pelo cabelo, enquanto ficava cada vez mais vermelho. Cheguei a pensar que ia explodir.

Diana levantou-se da cadeira e foi sentar-se junto de Laura.

– Oh, conte-me! Teve um ataque de fúria? Sempre desejei isso quando o meu pai o espancava, mas era demasiado orgulhoso. Ele aceitava a pancada

e eu chorava.

Por um instante, Laura pensou que também o faria, mas deu por si a estender a mão para apertar levemente a de Diana.

– Para ver um bom ataque de fúria deveria ter estado lá no momento em que ele conheceu a minha irmã. A Lottie deixou que os gatinhos entrassem na cama dele, e ele pensou que eram ratos.

– Não me surpreende nada. O meu *Snowball* está fechado na ala norte desde que ele regressou. O Sterling nunca suportou gatos. A esse respeito era igual ao meu pai.

– Ah! Devia perguntar-lhe acerca da gatinha que o seguia para todo o lado na quinta. Uma manhã, quando pensava que ninguém o estava a ver, apanhei-o a dar-lhe um beijo no focinho cor-de-rosa e a metê-la no bolso. E devia vê-los a dormir no... – apercebendo-se de que o criado, em sentido junto ao aparador, começava a esticar o pescoço para melhor ouvir a conversa, Laura inclinou-se para murmurar ao ouvido de Diana, que soltou uma forte gargalhada.

Diante dos seus olhos cansados, Sterling via já desfocadas as infindáveis colunas de números copiadas na elegante caligrafia de Diana quando ouviu um som nunca antes escutado dentro das grossas paredes de Devonbrooke Hall – a música de gargalhadas femininas. Levantou-se lentamente fechando o livro de contas.

O som era tão irresistível como o canto das sereias, por isso seguiu-o até á porta da casa de jantar. Viu então a mulher e a prima, com as cabeças juntas, rindo e segredando como se fossem amigas desde sempre.

Seguindo o belo perfil de Laura com o olhar, sentiu uma dor no peito. Não a ouvia rir assim desde essa longínqua manhã de sol na escadaria da igreja de Saint Michael.

Poderia ter ali ficado eternamente a observá-la se o criado junto ao aparador não tivesse aclarado a garganta. Laura e Diana voltaram-se, os sorrisos desapareceram e olharam-no cautelosas.

– Desculpem a interrupção, mas deixei aqui o *Times* – disse friamente. Meteu o jornal debaixo do braço e voltou para o escritório, sentindo-se, mais que nunca, intruso na sua casa.

* * *

Dias depois, numa tarde fria e chuvosa, Sterling dirigiu-se ao escritório para passar de novo horas intermináveis a rever o seu aparentemente infinito número de propriedades, quando ouviu atrás de si um som que lhe despertou a curiosidade.

Silêncio absoluto.

Parou, inclinou a cabeça. Não ouviu ofegar, nem patas sobre o mármore, nem luta pelo lugar.

Voltou-se lentamente.

Não viu os cães.

Caliban e *Cerberus* eram a sua companhia constante desde que voltara de Arden. Dormiam pacientemente à porta do quarto de Laura até o dono sair da lá, já de madrugada, afogado e saciado. Eram os únicos que sabiam que ele nunca voltava para a cama fria e vazia, mas que passava o resto da noite a fumar no solário, à espera de que o Sol nascesse.

Sterling meteu dois dedos na boca para lançar um assobio que nunca deixava de trazer os mastins para junto de si. Mas apenas obteve o eco por resposta.

Franziu a testa. Talvez Addison se tivesse esquecido de lhe dizer que mandara um criado passeá-los no parque.

Ao aproximar-se da biblioteca, reparou que a porta estava entreaberta. Encostou-se à ombreira, mudo de espanto com a cena que tinha diante dos olhos.

Laura estava sentada no tapete junto à lareira com *Cerberus* deitado a seu lado. *Caliban* tinha a cabeça no colo dela, olhando-a com uma expressão de servil adoração. Ela afagava-lhe distraidamente as orelhas, sem se importar que ele lhe sujasse a saia do vestido azul-claro com a baba. Sterling nem queria imaginar o que diriam os seus velhos inimigos franceses se vissem os seus diabólicos cães domesticados pelas carícias de uma mulher. Mas conhecia perfeitamente o poder dessas mãos na sua própria carne.

Abanou tristemente a cabeça. Primeiro a prima, agora os cães. Laura não lhe deixaria nada?

Ia para dar meia volta, mas o melancólico suspiro da mulher não o deixou sair dali. Embora tivesse um livro aberto no colo, olhava para o lume com uma expressão pensativa. Sterling observou-a, reparando nas alterações que lhe tinham escapado nas sombras aveludadas do leito. Desaparecia-lhe o

tom rosado das faces beijadas pelo sol, os belos olhos castanhos perdiam o brilho, sombreados pela solidão.

Laura tudo arriscara, incluindo o coração, para manter a casa e a família intactas. Porém, ele arrancara-a a elas, não lhe permitindo mais do que olhar para trás.

O tio de Sterling encomendara todo o tipo de plantas exóticas para o solário, que raramente floriam pois precisavam de calor e luz do Sol, duas coisas que a mansão fria e ventosa nunca permitia. Por fim, todas as flores tinham morrido, e apenas Sterling as lamentara.

Fizera certamente um pequeno ruído, pois *Cerberus* ergueu a cabeça para lhe lançar um olhar interrogativo. Levando um dedo aos lábios, Sterling afastou-se do aposento.

Dirigiu-se ao escritório, animado por um objetivo, sensação a que já há muito era alheio. Depois de escrever uma longa nota, tocou a campainha para chamar Addison.

O mordomo pareceu materializar-se do nada, como sempre fazia.

– Vossa Graça tocou?

Sterling entregou-lhe a missiva.

– Preciso que o marquês de Gillingham receba imediatamente esta mensagem.

– Muito bem. Vossa Graça deseja mais alguma coisa?

Sterling recostou-se na cadeira, sorrindo mesmo sem querer.

– Talvez seja melhor dar uma boa gratificação aos criados. Julgo que estão prestes a merecê-la.

* * *

No final da segunda semana em Devonbrooke Hall, Laura estava tão desesperada para ter companhia que deu por si a vaguear pela galeria dos retratos na ala oeste, observando os parentes mortos de Sterling em busca de parencas. Divertiu-se a dar um nome aos mais estranhos e a inventar histórias acerca da sua vida. Decidiu que o homem risonho de gibão e gola plissada se chamava Percival, *o Atrevido*, prezado confidente da primeira duquesa de Devonbrooke. O guerreiro rubicundo e de barba ruiva envergando uma cota de malha não era senão Sir Boris, *o Sangrento*,

defensor dos injustamente condenados. E a mulher de peito avantajado e olhar de desafio? Seria certamente Mary Harlow, *a Louca*, que assassinara o seu insensível marido depois de o ter apanhado na cama com a sua amante casada, uma megera de língua viperina que, por acaso, se chamava Elizabeth.

Laura suspirou e deu uma nova volta pela galeria. Até o retrato do velho Granville Harlow perdera o poder de aterrorizar. Quase preferia encontrar o fantasma do antigo duque em vez do atual.

Encostou-se à parede para examinar um pequeno retrato que quase lhe passava despercebido. Tratava-se de um rapazinho loiro, sério e de postura rígida que não deveria ter mais de onze ou doze anos. Tinha as costas direitas como uma vara e os seus olhos observavam o mundo com um prudente ceticismo pouco adequado à sua idade.

Tocou-lhe na face com a ponta do dedo, sem encontrar a covinha de que tanto gostava. Não precisava de usar a sua imaginação. Já conhecia a história daquele menino. Fora abandonado por aqueles que mais amava. Entregaram-no nas garras de um tio déspota decidido a moldá-lo à sua semelhança. E fora traído pela mulher em quem o seu coração confiara. Laura baixou lentamente a mão. Poderia censurá-lo por não acreditar em finais felizes?

Preparava-se para voltar as costas ao retrato, com os olhos no chão, quando latidos selvagens quebraram o silêncio. O som vinha acompanhado por vozes ruidosas, por um chorrilho de impropérios com o sotaque das docas de Londres, felizmente quase indecifrável de tão cerrado, e gritos estridentes.

Laura ergueu imediatamente a cabeça. Pensando que estaria decerto a ficar louca, recolheu as saias e partiu a correr a toda a velocidade.

Tinha quase chegado ao cimo da escadaria quando Diana surgiu vinda da ala norte, com o cabelo impecavelmente arranjado, mas apenas de um lado.

– Mas que barulho infernal vem a ser este. Parece que estão a torturar um gato!

Em vez de responder, Laura passou por ela e desceu as escadas a correr. Não esperou que o criado admirado abrisse a porta; arrancou-lhe o puxador da mão e abriu-a ela de supetão.

– Laura!

Enquanto Addison se esforçava por conter os mastins, uma menina de cabelos dourados lançou-se nos braços de Laura. O cesto enfeitado a chita que trazia no braço pareceria totalmente inocente, não fossem as numerosas caudas coloridas que se agitavam dentro dele e a nervosa reação dos cães.

– Lottie! Oh, Lottie! És mesmo tu? – Enquanto Addison entregava os cães a dois criados fortes, Laura encostava o rosto aos caracóis da irmã, inspirando profundamente o seu cheiro de bebé.

– Claro que é ela – disse alguém logo atrás de Lottie. – Conheces mais alguém que arme esta confusão só porque os cãesinhos pensaram que o cesto dos seus gatinhos era uma cesta de piquenique? – Laura ergueu a cabeça e viu o irmão encostado à porta de uma elegante carruagem estacionada diante da mansão, com um nó de gravata impecável.

– George Fairleigh! – exclamou ela. – Parece-me que crescestes pelo menos três centímetros desde a última vez que te vi!

– Um e meio – admitiu. Embora se debatesse e revirasse os olhos, permitiu que ela lhe lançasse os braços ao pescoço e o beijasse efusivamente.

– Cuidado com a minha barba – avisou-a. – Podem ser só dois ou três pelos, mas picam bastante.

– Se me pedirem a opinião, coisa que ninguém faz, ainda penso que deveríamos dar meia volta e regressar a Arden – resmungou outra pessoa. – A vossa irmã é agora uma dama... fina demais para pessoas como nós.

Laura voltou-se e deu de caras com Dower, que estava atrás dela de sobranceiras franzidas, fingindo-se zangado.

– Vem cá, velho refilão, e dá um beijo a esta dama. – Enquanto ele a beijava ao de leve no rosto, ela apertava-lhe as mãos, satisfeita por ver que as nódoas negras quase tinham desaparecido.

Cookie apeou-se então da carruagem, ajudada nada menos do que pelo próprio marquês de Gillingham. As penas de avestruz que lhe enfeitavam a touca ondulavam majestosamente ao sabor da brisa. Laura escondeu a cara no amplo ombro de Cookie, com a garganta apertada e sem conseguir que as palavras de boas-vindas lhe saíssem da boca.

– Pronto, pronto, minha querida – consolou-a Cookie, afagando-lhe o cabelo. – Vai ficar tudo bem.

Embora Laura soubesse que essas palavras não poderiam ser verdadeiras, deram-lhe coragem para engolir o nó que sentia na garganta. Olhou em

volta para as suas caras sorridentes.

– Não compreendo. Porque não estais em Arden? Que fazeis em Londres?
Cookie olhou embevecida para o marquês.

– Ora, o marido da menina mandou este cavalheiro encantador ir-nos buscar.

Thane levou-lhe a mão aos lábios.

– O prazer foi todo meu. Não é todos os dias que viajo com uma senhora que sabe torcer o pescoço às galinhas com as suas próprias mãos.

Cookie soltou um risinho e beliscou-lhe a face.

– Se eu fosse uns anos mais nova, haveria de descobrir que não é só isso que sei fazer com elas.

Dower revirou os olhos.

– Não lhe dê atenção, senhor. Ela é muito atrevida.

– E ele também – murmurou Diana, recebendo um olhar intenso de Thane.

Laura continuava estupefacta.

– O Sterling mandou-o lá? Mas porque é que não me disse?

– Porque queria fazer-lhe uma surpresa. – Quando a voz sonora do marido se fez ouvir atrás dela, Laura voltou-se e encontrou-o encostado a uma das colunas do pórtico. – E a julgar pela sua expressão, diria que foi um enorme sucesso.

Só a custo Laura se conteve de correr para se atirar nos braços dele, mas estes continuavam cruzados, uma barreira formidável para tudo, exceto as mais reservadas expressões de gratidão.

– Muito obrigada a Vossa Graça – disse ela em voz baixa. – Não há palavras que possam exprimir o meu apreço pela sua bondade.

Poderia não haver palavras, mas haveria carícias suaves como penas e beijos intensos. E era o que lhe prometia com o seu olhar ardente.

Lottie puxou-lhe impacientemente pela mão.

– Tens de me mostrar a tua cama... a que parece a tenda de um sultão. Descreveste-a tão bem nas tuas cartas que quase consigo vê-la. Posso dormir contigo todos os dias enquanto aqui estivermos, Laura? Posso? Por favor, diz que sim!

Todos os olhares, exceto os do sempre discreto Addison, se voltaram para o duque.

Sterling aclarou a garganta enquanto um rubor encantador lhe cobria as faces.

– Não será necessário. Está tudo pronto para que a menina e o seu irmão tenham os vossos próprios aposentos com camas iguais às tendas de um sultão.

Antes que Lottie pudesse desatar a chorar, Cookie retirou do saco um pacote envolto num pano de linho e estendeu-o a Sterling.

– Fiz uma fornada de biscoitos secos de que tanto gosta, senhor.

– Que... que simpatia a sua – replicou Sterling com um vestígio do seu antigo brilho nos olhos.

– Também tenho uma coisa para si! – Lottie começou à procura dentro do cesto.

– Por favor, não me diga que é um bolo de noiva – murmurou ele.

Ela lançou-lhe um olhar de censura, para logo erguer no ar o seu achado com ar triunfante.

Era a gatinha amarela. A que lhe seguia os passos em Arden Manor.

O rosto de Sterling manteve-se perfeitamente imóvel quando Lottie lhe estendeu a irrequieta gatinha.

– Muito obrigado, Carlotta – disse ele rígido, sem fazer o mínimo movimento para pegar na gata. – Certamente que o Addison terá todo o prazer em arranjar alojamento para todos os seus animaizinhos.

Deu meia volta e entrou em casa. Momentos depois ouviram o som distante de uma porta a bater.

Desiludida, Lottie meteu a gata no cesto.

– Não compreendo, pensei que lhe agradasse.

Laura apertou suavemente os ombros da irmã, trocando um olhar preocupado com Diana.

– Não és tu, minha querida. Só que agora é um pouco mais difícil agradar-lhe do que antes.

Laura não disse à irmã que receava que seria até impossível.

Depois de Addison ter feito entrar para o vestíbulo o seu ruidoso grupo de hóspedes, Diana e Thane ficaram frente a frente.

– Foi muita bondade sua o que fez pelo meu primo – disse ela. – Sempre foi para ele mais um irmão do que um amigo.

– Tal como a senhora sempre foi para ele mais uma irmã do que uma prima.

Diana riu pouco à vontade.

– Suponho que, assim, tenhamos também uma espécie de relação fraternal.

Diana nunca esperaria que Thane lhe tocasse no cabelo. Esquecera-se de como deveria estar ridícula com o penteado por terminar. Mas em vez de lhe prender as madeixas soltas por trás da orelha, ele retirou os ganchos do outro lado, deixando-lhe cair os sedosos cabelos escuros em redor do rosto.

– Nestes últimos onze anos pensei em si de muitas maneiras – disse com uma voz tão velada como os seus olhos verdes. – Mas *nunca* como irmã.

Depois, ali mesmo diante do criado, do cocheiro da carruagem e do próprio Deus, tocou com os seus lábios nos dela, num beijo que nada tinha de fraterno.

Diana ficou ali, completamente atordoada, enquanto ele subia para a carruagem. Quando o veículo se pôs em marcha, ele assomou à janela e tocou no chapéu, com o habitual brilho malicioso no olhar.

– Não se aborreça. Sabe que sou um atrevido sem vergonha.

Capítulo 24

Ainda vejo o teu rosto nos meus sonhos...

A mãe chamava-o.

Sterling sentou-se bruscamente. Tremia todo. Lançou para trás a roupa da cama e dirigiu-se à porta. O chão parecia de gelo debaixo dos seus pés descalços quando percorreu o quarto e abriu a pesada porta.

A escuridão parecia precipitar-se sobre ele, mas manteve-se firme, apertando os maxilares para combater o medo. Quando voltou a escutar o som – doce e queixoso –, a esperança invadiu-lhe o coração. A mãe não o chamava apenas. Chamava-o para que voltasse para casa.

Percorreu rapidamente o corredor, seguindo a música da sua voz. Porém, à medida que avançava, logo se apercebeu de outro som, este saído das sombras atrás de si. Ficou imóvel, encostado à parede.

A princípio, apenas ouvia o áspero ressoar da sua respiração. Mas logo se repetiu – um som que já ouvira mil vezes, um som que lhe arrepiava a espinha como uma aranha.

Era o bater rítmico da bengala do tio. Sterling afastou-se da parede e começou a correr. Mas, por mais rápido que fosse, o inexorável ruído acompanhava-o, aumentando de volume, até quase abafar o eco da voz da sua mãe. Se ao menos as suas pernas fossem mais compridas, poderia chegar antes que o tio o apanhasse. Se ao menos o corredor não se alongasse debaixo dos seus pés a cada passo que dava. Se ao menos...

Uma mão esquelética saiu da escuridão por trás dele, para lhe apertar a garganta.

Sterling sentou-se bruscamente na *chaise-longue*, tremendo de aflição.

Durante os dez anos que passara no exército sentira-se misericordiosamente livre dos pesadelos que durante a infância o tinham

acossado. Mas os sonhos maus ficaram escondidos pelos cantos sombrios de Devonbrooke Hall, aguardando o seu regresso.

Pôs os pés no chão e escondeu a cabeça entre as mãos. Ainda não se atrevia a deitar-se na cama do tio. Parecia-lhe uma tumba. Receava que, se se afundasse no colchão de penas, poderia não conseguir encontrar o caminho para de lá sair.

Olhou para o relógio sobre a lareira. Pensara dormir apenas um pouco antes de se dirigir aos aposentos de Laura, mas era agora quase uma hora da manhã. Levantou-se, deu um nó no cinto do roupão. Se Laura já estivesse a dormir, dizia Sterling para consigo enquanto se dirigia ao quarto dela, meter-se-ia na cama dela para sentir o seu calor, para encostar o rosto ao seu cabelo perfumado até o sabor amargo do pesadelo ter desaparecido. Nem lhe beijaria o ponto sensível atrás da orelha que fazia com que ela encostasse o traseiro ao corpo dele, nem lhe tocaria na rosada suavidade dos seios. Abanou a cabeça desesperado. Claro que o faria.

Sterling abriu a porta do quarto de Laura e encontrou *Caliban* e *Cerberus* deitados no tapete aos pés da cama como dois anjos protetores a ressonar.

– Traidores – resmungou, inclinando-se para lhes fazer uma festa na cabeça.

Os cães, exaustos, tinham passado toda a tarde a correr atrás dos gatinhos de Lottie pela casa, até que uma bola de pelo cinzenta deu meia volta e arranhou o focinho de *Caliban*. Passaram o resto da tarde a ganir, escondidos debaixo das escadas da cozinha.

A pulsação de Sterling aumentou quando abriu as cortinas da cama, mas baixou imediatamente ao ver uma cabeça loira aninhada junto à cabeça escura de Laura.

Percebeu que a mulher estivera à sua espera. Tinha os olhos brilhantes e nada ensonados.

– A Lottie teve um pesadelo – murmurou, lançando-lhe um olhar constrangido. – Não podia mandá-la para a cama, não é verdade?

Olhando para a criança aninhada nos braços de Laura e para a meia dúzia de gatinhos que dormiam espalhados pela colcha da cama, Sterling sentiu uma ponta de inveja.

– Claro que não – murmurou, estendendo a mão para acariciar o cabelo de Lottie. Meteu as mãos fechadas nos bolsos do roupão para não fazer o

mesmo aos de Laura. – Está em boas mãos. Vai conseguir afastar os monstros durante o resto da noite.

Quando Sterling se dirigiu para o solário, retirando uma cigarrilha do bolso, pôs-se a desejar que ela fizesse o mesmo por ele.

Devonbrooke Hall ressoava de alegria.

Se os cães não corriam pela casa a brincar com os gatos de Lottie, era ela quem escorregava pelo corrimão, gritando a plenos pulmões, enquanto George patinava pelo chão do vestíbulo em meias. Addison sorria ao declarar que nunca o mármore e o mogno haviam estado tão bem polidos e deu a várias criadas mais um dia de folga.

Cookie invadiu a cozinha como a fresca brisa do Hertfordshire, de rolo da massa em punho, direita ao altivo *chef* francês quando este tentou expulsá-la do seu território. Quando Cookie deu a provar aos gatos os seus molhos cremosos, o homenzinho passou pela casa de jantar vomitando impropérios em francês que teriam impressionado o próprio Dower. Cookie limitou-se a pegar no avental que ele lhe tinha atirado à cabeça e começou a fazer uma nova fornada de pão de gengibre.

A única pessoa aparentemente imune ao alegre caos que descera sobre a casa era o seu proprietário. Sterling raramente saía da penumbra do escritório, preferindo até tomar aí as suas refeições, pois Laura e a família tinham-se apropriado da mesa para os seus jogos de cartas e ruidosas refeições.

Uma noite, já tarde, estava ele a trabalhar à secretária, à luz de um único candeeiro, quando a prima entrou a toda a pressa.

– Que distração a minha – disse secamente. – Parece-me que não a ouvi bater.

Como sempre, Diana não esteve com rodeios.

– Há quase um mês que se casou e não fez o mínimo esforço para apresentar a sua esposa à sociedade.

Sterling fez um gesto vago com a caneta, para logo continuar a escrever uma nota a um dos seus administradores no Lancashire.

– A maioria das famílias está agora na praia ou nas suas casas de campo. Talvez quando voltarem em setembro...

– Ela pensa que o senhor meu primo se envergonha dela.

Sterling ergueu imediatamente a cabeça.

– Envergonho-me dela? Onde foi a Laura buscar essa ideia ridícula?

– É certo que houve *boatos* acerca das invulgares circunstâncias do vosso casamento, boatos que o primo nada fez para calar.

– Elizabeth... – suspirou ele passando a mão pelo cabelo. – Maldita mulher mais a sua língua venenosa.

– Infelizmente, pouco depois da sua chegada a Londres, a Laura escutou uma conversa mal-intencionada acerca das suas várias imperfeições.

– Imperfeições? – Sterling pôs-se de pé de um salto. – Mas ela não tem imperfeições! É adorável, generosa, fiel e até demasiado inteligente para o que eu mereço. Qualquer homem se sentiria um felizardo por ter casado com ela!

Diana ergueu uma fina sobrancelha.

Sterling sentou-se de novo na cadeira, evitando olhá-la nos olhos. Calculou que Elizabeth não seria a única culpada pela ideia errónea que se fazia de Laura. Afinal era ele que, em segredo, procurava a cama dela a meio da noite, tratando-a mais como uma amante do que como esposa.

Bateu com a caneta de encontro ao mata-borrão de cabedal.

– De quanto tempo precisa para organizar um baile?

– Com a ajuda do Addison, uma semana e meia – disse Diana firmemente, como se já esperasse a pergunta.

– Será então melhor que comece. – Quando ela se voltou para a porta, Sterling acrescentou: – Oh, e assegure-se de que Lady Hewitt recebe um convite.

Diana lançou-lhe um sorriso felino.

– Com todo o prazer.

Na manhã do baile, Sterling revia meticulosamente a lista de convidados preparada por Diana, quando Addison meteu a cabeça pela porta do escritório com o nariz franzido como se tivesse de suportar um cheiro desagradável.

– Está aqui um homem que deseja ver Vossa Graça. Um tal Mister Theophilus Watkins.

Ao largo dos anos, o mordomo já demonstrara ser um bom avaliador de caracteres. Era essa uma das razões pela qual Sterling lhe confiara a proteção

de Diana durante todos os seus anos de ausência.

– Muito bem – disse Sterling, cauteloso. – Mande-o entrar.

Addison acompanhou um homem bem vestido, mas em vez de os deixar a sós, como era seu hábito, deixou-se ficar muito direito atrás de Sterling.

O desconhecido fez uma reverência elegante a Sterling.

– Theophilus Watkins, Vossa Graça, seu humilde criado.

Apesar das palavras, nada havia de humilde na atitude do homem ou no seu ávido sorriso. Os olhos de Sterling fixaram-se na bengala de castão de mármore que o homem segurava nas mãos enluvadas. Empunhava-a mais como uma arma do que como um acessório de moda.

– Como posso ser-lhe útil, Mister Watkins?

Watkins instalou-se numa cadeira sem ser convidado.

– Talvez Vossa Graça não o saiba, mas já lhe prestei um serviço. Foi o meu bom trabalho de detetive que o salvou das mãos ávidas dos rufias que o tinham raptado. Se não fosse por mim, Vossa Graça ainda se encontraria nas mãos deles.

Sterling olhou para o homem durante algum tempo sem pestanejar. Se não tivesse sido ele, poderia estar felizmente casado com a mulher que adorava. Poderia estar a viver em Arden Manor, na feliz ignorância da sua identidade, sem aborrecidos livros de contas e propriedades para administrar. Poderia ser feliz.

De súbito, Sterling sentiu-se tão enraivecido como quando descobrira que Laura o enganara. Apetecia-lhe empurrar o homem de encontro à parede, apertar-lhe o asqueroso pescoço com o braço até o ver ficar roxo.

Aclarou a garganta e mudou uns papéis de um monte para o outro.

– A minha prima deu-me a entender que o senhor já tinha sido recompensado pelo seu trabalho.

– Ah, pois fui. E garanto-lhe que muito bem. Mas pensei que quisesse acrescentar mais alguma coisa pelo meu incómodo. – Acariciou o castão de mármore da bengala. – Já que foi a sua *pele* que eu salvei.

Sterling bateu com o dedo nos lábios.

– Sabe?... creio que talvez haja algo que...

Fez um sinal com o dedo para chamar Addison. Este inclinou-se e Sterling murmurou-lhe ao ouvido qualquer coisa que fez com que os olhos do mordomo se abrissem mais. Addison saiu do aposento para cumprir as ordens, e Watkins recostou-se apoiando a bengala no braço da cadeira, com

um falso sorriso. Era evidente que esperava que Sterling o recompensasse com uma bolsa bem cheia.

Os dois homens trocaram palavras de circunstância acerca do tempo, até que Sterling ouviu passos aproximarem-se pelo corredor.

Inclinou-se então para diante, com um sorriso agradável.

– Tenho de facto conhecimento do seu bom trabalho de detetive, Mister Watkins. Foi o senhor quem espancou o dedicado criado da minha mulher, não é verdade? Ou contratou algum selvagem para fazer por si o trabalho sujo?

O sorriso de Watkins desapareceu. Addison abriu a porta de supetão e Dower entrou.

– Dower, aqui o Mister Watkins está de partida – disse Sterling, apressado. – Fiquei a pensar se não gostaria de o acompanhar à porta.

Dower arregaçou as mangas da camisa, revelando os músculos salientes que lhe cobriam os braços.

– Será um prazer, senhor!

– Talvez o queira fazer sair pelas traseiras – sugeriu Sterling. – Não há razão para incomodar as senhoras.

Dower pôs-se em sentido para logo fazer Watkins saltar da cadeira, sem lhe dar tempo de pegar na bengala.

– Maldito seja, Devonbrooke! Não tem o direito de me tratar desta maneira! Conheço as pessoas da sua laia. Pensam que são muito importantes e poderosas, mas sei tudo sobre essa mulher com quem casou, oh, se sei! – vociferou, esquecendo a maneira de falar elegante. – Provavelmente não foi o primeiro tipo que ela meteu na cama, senão o primeiro tolo que se deixou enganar e casou com essa vadia.

Antes mesmo de ter a noção do que ia fazer, Sterling saltou por cima da secretária e enfiou o punho na cara de Watkins. O homem caiu inanimado nos braços de Dower.

– Ora esta – queixou-se Dower. – Porque é que me estragou a brincadeira?

– Desculpe! – Sterling esfregou os nós dos dedos magoados, sem se sentir arrependido. Pegou na bengala de Watkins, partiu-a em dois sobre o joelho e meteu os bocados no casaco do homem.

– Deixe-o no beco juntamente com o lixo, por favor!

– Sim, patrão! – Dower começou a arrastar Watkins para a porta, sem fazer qualquer esforço para lhe segurar a cabeça pendida, nem sequer quando bateu na moldura da porta. – Mesmo assim, é um destino demasiado bom para gente como ele.

– Concordo plenamente – murmurou Sterling.

Atormentado pelas cruéis palavras do homem, pôs-se a pensar se não seria um destino demasiado bom também para si próprio.

Capítulo 25

E queria que esses sonhos durassem eternamente...

– Lady Hewitt tinha razão – gemeu Laura. – Podem polir-me, mas nunca serei mais do que um bocado de carvão.

Laura voltou as costas ao espelho e deixou-se cair em cima da cama de Diana, erguendo dramaticamente um braço sobre a testa. Diana e a criada trocaram um olhar exasperado.

– Não seja tola, Laura – disse Diana rispidamente. – Isso é dos nervos. Vai ser a mulher mais bonita do baile.

Laura sentou-se.

– Porquê? Esqueceu-se de enviar os convites?

Até Diana tinha de admitir que, nesse momento, ninguém tomaria a jovem duquesa por um diamante de primeira água. Vestia um velho roupão com inúmeras nódoas de chá. Tinha o cabelo enrolado em papelotes que lhe saíam da cabeça em todos os ângulos e o rosto estava coberto com uma camada de loção *Gowland*, o creme milagroso que garantia apagar as sardas menos favorecedoras. Diana limpou-lhe o creme da ponta do nariz.

– Agora pode parecer assustadora, mas, assim que aqui a Celeste a arranjar, vai ser o petisco de Londres.

– Petisco? – O rosto de Laura iluminou-se. – Tenho tanta fome que conseguia comer um pão inteiro. Podemos tocar para que a Cookie me traga uma torrada?

– Talvez mais tarde – prometeu Diana. – Mas agora temos de nos concentrar em vesti-la.

– Para quê? Para que o seu primo me possa fazer desfilar diante de toda a Londres? Para que as damas e os cavalheiros possam franzir o nariz à camponesa sem um tostão que o enganou para que casasse com ela? Eu

sabia que ele tinha decidido vingar-se de mim, mas até para ele isto é demasiado diabólico. Deveria ter-me casado com o Wesley Trumble ou o Tom Dillmore. Um podia ser peludo e o outro malcheiroso, mas nenhum deles era mau. – Atirou-se de novo para a cama. – O seu primo é um diabo. Odeio-o!

– Claro que sim – concordou Diana em voz suave, enquanto fazia sinal a Celeste para que fosse buscar as meias de seda da duquesa enquanto esta estava distraída.

Antes que a criada conseguisse passar-lhas acima do tornozelo, Laura sentou-se de novo, transformando-se a sua expressão zangada numa de infinita tristeza.

– Não posso censurá-lo, sabe? Deus não me castigaria se eu não tivesse sido tão má. Fui eu que confundi a vontade do Senhor com a minha, que conspirei, que menti, que...

O sombrio solilóquio dos pecados de Laura continuaria eternamente se Lottie não entrasse pelo quarto com um prato cheio de doces.

A irmã de Laura não levara muito tempo a perceber que a ala norte era um dos segredos mais bem guardados de Devonbrooke Hall. Diana criara um refúgio confortável para a sua pessoa, um mundo afastado do mármore gelado e do opressivo mogno do resto da mansão. As paredes forradas de tecidos de tecido de padrões florais e os tapetes a condizer ofereciam um fundo ideal para a felpuda gata branca que se reclinava numa fofa otomana diante da lareira como a esposa preferida de um sultão.

Como era seu hábito, Lottie entrou já a falar.

– Oh, Laura, havias de ver as delícias que a Cookie preparou para esta noite! Há todo o tipo de doces, pão de gengibre, gelados, um bolo de nata decorado com violetas de açúcar e maravilhosos bolinhos franceses em forma de coração e cobertos de rum. Deu-me um de cada para provar, e o Sterling disse que, embora eu fosse ainda muito nova para dançar, podia ficar a pé a noite inteira se me apetecesse.

O olhar de Laura fixou-se no prato de Lottie. Humedeceu os lábios.

– Estou morta de fome. Dá-me um bocadinho.

Lottie escolhera um mau momento para ser teimosa.

– Não! Isto é meu! – Apertou o prato de encontro ao peito. – Vai buscar o teu.

Laura levantou-se da cama, semicerrando perigosamente os olhos.

– Dá-me já isso, miúda gananciosa, ou podes ter a certeza de que apanhas uma palmada.

Lottie ficou de boca aberta.

– Nem penses nisso! Nunca me bateste. Nem mesmo quando eu merecia.

– Pois bem, há sempre uma primeira vez, sabes? – Laura arrancou-lhe o prato das mãos.

O lábio inferior de Lottie começou a tremer.

– És uma duquesa velha e má, sabes? E eu vou contar à Cookie! – Saiu a correr do quarto, batendo com a porta atrás de si.

– Celeste, vai ver se a engomadeira já tem pronto o vestido da senhora duquesa, por favor – pediu Diana em voz baixa, vendo com horrorizada fascinação como Laura enchia a boca de bolos.

Assim que a criada saiu para cumprir a ordem, Diana aproximou-se de Laura, incapaz de afastar os olhos.

– Oh! A Lottie tinha razão – exclamou Laura revirando os olhos em êxtase. – Estes bolinhos franceses são uma delícia. – Depois de acabar, lambeu ainda as migalhas dos lábios, fazendo uma careta por ter engolido também um pouco do creme da cara.

– Valha-me Deus! – Diana deixou-se cair na otomana quase esmagando o aflito *Snowball*. – Está de esperanças, não é verdade?

Enquanto a gata assustada se metia debaixo da cama, Laura voltou a deitar-se, com o lábio inferior a tremer.

– Há quanto tempo sabe? – perguntou Diana delicadamente.

Uma única lágrima brotou dos olhos de Laura, abrindo um sulco sinuoso no creme.

– Há quase uma semana que suspeitava, mas não tinha a certeza. Só que esta manhã vomitei todo o pequeno-almoço e zanguei-me com o pobre Addison sem qualquer razão. Pensei que o desgraçado do homem fosse desatar a chorar.

– Não pode ser uma surpresa para si, pois não? Principalmente com tantas visitas que o meu primo faz aos seus aposentos.

Laura abriu desmesuradamente os olhos.

– Como é que sabe?

– A casa pode ser grande, mas eu não sou cega. Nem surda.

O creme não impediu que as orelhas de Laura ficassem escarlates.

– Não precisa de ficar com ideias românticas. O Sterling limitou-se a cumprir o seu dever.

– E dir-se-ia que com enorme entusiasmo – disse Diana secamente. – Já lhe contou?

Laura abanou a cabeça.

– Porque haveria eu de o fazer? Assim que lhe der o seu precioso herdeiro, vai desterrar-me para uma das suas propriedades, de preferência na Escócia ou no País de Gales, e esquecer-se de que alguma vez existi.

– Isso deve ser mais difícil do que imagina.

Laura lançou a Diana um olhar cauteloso quando esta se sentou a seu lado na cama.

– Quando o meu primo chegou a Devonbrooke Hall, o meu pai deu-lhe tudo o que havia prometido. O Sterling pode ter tido falta de afeto, mas nunca falta de luxo. – Diana ainda sentia uma ponta de ciúme. – Teve todos os brinquedos possíveis e imagináveis, um pônei gordo e os melhores professores. Porém, todas as noites encontrava-o sentado junto à janela do quarto das crianças a olhar para a escuridão. Embora nunca o confessasse, estava à espera da mãe. Algures num qualquer canto escondido do seu coração, continuava a acreditar que ela viria buscá-lo.

Laura soltou um suspiro entrecortado.

– Quando é que deixou de acreditar?

– A questão é essa. Creio que nunca deixou de acreditar.

Diana tomou nas suas a mão de Laura.

– Laura, terá de ser mais forte do que ela. Não pode desistir sem lutar por ele.

– E se eu perder? – murmurou Laura.

Diana apertou firmemente a mão de Laura.

– Então terá apenas de varrer os cacos do seu coração destroçado e seguir em frente tal como eu fiz.

Quando a duquesa de Devonbrooke surgiu no cimo da escadaria de mármore que vinha da galeria, um murmúrio febril varreu o salão de baile.

A nata da aristocracia londrina estava reunida sob os cintilantes candelabros para testemunhar a sua apresentação na excelsa sociedade. Assim que receberam o convite, muitos vieram apressados das suas casas

de campo, enchendo os estreitos caminhos com as suas carruagens e berlindas. Desde a morte da última duquesa que não mais houvera festas importantes na mansão, e todos estavam quase tão ansiosos por deitar uma olhadela à fabulosa casa como à jovem esposa do lendário Diabo de Devonbrooke.

E afinal não ficariam decepcionados com nenhuma das duas.

O salão de baile era suficientemente espaçoso para evitar o calor sufocante e os apertos daqueles acontecimentos. O chão resplandecia e o aroma delicado do cedro encerado misturava-se com os perfumes das damas. A luz das velas cor-de-rosa sustentadas por castiçais de parede complementava o brilho suave dos candelabros.

Mas todas as luzes pareciam empalidecer diante do brilho da mulher que se encontrava no cimo das escadas.

Os cabelos castanhos e aveludados estavam apanhados no alto da cabeça num carrapito pouco apertado, preso por um diadema de pérolas. Dele se escapavam algumas madeixas que lhe acentuavam a luminosidade dos olhos e as arqueadas sobrancelhas mais escuras. As sardas salpicavam-lhe as faces como pontinhos de cintilante ouro em pó. Na noite seguinte, as beldades e as matronas esforçar-se-iam por imitar aquele efeito empoando as faces com pó dourado.

A sua figura esguia era realçada por um vestido de cintura alta, de seda branca, com uma sobressaia de tulle do mais puro verde-mar.

A adornar as mangas de balão e a bainha, tiras alternadas de cetim e renda. No colo alvo apenas se via um fino fio de prata que desaparecia no decote pronunciado do vestido, provocando especulações sobre que joia extravagante poderia esconder.

Sterling encontrava-se junto a uma das portas envidraçadas a beber champanhe e a conversar com Thane, quando o murmúrio começou a crescer no salão.

Voltou-se e viu a mulher no alto das escadas.

Da primeira vez que vira Laura Fairleigh, pensou que ela não era exatamente uma beldade. Enganara-se. A graciosidade da jovem ultrapassava a mera beleza. A sugestão de desafio no seu olhar tranquilo e o queixo erguido tornavam-na muito mais sedutora aos seus olhos.

Thane deu-lhe uma cotovelada.

– Sentes-te bem, Dev? Parece que te deram um soco no peito.

– Não é o peito que me preocupa. – Entregando a Thane o copo de champanhe, Sterling avançou, abrindo caminho por entre a multidão.

Embora não houvesse necessidade, pois Laura já captara a atenção de todos no salão de baile, Addison avançou para cumprir a sua obrigação e anunciar:

– Sua Graça, a duquesa de Devonbrooke.

Quando Laura começou a descer as escadas perante os olhos avaliadores dos mais elegantes da sociedade, tinha apenas um pensamento – sentia-se grata por as caudas terem passado de moda e ela não ter de tropeçar na sua, vindo a rebolar pelas escadas abaixo.

Os pés não lhe vacilaram até ver o marido à sua espera ao fundo das escadas. O seu cabelo loiro fazia um contraste deslumbrante com o fraque negro e os folhos engomados da camisa branca. Embora tivesse nos olhos uma expressão sombria, a covinha surgia-lhe na face mesmo sem ele o desejar.

– A tradição pede que o baile seja aberto pela convidada de honra – murmurou estendendo-lhe a mão.

Aceitando-o com a sua mão enluvada, Laura deixou-se conduzir para o centro do salão. Interpretando corretamente aquele sinal, os músicos deram início a um repenicado minuete.

Laura nunca considerara o minuete uma dança particularmente apaixonada, mas de cada vez que ela e Sterling se encontravam frente a frente e juntavam ao de leve as mãos, a expressão do olhar dele fazia com que o seu coração batesse acelerado. Dançaram como deveriam ter feito na festa do seu casamento; os seus movimentos contidos mas nem por isso menos ternos ou eróticos do que os da dança da noite anterior no leito dela. Quando soou a última nota delicada, Laura estava tão ofegante como se tivessem dançado uma quadrilha.

O aplauso ainda não tinha terminado quando uma beldade de cabelos castanho-avermelhados, cujos seios amplos ameaçavam sair do generoso decote, se chegou apressadamente a eles.

– Vossa Graça – ronronou fazendo uma reverência, que apenas aumentou essa ameaça.

– Ora, Lady Hewitt, não é verdade? Espero que o seu marido esteja de boa saúde. – Sterling perscrutou a multidão que observava interessada aquela troca de palavras. Os convidados mais próximos corriam perigo de

torcer o pescoço de tanto o esticarem para ouvir o que diziam. – Acompanha-a esta noite?

– Receio que o meu Bertie esteja de cama com um aborrecido ataque de gota. – Fez uma careta de amuo. – Suponho que seja um dos riscos de casarmos com um homem *muito* mais velho. Tenho de tratar eu sozinha das minhas necessidades.

– Que pena. Estava desejoso de o conhecer. Já conhece a minha mulher?

Lady Hewitt dirigiu a Laura uma fria inclinação de cabeça.

– Muito prazer, minha senhora. Já ouvi falar muito de Vossa Graça. Não se comenta outra coisa em toda a Londres senão o vosso *vertiginoso noivado* – disse imbuindo as suas palavras de um tom maldoso.

– Não me surpreende nada. – Sterling lançou uma diabólica piscadela de olho a Lady Hewitt. – Um verdadeiro escândalo, não é verdade?

Ela ficou desconcertada por ele o aceitar calmamente. Levou a mão pálida ao pescoço.

– Tenho a certeza de que compreende como essas coisas começam. Afinal, tem sido quase um recluso depois do seu regresso.

– Isso é porque não consigo afastar-me um instante do lado da minha amada – Sterling passou possessivamente o braço pela cintura de Laura. Sorriu-lhe amorosamente, com uma expressão maliciosa no olhar. – Assim que vi a minha Laura, soube que ela tinha de ser minha. Foi quase como se há muitos anos estivéssemos prometidos, não é verdade, meu amor?

– Hum... – Laura esquecera como a força do encanto de Sterling podia ser arrasadora. Poderia ter continuado indefinidamente a gaguejar se ele não lhe tivesse dado um beliscão.

– Oh, sim... foi extraordinário. Logo no primeiro encontro resolvemos o nosso futuro juntos.

– Como é que se conheceram? Dadas a disparidade das vossas... *circunstâncias*, – Lady Hewitt agitou as narinas do seu aristocrático nariz. – Calculo que tenha sido por pura casualidade.

Sterling soltou uma gargalhada.

– Há quem lhe chame casualidade, mas eu prefiro dizer que foi o destino. Devo tudo a uma égua assustada. Depois de ter caído, a Laura foi a primeira a dar comigo, e confesso que me senti à sua mercê.

Embora continuasse a sorrir-lhe, Laura colocou o pé sobre o sapato do marido e pisou-o com força.

– Não me lembro de ter ouvido queixas nessa ocasião.

– Pelo contrário. O dia em que ela aceitou casar comigo foi o mais feliz da minha vida.

Laura olhou-o pestanejando.

– Como haveria eu de resistir a uma proposta tão eloquente e romântica?

Ele semicerrou levemente os olhos.

– Não admira que sejamos alvo das más-línguas, não é verdade, minha querida? Quem pensaria que o vil Diabo de Devonbrooke entregaria o coração a um anjo? – Levou a mão de Laura aos lábios e depositou nela um beijo terno.

As mulheres que tinham ouvido a conversa nem se preocuparam em abafar os seus suspiros de inveja. Quando um dos maridos se atreveu a revirar os olhos, a mulher bateu-lhe com o leque no braço.

Lady Hewitt apertou os lábios como se tivesse comido qualquer coisa muito azeda.

– Peço desculpa, mas creio que prometi a próxima dança ao marquês de Gillingham.

– Que Deus o ajude – murmurou Sterling, vendo-a afastar-se com meneios exagerados.

Laura não conseguiu conter mais o riso.

– E Deus o ajude a si por dizer tantas tolices. Seriam suficientes para fazer corar o próprio Lorde Byron.

– Pelo contrário, ele esteve atrás do seu ombro esquerdo durante toda a conversa, anotando freneticamente o que eu dizia.

– Não me diga! A Lottie vai morrer de inveja! – Laura deu meia volta esperando poder avistar o elegante poeta.

Sterling poisou as mãos quentes nos ombros nus de Laura e aproximou a boca do seu ouvido.

– Garanto-lhe que, antes de a noite terminar, ninguém em Londres, incluindo o próprio Lorde Byron, duvidará de que o duque de Devonbrooke adora a mulher.

Aquelas enigmáticas palavras fizeram chegar um estremecimento de desejo à alma de Laura, porém, antes de o poder questionar, os músicos lançaram-se numa rápida dança escocesa que tornava impossível qualquer conversa.

Thane abriu caminho por entre os dançarinos, tentando desesperadamente fugir de uma mulher e encontrar outra. Lady Elizabeth Hewitt perseguira-o insistentemente durante a hora anterior. Como Sterling a tinha rejeitado, ela decidira procurar consolo no leito do seu melhor amigo. Um mês atrás, a ideia de levar para a cama as sobras de Sterling não seria uma proposta tão impensável, mas agora as roucas gargalhadas e os exagerados meneios da senhora faziam estremecer Thane.

Preferia mulheres altas e esguias, tão confiantes da sua elegância intemporal que não julgavam necessário seguir os ditames da moda. Thane suspirou. Embora tivesse vasculhado todos os cantos do salão de baile, não encontrara a mulher desejada.

Encontrou de novo Lady Hewitt, os seios investindo na sua direção, como a proa de um navio de guerra. Abafando um gemido, passou por baixo de uma bandeja de copos de champanhe vazios transportada por um criado. Ponderava seriamente escapar através das portas envidraçadas, quando notou um leve movimento na galeria lá em cima.

Lady Diana Harlow apoiava os cotovelos na balaustrada da galeria, e o queixo na palma de uma mão. Thane abanou a cabeça. Diana poderia desdenhar da alegria superficial desse tipo de festas, mas queria certamente vigiar o primo e a sua esposa.

Mas não olhava para Sterling nem para Laura. Observava-o a ele.

Os olhos de ambos encontraram-se por cima do mar de pares dançantes. Diana endireitou-se e a sua expressão melancólica desapareceu, parecendo agora assustada. Thane dirigiu-se para a escadaria, começando a subir os degraus dois a dois com as suas pernas compridas.

Quando chegou ao cimo, ela acabava de percorrer o corredor que levava à ala norte.

– Vai fugir do baile? Pensei que esse era o papel da Cinderela.

Capítulo 26

Até o mais doce dos sonhos tem de ter fim...

Diana deteve-se e voltou-se lentamente, alisando a saia de um magnífico tom vermelho-escuro.

– Nunca achei justo que a madrinha não tivesse os mesmos privilégios da sua afilhada.

Thane aproximou-se dela.

– Não está cansada de fugir, Diana? Eu estou. Há onze anos que fujo e não consigo chegar onde quero.

Ela esboçou um sorriso trocista.

– E onde quer o senhor chegar?

– Ao seu coração. Aos seus braços. – Aproximou-se dela enquanto do salão subiam as primeiras notas da valsa. – À sua cama.

Diana afastou-se dele, mas não sem que antes ele visse como lhe desaprecia a máscara severa.

– Como se atreve a insultar-me? Uma palavra minha e o meu primo ver-se-á obrigado a desafiá-lo para um duelo.

– Pois que desafie – disse Thane tristemente. – Prefiro morrer num duelo amanhã a passar o resto dos meus dias a viver meia vida, que é como me sinto sempre que não estou consigo.

Diana voltou-se para ele, furiosa.

– Muito bem, o azar é seu, porque não fui eu que desperdicei onze anos das nossas vidas.

– Sabe muito bem que isso não é verdade. Foi a senhora quem terminou o nosso noivado. Foi a senhora quem preferiu acreditar nas bisbilhotices e não no homem que dizia amar. – Abanou a cabeça. – Ainda não acredito

que tenha pensado que eu a troquei por uma cabeça de vento como a Cynthia Markham.

– Eu vi os dois juntos – exclamou ela. – Vi-os na noite da festa de Lady Oakley! Vi-o com ela nos seus braços! Vi-o beijá-la como me beijava a mim!

Thane sentiu-se empalidecer.

– Meu Deus – murmurou. – Não fazia ideia.

– Não vai negar? Não vai dizer-me que foi *ela* que o beijou? Quem sabe? Talvez depois de tantos anos eu esteja tão só e desesperada que já acredite em si!

Thane fechou os olhos, atingido pela secreta vergonha que o impedira de se defender durante todos aqueles anos. Uma vida inteira de arrependimento passou diante dos olhos de ambos – os momentos de ternura que poderiam ter partilhado, os filhos que poderiam ter tido. Quando ele os abriu de novo sabia que só aquele momento era importante.

– Não vou mentir-lhe. É verdade que a beijei.

– Porquê? – perguntou Diana num murmúrio, partindo-lhe de novo o coração com os maravilhosos olhos cheios de lágrimas. – Porque fez uma coisa dessas?

Thane retirou um lenço do bolso e entregou-lho.

– Porque era jovem e tolo e estava num jardim ao luar com uma jovem bonita que me olhava como se eu fosse dono da Lua. Porque me ia casar dentro de duas semanas. Porque estava quase louco de amor por si, mas aterrorizado com a seriedade dos meus sentimentos. – Abanou a cabeça desesperado. – No momento em que os meus lábios tocaram os dela soube que estava a cometer um erro.

Diana amarrotou o lenço na mão.

– No dia seguinte, a Georgiana e a Blanche disseram-me que o senhor pensava em casar-se com a Cynthia, e não comigo. E claro que acreditei nelas. Como não haveria de acreditar? Tinha visto a prova com os meus próprios olhos. Não me deixou alternativa senão quebrar o compromisso antes que o senhor o fizesse. Como haveria eu de salvar o meu orgulho?

Thane pegou no queixo de Diana, obrigando-a a olhá-lo nos olhos.

– Nessa noite pode ter-me visto beijar a Cynthia Markham no jardim, mas não ficou o tempo suficiente para me ver empurrá-la. Não me ouviu dizer-

lhe que a minha vida e o meu coração já estavam prometidos a outra. – Acariciou-lhe ternamente o lábio inferior com o polegar. – A si.

Ela prendeu-lhe o pulso, mostrando como queria acreditar nele.

– Mas porque é que não foi ter comigo? Se ao menos me tivesse explicado...

– Só Deus sabe como o queria fazer. Devia ter atirado pedras à sua janela, arrombado a porta. Deveria ter gritado o meu amor por si por todos os telhados de Londres, até que não tivesse outro remédio senão escutar-me. Mas também eu era um rapazote, e a sua falta de fé em mim desferiu um golpe terrível no meu orgulho. – Baixou os olhos. – E creio que estava envergonhado por saber que havia um pouco verdade nesse mexerico.

Diana observou-lhe o rosto com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces.

– Creio que o tempo e o orgulho fizeram de nós perfeitos idiotas.

Thane abraçou-a, estreitando-a como há muito desejava fazer.

– Agora sou mais velho e mais sensato. Ao diabo o orgulho! E quanto ao tempo, não tenho intenções de desperdiçar nem mais um segundo.

Fiel a essa afirmação, pousou ternamente os seus lábios nos dela, para que Diana nunca mais tivesse razões para duvidar dele.

* * *

Já passava muito da meia-noite quando o último convidado partiu de Devonbrooke Hall. O baile e a ceia formal que a ele se seguiram foram declarados um êxito extraordinário. O acontecimento da noite deu-se quando a duquesa de Rockingham levantou a tampa de um prato para encontrar um gatinho preto a comer o frango que estava por baixo. Pensando tratar-se de um rato enorme, a corpulenta viúva gritou e caiu desmaiada.

Como era costume, o elegante anfitrião deu que falar por toda a Londres. Mas desta vez as causas dos mexericos não foram as mulheres, o jogo ou os duelos, mas sim a comovente devoção para com a sua maravilhosa e jovem esposa.

Embora não fosse moda os casais dançarem a noite inteira, Sterling recusou afastar-se dela. Nos intervalos das danças apresentava-a aos convidados, entretendo os ouvintes com a dramática história do seu

primeiro encontro e o subsequente namoro. Durante a ceia propôs um brinde em sua honra, tão terno e eloquente que até o enfasiado Lorde Byron se viu obrigado a limpar disfarçadamente uma lágrima. A pobre Lady Hewitt sentiu-se tão emocionada que quase não conseguia falar e teve de abandonar a festa pouco depois.

Enquanto os músicos guardavam os instrumentos e os criados apagavam uma a uma as velas dos candelabros, Laura vagueou pelo salão, desejando que o baile tivesse durado toda a noite. Ou uma eternidade. Uma eternidade seria pouco tempo para desfrutar do carinho que brilhava nos olhos de Sterling, no calor do seu toque. Soltou um melancólico suspiro. Fora quase como se tivesse recuperado Nicholas durante umas horas maravilhosas.

Ouviu alguém aclarar a garganta atrás de si. Laura voltou-se e viu Sterling na sombra com Lottie adormecida nos braços.

– Encontrei-a adormecida debaixo da mesa dos doces – disse ele em voz baixa.

Laura foi ter com ele. Colocando o braço da irmã em posição mais cômoda, murmurou:

– A pobrezinha deve estar extenuada. Estava decidida a ficar a pé toda a noite.

– Provavelmente sucumbiu a um excesso de doces. O George disse que ela já se estava a queixar de dores de barriga. Certamente estará bem amanhã de manhã.

Quando Sterling deu meia volta encostando cuidadosamente a cabeça de Lottie ao seu ombro, Laura sentiu-se invadida por uma repentina onda de ternura. Também seria assim para os seus filhos? Também lhes aconchegaria a roupa da cama e lhes beijaria as faces rosadas antes de todas as noites os deixar entregues aos sonhos?

Laura não tinha maneira de saber se seria assim, mas teria de lhe dar uma oportunidade. Acariciou o ventre com a mão. Não só para bem dele ou para bem dela, mas para o bem da criança que ia nascer.

– Sterling – disse, erguendo o queixo.

– Sim – respondeu ele da porta.

– Posso dar-lhe uma palavrinha no escritório, depois de ter deitado a Lottie?

Pela primeira vez nessa noite, o receio ensombrou-lhe os olhos, fazendo com que Laura se arrependesse. Mas não podia vacilar. Se esperasse até ele

ir ter com ela ao quarto para tentar dizer-lhe o que queria, não haveria palavras.

– Claro. Já volto.

Laura dirigiu-se ao escritório para esperar por ele. Não tinha voltado ao santuário de Sterling desde a noite em que haviam discutido por causa do seu presente de aniversário. A lareira estava apagada e fria, por isso acendeu o candeeiro no canto da secretária. Sentou-se no cadeirão que estava em frente e ficou a bater com o pé, impaciente.

Os minutos pareciam arrastar-se. Por fim, levantou-se inquieta e percorreu a sala. O candeeiro pouco fazia para afastar a opressiva escuridão.

– Talvez ele tenha velas guardadas algures – resmungou.

Procurou nas estantes, mas apenas conseguiu encontrar dois coutos de velas e uma caixa de pederneira vazia. Teria de enfrentar a monstruosa secretária. Tencionava sentar-se na beira da cadeira dele, mas acabou por se afundar no sedutor conforto do couro lustroso.

Era então aquela a sensação de ser duque, pensou observando o aposento de uma perspetiva inteiramente nova.

Talvez, quando Sterling entrasse, ela o obrigasse a sentar-se do outro lado da secretária. Depois recostar-se-ia na cadeira, meteria uma cigarrilha na boca e explicar-lhe-ia que estava farta da sua má disposição e que teria simplesmente de lhe perdoar por ter sido tão tola.

Rindo da sua tolice, Laura começou a sua busca pelas gavetas da secretária. Em breve a sua última esperança estaria na última gaveta do lado esquerdo. Tentou abri-la forçando o puxador de mogno, mas a gaveta estava perra como se há muito tempo não fosse aberta. Cerrando os dentes, Laura puxou com mais força.

A gaveta deslizou por fim, enchendo o ar com o aroma inconfundível da flor de laranjeira.

Capítulo 27

*Peço a Deus que um dia encontres no teu coração
piedade para me perdoares...*

Quando Sterling abriu a porta do escritório, encontrou Laura por trás da secretária, apertando um maço de papéis de encontro ao peito.

Assustado com as lágrimas que corriam pelas faces da mulher, Sterling aproximou-se dela.

– Laura, que se passa? Alguém a ofendeu esta noite? Porque se assim foi, eu...

Antes de ele lhe conseguir chegar, ela bateu com os papéis no peito.

– Nunca as abriu – disse em voz baixa e zangada. – Nunca leu uma única palavra.

Sterling viu a angústia dos olhos dela e um frio mortal inundou-lhe o coração. Não precisou de examinar os papéis para saber do que se tratava. Sentiu o perfume que emanavam.

Com mãos suaves mas firmes, retirou-lhe as cartas da mãe e deixou-as cair na gaveta, fechando-a com um pé.

– Ela não tinha nada a dizer que eu quisesse ouvir.

– Como é que sabe se recusou escutá-la? – Antes que Sterling a pudesse impedir, Laura abriu de novo a gaveta e retirou as cartas, lançando-as para cima da secretária até que, sendo tantas, começaram a cair para o chão.

– Todas as semanas, nos últimos seis anos de vida, esta mulher abriu-lhe o coração. O mínimo que poderia ter feito era escutá-la.

Sterling começou a sentir-se irritado.

– Não quero discutir este assunto consigo, Laura. Nem agora nem nunca.

– Pois é pena, porque eu não sou uma simples carta que possa atirar para dentro de uma gaveta. Não pode fazer-me desaparecer ignorando-me. Se pudesse, eu teria desaparecido no instante em que pus os pés nesta maldita casa. – Laura abriu uma das cartas, com as mãos a tremerem-lhe violentamente.

– «Meu filho adorado» – leu.

– Laura, não faça isso.

Ela lançou-lhe um olhar de desafio.

– «O inverno está a chegar e os dias estão a ficar mais curtos, mas começo e termino todos eles a pensar em ti. Penso em como deves estar a passar este outono tão frio e se serás feliz.»

Sterling encostou a anca à secretária e cruzou os braços.

– Se a minha felicidade fosse tão importante para ela, não creio que estivesse tão ansiosa por vender-me a quem desse mais por mim.

Laura quebrou o lacre de outra carta.

– «Meu adorado Sterling, ontem à noite sonhei contigo, não com o rapazinho que recordo, mas com o homem cujo formoso rosto e bom caráter faz o meu coração estremecer de orgulho.»

– Meu Deus, mas que sonho – disse ele em ar de troça. – Ficaria desiludida se conhecesse a realidade.

Fingindo não o ter ouvido, Laura abriu outra carta.

– «Meu querido filho» – leu. – «Perdoa o meu modo de escrever. O láudano que tomo para minorar as dores parece debilitar-me a mão e a inteligência.»

Sterling endireitou-se.

– Laura, não faça isso – disse em voz baixa. – Aviso-a.

Embora as lágrimas lhe deslizassem de novo pelas faces, a voz de Laura mantinha-se impiedosa e firme.

– «Não desperdices comigo a tua compaixão. Não é terrível que eu morra, mas sim que não veja o teu muito querido rosto uma última vez.»

– Que diabo, mulher! Não tem esse direito! – Sterling arrancou-lhe a carta da mão, amarrotou-a e atirou-a para a lareira. – Ela não era sua mãe. Era minha!

Laura apontou um dedo trémulo para a lareira.

– E foram essas as últimas palavras que lhe escreveu. Tem a certeza de que deseja deitá-las fora como se fossem lixo?

– Porque não? Foi o que ela fez comigo, não é verdade?

– E o seu pai? Nunca percebi por que razão a censura a ela e não a ele.

– Porque era ela que deveria amar-me! – vociferou Sterling.

Olharam-se durante um longo momento, tremendo e respirando com dificuldade. Depois Sterling dirigiu-se à janela e ficou a olhar para a noite, assombrado com a sua falta de controlo.

Quando falou, fê-lo em voz enérgica e tranquila.

– O meu pai mal tolerava a minha presença. Ter-me-ia vendido a um bando de ciganos por trinta moedas de prata se com isso pudesse comprar mais uma garrafa de vinho do Porto ou passar mais uma hora numa mesa de jogo. – Sterling voltou-se lentamente para fitar Laura. – Pode ter sido ele a vender-me, mas ela permitiu. Não consigo compreendê-lo. E não posso perdoar uma coisa que não compreendo.

Laura pegou numa mão-cheia de cartas e estendeu-lhas com uma expressão suplicante.

– Mas não percebe que elas podem ajudá-lo a compreender? Se as ler, talvez possa aperceber-se de como o seu pai a fazia sentir-se impotente, de como a convenceu de que o seu tio lhe poderia dar o futuro que ela não podia. Então, depois do mal estar feito e de ela se ter apercebido do erro terrível que haviam cometido, o seu pai proibiu-a de ter qualquer contacto consigo. Rasgava as cartas que ela lhe escrevia antes que as pudesse enviar. Convenceu-a de que ficaria melhor sem ela, de que ela já não tinha um lugar na vida do filho. Precisou de anos para ter a coragem de lhe voltar a escrever.

– O meu pai já morreu há mais de dez anos. Porém, durante todo esse tempo não tentou ver-me uma única vez.

– Tê-la-ia recebido? – perguntou Laura erguendo o queixo.

– Não sei – admitiu.

– Nem ela o sabia. E penso que não teria suportado se se recusasse a vê-la. – Laura aproximou-se mais dele. – Mesmo que tivesse impedido o seu pai de autorizar que Granville Harlow o adotasse, que poder tinha ela? Não tinha poderes legais. Não tinha autoridade moral. Era apenas uma mulher encerrada num mundo de homens... um mundo criado por homens como o senhor e o seu pai.

– Não sou como o meu pai – retorquiu Sterling.

Laura respirou fundo.

– Pode ter razão. Segundo a Diana, o senhor parece-se cada vez mais com o seu tio.

Sterling sentou-se no parapeito da janela soltando uma gargalhada amarga.

– *Também tu, Brutus?*

– A sua mãe cometeu um erro terrível, Sterling. E passou o resto da vida a pagar por ele.

– Ela? Ou terei sido eu? – Passou a mão pelos cabelos. – Nunca disse isto a ninguém, mas sabe o que foi que ela fez e que eu nunca lhe perderei?

Laura abanou a cabeça.

– Depois de me ter apercebido do que ela e o meu pai tinham feito e de me estar a preparar para partir com o meu tio, ela ajoelhou-se e abriu-me os braços. Foi a última vez que a vi, contudo, passei por ela sem lhe dirigir palavra. – Embora Laura estivesse muito perto dele, Sterling pôs os olhos no chão, recusando-se a fitá-la. – Revivi esse momento em mil sonhos, mas acabavam sempre da mesma maneira. Passo pelos seus braços abertos e acordo com o som do seu choro. – Ergueu a cabeça e olhou Laura nos olhos. – É isso que nunca poderei perdoar. *Nunca*.

– Mas não pode perdoar a quem, Sterling? A ela? – Laura estendeu a mão para lhe tocar na face. – Ou a si?

Ele pegou-lhe no pulso e afastou suavemente a mão do rosto.

– Não creio que faça grande diferença.

Deixando-a ali parada, voltou para a secretária e começou a guardar as cartas na gaveta.

Laura olhou-o com o rosto pálido e tenso.

– Já alguma vez perguntou a si mesmo porque guarda as cartas dela se não tem intenção de as ler?

Sterling não respondeu. Limitou-se a apanhar as cartas que tinham caído para o chão e atirou-as descuidadamente para cima das outras.

– O Diabo de Devonbrooke pode não ser capaz de lhe perdoar – disse Laura –, mas tenho a certeza de que Nicholas Radcliffe o faria.

– Nicholas Radcliffe não existe. Era apenas o fruto da sua imaginação.

– Tem assim tanta certeza? Talvez fosse o homem em que se tornaria se tivesse sido criado em Arden Manor confiando no amor da sua mãe. Talvez ele seja o homem que o senhor ainda pode ser se encontrar uma migalha de

piedade no seu coração... por ela, por si próprio. – Laura engoliu em seco, com as lágrimas a rolarem-lhe dos olhos. – Por mim?

Embora Sterling soubesse instintivamente que aquela seria a última vez em que a mulher engoliria o seu orgulho e imploraria o seu perdão, a última vez que choraria por ele, deixou cair as três últimas cartas na gaveta e fechou-a.

Laura fechou os olhos. Quando os abriu de novo já não chorava.

– Partiu o coração da sua mãe – disse ela em voz baixa. – Não vou deixar que parta também o meu.

Depois de Laura ter saído, Sterling fez girar a cadeira para não ter de suportar a visão da porta por onde ela tinha partido. O olhar caiu-lhe sobre a carta que tinha restado amarrotada e só na grelha da lareira.

Devia acender o lume, pensou furioso. Deveria atirar às chamas todas as cartas e deixá-las arder. Reprimindo um impropério, estendeu a mão para a lareira e retirou a carta das cinzas frias.

Abriu a gaveta decidido a juntá-la às outras, mas na sua mão ficou qualquer coisa. Talvez o suave aroma da flor de laranjeira ou o choque de ver a deterioração da bela caligrafia da mãe nos seus últimos dias de vida.

As mãos de Sterling tremiam ao alisar a carta com o mata-borrão que tinha diante dele. Estava datada de 28 de janeiro de 1815 – apenas cinco dias antes de morrer.

Meu querido filho,

Por favor, perdoa o meu modo de escrever. O láudano que tomo para minorar as dores parece debilitar-me a mão e a inteligência. Não desperdices comigo a tua compaixão. Não é terrível que eu morra, mas sim que não veja o teu muito querido rosto uma última vez.

Há muito que fiz as pazes com o meu criador, por isso não receio o futuro. Considero-me abençoada entre as mulheres porque tive o privilégio de ser tua mãe, embora por poucos anos.

A voz da mãe era tão clara que poderia estar a li a espreitar-lhe por cima do ombro. Sterling tocou no nariz, grato por o tio lhe ter há tanto tempo secado as lágrimas com as bengaladas.

Nunca nos despedimos como era devido e não tenho intenções de agora te dizer adeus. Embora estivesse privada da tua doce companhia por grande parte da minha vida, espero poder ver-te do céu. Poder enviar raios de sol para te aquecerem num frio dia de inverno e passar a minha mão invisível pela tua testa quando estiveres cansado de um longo dia de trabalho.

Podes estar certo de que te seguirei onde quer que a vida te leve. E se não o puder fazer, enviarei um dos anjos de Deus para te acompanhar.

Mesmo sem querer, Sterling riu.

– Já me enviou um anjo, minha mãe. Um anjo vingador.

Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que nunca caminhes só. Nem nesta vida, nem na próxima. Posso ter as mãos trémulas, mas o meu coração é firme, e é com esse coração que te faço esta promessa final – uma promessa que tentarei manter para toda a eternidade.

*Tua mãe que te adora,
Eleanor Harlow*

Sterling passou o dedo pela assinatura deformada pelo tremor da mão. Estava levemente manchada, como se uma lágrima tivesse caído e ela a tivesse secado apressadamente.

– Tentou manter a sua promessa, não é verdade? – murmurou.

Laura estava enganada. Afinal não partira o coração da mãe, um coração forte e verdadeiro, capaz de sobreviver a todas as decepções da sua vida – até à sua indiferença.

Dobrou a carta delicadamente e pô-la de lado. Com um suspiro entrecortado abriu lentamente a gaveta. Depois de uma curta hesitação, retirou a primeira carta do molho, quebrou o lacre, recostou-se na cadeira e começou a ler.

* * *

Quando o duque de Devonbrooke saiu do escritório na manhã seguinte, chocou com uma jovem criadinha sardenta, que se estatelou no chão, soltando um grito assustado e deixando cair a esfregona que tinha na mão.

– Peço perdão a Vossa Graça! Não sabia que estava aqui.

Tentava pôr-se de pé quando ele lhe pegou no braço e a ajudou a levantar-se.

– Não precisa de pedir desculpa, menina, eu é que fui desajeitado.

Meteu-lhe a esfregona na mão e prosseguiu o seu caminho, olhando para trás para ver como a criada o fitava com os olhos esbugalhados.

Sterling percebeu que não podia censurá-la. Embora estivesse ainda vestido com a roupa formal da noite anterior, o fato deixava muito a desejar. Tinha a gravata solta no colarinho e despira o fraque. Passara os dedos pelos cabelos, o que ainda os despenteara mais. Mas tinha a certeza de que o mais espantoso no seu rosto era o sorriso. Um sorriso que não conseguia esconder, por mais que tentasse. Depois de o ver de mau humor semanas a fio, com uma expressão zangada no rosto, seria de espantar que a jovem criadita pensasse que ele perdera o juízo?

Embora a manhã já fosse a meio, o vestíbulo estava deserto e invulgarmente silencioso, tal como fora costume quando o tio ainda ali vivia. Só agora se apercebia de como se habituara ao alegre caos das discussões de Lottie e George. Dos improperios de Dower, das canções de Cookie quando andava pelas cozinhas. Deviam estar todos ainda nas suas camas, pensou, descansando dos efeitos do baile.

Ia a meio da escadaria quando ouviu os passos leves de Addison lá em baixo no chão de mármore.

– Vossa Graça! – exclamou o mordomo com um tom de urgência na voz sonora. – Preciso de falar com vossa Graça!

– Desculpa, Addison. Não posso perder um minuto. Já perdi um tempo precioso.

– Mas, senhor, eu...

– Depois – cantarolou Sterling por cima do ombro enquanto atravessava a galeria a caminho da ala leste.

Um excerto de uma das cartas da sua mãe ecoava-lhe na cabeça.

A minha pequena Laura está cada vez mais adorável, mesmo assim, preocupo-me muito com o seu futuro. Receio que não se contente

com uma mera afeição, já que anseia aquela paixão ardente com que a maioria das mulheres sonha, mas que nunca encontra.

Sterling ficou surpreendido por encontrar os cães inquietos à porta dos aposentos de Laura. Quando se aproximou, *Caliban* começou a ganir, enquanto *Cerberus* erguia a enorme pata para arranhar a porta.

– Que se passa, rapazes? – perguntou espantado pelo comportamento dos animais. – Não a censuraria se ela me tivesse posto fora, mas vocês não merecem tal destino.

Sterling experimentou o puxador e descobriu que, afinal, a porta não estava fechada à chave. Abriu-a, e os cães passaram diante dele para farejar tudo o que encontravam à sua frente.

Enquanto Sterling olhava incrédulo o aposento vazio, sentiu-se tentado a fazer o mesmo. O cheiro era tudo o que restava de Laura. O quarto fora despojado de tudo o que lhe pertencia, não havendo sequer sinal de ter sido ocupado.

Restava uma folha de papel dobrada no meio da colcha de cetim.

Sterling abriu-a relutante; lembrava-se ainda da ousada caligrafia de Laura quando lhe escrevera para o informar da morte da mãe. Embora não o tivesse admitido, já nesse momento achara a sua voz impossível de resistir.

Querido Sterling,

Não tenho modo de saber se alguma vez receberá esta carta ou se simplesmente a meterá na gaveta da secretária onde guarda o seu coração.

Não posso negar que o enganei. Embora possa estar disposta a pagar pelos meus pecados, não creio que seja justo pedir ao meu filho que ainda não nasceu para partilhar essa penitência.

Sentindo o quarto girar, Sterling decidiu sentar-se na beira da cama, mas errou no cálculo e acabou por cair pesadamente no chão. Encostou a cabeça à cama, inspirando com força antes de continuar.

Parece que estamos ambos condenados por termos cumprido o nosso dever. Como as suas atenções já não são necessárias, decidi retirar-me para Arden Manor até ao final do meu recolhimento.

Como a única razão para casar comigo foi a obtenção de um herdeiro, julgo que uma filha pouco lhe interessará.

Uma filha, pensou, maravilhado, tapando a boca com a mão. Uma criança de cabelo escuro e sardas que lhe saltasse para o colo para lançar os bracinhos gorduchos em redor do seu pescoço. Uma sonhadora de olhos brilhantes ainda inocente para acreditar que um príncipe adormecido poderia ser acordado apenas com um beijo.

Devo avisá-lo que, se a criança for um rapaz, não permitirei que cresça nesse mausoléu tendo por pai um ogre insensível. Será criado aqui mesmo em Arden Manor, onde crescerá rodeado de sol e gatinhos. Será adorado pela sua irrepreensível tia Lottie, e o seu dedicado tio George ensiná-lo-á a fazer batota ao uíste. A Cookie enchê-lo-á de pãezinhos quentes e, quando tiver idade para isso, Dower ensiná-lo-á a praguejar como um homem.

Chamar-lhe-ei Nicholas e hei de educá-lo para ser o homem que o pai poderia ter sido se o mundo e o tio não lhe tivessem envenenado a alma.

E ninguém, nem mesmo o senhor, o levará para longe de mim.

– É assim mesmo – murmurou Sterling, surpreendido por sentir as faces húmidas.

Por favor, não censure Diana ou os criados por não o terem alertado da minha partida. Como certamente já percebeu, quando é preciso, Dower é um homem cheio de recursos. Apesar das nossas diferenças, continuo a ser...

A sua mulher dedicada

Laura

Sterling levou a carta aos lábios.

– Se eu tiver uma palavra a dizer, certamente continuarás a sê-lo.

Pôs-se de pé num salto e saiu a correr gritando pela prima.

Capítulo 28

*Mas mesmo que esse dia nunca chegue,
quero que saibas que sempre te amarei...*

Quando Sterling se aproximou da ala norte, um som extraordinário tornou mais lentos os seus passos impacientes. Encostou o ouvido à porta do quarto de Diana, pensando que a falta de sono certamente lhe deturpara os sentidos. Mas não, lá estava outra vez o mesmo ruído.

Diana estava a rir. A sua prima tão séria, cujo sorriso era mais raro do que uma rosa a florir no inverno, estava realmente *a rir*. Depois ouviu um som mais perturbador – o murmúrio baixo e rouco da voz de um homem

Demasiado admirado para pensar, Sterling ergueu simplesmente um pé e abriu a porta com uma patada.

Diana deu um salto na cama e cobriu os seios com o lençol, deixando que os longos cabelos castanhos lhe tombassem sobre os ombros.

– Mas que distração a minha – disse mordaz. – Não devo tê-lo ouvido bater.

A seu lado na cama, com os olhos desmesuradamente abertos, Thane hesitava entre esconder-se debaixo dos cobertores e saltar pela janela.

– Estás armado?

– Neste momento não – replicou Sterling. – Embora, se o julgares necessário, possa chamar o Addison para que me traga a pistola.

Thane ergueu a mão, apaziguador.

– Não vamos precipitar-nos. Não precisas de me desafiar. Garanto-te que as minhas intenções para com a tua prima são inteiramente honrosas.

Sterling olhou para as peças de roupa espalhadas pelo quarto, para a cama em desalinho, para o rubor nas faces da prima.

– Sim, já vejo que sim.

– Tenho estado a tentar convencê-lo a fugir para Gretna Green – admitiu Diana, recostando-se nas almofadas com um sorriso felino.

– Nem quero ouvir falar de tal coisa! – Thane estava tão ofendido que parecia ter esquecido a presença de Sterling. – Depois dos anos que me fez esperar, deve-me um casamento como deve ser. Quero que todas as bisbilhoteiras e as intrigistas de Londres vejam como fica maravilhosa vestida de noiva.

– Receio não poder esperar nem mais um dia para me tornar sua mulher.

Enquanto os dois juntavam os narizes arrulhando entre si, Sterling revirou os olhos.

– Laura foi-se embora. Abandonou-me.

Thane e Diana trocaram um olhar cúmplice.

– Não posso censurá-la – disse Diana.

Thane encolheu os ombros.

– Era apenas uma questão de tempo, não achas?

Exasperado, pois nem um nem outro se mostravam inquietos, Sterling acrescentou:

– A Laura está à espera de um filho meu.

Diana inclinou a cabeça para o lado.

– É por isso que a quer de volta?

– Não – declarou ele com o coração demasiado cheio para pensar em outra resposta.

Diana acenou com ambas as mãos.

– Então, porque está a perder o seu tempo a falar connosco? Vá atrás dela! Vá já!

Sterling piscou o olho à prima antes de lançar um olhar ameaçador ao seu melhor amigo.

– Aconselho-vos a fugir, Thane. Porque, se não estiverem casados quando eu voltar, receio que tenha de te dar um tiro.

Quando arrastou a porta para a fechar sobre os gonzos soltos, a última coisa que viu foi o riso triunfante de Diana.

Sterling Harlow voltava para casa.

As sebes e as cercas passavam voando a seu lado, as folhas brilhantes e as pedras gastas douradas pela luz do pôr do Sol. O céu azul dissolvia-se lentamente em tons de rosa e ouro emoldurados por uma fita de cor púrpura.

À medida que o dia terminava, o verão parecia segui-lo. Mas Sterling conduzia a montada tão depressa pelas bolsas de ar frio que mal as sentia. Não tinha razão para rezear o outono que se aproximava. Planeava passá-lo a torrar os dedos dos pés diante da lareira da confortável sala de vistas de Arden Manor e ver crescer o ventre da sua formosa esposa.

Se ela o recebesse.

Antes de o descobrir, tinha de fazer mais uma paragem.

Quando chegou ao adro da igreja de Saint Michael, as sombras do crepúsculo avançavam rapidamente. Prendeu as rédeas do cavalo ao portão do cemitério e, caminhando por entre as pedras tumulares, chegou à sepultura da mãe.

Embora Laura tivesse chegado apenas algumas horas antes, já havia um ramo de flores de laranjeira acabadas de colher ternamente poisado aos pés da campa da mãe. Sterling pôs um joelho no chão e cheirou-as, inspirando profundamente o perfume de que tão bem se recordava.

O anjo de alabastro que guardava a campa olhava-o com uma expressão entendida. Afastando as flores, Sterling passou suavemente a ponta do dedo pela inscrição.

Eleanor Harlow, mãe adorada.

Inclinou a cabeça, sentindo-se por fim livre para chorar, não só os anos que ambos haviam perdido pela ganância e a falsidade do pai, mas pelos anos que o seu próprio orgulho lhes custara. Recordou ter-se ajoelhado na igreja ao lado de Laura, fingindo rezar, mesmo sabendo que ninguém o ouvia. Agora sabia que era ouvido, mas não havia palavras que exprimissem aquilo que tão desesperadamente precisava de dizer. Ajoelhou-se simplesmente com o espírito num turbilhão e o coração vazio.

Até que sentiu uma mão invisível passar-lhe pela testa, revolvendo-lhe os cabelos embora não soprasse qualquer brisa.

Sterling soltou uma exclamação sufocada e uma imensa sensação de paz encheu o vazio do seu coração. Quando ergueu a cabeça, pareceu-lhe um milagre que Laura se encontrasse ali a pouca distância sob os frondosos ramos de um carvalho.

Ergueu-se lentamente.

– Como é que sabia que eu viria?

– Não sabia – respondeu ela em voz baixa.

– Li as cartas todas – disse fazendo um gesto em direção à sepultura.

– *Todas?*

– Todas as trezentas e dezasseis.

– Era muito perseverante.

– Lá isso era. – Sterling meteu as mãos nos bolsos. – A minha mãe julgava que eu tinha vivido o suficiente para aprender uma lição importante. Mas não era esse o caso. Pelo menos até agora.

– Que lição foi essa? – perguntou Laura com uma expressão cautelosa no olhar.

– Que por vezes as pessoas fazem coisas erradas por razões certas.

Laura não pôde esconder a amargura.

– Foi só por isso que veio cá? Para me informar graciosamente de que me perdoou?

– Não vim cá implorar o *seu* perdão.

Ela abanou a cabeça, incrédula.

– Porquê?

Sterling aproximou-se dela sem poder resistir à tentação.

– Por ter muito orgulho e pouco juízo. Por mentir acerca das razões por que casei consigo. Por fingir que apenas queria de si um herdeiro, quando a verdade é que não suporto vê-la sair da minha vida. Por fazer de si minha esposa e tratá-la como minha amante. – Enquanto as lágrimas lhe rolavam dos belos olhos castanhos, ele tomou-lhe o rosto entre as mãos. – Por não querer admitir que a sua ridícula charada foi a melhor coisa que me aconteceu e que provavelmente me salvou não só a vida como a alma. – Roçou-lhe a face com os lábios, desejando apagar-lhe com beijos todas as lágrimas que a fizera chorar, todas as lágrimas que ela talvez chorasse durante toda a vida. – Mas, principalmente, por não ter tido coragem para lhe dizer o muito que a amo.

Quando ela se afastou dele, Sterling teve de se conter para não gritar. Viu-a distanciar-se, metendo as mãos nos bolsos para não estender de novo os braços para ela.

– Não a censuro se não encontra no seu coração piedade para me perdoar. Sei que não o mereço.

Ela voltou-se para ele.

– Disse-me uma vez que havia uma coisa que nunca perdoaria. – Antes que ele percebesse o que ela ia fazer, Laura abriu-lhe os braços como a mãe fizera muitos anos atrás.

Sem a mínima hesitação, Sterling lançou-se neles, estreitando-a a si, encostando o rosto ao seu cabelo macio.

– Meu Deus, Laura, não creio que pudesse esperar mais um segundo para a ver, para a acariciar. Quando a vi ali, pensei que tinha sido um milagre. – Abanou a cabeça. – Se não tivesse vindo aqui deixar as flores...

– Flores? – repetiu Laura, perplexa. Afastou-se dele sem sair dos seus braços. – Não trouxe flores. Vim esperar por si. Pensei que as tivesse trazido para a sua mãe.

Olharam um para o outro, admirados, depois voltaram-se para olhar para o ramo sobre a sepultura da mãe. Um vento morno rodopiou pelo cemitério fazendo dançar as flores delicadas.

Sterling riu alto enquanto erguia Laura nos braços e a fazia rodopiar num círculo estonteante.

– Ela manteve a promessa, não é verdade? Jurou que eu nunca mais caminharia sozinho.

Laura sorriu-lhe através de lágrimas de alegria.

– E nunca caminhará sozinho, meu querido, porque eu estarei sempre aqui para o amar.

Enquanto a celestial fragrância das flores de laranjeira esvoaçava em seu redor, Sterling e Laura uniram os lábios num beijo que nenhum dos dois esqueceria.

Epílogo

Com quatro anos de idade, Nicholas Harlow, futuro duque de Devonbrooke, era um perfeito diabinho, principalmente quando a irmã de cinco anos o contrariava. Encontravam-se os dois no pátio da mansão, diante um do outro, o nariz sardento do rapazinho quase tocando no nariz arrebitado da menina.

– Tens de fazer aquilo que eu mando – declarou, afastando dos olhos o cabelo escuro. – Sou o herdeiro do papá, e um dia vou ser duque.

Ellie poisou as mãos nas ancas, lançando para trás os caracóis dourados.

– O papá já é duque e a mãe nem sempre faz o que ele quer. Além do mais, podes ser o herdeiro do papá, mas eu sou a Beleza Incomparável da família. É o que diz a tia Lottie!

E deitou-lhe a língua de fora ao mesmo tempo que ele batia o pé e soltava um chorrilho de impropérios. Felizmente, ninguém o entendia, porque imitava o sotaque de Dower ao mesmo tempo que as suas palavras.

– Eleanor! Nicky!

Ao ouvirem a voz da mãe, deram ambos meia volta e viram os pais sentados no pórtico das traseiras assistindo a tudo o que se passava.

O pai piscou-lhes o olho, com um ar tão inocente como o da anafada gata amarela que dormia nas lajes a seus pés.

– A Cookie fez uma fornada de biscoitos secos.

As crianças trocaram um olhar assustado e correram na direção oposta da casa.

– Não seja cruel! – disse Laura batendo ao de leve no braço de Sterling. – Agora *vai* ter de os comer.

Sterling fez desaparecer o sorriso malicioso.

– Oh, não pensei nisso.

Laura suspirou, encantada, vendo os filhos brincarem no prado iluminado pelo sol com dois mastins pequeninos a morderem-lhes os calcanhares.

– Era isto que queria, não é verdade? Um rapaz e uma rapariga.

– Seria isso que Nicholas Radcliffe queria. Cá por mim, seriam meia dúzia... para começar.

Ela puxou-lhe os cabelos, divertida.

– Se assim é, milorde, terá de ser mais diligente nos seus deveres.

Ele puxou-a para o colo, beijando-lhe ternamente o pescoço.

– Se eu fosse ainda mais diligente, a esta hora teríamos uma dúzia.

Laura rodeou-lhe o pescoço com os braços.

– Seria um fenómeno, pois estamos casados apenas há seis anos. – Abanou a cabeça. – É difícil acreditar que no outono o George entrará em Cambridge. E agora que a Lottie chegou à exaltada idade de dezasseis anos, está a contar os dias que faltam para a temporada em Londres que lhe prometeu.

Sterling estremeceu.

– Horroriza-me a ideia de a soltar sobre esses pobres rapazinhos. Seria menos aterrador se essa terrível criaturinha não se tivesse afinal transformado na Beleza Incomparável.

– Terá apenas de lhe arranjar um marido para evitar meter-se em sarilhos.

– Não se preocupe – garantiu-lhe solenemente. – Será a primeira a saber se eu encontrar algum dos futuros pretendentes inconsciente no bosque dos carvalhos.

A rir, Laura fez um tentativa fingida para se soltar dos braços dele.

– É um verdadeiro diabo, senhor meu marido!

– É isso que dizem. – Sterling acariciou o rosto da esposa e a expressão trocista do seu olhar suavizou-se, passando a olhá-la com admiração. – Mas nada explica por que razão fui abençoado com um anjo e um cantinho do céu mesmo aqui em Hertfordshire.

Quando ele tocou com os seus lábios nos dela, num beijo apaixonado mas terno, a gata amarela esfregou a cabeça nos tornozelos enlaçados do casal, ronronando ruidosamente.

Laura pousou a cabeça no ombro de Sterling.

– A sua mãe disse-me uma vez que os gatinhos da Lottie descendiam de uma única gata. Sabia?

– Sim – disse Sterling suavemente, sentindo a garganta apertada enquanto enterrava os dedos no pelo macio da gata. – Julgo que sabia.

Agradecimentos

Quero agradecer a toda a equipa do Bantam Dell Publishing Group, incluindo Anne Bohner, Amy Farley, Theresa Zoro, Betsy Hulsebosch, Susan Corcoran, Barb Burg, Yook Louie e Irwyn Applebaum. Gostaria também de agradecer a Margaret Evans Porter, cujas magníficas informações sobre o namoro e o casamento da época da Regência inspiraram extraordinariamente a minha imaginação (assim, se eu tiver cometido erros, não a acusem). Gostaria de agradecer aos colegas escritores que me mantêm mentalmente sã – Jean Willett, Elizabeth Bevarly e Rebecca Hagan Lee. Gostaria ainda de agradecer especialmente a Wendy McCurdy, Andrea Cirillo e Nita Taublib. A Cinderela teve apenas uma fada-madrinha, mas eu tive a sorte de ter três.